

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

EDNA SAKON BANIN

**Narrativas e Crônicas das Práticas de Ensino da Escola
Municipal Agrícola de Rio Claro (1986-2006)**

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Rio Claro - SP

2012

EDNA SAKON BANIN

**Narrativas e Crônicas das Práticas de Ensino da Escola
Municipal Agrícola de Rio Claro (1986 – 2006)**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Carrera de Souza (Orientador – UNESP – Rio Claro)

Prof^a. Dr^a. Adriana Cesar de Mattos (UNESP – Rio Claro)

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite (UNESP – Rio Claro)

Prof^a. Dr^a. Dirce Djanira Pacheco e Zan (UNICAMP – Campinas)

Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Miorin (UNICAMP – Campinas)

Rio Claro (SP)
2012

*A Deus,
que possibilitou cada instante desta pesquisa.*

*E a minha família,
que me acompanhou nesta jornada.*

AGRADECIMENTO ESPECIAL

*Agradeço especialmente, ao meu orientador,
Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza,
pela sabedoria, paciência,
tolerância, pelo incentivo
e pelo dom que tem, de extrair o melhor
que um ser humano pode oferecer!*

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, dona Takiko por seu amor, tolerância, paciência e dedicação.

Às minhas filhas Tamy e Tassia pelo apoio e pela compreensão nos momentos em que estive ausente, durante este trabalho.

Ao Wagner, pela presença.

Ao Moacir, o mais novo membro de nossa família, por seu cuidado conosco.

À minha irmã Tania e Isaque, pelo carinho e orações.

Às minhas queridas sobrinhas Sarah e Gabriela, por fazerem parte da minha vida.

À Gilda, pela amizade, paciência, pelo carinho e pelo incomparável cafezinho.

À minha amiga, quase irmã, Luciana Zanardi, parceira em todos os momentos desta caminhada.

Às amigas e conselheiras Dea, Marta e Walderez pelo apoio e carinho.

Às amigas Flávia, Gisele, Luciana de Lourdes e Larissa pela história que vivemos juntas.

Às amigas Áudria, Giovana, Sandra e Elisabete, pelos momentos de estudo compartilhados.

À Fernanda, Soraia pela amizade e sabedoria nos aconselhamentos.

À Ivana e Bernadete, amigas inspiradoras.

As professoras: Maria Ângela Miorim, Dirce Djanira Pacheco e Zan, Adriana Cesar de Mattos e o professor César Donizetti Pereira Leite, pela atenção e ricas contribuições para a finalização deste trabalho.

Aos colaboradores (depoentes) dessa pesquisa: Sr. Gennari, Sr. Ribeiro e dona Cristina, Maíza, Maria Regina, Maria Creusa, Elenita, Valéria, João, Carlos, Lineu, Lincoln Magalhães e Rubens Foot Guimarães por suas preciosas revelações.

À Secretária Municipal de Educação de Rio Claro Heloisa M. C. do Carmo, por possibilitar o livre acesso à documentação da Escola Municipal Agrícola - EMA.

A Andréia C. Urbancic, diretora da EMA.

À Catia coordenadora da EMA e amiga, pelo profissionalismo e apoio aos professores.

A todos os professores e professoras da EMA, parceiros preciosos de luta!

Aos demais funcionários da EMA, pelo companheirismo e apoio.

Aos grupos de pesquisa Ghoem e Hifem pelas trocas de experiências.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática-IGCE-UNESP-RC, coordenadores, professores e demais funcionários por compartilhar conhecimentos.

A Inajara, do departamento de Pós-Graduação em Educação Matemática.

A todos os alunos do PGEM, amigos de norte a sul do Brasil.

A Ana e Elisa do departamento de Matemática.

À Biblioteca da UNESP-RC, pela assessoria.

A Raquel pela correção deste trabalho.

Aos colegas da EM Prof. Armando Grisi.

A todo pessoal do Arquivo Municipal de Rio Claro, pela atenção e prestreza.

*A Elizete P.T. Leite, da Secretaria de Administração de Rio Claro, pelo
profissionalismo e competência.*

À Nina pela fidelidade e alegria que proporciona.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as diferentes práticas de ensino de Matemática exercidas na Escola Municipal Agrícola Engº Rubens Foot Guimarães, situada na cidade Rio Claro, São Paulo. Recuperamos períodos significativos de sua existência, obtidos e organizados por meio dos depoimentos dos sujeitos que compartilharam as lembranças do que vivenciaram nesta escola desde a sua constituição, em 1986, até 2006. Retrataros de acordo com a metodologia da História Oral, uma versão histórica desta escola, evidenciando também os diferentes processos de subjetivação nela ocorridos. Esta escola, a Escola Municipal Agrícola (EMA), nem sempre funcionou como escola de 1º Grau (Ensino Fundamental). Inicialmente, foi idealizada como um “Projeto” de apoio aos meninos de rua, num convênio com a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - FUNABEM. A Fundação financiava sua manutenção e tinha como objetivo retirar menores carentes da rua, ocupando-os com atividades agropecuárias, em período inverso ao escolar. Entretanto, devido a mudanças políticas e ao término deste convênio com a entidade, suas instalações foram utilizadas para o desenvolvimento da EMA, uma escola de Ensino Fundamental II, seriada, com núcleo comum, mas que oferecia também disciplinas técnico-agrícolas. Desde então, esteve aberta à comunidade em geral ou para aqueles que tivessem interesse por seu ensino diferenciado. Mais por sua localização geográfica e seu espaço privilegiado, do que por ideologia ou valorização do “homem do campo” (agricultores e pequenos proprietários rurais), constituiu-se assim, em uma nova comunidade escolar que sofre até hoje com mudanças que comprometem sua identidade inicial, provocadas a cada nova gestão escolar e Administrativa. Demonstramos uma retrospectiva deste cenário – uma escola que ainda subsiste num contexto adverso – investigando as práticas de ensino de Matemática. Observamos suas influências no contexto escolar, bem como os reflexos produzidos por seu passado, rememorando e recompondo a história da EMA e dos diversos regimes de verdade que sustentaram as distintas práticas sociais ao longo da sua existência.

Palavras-chave: Escola agrícola, Ensino Fundamental II, prática de ensino de Matemática, História Oral.

ABSTRACT

The objective of the present study was to investigate different mathematics teaching practices in a Municipal Agricultural School (MAS) located in Rio Claro, São Paulo. We identified significant periods in the school's existence based on interviews with subjects who shared memories of their experiences in the school since it was established, in 1986, until 2006. Using oral history methodology, we portray an historical version of the school, providing evidence of different processes of subjectification. The MAS was not always an elementary and middle school. It began as a "project" for street kids supported by the National Foundation for the Well-being of Children. This federal governmental institution provided funding for the school with the objective of getting children off the streets and occupying them in agricultural activities during the periods they were not in school. However, as policies changed and the contract between the government and the school ended, it was developed into the MAS, with grades six through nine and a traditional curriculum, but which offered technical agricultural classes, as well. At that time, it was opened to the public and to those interested in its unique emphasis on agriculture. More due to its geographic location and its privileged space than to any particular value attributed to farmers, it constituted a new school community that, to this day, is undergoing changes that compromise its initial identity, resulting from changes in administration. We provide a retrospective of this scenario, of this school which still subsists in an adverse context, specifically investigating the mathematics teaching practices. We observe their influences in the school context, as well as reflections resulting from its past, remembering and re-composing the history of the MAS and the different discourses of truth that supported the different social practices throughout its existence.

Keywords: Agricultural school, middle school, mathematics teaching, oral history

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo I O Início de uma história.....	13
Construindo um autor.....	33
Materializando as bases constituintes da Pesquisa.....	37
Roteiro de Perguntas para Diretores.....	38
Roteiro de Perguntas para Professores.....	39
1ª. Edição Prof. Gennari.....	42
Textualização Prof. Gennari.....	44
Pesquisar para entender – Entender para pesquisar.....	46
História e Crônica.....	47
Crônica e Narrativa.....	50
Memória, Tempo e Espaço.....	52
Capítulo II A vez e a voz dos personagens históricos da EMA.....	67
1º. Ato Gestores da EMA.....	67
1º Episódio Prof. Antonio Gennari.....	67
2º Episódio Prof. José Carlos Wurthmann Ribeiro.....	79
3º Episódio Profª. Maíza Cristina Roseira Ferro.....	92
4º Episódio Profª. Maria Regina de Negreiros.....	108
5º Episódio Profª Maria Creusa Garcia Andriolli.....	129
6º Episódio Profª. Elenita Loureiro.....	147
7º Episódio Profª. Valéria Aparecida Vieira Vellis.....	162
2º Ato Professores de Matemática da EMA.....	175
1º Episódio Prof. João Gozzi Sanches.....	175
2º Episódio Prof. Dr. Carlos Alberto Francisco.....	182
3º Episódio Prof. Lineu Viana de Oliveira.....	200
Extras: Entrevistas Encomendadas: 1º Bônus - Lincoln Magalhães.....	208
2º Bônus - Engº Rubens Foot Guimarães	221
Capítulo III – Como era a Escola Municipal Agrícola.....	222
Capítulo IV – Reflexos do Passado.....	265
Bibliografia.....	277
Anexos.....	283

Introdução

Sob a perspectiva da Educação Matemática e utilizando a metodologia da História Oral, apresentamos uma versão histórica da Escola Municipal Agrícola (EMA) Engº Rubens Foot Guimarães. Trata-se da única escola agrícola de Ensino Fundamental I e II, de 1º ao 9º ano (antigo Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série), de período integral e não profissionalizante da região. Possui ensino diferenciado, pois oferece além das disciplinas regulares, aulas técnico-agrícolas de horticultura, suinocultura, avicultura, bovinocultura, agroindústria e projetos diversificados.

Sua interessante trajetória nos conta que, nos primeiros anos de existência, manteve convênio com a FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM ESTAR DO MENOR - FUNABEM. Posteriormente passou à escola de Ensino Fundamental, conservando algumas características iniciais.

Sua condição particular, aliada a fortes influências políticas manteve a escola sob constante ameaça de extinção a cada troca de gestão política, devido aos elevados gastos que promove com transporte escolar – por situar-se fora do perímetro urbano da cidade, na zona rural entre Rio Claro e Ajapí – com professores; quadro de funcionários, alimentação e ração para animais.

É desse cenário que reconstituímos uma versão histórica dessa escola, elaborada por meio das lembranças dos depoentes que protagonizaram frações constituintes de sua trajetória de 20 anos de existência que delimitamos em nossa pesquisa. Queremos registrar vozes, que de outra forma, provavelmente, permaneceriam no esquecimento.

No Capítulo I – Em **O Início de uma história**, apresentamos como chegamos até essa escola, procurando, nas práticas cotidianas de ensino de Matemática nela exercidas, conhecê-la e personificá-la, incluindo tudo o que compôs o caminho que seguimos. Neste capítulo demonstramos, ainda, os procedimentos adotados concernentes à metodologia da História Oral que entendemos apropriada ao nosso intento, por tratar-se de uma história relativamente recente, que tem seus atores ainda vivos e com boa memória para ilustrar os pormenores vividos, recheando com detalhes uma versão viva da história dessa escola.

Para maior clareza, disponibilizamos a transcrição, 1ª edição e a textualização final de um mesmo trecho de um de nossos depoimentos, para demonstrar as alterações produzidas, respeitando as particularidades e a personalidade do nosso

colaborador em todas as etapas desse procedimento. Procuramos compor um texto limpo, retirando as repetições e vícios de linguagem, resguardando as características e ideias do nosso cedente. Todos os depoimentos realizadas seguiram o mesmo padrão proposto neste modelo.

Em **Pesquisar para Entender – Entender para Pesquisar**, utilizando o trocadilho “ao pé da letra”, buscamos apresentar a teoria pesquisada para entender, no contexto deste trabalho, o que vem a ser história, crônica, narrativa, memória, tempo e espaço, para que, de posse dessa fundamentação, pudéssemos pesquisar a história da escola com certo conhecimento de causa, já com os sentidos apurados e embasados na teoria consultada.

Conduzidos por Ecléa Bosi, familiarizamo-nos com a substância da memória, tomando conhecimento sobre a dimensão temporal inerente à memória, por meio da lembrança. Com Maurice Halbwachs aprendemos a valorizar o comportamento psicossocial por meio da memória coletiva defendida por ele.

Procuramos o apoio em Walter Benjamin, quanto à narrativa, por meio da oralidade para compreender a complexidade dos fenômenos psicológicos. Contamos também com Alfredo Bosi para enriquecimento de nossa leitura acerca do tempo, crônica e da história. Oliveira nos conduziu à outra dimensão sobre tempo e espaço destacando um enfoque positivista, ao mesmo tempo em que levanta questionamentos sobre este enfoque.

Por meio dos conceitos defendidos por esses estudiosos, encontramos subsídios que auxiliaram na abordagem que fizemos aos nossos colaboradores, preparando-nos para observar e interpretar cada situação no decorrer de um depoimento, tornando-nos mais reflexivos e atentos a detalhes que fatalmente nos passariam despercebidos sem as ricas contribuições dessas leituras.

Dessa forma, pudemos definir as bases para descrição dos depoimentos que nos foram confiadas. Num ir e vir das palavras de cada depoente e dialogando com esses autores, construímos a nossa própria forma de expressão dialógica para representar este trabalho.

Só então, no Capítulo II – **A Vez e a Voz de Personagens Históricos da EMA**, destinado aos depoimentos, inserimos as textualizações dos depoimentos em ordem cronológica, separados em dois ATOS, subdivididos em Episódios. Delineamos a passagem dos depoentes na história da escola tal como nos foi apresentada por eles, definindo o que seria “o coração” deste primeiro trabalho

documentado de uma versão da história da escola, em que conservamos certa organização e genérica sequenciação dos fatos. O 1º ATO destaca os depoimentos dos gestores da escola, o 2º ATO foi reservado aos professores de Matemática e em EXTRAS temos duas entrevistas bônus que, embora não fizesse parte do plano inicial deste trabalho, foram inseridas devido à solicitação da Banca de Qualificação, no caso do depoimento do ex-prefeito Dr. Lincoln Magalhães e por constantes questionamentos, da comunidade escolar, sobre a história do patrono vivo da EMA, o Sr. Engº Rubens Foot Guimarães.

No *Episódio I* do 1º ATO, iniciamos com a textualização final do depoimento prestado pelo “primeiro” diretor da escola (há controvérsia nesta afirmação: dois diretores se autointitulam como 1º diretor). Após os procedimentos indicados pela metodologia da História Oral, com algumas modificações, delineamos o que nos foi narrado por nosso colaborador, procurando valorizar a sua fala, pensamentos e convicções.

Procedemos da mesma forma com todos os depoimentos prestados por nossos colaboradores, valorizando cada episódio que compõe este trabalho.

No Capítulo III – **Entretecendo Trajetórias** – Assumimos a tarefa de interpretar a pesquisa realizada, tecendo uma paisagem-versão de tudo o que conseguimos capturar com este trabalho, imprimindo nossa presença como os ‘fios de arremate’ numa obra de tapeçaria, delineando o contorno das diversas histórias rememoradas.

Em **Reflexos do Passado** – no Capítulo IV – arrematamos o trabalho emoldurando o quadro histórico dos primeiros 20 anos da EMA, apresentando a repercussão da pesquisa no cotidiano da escola, por meio das mudanças provocadas durante e depois dos depoimentos, demonstrando a importância de conhecer a origem histórica das instituições de ensino, bem como reconhecer, aceitar e respeitar sua identidade. Sentimo-nos privilegiados em produzir, sob a perspectiva da Educação Matemática, esta primeira obra: uma versão histórica da Escola Agrícola.

Capítulo I

O Início de uma história

Numa de minhas idas a São Paulo, assim que passei a residir na cidade de Rio Claro em 1994, conheci um companheiro de viagem. Lembro-me que era um senhor bem-humorado, que gostava de “conversar”, pois falamos de diversos assuntos e fiquei sabendo da existência de uma escola agrícola na cidade. Despedimo-nos e nunca mais o vi, mas aquela informação deixou-me curiosa: “Como seria uma escola agrícola? Como seriam as aulas? E as aulas de Matemática? Seriam aulas no campo, essencialmente práticas? Será que os professores teriam duas formações: uma em licenciatura em uma determinada disciplina e outra em Técnicas Agrícolas?”

Fiquei imaginando se era semelhante às escolas japonesas. Lá o período de aulas nas escolas é integral. Pela manhã os alunos têm aulas do currículo básico, incluindo educação física, e à tarde, após a limpeza (pois não há serventes nas escolas, os próprios alunos são encarregados da limpeza após o almoço), têm aulas diversificadas, tais como culinária: basquete, tênis, brincadeiras antigas, costura e outras.

Numa ocasião muito especial, estava na escola da cidade de Oizumi, província de Gumma, no Japão, onde minhas filhas estudavam, e os alunos estavam semeando arroz. Os maiores ficavam dispostos em fila num terreno alagadiço, ao lado da escola. Os demais compunham o restante da fila que se estendia até a calçada onde os professores entregavam mudas de arroz aos alunos menores que, de mão em mão, as passavam até os alunos que estavam no charco para efetuarem o plantio.

Assim, procediam até o término de uma fileira quando avançavam em ordem para semear outra, num movimento suave, com muito cuidado, como se estivessem passando para o outro algo muito precioso! Sem dúvida, esta é uma das cenas mais bonitas que guardo na memória. As crianças estavam felizes e sentiam-se importantes realizando esta atividade. Fiquei pensando em como seria o Brasil com escolas desse tipo: um país com extensas terras, solo fértil e clima propício para qualquer cultura agrícola.

Para a cultura japonesa, a agricultura é muito importante, mas o arroz é o símbolo máximo para eles. Houve um período em que o arroz era algo tão precioso que servia como pagamento de impostos. Desde então, durante séculos o arroz foi usado como moeda no país. Os salários dos samurais eram pagos com arroz, e senhores ‘feudais’ tinham sua fortuna estimada por estoques de arroz. Até hoje lutadores de sumô¹ são simbolicamente premiados com arroz. Mesmo a palha do arroz é considerada sagrada.

Mas, o arroz branco atingiu o status de alimento principal do japonês depois da Segunda Guerra Mundial. Até então o arroz branco só era consumido em ocasiões especiais, como Ano Novo e Finados. Durante a guerra, o arroz praticamente desapareceu da mesa do japonês, uma vez que todas as plantações foram destruídas. Nessa época, eles comiam batatas e abóboras, até mesmo o caule delas servia como alimento. Somente no pós-guerra é que a produção de arroz se normalizou crescendo mais que 50%. Portanto, assim como o arroz, a agricultura para o povo japonês tem significado especial. A fome em tempos de guerra e a falta do alimento tão precioso para eles praticamente santificaram tanto o alimento como sua cultura. Um exemplo disso são as atuais culturas de arroz no Japão que misturam arte e tecnologia² de ponta nas plantações, materializando a valorização dispensada a esta cultura. Atualmente, com a ocidentalização, o Japão também passa por mudanças, bem como o paladar japonês com a introdução de “*fast food*” como os lanches da rede Mc Donald’s, hábitos adotados pela população mais jovem. Porém, a globalização tem difundido internacionalmente a cultura japonesa, por meio de seu prato mais famoso: o “sushi”³, famoso bolinho de arroz japonês.

¹ Sumô é uma luta japonesa em que dois atletas competem num ringue circular, delimitado por fardos de palha de arroz sobre uma plataforma de barro batido, onde o primeiro lutador a tocar o chão com qualquer parte do corpo ou pisar fora do ringue perde a luta. Um lutador também perde a luta se aplicar algum golpe proibido. O sumô é bastante antigo e, apesar de ser um esporte, conserva rituais, tais como: a “Tikaramizu”- água especial, colocada numa tina de madeira ao lado do ringue. Serve também como ritual para concentrar as energias dos competidores; “Shiô” - sal que fica num recipiente ao lado do ringue. Antes de cada confronto os próprios lutadores espalham o sal no ringue para purificá-lo, eliminar os maus espíritos e proteger os atletas de contusões; outro ritual é feito pelo juiz antes da luta para consagrar o ringue, despejando-se saquê sobre ele. Disponível em: <http://www.japaoonline.com.br/pt/sumo.htm> - acesso 22/01/2011

² Vídeo: Arte japonesa em campos de arroz. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qM3o8XRr2uY> - acesso 22/01/2011

³ O **sushi** é a combinação do arroz com os pescados crus. Apesar de parecer uma combinação estranha e exótica é, na verdade, uma adaptação aos produtos regionais do Japão. Em meados do século XIX, começou-se a utilizar o vinagre, o wassabi e o gengibre, por terem poderes antibacterianos e havia uma grande preocupação quanto à manipulação e o consumo dos peixes crus. Surgiram, assim, os primeiros **sushis** no formato que conhecemos hoje. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-sushi/historia-do-sushi-1.php> - acesso 22/01/2011



Figura 1: Sushi – prato típico japonês à base arroz⁴



Figura 2: Foto aérea: Plantação de Arroz, uma delas representando a imagem da Monalisa⁵

⁴ Figura meramente ilustrativa: Sushi (Foto) Disponível em:
<http://batatatransgenica.wordpress.com/2008/06/12/sushi-nao-e-sashimi-2/> acesso 20/01/2011

⁵ Figura meramente ilustrativa: Plantação de arroz (Foto) Disponível em:
<http://www.vale1clique.com/blogging/imagens-em-plantacao-de-arroz-no-japao/>
acesso em 20/01/2011



Figura 3: Uma empresa do distrito de Otemachi, em Tóquio, implantou um campo de arroz de 93 metros quadrados num andar do prédio⁶.

Embora brasileira, paulista e paulistana, que morou em prédios e cercada de concreto, sempre gostei da natureza e do campo. Quando podíamos, passávamos férias e finais de semana no sítio de meus avôs em Suzano. Mas a reverência, o entusiasmo e alegria que vi na atividade prática de semeadura do arroz tocaram-me de tal forma que passei a refletir sobre a procedência do arroz que em todas as refeições fazia parte do meu prato. Ou simplesmente na falta dele, caso não fosse um alimento tão simples de encontrar. Foi necessário que eu presenciasse tal experiência, para observar melhor a natureza ao meu redor, seja lá no Japão como aqui no Brasil, para valorizá-la e incutir o respeito ao meio ambiente na educação de minhas filhas. Lá, não existe terreno baldio, pois cada lote de terra ocioso é arrendado para o cultivo do arroz. O cenário das cidades interioranas japonesas é curioso, pois existem os prédios, as casas, as grandes indústrias, as escolas e as pequenas plantações de arroz em qualquer lote no meio da quadra ou esquina de ruas impecavelmente asfaltadas, que trazem automóveis de última geração da Honda, Toyota, Subaru, etc. Diferente de alguns terrenos baldios, que aqui, muitas vezes servem de depósito de lixo!

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p.54)

⁶ Figura meramente ilustrativa: Plantação de arroz em Tóquio - [Crédito: BBC]. Disponível em: <http://www.geek.com.br/posts/14126-plantio-de-arroz-transforma-executivos-japoneses-em-agricultores> acesso em 20/01/2011

Mas então, e essa tal escola agrícola, será que procura desenvolver esse sentimento de amor à agricultura em seus alunos?

Em 1996, aprovada pelo processo seletivo de professores da Rede Municipal de Ensino para suprir o quadro de professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA-Supletivo), conheci a professora de geografia, Maria Bernadete S. de Carvalho, que havia trabalhado certo período na Escola Agrícola. Por ela, fiquei sabendo muito sobre esta escola: que funcionava em período integral, que havia aulas do núcleo comum e aulas técnico-agrícolas, mas que não oferecia formação técnica, por tratar-se de escola de Ensino Fundamental. Estas informações deixaram-me ainda mais curiosa e interessada. Queria muito conhecer a escola. Ver como era seu espaço físico. A sua dinâmica de ensino.

Finalmente, em 1998, fui chamada para assumir uma turma de 6ª série na Escola Municipal Agrícola. Conheci, assim, a tão falada e por mim idealizada escola. Cheguei muito entusiasmada, pronta para aprender e ministrar aulas de acordo com a proposta pedagógica e a realidade da Escola. Fui muito bem recebida pela diretora, na época a profª Elenita Loureiro, e pelos futuros e alguns atuais colegas de trabalho.

Infelizmente, para minha decepção, não me apresentaram as dependências da escola. Fui conhecendo-a aos poucos, conversando e questionando timidamente colegas e alunos. Dialogando com o prof. Evrardo Rodrigues Cavalheiro a respeito das aulas, soube que trabalhava o conteúdo de Matemática seguindo o currículo das escolas estaduais, sem fazer diferenças devido à especificidade da Escola. Surpresa e um pouco decepcionada com a informação, soube, com o tempo, que os professores faziam trocas informais sobre conteúdos relacionados às suas disciplinas, quando necessitavam de conhecimentos específicos de outras matérias em suas aulas.

Nenhuma orientação me foi passada quanto ao conteúdo que deveria ministrar nas aulas. Afinal, eu trabalhava somente com uma classe chegando à escola próximo ao horário de início das aulas e saindo no final do período, muitas vezes sem encontrar com a direção e coordenação da escola. Não sabia ao certo quais as disciplinas técnicas que havia e não tive acesso a planejamentos, nem a nenhum documento que pudesse nortear meu trabalho quanto às questões agrícolas nessa fase inicial.

Com a aposentadoria do prof. Evrardo, assumi parte das aulas de Matemática da escola, divididas entre mim, o prof. João Gozzi (Ciências e Matemática) e o prof. Mário Sartori (Ciências e Matemática).

Receosamente, procurava utilizar o espaço externo e a natureza presente na escola em algumas atividades, principalmente para o desenvolvimento da habilidade métrica e espacial. Tinha receio de ser mal interpretada, como a professora que estava fazendo “hora”, passeando, sem dar aulas. Felizmente, a professora Ivana de Campos Ribeiro⁷ iniciou sua pesquisa de doutorado na escola. Seu trabalho era com os professores e tinha um forte apelo às questões ambientais. Ela propunha, em reuniões semanais, que trabalhássemos a sensibilização do aluno quanto à defesa do Meio Ambiente, que, segundo sua tese, começa no interior do ser humano.

Um trabalho muito bonito, mas que encontrou muita resistência dos professores, pois tocava em algo que incomodava: “*nossa zona de conforto*”. Sua proposta desafiava a rotina prática em sala de aula e poucos gostam de desafios. Lembro também que me senti bastante incomodada com suas propostas, pois não tinha ideia de como inserir questões de preservação do Meio Ambiente em minhas aulas, já que mal conseguia trabalhar assuntos relacionados à parte agrícola. O período era entre 1999 e 2000, início da era de discussões sobre as questões ambientais. Ainda eram poucas as fontes de pesquisas que abordavam o assunto, e a internet não era acessível como hoje.

A situação transportou-me para outra época e outro lugar. Novamente minha lembrança descortinou momentos também vividos no Japão. De acordo com Certeau (1994), nossa memória é flexível e vive à espreita para ser evocada a partir de algo que a desperta no presente. Assim que chegamos, nos instalamos num pequeno apartamento. No mesmo prédio moravam alguns brasileiros. Rapidamente, pela facilidade de comunicação – compatriotas – , fizemos amizade e inteiramo-nos dos costumes locais com os ‘veteranos’. Numa dessas exposições sobre os hábitos dos japoneses, nossos vizinhos falaram a respeito das dificuldades dos primeiros brasileiros que lá chegaram. Uma delas era a falta de importância que davam ao lixo que produziam, pois, assim como faziam no Brasil, misturavam tudo, fechavam o saco plástico e deixavam no local apropriado do prédio.

⁷ Ivana de Campos Ribeiro - Comunicadora social, formada pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM), com habilitação em Jornalismo. É mestre em Ciências da Motricidade Humana pelo Instituto de Biociências, campus de Rio Claro, UNESP, doutora em Ciências (Ecologia e Recursos Naturais) pela Universidade Federal de São Carlos e pós-doutoranda em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da USP. Disponível http://www.rimaeditora.com.br/autor_eaeb.htm. Acesso em 13/02/2011.

Tudo estaria perfeito, higienicamente falando, para a limpeza do próprio apartamento, porém o Japão já contava com a reciclagem naquela época. Havia um dia da semana para coleta de vidros, outro para papéis, para alumínio e um para a retirada de restos de material orgânico. A coleta era feita por diferentes empresas que trabalhavam com o benefício desses materiais, que deveriam estar previamente limpos e separados em pontos de coleta das comunidades.

A falta de conhecimento desses imigrantes provocou certo alvoroço nas empresas coletoras, e ‘diziam’ que, após minuciosa investigação, tinham encontrado os desavisados donos do lixo: os recém-chegados brasileiros, que, após ‘descobertos’, receberam aulas sobre preservação do meio ambiente e como deveriam manejar o descarte.”

Verdade? Invenção? Diante disso, os que chegaram depois como *dekassegus*⁸ não quiseram testar para crer e, assim como eu, faziam a separação do descarte, como rezava a cartilha de conduta social japonesa, um hábito saudável que trouxemos para o Brasil. Neste momento percebo nitidamente o pensamento de Halbwachs:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 2004, p. 55)

Outro fato que, latente, pede para ser lembrado: lá também o esgoto residencial, armazenado em fossas, é retirado e tratado posteriormente para reutilização em processos industriais e agrícolas. As regras de construção foram inovadas com a implantação de um programa de reutilização, objetivando reduzir o consumo de água. Condomínios, hotéis e hospitais são construídos com sistemas de reaproveitamento de água próprio, em que a água de banho, banheiras e ofurôs⁹

⁸ Em japonês **deru**: sair e **kasegu**: para trabalhar. Significado literário: "trabalhar fora de casa". Este termo é utilizado aos descendentes de japoneses ou nikkeis, que vão trabalhar temporariamente no Japão. Disponível em: http://www.zashi.com.br/zashi_imigracao/index.php. Acesso em 26/02/2011.

⁹ Ofurô – tina geralmente de madeira (cedro), menor e mais profunda que as banheiras ocidentais, permite ao usuário relaxamento e outros benefícios, que a água aquecida por aquecedor elétrico ou aquecedor a gás, na temperatura de 36°C a 40°C oferece. O banho de ofurô, não tem como objetivo lavar o corpo, pelo contrário, é necessário lavar-se e enxaguar-se previamente antes de entrar na imersão, que pode assim ser utilizada por outras pessoas. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ofur%C3%B4> – Acesso em 26/02/2011.

segue para um reservatório independente para ser reaproveitado posteriormente nos sanitários do próprio edifício.

Essas ações nos fizeram participantes do processo, desenvolvendo hábitos de economia, reaproveitamento e de tratamento do descarte além da conscientização sobre consumismo, ao evitar, por exemplo, embalagens desnecessárias. São as vivências que nos formam, nos constituem, nos compõem como seres pensantes, mutante quanto aos hábitos que adquirimos, num primeiro momento, nem que seja por necessidade, podendo ou não permanecer em nosso cotidiano, catalogados como um costume a ser adotado de acordo com sua significância.

A memória registra e avalia ações futuras, que certamente concentrarão o conhecimento, as práticas cotidianas e a energia adquiridos e utilizados outrora, em outro conhecimento mais potente, no momento em que for requerido.

A lembrança não será mais a mesma quando voltar a fazer parte da substância da memória, pois, atualizada, voltará recheada de novos dados temporais, qual a “moda”, ou seja, os costumes vigentes naquela determinada época. O lugar também faz diferença, uma vez que, até no mesmo Estado (SP), existem distinções entre os usos e costumes dos habitantes das cidades que o compõem, variando conforme o clima e cultura dos habitantes que as constituíram. Nós também, como seres humanos, não seremos os mesmos, errantes em relação ao lugar onde podemos estar num determinado instante, imperfeitos em relação ao tempo em que vivemos, no qual cada época revela uma verdade.

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. (BOSI, 1994, p.47)

Numa das reuniões que fazíamos com a professora Ivana entre uma aula e outra, saí da sala dos professores e, caminhando apressadamente em direção à sala de aula, onde os alunos já “estavam subindo pelas paredes”, tive um “*insight*” ao ver a uma torneira gotejando no meio do jardim. Na época, apenas um projeto de jardim, num solo árido, maltratado e seco, onde alguns arbustos insistentemente

teimavam em sobreviver ao lado do imponente pau-Brasil que reinava soberano bem no centro dele. Entrei na sala com ar pesaroso. Demorou um pouco até que notassem minha presença e minha expressão, mas quando todos se aquietaram, eu disse pausadamente, fazendo uma encenação teatral:

- *Vocês não imaginam o que eu acabei de ver!*
- *O que foi?*
- *O que você viu, ‘psorinha’?*
- *Alguém morreu? Desmaiou? Caiu?*
- *Uma cobra?*
- *Não. Acho que foi um sapo!*
- *Vocês querem saber? Vocês querem mesmo ver o que eu vi?*
- *“Quereeeeeeeeeemos”. Foi unânime!*
- *Então, vamos lá, mas tem uma condição: temos que ir com muita calma, muito cuidado! Eu vou à frente. Não quero ninguém correndo “risco”!*

Eram alunos da 6ª série. Ficaram muito curiosos e, ao mesmo tempo, receosos com o mistério. Levei-os até pararmos em frente à torneira que gotejava intermitentemente e disse:

- *Vejam só!*

Os alunos me olharam sem entender, uns até procuravam algo minúsculo, buscando encontrar algo mais interessante que a torneira.

- *O que foi, ‘psora’? O que é ‘pra vê’ aqui?*
- *O quê? Vocês não estão vendo? Isto é um crime! Um crime contra a natureza! O desperdício de água é um crime!*
- *Ah! Era isso? – Era só a torneira!*
- *Pensei que alguém tinha morrido!*
- *Credo, ‘psora’, nós saímos só ‘pra vê’ isso?*
- *Fica quieta, sua boba, assim a gente não tem aula hoje!*
- *Ahn? O que é ‘pra gente vê’? Eu não vi nada!*

Todos falavam ao mesmo tempo, lembro que até a inspetora de alunos não estava entendendo a situação. Pedi a uma aluna que fosse buscar na cozinha uma das canecas de plástico que eles utilizam para tomar leite na hora do lanche. Coloquei esta “canequinha” de 200 ml debaixo da goteira e pedi que os alunos se assentassem ao redor, pois iríamos esperar que ficasse cheia d’água. Contamos 7 minutos até que a caneca enchesse e voltamos para a classe. Fiquei muito surpresa

porque não precisei chamar atenção, nem precisei esperar muito tempo. Cada um tomou seu lugar, pois estavam ansiosos para saber o que eu iria fazer com aquela caneca cheia de água.

“Lampejo”, que ganha “status” nos escritos de Halbwachs em *A Memória Coletiva*, pois para ele o que muitas vezes pensamos tratar-se de uma ideia nova, algo surpreendente, é somente uma combinação de influências oriundas de diversas situações de natureza social que experimentamos.

Dessas combinações, algumas são extremamente complexas. É por isso que não depende de nós fazê-las reaparecer. É preciso confiar no acaso, aguardar que muitos sistemas de ondas, nos meios sociais onde nos deslocamos materialmente ou em pensamento, se cruzem de novo e façam vibrar da mesma maneira que outrora o aparelho registrador que é a nossa consciência individual. Mas a espécie de causalidade é a mesma aqui, e não poderia ser diferente de outrora. A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2004, p. 55-56)

Descrevendo minhas lembranças, contando, no sentido de narrar e também de enumerar fatos, percebo claramente que nossas atitudes, gestos, palavras, pensamentos e sentimentos foram construídos ao longo do tempo, constituindo o “ser” humano e o “ser” eu. O indivíduo, a partir do coletivo, mas único e exclusivo em si mesmo - porque as experiências embora existam em pluralidade, são exclusivas para cada um e produzem diversos efeitos –, provocando as mais variadas reações, em diferentes momentos da vida.

Foi esse o início de inúmeras atividades, que utilizava no decorrer do ano todo, no tempo oportuno, para falar de medidas (volume e capacidade), razão e proporção, regra de três para o cálculo do desperdício de 1 hora a um ano, ou estatística (com enquetes sobre torneiras gotejantes em casa). Pesquisamos sobre o volume de água do planeta, sobre as reservas de água doce, a poluição dos rios, a ação do homem nas lavouras poluindo os rios e mananciais com o uso indiscriminado de agrotóxicos. Nem mesmo eu acreditava como os assuntos “brotavam” no conteúdo planejado com uma dinâmica própria. Os alunos traziam problemas de casa, contavam os “causos” de desperdícios que viam em casa, no sítio. Falavam sobre a poluição inconsequente que os próprios pais praticavam contra o meio ambiente. Inconsequentes, pela falta de informação que tinham e que

aos poucos os filhos descobriam nas atividades da escola e levavam para casa, abrindo caminhos para o diálogo e promovendo mudanças de certos hábitos a partir do novo conhecimento.

Posteriormente, levamos nossos alunos para conhecer o Aterro Sanitário de Rio Claro. Lá puderam observar a verdadeira dimensão de nossos atos quanto ao lixo que produzimos. Foi uma ótima oportunidade de desenvolver a habilidade espacial e a métrica. Em seguida, apresentamos uma tabela com o tempo de decomposição de diversos materiais e uma suposta situação para que pudessem avaliar e refletir sobre certos hábitos, tais como separação de materiais recicláveis, reutilizáveis e orgânicos:

“Imagine que o planeta esteja com seus Aterros Sanitários tão saturados e que todas as nações aliadas decretem a seguinte lei:

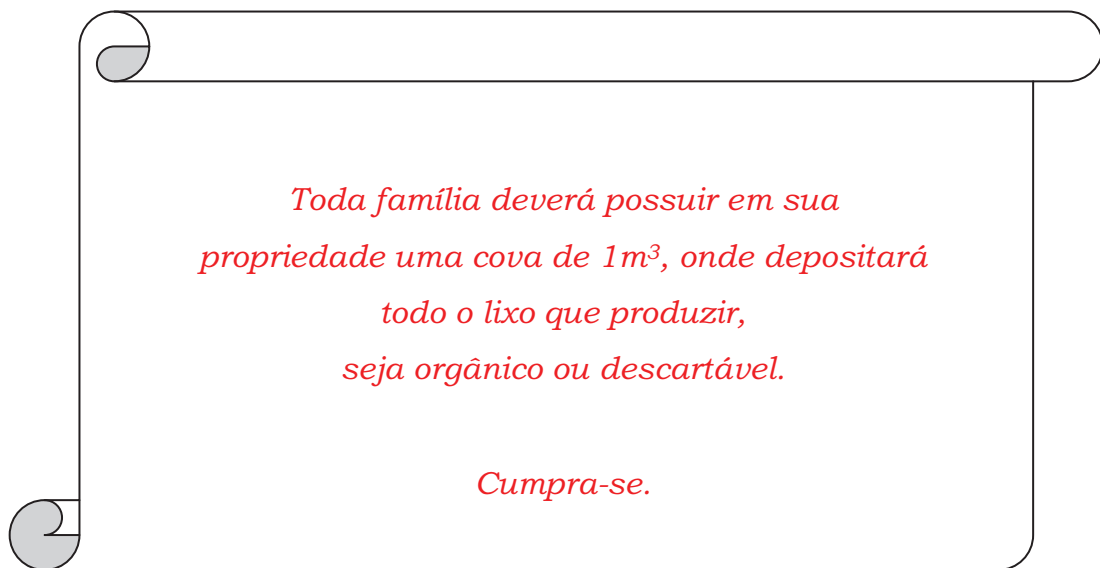


Figura 4: Atividade de Matemática com aulas de Campo e Ed. Ambiental

Pense: “Como é o lixo de sua casa, hoje?”

Você descartaria o mesmo material que considera, hoje, como lixo nessa cova?

Por quê?

Como será o seu 'lixo' daqui para frente? Você continuará agindo da mesma forma?

Seria possível implantar esta lei no Brasil? Haveria espaço suficiente para isso?"

Simultaneamente os alunos cavaram uma cova de 1m^3 , com autorização e orientação dos professores técnicos para conhecer na prática essas medidas.



Figura 5: Atividade para consolidação de conhecimentos: Cova de 1m^3

Aliás, nem mesmo eu havia cavado uma cova anteriormente, tinha a noção teórica do metro cúbico, apenas a ideia que a lógica e o conhecimento adquirido na escola (urbana) através dos anos me convencia.

Após algumas aulas, fechávamos nossa discussão e a cova plantando uma árvore para registrar o evento.



Figura 6: Finalização da atividade: Fechamento da Cova com a plantação de árvore frutífera.

Outros professores da escola, animados com o projeto da professora Ivana e o interesse dos alunos, trabalharam as questões ambientais, aprofundando também o assunto de acordo com suas áreas de especificidade.

Em 2001 houve o “apagão”¹⁰ no Brasil. Desde então, intensificaram-se as ações em todas as áreas da sociedade em prol da Preservação do Meio Ambiente, coroando nossos esforços no sentido de conscientizar nossos alunos.

Reconheço que fui resistente no início, fazendo coro com os colegas. Afinal, naquele momento alterar nosso ritmo de aulas era tudo o que tínhamos. Parecia muito complicado essa proposta de “misturar” preservação ambiental e disciplinas do currículo, pois algumas disciplinas não aceitam “fusões” de certos assuntos! Pensava comigo mesma, procurando argumentos convincentes e convenientes para justificar minha conformada rotina. Por isso, fiquei feliz quando recebi da professora Ivana seu livro autografado:



Figura 7: Página com a dedicatória da profª Ivana, do livro: *Educação Ambiental De Corpo & Alma*. São Paulo, São Francisco Gráfica e Editora, 2005.

¹⁰ “Apagão” – do inglês *blackout*: Interrupção geral de energia elétrica – foi uma crise nacional que afetou o fornecimento de energia elétrica no Brasil, ocorrida em 1º de julho de 2007. A ausência de chuvas, que deixaram represas vazias, e a falta de planejamento e investimentos na área impossibilitaram a geração de energia. Na época, havia possibilidade de ocorrerem outros apagões no país, principalmente nas grandes cidades, que felizmente foram evitados graças ao bom resultado de uma campanha por um racionamento “voluntário” de energia, em que o povo brasileiro colaborou economizando o uso de água e energia.

Lembro que na época, com muito carinho, guardei o livro num espaço privilegiado em minha estante. Só a pouco tempo, consegui compreender o que ocorrera, particularmente, para que eu pudesse responder rápido, mesmo sendo tão reticente em relação ao projeto.

Toda a vivência anterior em outra cultura ficou registrada como *memória*, porém frágil, pois não fora incorporada à rotina diária. Assim, não sendo requisitada, permaneceu adormecida e somente reapareceu, involuntariamente, quando dela precisei.

O que fora anteriormente experimentado, nada tinha em comum com o que se requisitava naquele momento. No Japão foi uma obrigação absorver os hábitos locais de preservação ambiental, para conviver naquela comunidade. Aqui, o grupo foi desafiado a repensar na prática didática inserindo um assunto relativamente novo para todos. Se para mim parecia difícil, creio que para eles muito mais, pois nenhum deles havia passado por semelhante experiência anterior.

Sem dúvida, foi o que fez a diferença. Ações de acordo com as lembranças retidas na memória vieram à tona para de serem utilizadas com um propósito inédito.

Participar do projeto da profa. Ivana permitiu-me conhecer um caminho alternativo para ministrar aulas. Experimentei o envolvimento com o meio ambiente, a agricultura da escola, seu espaço tão amplo e privilegiado, muitas vezes menosprezado em minha prática cotidiana, devido a inúmeros problemas que nos consomem, desviando nossa atenção em sala de aula, tais como classes superlotadas, cuidados com as necessidades especiais decorrentes da inclusão, além dos problemas comuns como a indisciplina e defasagem.

Após a defesa de sua tese, a professora Ivana prestou serviços como consultora para obtenção do Certificado ISO 14001¹¹ na empresa FABER CASTEL, promovendo eventos educacionais que abordavam Preservação do Meio Ambiente. Como professoras envolvidas em seu trabalho inicial, participamos de um Simpósio

¹¹ ISO 14000 - norma de Sistema de Gestão Ambiental elaborada pela International Organization for Standardization, com sede em Genebra, na Suíça.– Especificações que estabelecem requisitos para as empresas gerenciarem seus produtos e processos a fim de que eles não agredam o meio ambiente, que a comunidade não sofra com os resíduos gerados e que a sociedade seja beneficiada num aspecto amplo. Uma das principais exigências de Política Ambiental, consiste em que a direção da empresa deve elaborar uma Política Ambiental que represente seus produtos e serviços, que seja divulgada entre os funcionários e a comunidade. E que a direção demonstre que está comprometida com o cumprimento dessa política. Deve obter o cumprimento legal e buscar o melhoramento contínuo do desempenho ambiental da empresa. Disponível em: <http://www.gestaoambiental.com.br/faq.php?topic=1> - acesso 22/01/2011

de Educação na cidade de Prata-MG¹², onde apresentamos oficinas relacionadas à nossa experiência desenvolvida na EMA.

Experiência importante para mim e também para as outras professoras da EMA: - prof^a. Luciana de Lourdes dos Santos, de História; prof^a. Flávia Roberta Gonçalves de Oliveira Zamboni, de Português; prof^a. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho, de Geografia; prof^a. Gisele Carvalho Rodrigues Rovai, de Artes e prof^a. Adriana de Campos, de Educação Física -, em que viajamos e expusemos nosso trabalho para outros professores. Nós, simples professoras de uma Escola Agrícola do interior do Estado de São Paulo, nos sentimos muito importantes naquele momento especial em nossas vidas. O evento foi uma alavanca que deu impulso para novos saltos em nossa carreira. Assim nós, cada qual vivendo seu momento – umas com filhos pequenos, como as professoras Luciana e Gisele; outras com filhos adolescentes, como eu e a prof^a. Bernadete; ou recém casadas, como as professoras Flávia e Adriana –, decidimos, conforme nosso ritmo de vida continuar os estudos. Hoje, Bernadete é professora do curso de Educação/IB/UNESP/RC; a professora Luciana após conclusão do mestrado, ingressou no Programa de Pós-Graduação da USP-ARARAQUARA em sua área; a professora Flávia completou pós-graduação em Psico-Pedagogia, e a prof^a. Gisele fez segunda graduação em Pedagogia e pós em Psico-Pedagogia, exercendo hoje o cargo de Coordenadora do Ensino Fundamental II, pela Secretária Municipal de Educação de Rio Claro.

Por meio da ex-professora de História da escola, Luzia Cristina Celin, fui convidada a trabalhar no projeto INTEGRAR de Supletivo Profissionalizante, uma iniciativa da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) em parceria do CEETPS – FATEC, onde trabalhei com a prof^a. Maria Nilde Mascelani e prof^a. Cecília Vasconcelos Guaraná, idealizadoras do projeto que uniu sindicalistas, intelectuais, professores e trabalhadores, que juntos montaram um currículo formado por disciplinas básicas e técnicas relacionadas à experiência dos alunos. Outro momento em que minha formação como educadora obteve grandes acréscimos. Por uma feliz coincidência, fiquei sabendo, por ocasião das entrevistas com as diretoras

¹² A empresa Faber Castel, por meio do projeto Arboris, mantém uma floresta de Pinus em Prata-MG e demais projetos ecoculturais na prefeitura da cidade. Disponível em: http://www.faber-castell.com.br/19696/Invisible/Sustentabilidade/Meio-ambiente/Projetos-ambientais/rvores/Galeria-de-fotos/default_ebene3.aspx - acesso 22/01/2011

da EMA, que a prof^a. Maria Nilde tinha sido Secretária da Educação de Rio Claro e exercido influência na fase inicial da escola.

Nessa mesma época, procurei a UNESP buscando, como aluna especial do programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, aperfeiçoamento e condições para trabalhar melhor o contexto da escola, tendo o privilégio de cursar as disciplinas: **Tendências em Educação Matemática**, com o Prof. Dr. Ubiratam D’ambrosio; **Conteúdo e Metodologias do Ensino da Matemática**, com o Prof. Dr. Geraldo Perez; e **Cotidiano, Memória e Práticas Educativas em Educação Matemática**, com o Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera De Souza.

Em 2001, fui admitida no programa de Pós-Graduação em Física, Área de Concentração em Física Aplicada, sob orientação do saudoso prof. Dr. Hari Mohan Gupta¹³. Momento em que tive oportunidade de nivelar minha formação inicial, deficiente e antiquada, aos padrões atuais, aperfeiçoando-me principalmente em estatística e Matemática comercial e financeira. Concluí em 02/julho/2003 a dissertação intitulada: “Distribuição Estatística do Faturamento de Empresas Brasileiras – Técnica de Zipf”.

Foi grande a dificuldade em participar do programa de Pós-Graduação em Física sendo licenciada em Matemática, pois, além de não ter formação em Física, o prof. Dr. Hari Mohan Gupta era de procedência indiana e expressava-se geralmente em inglês ou, com dificuldades, em português. Sem contar o tempo que passei longe dos bancos escolares. Meu retorno aos estudos deu-se pela necessidade de aperfeiçoamento e atualização em minha formação, como descrevi, mas também porque era um momento familiarmente propício, pois minhas duas filhas estavam em fase pré-vestibular e já não precisavam de atenção constante. Estavam prestes a alçar voos maiores. Pressentindo a falta que a ausência delas provocaria em minha vida de “mãezona”, busquei preencher as lacunas com estudos, concentração e dedicação, mesmo não sendo Física a minha área. Porém, sob a orientação atenta do prof. Gupta, que muito me incentivou a direcionar o mestrado nesta área, pude aprender e crescer. Adquirir conhecimentos sobre Power Law distribution, Gradually Truncated Power Law distribution, Technique of Zipf plot, Log-normal distribution, Sistemas Dinâmicos-Caos e Fractais permitiu-me ampliar horizontes, construindo a

¹³ Hari Mohan Gupta – (1944 - 2009) Ex-Professor Titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Sua experiência concentrava-se na área de Física, ênfase em Física da Matéria Condensada e na área de Engenharia Elétrica.

dissertação que me abriu as portas de uma instituição de nível superior, a UNIARARAS – Centro Universitário Hermínio Ometto, em Araras-SP.

Nesse Centro Universitário, pude exercitar-me como professora de diversas disciplinas (Matemática, Física, Química e Pedagogia) e áreas tecnológicas como Gestões em Recursos Humanos, Qualidade e Produtividade e Marketing. Inicialmente fiz parte do Programa de Formação “Teias do Saber” para professores da Rede Pública do Estado de São Paulo, Diretoria de Pirassununga. Permaneci durante 7 anos nesta instituição, de 2003 a 2010. Fui aos poucos, paralelamente, construindo minha trajetória no ensino superior, aprendendo diante das dificuldades sem deixar em nenhum momento minha atividade no Ensino Básico da Escola Agrícola, usando essa experiência como referência para aulas de Práticas de Ensino de Matemática nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Matemática. Por vivenciar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos de 5ª série oriundos do Ensino Fundamental I, deficiente em conteúdo e de professores com conhecimentos elementares de Matemática, procurava preencher a brecha aberta pela extinção dos Cursos de Magistério e a falta de adequação dos Cursos de Pedagogia.

Antes mesmo da conclusão da dissertação de mestrado, tive que retornar à Escola Agrícola para prestar o concurso promovido pela gestão Claudio De Mauro¹⁴, pois usufruía de afastamento sem vencimentos para dedicar-me à dissertação do mestrado. O cargo de professor de Ensino Fundamental II finalmente seria legalizado por meio deste concurso, uma vez que a contratação destes profissionais de ensino era processada anualmente, ou seja, o contrato era rescindido no final de todo ano e refeito em todo início de ano letivo. A Escola Agrícola, como única escola de Ensino Básico, nível II, da rede Municipal de Ensino, não poderia manter seus professores neste regime contratual. Então todos os professores da escola deveriam fazer o concurso e concorrer à sua própria vaga.

Foi um corre-corre para estudarmos. Unimo-nos e novamente, nós, as professoras que participaram do projeto da professora Ivana, estávamos juntas agregando forças para nossos estudos, com exceção da prof^a. Bernadete, por ter assumido cargo como professora do Estado, na época, e a prof^a. Adriana, por motivos pessoais. Assim, todos os professores interessados em garantir o cargo participaram do grupo de estudos. Organizamo-nos e dividimos a bibliografia dos

¹⁴ Prefeito de Rio Claro por duas gestões de 1996-2004.

diversos livros que estudávamos e cada uma expunha uma síntese da leitura, socializando o material referido. Reuníamos-nos à noite, para compartilhar o conteúdo estudado. O grupo foi acrescido pela atual professora de Ciências da EMA. prof^a. Larissa Machion, formada em Biologia e contratada pouco antes da abertura deste concurso. Conseguimos passar e garantir nossa colocação. Mas infelizmente, alguns colegas queridos não passaram, pois trabalhavam à noite e não puderam estudar. Hoje, parte dos professores que passaram pelo concurso está na escola por opção e, por que não dizer, carinho por esta escola tão especial.

Em 2004, com a nova gestão política, sobreveio à escola o questionamento do novo Secretário da Educação¹⁵, que repercutiu profundamente em todos nós: “Por que não encerrarmos as atividades da Escola Agrícola, uma vez que dela, poucos alunos saem em busca de uma formação técnico-agrícola?”.

Para a Prefeitura de Rio Claro, especificamente para a Secretaria da Educação, a Escola Agrícola é um “elefante branco”, uma vez que a responsabilidade dos municípios, segundo a LDB-9394, paira sobre a manutenção da Educação Infantil, creches e pré-escolas. Manter uma escola que não seria responsabilidade da prefeitura de Rio Claro, somada às despesas com transporte de alunos e manutenção de animais (cultura de suínos e aves), sendo esta última frequentemente apontada como despesa irregular pelo Tribunal de Contas (o órgão aponta como incoerente a despesa com rações, partindo da Secretaria da Educação), encerrar as atividades seria uma solução bastante conveniente para quem não quer ter problemas em justificar tais despesas ao Tribunal de Contas do Município.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.¹⁶

TÍTULO IV

Da Organização da Educação Nacional

Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de:

¹⁵ Gunnar Koelle – Secretário da Educação de Rio Claro-SP –Gestão: 2004-2008.

¹⁶ LDB. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm – acesso em 26/02/2011.

I – organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados;

II – exercer ação redistributiva em relação às suas escolas;

III – baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

IV – autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V – oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

VI – assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal.
[\(Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003\)](#)

Parágrafo único. Os Municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica. (Título IV, art. 11, item V – LDB 9394/96)

Muitos professores, preocupados com a situação, empenharam-se na busca por caminhos que pudessem nos ajudar a mudar esse quadro adverso à continuidade da escola. Mais uma vez, busquei na Academia formas para aperfeiçoar minha prática. Conheci a formação de tutores da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, oferecida pela UNESP: CECEMCA-Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental – e passei a participar dessa formação.

Em 2005, voltava ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, como aluna especial nas disciplinas: **Filosofia da Educação Matemática**, com Prof. Dr. Rômulo Campos Lins; **Webdesign e Programação de Computadores**, com Prof. Dr. Marcus Vinicius Maltempi; e **Tópicos Especiais em Ed. Matemática – Memória e História Oral – Perspectivas em Ed. Matemática**, com Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza. Nesta última disciplina, no trabalho de conclusão, pude conhecer a pesquisa de Iniciação Científica da prof^a. Maria Edinéia Martins, *Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)*. Ao ler este material, fui identificando alguns problemas da Escola Agrícola. Apresentei um tema para um possível projeto: “O levantamento histórico desta escola, sob a perspectiva da Educação Matemática”. Tive receio quanto à relevância do tema, pois, embora fosse muito significativo para mim e para a comunidade rio-clarense não tinha muita certeza quanto à receptividade acadêmica.

Gostaria de fazer um levantamento histórico de seu início, saber sobre os objetivos que permearam a sua criação na época. Ouvir aqueles que fizeram parte da sua história. Compreender o que era, o que é hoje e como poderá ser amanhã uma escola agrícola de ensino fundamental, que subsiste sem identidade, pois, singular, luta para se manter durante seus 24 anos de existência. Singular no sentido de ser a única escola agrícola de ensino fundamental (não profissionalizante) da região e única escola de Ensino Fundamental II mantida pelo município.

Felizmente, prof. Carrera conhecia a escola e creio que também nutria certo carinho por ela, senão, interesse por conhecer melhor sua história, pois diversas vezes fora convidado para mediar conflitos nela. Foi receptivo ao projeto, aceitando orientar-me nesta empreitada. Nesse dia não pude me conter de alegria!

Faltava apenas passar pela prova. Em 2006 o programa ainda contava com prova de seleção. Precisava estudar. E como só fiz o que podia e não o que deveria, pois meus dois empregos consumiam praticamente toda minha atenção e energia, não passei para o programa em 2007. Ingressei no programa de Pós-Graduação em Educação Matemática-UNESP somente em 2008, último ano com prova seletiva, pois em 2009 o processo seletivo do PGEM-UNESP passou a constituir-se de avaliação do currículo e dossiê contendo projeto de pesquisa e cartas de recomendação.

Era tudo o que eu queria! Realizar esta pesquisa, principalmente agora, depois desse longo período de “gestação” de planos. Conhecer as diversas versões históricas da EMA, buscar o que envolve sua essência. Apreciar de perto todo o enredo de sua existência, descortinando uma história contada pelos que ajudaram a compô-la sob a pioneira perspectiva da Educação Matemática. Queria muito, sob o aval de pesquisadora, conhecer os documentos que deram vida e existência à escola, pois, como simples professora, não teria acesso a tais escrituras, com a finalidade de organizar documentando a versão daqueles que se dispuseram a contá-la.

Construindo um autor

Segundo meu orientador, a produção de uma pesquisa de doutorado deve ser prazerosa. Deve ser agradável e nos proporcionar satisfação. Creio que este prazer deve relacionar-se à satisfação investigativa da depuração de fatos, à elaboração de estratégias para conquistar um objetivo, assumindo uma postura exploratória na busca por uma interpretação mais próxima da realidade vivida por nossos eleitos.

Distante do ideal de escola agrícola que incomodava desde o princípio da minha relação com a EMA, iniciei, sem ilusões, a pesquisa buscando em arquivos públicos e da escola os reais motivos que levaram à criação dela e sua história no decorrer de conturbados 20 anos¹⁷ de existência.

A escola nasceu e cresceu à mercê de interesses políticos e por maior que fosse a boa vontade dos gestores que por ela passaram, percebemos que muitas vezes foi frustrado o esforço em fazer dela uma escola diferente.

Na versão popular a escola nasceu sob tutela da FUNABEM para retirar menores de rua de circulação, ou seja, foi idealizada a servir como escola correccional. Houve, posteriormente, momentos de tensão com uma gestão que sofreu processo administrativo.

“Filha indesejada” de uma prefeitura de teve que assumi-la após a extinção da FUNABEM, muito a contragosto, sobrevive precariamente, sempre mal-lembrada nos momentos em que o Tribunal de Contas aponta as despesas indevidas à Secretaria da Educação.

¹⁷ Após apresentação do projeto para o grupo HIFEM (Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática) do qual faço parte, acatamos a sugestão da prof^a Dr^a. Maria Ângela Miorin de delimitar a pesquisa em seus 20 anos iniciais.

Verificar tais versões, escavar áridos terrenos das memórias consultadas, recheadas por alegrias, conquistas, amarguras e ressentimentos cauterizados pelo tempo tem reforçado nossa ânsia em desvendar momentos preciosos dessa escola, produzida por aqueles que, silenciados, foram obrigados a aceitar, mesmo sem entender, mudanças no seu próprio destino, bem como no dessa escola. Nosso olhar, porém, pretende deter-se às práticas de ensino atuantes nesses anos, especialmente na disciplina de Matemática, seja para verificar inter-relações entre ela e outras disciplinas, principalmente com as técnico-agrícolas, seja simplesmente para conhecer como esta disciplina foi trabalhada numa escola que apresentava uma proposta incomum de ensino.

Partindo do histórico informal de que a Escola Municipal Agrícola iniciou suas atividades com o ideal de ocupar menores de rua ociosos e pequenos infratores, conveniada e subsidiada pela FUNABEM, procuramos delimitar nossa pesquisa entre os anos de 1986 a 2006, os 20 anos iniciais dessa escola.

Fazer um levantamento histórico de uma instituição que tem a maior parte de seus agentes históricos ainda vivos, propiciando-lhes o exercício da memória foi o nosso objetivo. Compreendemos a História Oral como caminho para este intento, uma vez que, no decorrer desta pesquisa, pretendemos encontrar indícios que nos auxiliarão a elucidar inúmeras questões por intermédio destes testemunhos. Queremos compor uma versão contada pelos principais personagens de cada período que destacamos. 'Principais', porque consideramos que cada depoente é o protagonista de sua história e de sua passagem pela escola. Reforçando ou debilitando os ditos populares, queremos focar a intersecção entre crenças e acontecimentos¹⁸, que nos serão apresentadas, oferecendo meios para interpretação sobre os dados levantados neste trabalho.

Como ponto de partida, precisávamos de algumas informações que nos levassem aos nomes dos diretores e professores. Para isso recorremos ao Arquivo Público do Município e ao Arquivo Morto da EMA pesquisando, primeiramente em documentos, os nomes envolvidos para estruturação da pesquisa. Antes, porém, solicitamos permissão à atual Secretária da Educação do Município de Rio Claro, Prof^a Heloisa M. C. do Carmo, que gentilmente nos autorizou o acesso irrestrito a todos os documentos da EMA. Assim, verificamos leis, decretos, notícias, jornais daquele momento histórico, para entender o que de fato era publicado sobre a

¹⁸ Acontecimento - aqui tem o sentido de acidente, de um evento que tem o caráter acidental, fortuito.

criação da escola, considerando-os como vestígios da cultura constitutiva dessa instituição escolar.

Diante das pesquisas aos documentos do Arquivo Público, soubemos que a sede da Escola Agrícola era utilizada para reuniões e cursos informais de aperfeiçoamento de técnicas agrícolas para agricultores da zona rural da cidade de Rio Claro. Temos a primeira notícia de seu funcionamento, por meio da Lei nº 2044, de 23 de maio de 1986, que autorizava o Poder Executivo a doar à CESP – COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO – o ramal rural do HORTO FLORESTAL DE AJAPI, possibilitando a ligação de energia elétrica à EMA, Distrito de Ajapí.



Figura 8: Lincoln Magalhães traz Escola Agropecuária para Rio Claro. **Jornal Cidade de Rio Claro**, 19 dez.1986. 1ª página

Somente em 19 de dezembro de 1986, a notícia da instalação é publicada no Jornal Cidade de Rio Claro, conforme mostra figura 8. No dia 21 de dezembro de 1986 (fig. 9), o mesmo jornal traz notícia detalhada sobre a reunião realizada com o prefeito, vereadores e técnicos da FUNABEM. A reportagem ressalta o pioneirismo de Rio Claro em instalar a primeira escola em parceria com a FUNABEM na região sudeste, enfatizando sua importância para a área sócio educacional da cidade.



Figura 9: Escola Agropecuária um privilégio. Jornal Cidade de Rio Claro, 21, dezembro 1986.

Essa incursão preliminar em busca de informações da escola nos arquivos da cidade foi necessária, para estruturarmos a pesquisa e definir endereços de depoentes bem como um roteiro objetivo de perguntas que realmente fossem relevantes à constituição do trabalho.

No arquivo morto da escola, procuramos no Livro Ponto os primeiros funcionários administrativos, tais como diretores e professores. Obtivemos, assim, os principais nomes que fizeram parte do período que delimitamos e narramos. Infelizmente, dois deles, Marcos Wehmuth, o primeiro professor de Matemática da

escola e o prof. Evrardo Rodrigues Cavalheiro, que atuaram em momentos significativos da escola e muito poderiam enriquecer nossa pesquisa, se foram precocemente, deixando lacunas.

Materializando as bases constituintes da Pesquisa

Com um plano de ação definido e um roteiro elaborado de acordo com a função (cargo) de cada depoente, procuramos utilizar a metodologia da História Oral, utilizando um gravador Digital Voice, marca Sony. Encaminhamos esse plano de ação de acordo com o seguinte esquema:

Depoente	Função	data	Transcri- ção	1ª edição	Autoriza- ção	Textua- lização
Prof. José Carlos Wurthmann Ribeiro	Diretor	06/01/2010 – 15h	Ok	Ok	Ok	Ok
Prof. Antonio Gennari	Diretor	06/01/2010 – 10h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Profª Maria Regina de Negreiros	Diretora	07/01/2010 – 10h - SP – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Profª Maíza Cristina Oliveira Ferro	Diretora	28/04/2010 – 07h30 – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Profª Elenita Loureiro	Diretora	20/10/2010 – 08h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Profª Valéria Ap. Vieira Vellis	Diretora	14/10/2010 – 13h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Prof. João Gozzi Sanches	Prof. de Ciências e Matemática	07/06/2010 – 14h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Prof. Carlos Alberto Francisco	Prof. de Matemática	19/08/2010 – 15h25 – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Prof. Lineu	Prof. de Matemática	21/10/2010 – 13h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Lincoln Magalhães	Ex-prefeito da Cidade-Gestão 1986	29/08/2011 – 15h – RC – SP	Ok	Ok	Ok	Ok
Engº Rubens Foot Guimarães	Patrono da escola	18/03/2010 – 14h – RC – SP	Ok	-	-	Ok

Figura 10: Tabela de Cronograma dos Depoimentos

Assim que definimos os nomes dos colaboradores, elaboramos um roteiro com perguntas abertas, proporcionando liberdade aos depoente e deixando-os à vontade para trabalharem sua memória e trazerem à tona lembranças que detalhassem o tempo vivido. Para que isso ocorresse naturalmente, foi explanado a cada um que o gravador poderia ser desligado a qualquer momento, bastando apenas um gesto e seria prontamente atendido. De acordo com as questões de investigação, organizamos roteiros diferentes para diretores e professores, que não foram ordenadamente seguidos, pois alguns dos depoentes antecipavam-se respondendo a questões que seriam feitas posteriormente, obedecendo à sequência natural de suas lembranças. Somente no depoimento da ex-diretora Maria Creusa Garcia Andriolli, tivemos o cuidado de apresentar algumas fotos da época de sua gestão, pois como desconhecíamos seu estado de saúde, nos precavemos com este recurso, conhecido em História Oral como ‘disparador ou muletas da memória’.

Podemos denominar de **disparadores da memória** ou **muletas da memória** os objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração. (GUEDES-PINTO ET AL, 2008, p.43)

A seguir elencamos dois modelos de roteiros que utilizamos para nossa investigação com questões gerais, personalizadas de acordo com cada depoimento.

Roteiro de Perguntas para Diretores:

- 1) Como foi sua relação com a Escola Municipal Agrícola? Quais momentos de sua gestão continuam marcantes em sua memória?***
- 2) Quais eram os objetivos iniciais da Escola Agrícola na sua gestão? Foram cumpridos?***
- 3) Com quantos alunos iniciou-se a Escola? Como era feito o transporte desses alunos, uma vez que a Escola Agrícola localiza-se na zona rural de Rio Claro?***

4) Existia um convênio entre a FUNABEM e PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO? Fale-nos sobre a influência do convênio em sua gestão.

5) Conte-nos sobre o funcionamento cotidiano da Escola e qual a sua diferença em relação às demais.

6) Como foram selecionados os primeiros professores da Escola?

7) Como eram as práticas sociais de ensino e a convivência com o meio ambiente em sua gestão?

8) Como eram as aulas de Matemática em sua gestão?

(Professor de Matemática na época: Marcos Wehmuth. Havia direcionamento da disciplina para aulas técnicas?)

9) Na sua gestão, do ponto de vista histórico e cultural, a Escola Municipal Agrícola cumpriu seu papel?

10) Por que permaneceu tão pouco tempo em sua gestão?
(tempo de gestão)

11) O que gostaria de ter feito pela Escola Agrícola e que não foi possível? Por quê?

12) O Sr. Gostaria de comentar algo sobre a escola agrícola, que ache pertinente ser lembrado?

As questões anteriores foram personalizadas para o prof. José Carlos Wurthmann Ribeiro, primeiro diretor (organizador) da escola. Os demais roteiros de perguntas para diretores possuem o mesmo formato, adaptado apenas ao contexto que cada um viveu por, considerando a dinâmica pessoal de cada colaborador.

Roteiro de Perguntas para Professores de Matemática

1) Conte-nos como conheceu a Escola Municipal Agrícola e iniciou sua atuação nela e quais momentos ainda continuam marcantes em sua memória.

2) Como eram suas aulas? Fale do cotidiano de sua prática de ensino nessa escola.

3) Quais eram os objetivos gerais das suas aulas de Matemática na escola?

4) E os objetivos das aulas de ciências?

5) Existia alguma determinação específica (Plano de Gestão) sobre o planejamento de aulas de Matemática e ciências, por se tratar de uma escola com terminalidade “Agrícola”?

6) Como eram encadeados os conteúdos? Seguiam o padrão do Estado?

7) O conteúdo de Matemática e o Ciências eram direcionados às aulas técnico-agrícolas?

(Hoje chamamos de interdisciplinaridade, havia esse tipo de intercâmbio entre os professores dessas áreas?)

8) Como era tratada a questão do Meio Ambiente, na época, nas duas disciplinas?

9) Como eram os alunos? (quanto ao interesse, dificuldades, nível social...)

10) Eles gostavam das aulas de Matemática? E das aulas de ciências? E as de campo?

11) Os alunos costumavam reclamar (ou queixar-se) de algo sobre a escola na sua época?

12) O período em que atuou na Escola Agrícola compreendeu 5 gestões, ou seja, passou por 5 diretoras. Poderia nos falar da influência de cada uma delas em suas aulas?

(Maria Creuza Garcia Andriolli, Elisabete A. Ondas Fosco, Elenita Loureiro, Lucilene Mattos Berbel, Valéria Ap. V. Vellis)

13) Sob o ponto de vista histórico e cultural, a Escola Municipal Agrícola cumpre o papel a ela atribuído?

14) O que gostaria de ter feito na Escola Agrícola e que não foi possível? Por quê?

O questionário destinado aos professores segue também um mesmo padrão, como o que foi produzido para os diretores, variando de acordo com a atuação e época de cada um.

Encontramos no Arquivo Morto projeto inicial entre a FUNABEM e a escola, que se encontra ao final desta tese, em ANEXOS.

Conforme os critérios metodológicos da História Oral, após a coleta dos depoimentos orais, passamos à transcrição deles. Esta primeira etapa do trabalho de manipulação das entrevistas caracteriza-se pela fidelidade em descrever cada palavra como foi falada, cada vácuo de silêncio, muitas vezes mais significativo que qualquer expressão do depoente. Sem omitir vícios de linguagem, palavras repetidas, gírias e até expressões exaltadas que o cargo ou função permitia no passado e que, em alguns, casos ultrapassam a barreira do tempo, irrompendo alguma lembrança tornando-a presente no presente. Enfim, trata-se da entrevista na íntegra como documento escrito.

Em seguida, como a primeira lapidação de um diamante bruto, produzimos a 1ª edição das entrevistas retirando as perguntas e fazendo uma 'limpeza', numa primeira tentativa de um texto narrativo, num depoimento. Só então, partimos para a textualização que apresenta a narração do depoente, trazendo à tona a versão dos fatos vivenciados por eles sob a interpretação do pesquisador que, manipulada, fará parte do produto maior. A partir deste texto o depoente teve liberdade de vetar, acrescentar e sugerir mudanças. Este procedimento faz parte de uma negociação peculiar a cada depoente. Cada um, de acordo com sua trajetória de vida, vai liberar ou suprimir o que falou ao ouvir sua voz e ler sua fala. Uns ficam fascinados com o que a própria memória trouxe à tona. Outros, porém, receiam que suas palavras causem alguma repercussão negativa. Nitidamente perceptível, notamos a singularidade do ser humano e de como lida com seus sentimentos, que, juntamente com tudo o que viveu no decorrer dos anos, atuam como filtro nas lembranças evocadas da base de sua memória.

Nessa primeira entrevista, enviamos a edição, para aprovação do prof. Gennari, sem alterar o discurso, mantendo as características da fala e composição de suas idéias, como mostra o recorte da respectiva transcrição, a seguir:

1ª Edição – Prof. Gennari

“Eu fui o primeiro diretor da Escola. A minha gestão foi de administrar aquela escola, tinha que trabalhar com os professores e com os alunos também. Meu contato com os professores foi um contato mais profissional do que qualquer outro tipo de atividade que eu tivesse lá. Quando eu digo assumi é porque eu comecei a fazer a escola agrícola! Porque antes era só um núcleo, que o Lincoln Magalhães construiu que seria para fazer reuniões com os agricultores da região para orientá-los. Onde havia máquinas agrícolas que a prefeitura emprestava para os agricultores que precisassem e que, naturalmente, não tinham condições de comprá-las. Umas máquinas daquelas! Então emprestavam ou alugavam essas máquinas. Era um núcleo de orientação para eles. Então, para aquele ambiente não ficar abandonado, porque as reuniões com os pequenos agricultores, não eram assíduas, o Lincoln Magalhães achou melhor usar aquele espaço para atender alunos da periferia de Rio Claro, num atendimento após o período escolar. Um ônibus passava onde eles moravam, perto da escola que eles estudavam e os levavam para esse núcleo agrícola, que na época não era escola agrícola. Havia alguns professores do Estado que estavam à disposição desse núcleo para orientar estes alunos da periferia de Rio Claro com ações como o reforço escolar.

Os alunos saíam da escola de ensino fundamental ao meio-dia. O ônibus passava nesse horário e todos iam para o ensino agrícola. Lá tínhamos as cozinheiras que faziam merenda, comida mesmo, eles faziam a refeição antes de começar o trabalho da aula. Eles se alimentavam bem! Era um meio, até bom, de suprir as necessidades alimentares dessas crianças que, talvez, não tivessem muitas condições. Então, como tínhamos professoras especialistas em nutrição, elas cuidavam dessa parte com os alunos.

O trabalho com os alunos era de cultura geral, com aulas de história e geografia. É o que era definido, que constava, na época,

nesse núcleo de atendimento. Eles ficavam da hora que chegavam, ao meio-dia, até as cinco horas da tarde.

Tínhamos professor de Matemática, de português, história e geografia. Tínhamos até um professor de Educação Física! Estes professores eram “efetivos” do Joaquim Ribeiro¹⁹, eles estavam à disposição desse núcleo agrícola que o prefeito solicitou, prestando esse serviço à prefeitura, no atendimento de recuperação desses alunos. Então eles tinham o período da manhã de aulas na escola comum e depois do meio-dia, de recuperação, mas não era algo definido, não eram aulas de técnicas agrícola, era cultura geral.”

Antes, para aprovação do depoente era encaminhada a transcrição “bruta” da entrevista, porém, o “texto bruto” costuma gerar certo desconforto ao depoente quando se depara com sua fala sem as devidas correções, requerendo muitas negociações com cansativas idas e vindas. Decidimos abreviar as transações enviando a 1ª edição com algumas sutis correções, deixando o texto mais “limpo”, sem alterar o conteúdo do depoimento.

Essa primeira experiência foi muito proveitosa. Encaminhamos ao prof. Gennari um CD com sua fala audível e um arquivo da transcrição “bruta”, juntamente com a edição impressa e a Carta de Cessão dos direitos da Entrevista. Assim, nosso depoente pôde ouvir sua fala enquanto lia a edição, comparando e conferindo as mudanças decorrentes da “limpeza” realizada. No retorno encontramos nosso colaborador satisfeito com o resultado da descrição de seu depoimento, fornecendo-nos prontamente a Carta de Cessão assinada.

Em seguida passamos para a textualização que consiste em deixar o texto coeso. Para tanto, relacionamos parágrafos que muitas vezes ficam soltos, procurando estabelecer a sequencia lógica do raciocínio do depoente, tornando-o mais apurado. Tomando as devidas precauções para não mudar o sentido da fala do nosso colaborador e a sua personalidade. Abaixo expomos a respectiva textualização do mesmo trecho dos recortes da entrevista.

¹⁹ “Escola Estadual Joaquim Ribeiro” de Ensinos Fundamental e Médio.

Textualização – Prof. Gennari

“Eu fui o primeiro diretor da Escola Agrícola. A minha função foi de administrar aquela escola. Além de trabalhar com os professores e com os alunos. Meu contato com os professores foi mais profissional, administrativo mesmo, do que qualquer outro tipo de atividade que eu tivesse lá. Quando eu digo assumi é porque eu comecei a fazer a escola agrícola! Antes era só um núcleo que Lincoln Magalhães, prefeito de Rio Claro, construiu para fazer reuniões com os agricultores da região e orientá-los quanto às práticas agrícolas. Neste núcleo havia máquinas agrícolas que a prefeitura emprestava ou alugava para os agricultores que precisassem e que, naturalmente, não tinham condições de comprá-las. Umas máquinas daquelas! Era um núcleo de orientação a pequenos agricultores. Para que aquele ambiente não ficasse abandonado porque as reuniões não eram assíduas, Lincoln Magalhães achou melhor usar aquele espaço para atender alunos da periferia de Rio Claro após período escolar. Para trazer os alunos a este local, um ônibus passava onde eles moravam que era perto da escola em que estudavam e os levava para esse espaço, que na época ainda não era escola agrícola. Os alunos saíam da escola de ensino fundamental ao meio-dia. O ônibus passava nesse horário e todos iam para as aulas de reforço. Lá tínhamos as cozinheiras que faziam merenda. Comida mesmo! Eles faziam as refeições antes de começar o trabalho das aulas. Eles se alimentavam bem! Era um bom meio de suprir as necessidades alimentares dessas crianças que, talvez, não tivessem muitas condições de fazê-lo. Então, como tínhamos professoras especialistas em nutrição, elas cuidavam dessa parte com os alunos. Eles tinham o período da manhã de aulas na escola comum e depois do meio-dia, de recuperação, mas não era algo definido, não eram aulas de técnicas agrícolas, eram de cultura geral, com aulas de História e Geografia. É o que era definido, que constava na época, nesse núcleo de atendimento. Eles

ficavam da hora que chegavam, ao meio-dia, até as cinco horas da tarde.

Havia um grupo de professores do Estado à disposição desse núcleo para orientar estes alunos, da periferia de Rio Claro, com ações, como o reforço escolar. Tínhamos professor de Matemática, de Português, História, Geografia e até um professor de Educação Física! Estes professores eram efetivos do Joaquim Ribeiro, que, por solicitação do prefeito ao Governo do Estado, estavam à disposição da prefeitura neste núcleo agrícola para o atendimento de recuperação desses alunos.”

A negociação com o prof. Gennari foi muito tranquila e agradável, como já mencionamos. Infelizmente nem todas seguiram o mesmo padrão. As demais foram transcritas passando por uma edição e em seguida, pela textualização para serem apresentadas, aprovadas e autorizadas por seus respectivos autores. Cada textualização encaminhada foi acompanhada do CD com a entrevista original, audível e transcrita, para comparação de eventuais dúvidas sobre o discurso proferido no depoimento.

O professor Ribeiro solicitou algumas modificações e ajustamos uma troca de informações, que demandou tempo maior de negociação.

A professora Regina, que, por motivo de doença, passara por uma cirurgia antes do nosso encontro, teve no final do ano de 2010 algumas complicações de saúde, que não lhe permitiram que completasse a leitura, antes do Exame de Qualificação deste trabalho. Entramos em contato logo após seu restabelecimento e obtivemos sua autorização e carta de cessão.

Quanto aos demais colaboradores, finalizamos as negociações com tranquilidade, exibindo e catalogando momentos históricos significativos da EMA transmitidos pelos depoimentos em textualizações que constam no Capítulo II

Pesquisar para entender – Entender para pesquisar.

Considerando tratar-se de uma história recente em que a maioria dos sujeitos estão vivos, com plena capacidade intelectual e boa memória, decidimos recuperar esse período significativo pela via da História Oral. Descrevermos a versão histórica dessa escola, avalizados pela fala de quem ajudou a construí-la, foi o alvo de nossa direção investigativa, com enfoque especial sobre as práticas de ensino de matemática e os processos de subjetivação nela decorridos durante esses 20 anos que propomos estudar.

Tal intento não poderia realizar-se sem alguns aprofundamentos de temas inerentes à metodologia que elegemos.

A História Oral vem ganhando espaço como área de estudos. Apresenta-se como uma alternativa contemporânea de registro de histórias. Fala de um passado relativamente próximo, sempre contado por sujeitos que viveram determinada situação em certa época, dependendo da memória desses colaboradores. O benefício desse método está na oportunidade de proporcionar aos entrevistados a narração de sua própria história, da sua versão dos fatos, imprimindo sua personalidade, experiência e memória. Exatamente o motivo que nos seduziu para conduzir a pesquisa. Significar, fazendo valer diversas versões, procurando pontos comuns e (des) vinculá-las entre si. Contradizer ou afirmar o que já se conhece informalmente são desafios que este método oferece para registrar vivências, além de prestar serviço a diversos campos de estudo por meio dos subsídios que uma pesquisa sempre libera.

A memória e o ato de lembrar são intensamente pessoais, portanto a memória, a subjetividade e o discurso são partes constituintes de uma produção científica em História Oral. Distintamente do positivismo científico, que declara neutralidade, o pesquisador, sob a metodologia da História Oral, assume a responsabilidade como produtor intelectual ao elaborar um texto a partir de suas próprias impressões interpretativas. Além de considerar todas as vozes como componentes significantes do texto científico final da pesquisa.

Como ainda nada existe de oficial sobre a história da EMA, além de documentos legislativos e burocráticos, tomamos a frente nessa empreitada. Temos à nossa disposição parte dos componentes, que, ouvidos, terão oportunidade de

registrar sua passagem fazendo submergir lembranças que estariam relegadas ao esquecimento, considerando-os como importantes suportes físicos que constituíram as práticas de ensino dessa escola.

Inicialmente, a tarefa não parecia tão difícil. Mas, ao acionarmos o “start”, demos conta do despreparo que intimida todo aquele que se lança em um novo empreendimento. Assim como num campo minado, em que, antes de dar o primeiro passo, devemos saber onde estamos e como devemos proceder, procuramos nos munir do conhecimento necessário para caminharmos com relativa segurança nesse campo de estudos, esquadrinhando o terreno, registrando e imprimindo nossos rastros nessa empreitada. Começamos, então, definindo as bases que fundamentaram nosso conhecimento auxiliando-nos na condução deste percurso: o trio história – crônica – narração, que constitui nosso tripé teórico inicial.

História e Crônica

A História que conhecemos ao longo de nossa escolaridade, uma relação entre datas e grandes eventos, demarcadas por lutas de classe e poder, destaca apenas a ponta do “iceberg”, desconsiderando a massa compacta e submersa recheada por um oceano de histórias do cotidiano da humanidade, escondendo a gigantesca e não menos importante história das mentalidades (Bosi, 1974, p.19).

Benjamim, por sua vez, chama a atenção para a importância histórica da experiência e da subjetividade ao expor a relação entre Teologia e Materialismo Histórico. Ou seja, uma dimensão puramente pessoal – a Teologia – e uma dimensão científica da História – Materialismo Histórico – se, juntas, “ganhariam sempre”

Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado “materialismo histórico” ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se. (BENJAMIM, 1994, p.222)

Manejar a história não quer dizer que se conheça todo o passado como de fato ocorreu. Esse “materialismo histórico” tem a tarefa de interpretar o passado. A reminiscência de um evento ou acontecimento é vulnerável aos interesses das classes dominantes, mas não só, pois existe o sujeito, fruto de suas subjetivações que rememora o mesmo evento ou acontecimento. Aqui a parábola do jogo de

xadrez do texto benjaminiano apresenta uma beleza que é atual, ou seja, a clareza crítica do Materialismo Histórico aliada à dimensão da experiência humana nos fornece uma análise histórica mais precisa do passado.

Já a crônica (chronos = tempo) trata dos microcomportamentos sociais, que considera os aspectos do cotidiano menosprezados pela história clássica, elencando cronologicamente os fatos. Nada do que acontece num dia é desconsiderado, pois todos os eventos grandes ou pequenos são igualmente importantes por refletirem a verdade de quem o vive. Temos como exemplo a crônica urbana e crônica Florentina na Idade Média que apresentavam, em latim vulgar, episódios de família e cenas de rua vivenciados por anônimos e registrados de forma pitoresca. Documentaram a memória de uma época com cenas recheadas de humor e ceticismo revelando conversas de rua e de janela para janela.

No início do século XX, teremos um exemplo aprimorado em ***O tempo redescoberto***, crônica em que Proust descreve a aristocracia francesa. Ao contar (enumerar), fatos que se passaram cronologicamente, com riqueza de detalhes memoráveis, conta (narrar) a história singular que se passou em sua infância, juventude e velhice. Recorremos aqui ao pensamento de Bosi em sua comparação entre datas e números: “Contar é narrar e contar é numerar. Contar o que aconteceu exige que se digam o ano, o mês, o dia, a hora em que o fato se deu. O ato de narrar paga tributo ao deus Chronos.” (BOSI, 1974, p. 20)

A crônica ganha nova conotação quando a burguesia concentra o poder, registrando “histórias políticas compactas” que visavam documentar o poder das grandes famílias, dos reinos e da guerra entre os Estados.

Por certo período de tempo, a crônica foi menosprezada e classificada como gênero literário menor, por registrar apenas o aspecto descontínuo e pontual dos eventos, sem apresentar conexão entre eles. Ironicamente, após a crise das grandes teorias: evolucionista, hegeliano-marxista (Bosi, 2003, p.14) ela retorna amparada pela psicologia dos microcomportamentos para focar justamente o que a destituiu no passado: a história do descontínuo, a história de frações do cotidiano – desligada “na prática” do contexto da macro-história – e para encontrar justificativas por meio da composição destes fragmentos.

A riqueza dos detalhes que os pequenos, mas importantes eventos oferecem ao interlocutor são como ‘passaportes’ para a imaginação. Não a imaginação “fantasia”, mas a imaginação “criadora”, ou melhor, a imaginação “reprodutora”.

Aquela que permite ao leitor projetar o que foi lido ou narrado e, quanto mais farto de detalhes, maior o nível de proximidade do fato narrado. Assim é quanto à maioria dos filmes a que assistimos. Após a leitura de um determinado livro que deu origem ao roteiro de um filme, ficamos decepcionados, pois o que imaginamos era muito melhor; ou então, satisfeitos porque a imaginação criadora do cineasta superou a nossa. Portanto, saber das minúcias de um fato ocorrido é significativo quando queremos compor uma versão histórica. Assim como fica impossível compor a paisagem de um quebra-cabeças, somente com as faces das pessoas que a constituem, fica difícil interpretar e compreender a História, somente com datas e nomes ressaltados por ela.

Crônica e oralidade iniciam uma caminhada de braços dados, constituindo histórias que ainda não foram contadas e reconstituindo outras para promover novas versões de verdades, estabelecendo novos campos de investigação, como a História das Mentalidades e História das Sensibilidades. Não podemos desconsiderar, no entanto, o perigo ilusório que o entusiasmo da busca por histórias do cotidiano pode acarretar: a sua “ideologização”, como adverte Bosi (Bosi, 2003, p.15), na crença de que só esta via acessa ou desvenda a face encoberta da história política hegemônica.

A história que se firma em documentos oficiais divulga apenas as relevâncias e os “picos” que se sobressaem como fatos históricos, mas despreza detalhes como as paixões pessoais, os ressentimentos e as mágoas que são agentes determinantes numa história. Por outro lado, a história de anônimos também sofre influências tendenciosas, exercidas por ‘certas ideologias’ inerentes ao grupo social a que pertencem, uma vez que os indivíduos integram grupos que os identificam, gerando nestes a “memória coletiva” (Halbwachs, 2004, p. 34).

O pesquisador que deseja fazer esse trajeto não pode ignorar tais informações e recomendações tão ricas. É de extrema importância atentar a toda orientação em qualquer investimento, buscando nos mestres com discernimento e bom senso os subsídios necessários para sua materialização, sem deixar de contextualizar a realidade de cada estudo, considerando todas as variantes que envolvem o indivíduo, suas experiências, memória e lembranças.

Crônica e Narrativa

Pela lógica, se a crônica é contar e contar é enumerar que também é narrar um episódio, então temos que a narrativa é por consequência uma crônica?

Não podemos sintetizar a narrativa somente pela lógica tautológica. Seria simplista demais para descrever a importância desta arte.

Passar uma experiência de pessoa para pessoa, de geração a geração é o *modus operandi* da narrativa, que tem como principal objetivo, além do legado de garantir a existência de uma história e a sua atualidade, transmitir um ensinamento moral, um aconselhamento embutido. E quanto mais simples e envolvente a narrativa, mais será memorizada, lembrada e futuramente recontada.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Atualmente, devido ao ritmo de vida, a arte de narrar está caindo no esquecimento, ouvir não é mais um prazer ou uma necessidade. Raramente se aconselha, ou se pedem conselhos. As experiências dos mais velhos estão relegadas ao esquecimento, e um dos vilões dessa extinção gradativa é a propagação da *informação*, professava Benjamim no final da década de 1930.

Informação, comunicação amplamente divulgada, exata e pontual, pode ser comprovada a qualquer momento, assumindo importante papel na vida cotidiana contemporânea. Atualmente, meios de comunicação, como TV, rádio e a internet, possuem qualquer informação noticiada em qualquer local do planeta para outro canto dele em tempo real, com riqueza de detalhes, cenas e pormenores indiscutíveis. Reforçando a profecia feita há mais de 70 anos, hoje a informação oferece provas que dispensam qualquer palavra, argumentação ou questionamento sobre o assunto. Além do efeito no ser humano da exposição contínua a cenas de catástrofes e tragédias que acaba por banalizá-las. Uma das sequelas desse avanço tecnológico é o endurecimento da sensibilização humana, gerando indivíduos de dura cerviz, cada vez menos impressionáveis e comovíveis.

Em decorrência desse acesso irrestrito a toda e qualquer informação, como mecanismo de defesa para evitar a completa alienação, muitos, ao contrário, tornaram-se mais seletivos, mais exigentes, mais investigativos, reflexivos e questionadores. Outras mudanças também são requeridas, como o afinamento dos sentidos primários. Entre estes, destacamos a audição, devido ao nosso trabalho, por tratar-se de uma pesquisa que lida com entrevistas, ou depoimentos – ouvir, não apenas com os ouvidos, mas com todos os sentidos para captar qualquer movimento emitido quando estamos diante de um depoente, além de analisá-lo sob todos os ângulos possíveis e passíveis de uma lista de prós e contras. A facilidade de acesso aumenta proporcionalmente à responsabilidade do que aceitar como ‘verdadeiro’ e relevante como informação.

Entretanto, num sentido geral, o ser humano tem se tornado cada vez mais solitário, o caráter prático das ações permeia o dia a dia, as notícias se apresentam todas as manhãs, com informações em tempo real, com suas imagens e explicações isentando- nos de qualquer interpretação. A informação tem toda tecnologia a seu favor. E-mail’s, orkut’s, twitter’s, facebook’s, blog’s são ferramentas tecnológicas também a serviço da informação. Informam ou apresentam pessoas, fatos, notícias do cotidiano com simbologia própria, instaurando uma nova linguagem. Alguns destes instrumentos estão mais próximos de agradar um “voyeur” do que de manter inter-relacionamentos pessoais.

A narrativa, diferente da informação, é produzida evitando-se explicações maiores e pormenorizadas. O leitor é livre para interpretar como queira o que lhe foi contado, decifrando o que foi encoberto pela arte do narrador.

Para Benjamin, o narrador é um artesão com o objetivo de trabalhar a matéria-prima – a vida humana – narrando e transformando a sua vida e a de outros num produto único.

...o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que ao incluir apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade, é contá-la *inteira*. (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Tanto para o narrador, quanto para o cronista da antiguidade, existe um interesse em comum: ambos dependem da relação do interesse entre o ouvinte e o

narrador, em conservar o que foi narrado e assegurar sua reprodução. O narrador sempre tem algo mais para passar adiante, existe uma intenção, uma mensagem implícita no fato narrado, uma lição a ser repassada. Seu maior encanto está no caráter enigmático que vai tecendo ao longo da narrativa, seduzindo o interlocutor a tal ponto que, se for interrompida a qualquer momento, a sensação de envolvimento ainda permanecerá por longo tempo. Portanto, se crônica é contar no sentido de enumerar e de narrar, a narração, por sua vez, não pode ser simplesmente comparada à crônica, ela é muito mais do que mensageira do tempo, possui objetivo e estratégia. Porém, assim como o ser humano, que não pode sobreviver sem o outro, sem um interlocutor interessado para inter relacionar-se, a narrativa também, nestes moldes, tende a perecer. Para garantir a sobrevivência da narrativa, o narrador, contemporâneo atento à evolução dos meios de comunicação, também deve passar por uma metamorfose, evoluindo de acordo com as tendências e promovendo novas alternativas que garantam a sobrevivência desta arte, como Souza (2006) nos instrui:

... ao contrário do que pensa Benjamin, não é a arte de narrar que está se extinguindo, mas sim uma determinada forma de narrativa. O narrador não desaparece com o advento da modernidade, mas transforma-se: sob o jugo da diversidade ele se reconstrói, como detentor de uma versão da verdade e da realidade do mundo contemporâneo. (SOUZA, 2006, p. 41)

MEMÓRIA, TEMPO E ESPAÇO

Memória, tempo e espaço, trilogia imprescindível que surpreende a cada nova lembrança.

Memória, “uma máquina do tempo” capaz de viajar e transportar para outra época aqueles que desejam participar dessa aventura: depoente, ouvinte (entrevistador) ou leitor, viajantes que caminham no passado, na história oral das lembranças evocadas... O depoente agora mais jovem... é o protagonista de sua história. O vigor e a determinação de quem conhece o futuro tecem a trama do que já foi um dia... A entonação vocal muda, o olhar brilha e tudo quanto foi significativo vem à tona, sejam lembranças positivas ou negativas, uma flui como água da

nascente, outra pode ser suprimida, completamente esquecida, ou simplesmente omitida.

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 2004, p. 64)

Memória e oralidade são dois importantes componentes quando se deseja constituir a crônica do cotidiano. O trabalho da memória é livre para ir e vir, escolher e visitar acontecimentos distribuídos ao longo do tempo e do espaço, nunca de forma aleatória, mas sempre relacionados em pontos comuns, trazendo de volta momentos enriquecidos por detalhes do espaço nos diversos “espaços de tempo” vividos como os Δt_1 , Δt_2 ... Δt_n s da Física. Evocação requerida quando inquirida por algum motivo ou pessoa, um *re-viver* de um momento alegre ou triste, que compõe o dia a dia, por meio da “contação”, da oralidade. Assim, temos conhecimento de muitos fatos, que são cuidadosamente tecidos em depoimentos, como o “ponto cruz” de uma tela de tapeçaria, que, na sua aparente insignificância, demarca seu espaço, garantindo sua representatividade, cooperando na sua constituição, quando visualizado panoramicamente. Mais uma vez consideramos Bosi (2003, p.15) e alertamos que não é prudente crer que tudo o que nos é exposto por depoimentos orais seja a única fonte histórica autêntica e verdadeira do cotidiano ou “a verdade oculta da história política estabelecida”. Buscamos uma intermediação informal capaz de fazer acréscimos, intensificar ou mesmo desmitificar um acontecimento que supostamente conhecemos. Memória e oralidade podem apontar posicionamentos contraditórios, como dar meios de registro para a população excluída e desaproveitada pela história oficial. Não podemos negligenciar este tipo de investigação, sob a pena de conservar segregados lugares da memória que apontam para práticas que constituem a cultura adotada pela instituição pesquisada ao longo dos anos, pelos sujeitos sociais que dela participaram.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15)

A memória tem função decisiva, uma vez que transporta o corpo presente ao passado, intervindo no fluxo dos acontecimentos atuais. A memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”, pois teria a função de limitar algo que consideramos indefinido, seja um pensamento, seja uma ação conduzindo o indivíduo a reproduzir formas de comportamentos outrora aprovados.

Lembrar em francês é *souvenir*, que significa vir à tona o que estava submerso, portanto, lembrar-se é trazer algo já vivido à tona, eleito entre os muitos fatos já experimentados no passado, para que, atrelado aos dados imediatos, interfira no processo das novas representações. Essa teoria bergsoniana sugere a conservação dos estados psíquicos já vividos, para reproduzir formas de comportamentos que já deram certo. A percepção concreta e completa apropria-se daquilo que está armazenado na memória para elaborar uma nova representação, e a memória é a nossa reserva que cresce a cada instante, a cada experiência nova, é o celeiro de toda nossa experimentação adquirida.

Muitos depoentes orais “rememoram”, que seria relembrar comemorando um tempo feliz. Enquanto faz emergir o tempo que já viveu, vive intensamente outra vez essa nova experiência. Embora exista a *memória-hábito* – memória dos mecanismos motores, que nada mais é do que esquemas comportamentais adquiridos no decorrer da vida, pela repetição de atitudes ou palavras, como escrever, costurar, dirigir um automóvel ou comer de acordo com as regras de etiqueta da cultura a que pertence, que seria uma espécie de *adestramento cultural* (Bosi, 1994, p.49) –, existem lembranças independentes de quaisquer hábitos, que trazem à lembrança momentos únicos e não repetidos.

Esse movimento entre o passado armazenado e o presente por meio das suas lembranças não será sempre o mesmo. Como exemplo, podemos citar uma leitura em particular. A segunda e a terceira leituras de uma mesma história não serão as mesmas, pois a primeira guarda a impressão original, enquanto as demais foram apenas outras edições que alteraram a versão original, acrescentando dados significativos, subsidiados pela experiência pessoal. Tal qual um acontecimento em nossa vida, contém em sua essência uma data, o momento em que se deu, e este não pode mais ser repetido.

Proust subdivide a memória em: *memórias involuntária* e *voluntária*. Para ele a *memória involuntária* estaria mais ligada à sensibilidade do corpo humano, seria

uma lembrança sensorial. Por exemplo, o perfume das rosas pode nos trazer a lembrança de uma pessoa que se perfumava com tal essência. Ou a simples pisadela num calçamento irregular, que nos remete à infância em um lugar especial com um piso semelhante, pode trazer de volta lembranças sem que passem pelo crivo da nossa vontade.

Concorda Proust com outros estudiosos que a memória voluntária, pelo contrário, passa pelo nosso querer, e este esforço, ao trazer de volta lembranças ao presente, sofre alterações editadas pelos conhecimentos adquiridos em nossas experiências decorrentes da passagem do tempo. Porém, não as considera como verdadeiras, pois acredita que a atualização evocada adultera a originalidade da memória, descaracterizando-a.

Maurice Halbwachs, principal estudioso das relações entre a memória e a história pública, aborda a memória como fenômeno social, enfocando os nexos das relações interpessoais. Para ele a lembrança é a reconstrução do passado, repensado com as imagens e ideias de hoje. A lembrança seria então uma imagem construída com todos os materiais que estão na consciência atual à nossa disposição. Em sua teoria a percepção das coisas sofre alterações através do tempo, por meio das nossas ideias e atualizações, uma vez que a evocação do passado no presente elimina as identidades entre as imagens ressaltando os pontos distintos entre elas, ou seja, as inovações.

Comparativamente, esse autor apresenta também o exemplo da leitura e releitura de uma história. A primeira foi realizada na juventude por uma pessoa que, que ao relê-la, pensa lembrar-se de todos os detalhes. Na verdade, recorda-se apenas do assunto, de alguns personagens e de algumas passagens mais emocionantes ao sabor juvenil; como adulto, consegue fazer uma leitura mais reflexiva e observa detalhes que passaram despercebidos na primeira leitura alterando a qualidade da segunda.

Essa criticidade que impregna a segunda leitura, carregada com todos os conceitos e conhecimentos adquiridos até a idade adulta, embora tenha pontos comuns com a lembrança da primeira vez que leu a história, provoca alterações, modificando sua representação anterior quando novamente ficar retida na memória. Existem muitos dados além daqueles utilizados na leitura ingênua da adolescência, que enriqueceram encorpando o conhecimento adquirido por meio desta releitura.

Tal como a releitura, a lembrança evocada pela percepção inova-se a cada evocação, com novos dados do meio em que vive e com todas as influências interpessoais consideráveis desde sua última retenção na memória.

Para Halbwachs ainda, qualquer modificação do ambiente promove também a variação na natureza íntima da memória. Assim, esse autor introduz sua teoria de que a memória da pessoa como indivíduo estaria acoplada à memória de um determinado grupo, a *memória coletiva*.

A memória individual seria as imagens remotas, as mais antigas que podemos invocar, que permanece no inconsciente. A memória coletiva reteria as lembranças que sofrem influências causadas pelas diversas informações que agem em diversos grupos dos quais participamos ao longo de nossas vidas, renovando-as e configurando-as. Nessa concepção nenhum acontecimento é “asséptico”, sem “contaminação” externa, depende de referências presentes em grupos que atestam alguma identidade. Como no caso de alguma ocorrência nas aulas de Matemática, a que uma determinada turma assistiu, que provavelmente serão relembradas entre os alunos deste grupo. Acontecimentos pontuais ocorridos nestas aulas (as brincadeiras dos colegas, algumas ideias e explicações do professor), porém o professor lembrar-se-á, no máximo, de alguns nomes desta turma, pois tais lembranças não faziam parte do seu grupo, que era o dos professores da escola. Portanto, as lembranças desses alunos, foram promovidas pela memória coletiva, atreladas em pontos comuns ao grupo de referência, enquanto a lembrança do professor estava isenta de fatores coletivos a que pudesse recorrer. Neste caso, ele não formaliza a recordação com a mesma intensidade e detalhes com que um aluno deste grupo processa em sua memória.

Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio”. (HALBWACHS, 2004, p. 58)

O grande desnível entre as experiências vividas por pessoas que compartilharam a mesma época ou o mesmo espaço em épocas diferentes é um dos privilégios que os depoimentos oferecem. É nossa função, portanto, interpretar

olhares, interdições, hesitações e gestos como constituintes das lembranças e esquecimentos, bem como considerar todas as nuances da entrevista, valorizando cada trecho dela, colhendo o maior número possível de informações, permitindo que se manifeste a visão de mundo na fala dos colaboradores. Ao estudar as narrativas, devemos observar e compreender as omissões e entrecortes narrativos existentes.

Recompôr comportamentos e sensibilidades de uma época por meio de testemunhos de vida, enfocando especialmente as tensões implícitas nos depoimentos, enriquece qualquer registro histórico de documentos oficiais, esquematizados e sintetizados a fim de privilegiar o poder ou o grupo de identidade a que pertencem. Como tensões implícitas entendemos os *subentendidos*, como uma frase irônica encobrendo o verdadeiro motivo gerador de algum fato; as sugestões encobertas pelo silêncio; a negação ou assentimento revelado por um simples menear da cabeça.

Testemunhas orais podem, também, servir à memória institucional, quando a memória coletiva produzida por um determinado grupo reproduz a ideologia das redes de poder sobre a memória individual do recordador.

Parece que há sempre uma NARRATIVA COLETIVA privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde. (BOSI, 2003. p. 17)

A substância da memória torna-se mais densa e promove recordações redescobertas do passado. Este adensamento ocorre, por exemplo, quando destaca proeminências do passado, como a infância e a velhice. O rememorar fatos marcantes de tempos idos é colorido por paisagens sociais, políticas e culturais que se prolongam muito além do objeto pontual da lembrança. Porém, existem momentos num depoimento que apresentam lacunas da memória sejam estas involuntárias ou não. Como compreender estas lacunas? É possível a partir de interdições advindas da psiqué do depoente. Não são poucas as possibilidades de ‘recalques’ e seus decorrentes ‘esquecimentos’, ou omissões que colecionamos ao longo de nossas vidas.

Outra possibilidade são as interdições de origem social, pois afetam subjetivamente a percepção que o depoente tem de sua história. Uma das compreensões possíveis destas interdições sociais advém do entendimento dos

efeitos da alienação promovida pelo tempo vazio, fruto das horas mortas criadas pela sociedade industrial, cada vez mais invasivas em nosso cotidiano. Como exemplo, podemos citar a distinção entre a narrativa de pessoas simples quando contam com detalhes a evidente espoliação do seu tempo desperdiçado em filas, ou a submissão às questões burocráticas, contra a do intelectual, que explana suas próprias interpretações procurando ilusoriamente preencher estas lacunas do tempo. Benjamin e os escritos sobre Charles Baudelaire demonstram como memória e tempo articulam distintas e possíveis versões históricas.

Tempo vazio, tempo perdido... Como compreender essa substância móvel e fluida que se chama TEMPO? Existe tempo cheio? Acha-se (encontra) tempo? Contamos o tempo em horas, dias, meses e anos. Essa subdivisão do tempo em pequenas unidades, percebida por Galileu e posteriormente formalizada por Descartes, permitiu uma revolução no estudo do movimento, em que considera o tempo como uma sucessão linear de pontos, com espaçamentos infinitamente pequenos entre si: os instantes. O delta 't' é a duração de um evento, nos ensina a Física. Trata-se da variação do tempo, o instante inicial subtraído do instante final, ou seja, “um espaço de tempo vivido, onde a estrutura do comportamento humano é uma relação entre a nossa consciência e o mundo numa sucessão infinita de Δt 's”.

Podemos então concordar – ou pelo menos admitir como hipótese – em iniciar a definição de nossa imagem habitual do tempo como correspondendo a uma série unidimensional de instantes, de pontos do tempo, cada um deles ocupando uma única vez por um “agora” que vai se deslocando “para a frente”, desde um dado instante passado até um dado instante futuro. Ou seja, o tempo seria antes de tudo uma linha de instantes, estendendo-se do passado para o futuro, uniformemente percorrida pelo “agora”, pelo momento presente. (OLIVEIRA, 2003, p.49)

Mas... “se o tempo é a essência do psíquico, a ciência o espacializa e reduz o movente ao imóvel”. (BOSI, 2003, p.52)

O tempo histórico, a cronologia, a linguística e a decorrente narrativa do que se viveu, do que se viu, do que se leu ou ouviu são subservientes à memória. É no tempo que o passado pode ser presente e o futuro sugerido por meio da viagem que a memória pode proporcionar.

Muitas outras subdivisões do tempo foram e ainda são experimentadas. O tempo religioso é até hoje revivido, como o Natal e a Páscoa, confirmando a história

descrita há séculos nas Escrituras, das quais destacamos os escritos de Salomão para o tempo:

Tempo para tudo
Tudo tem seu tempo determinado, há tempo para todo propósito debaixo do céu:
há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantejar e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz. (EC. 3: 1-8)

No Chile o tempo era medido em credos, como nos conta Thompson:

Assim, no Chile do século XVII, o tempo era frequentemente medido em “Credos”, um terremoto foi descrito em 1647 como tendo durado o tempo de dois credos, enquanto o cozimento de um ovo podia ser estimado por uma Ave-Maria rezada em voz alta.” (THOMPSON, 1991, p.270)

Temos exemplos de outras religiões, como os cultos xamanísticos que também subdividem o tempo em seu calendário próprio, bem como a cronologia dos sacramentos africanos. Existe o calendário judeu ou o jidai (época) japonês e de outras culturas.

Existe o tempo orgânico do compasso da música, da dança e da poesia que acompanha sem receio a batida ‘temporal’ do coração, considerando apenas o tempo sensorial que até Galileu Galilei, intuitivamente, considerou como um cronômetro para medir a duração das oscilações do pêndulo.

Temos até mesmo a ressurreição de um tempo na história, como a Renascença Italiana, o Renascimento.

Os relógios foram fundamentais para o estabelecimento da concepção mecanicista do mundo atual, onde tudo pode ser rigorosamente determinado e antecipado pela simples justaposição de suas partes. Onde o Universo é uma grande máquina, e cada instante é universal, global, ocorrendo em toda parte sob a mesma badalada de um grande sino (Oliveira, 2003).

Thompson também nos mostra como o relógio tornou a posse do tempo uma ‘febre’ a partir do século XIV. A simples portabilidade de um relógio de bolso,

sincronizada com o restante do mundo, obteve o mesmo efeito que vemos hoje com os celulares. Tais aparelhos conferem status àquele que o possui e um sentimento de poder sobre um ente abstrato, no passado o *tempo* e hoje a *atualidade*. Antes o homem gabava-se de dominar o tempo por meio de um instrumento, sem perceber que sua dependência tornara-se maior.

O relógio sobe no palco elisabetano, transformando o último solilóquio de Fausto num diálogo com o tempo: as estrelas se movem silenciosas, o tempo corre, o relógio, vai bater as horas”. O tempo sideral, presente desde o início da literatura, com um único passo abandonou o céu para entrar nos lares. (THOMPSON, 1991, p. 268)

No presente, o sujeito contemporâneo julga-se atualizado, pois tem acesso ‘ilimitado’ a qualquer informação, sem notar que caminha cada vez mais pobre de conhecimento substancial e significativo.

Outras relações foram inevitáveis através da evolução da ciência e tecnologia: segundo a formulação newtoniana, para as leis da natureza, existem três dimensões espaciais e uma dimensão temporal. Mas para Einstein, tudo é relativo; espaço-tempo-matéria-energia, eis a nova face do Todo. Os sistemas dinâmicos nos apresentam o sistema caótico. Não seria mais coerente pensar no tempo como um sistema caótico, que possui sua própria organização, visto que o tempo em que vivemos é tão particular e pode não ser tão linear e mecânico como prega a concepção mecanicista?

Pensar sobre o tempo é um exercício antigo, os gregos o divinizaram estabelecendo-lhe três entidades para a temporalidade: Aiôn – “eterna presença” entidade perene e imóvel que abrange o passado e o futuro; Cronos – define as sucessões, a consecutividade das épocas; Kairós – o deus do momento oportuno, que mostra diferentes caminhos.

Por questão de intimidade ou pretensão, tratamos o tempo como domínio público, patrimônio da humanidade. Fizemos a sua metrificação para depois vivermos à sua mercê. Entidade básica, invisível e inerente ao nosso cotidiano. Interpretá-lo não tem sido tarefa fácil, pois sua existência nos consome, somos seus eternos reféns, pois, segundo Cortázar (1962), quando ganhamos um relógio, ganhamos um ‘inferno florido’; e, como o coelho das páginas de *Alice no país das*

Maravilhas, estamos sempre “atrasados”, afinal “o tempo não pára”, diz a letra da música.

Discorrer sobre o tempo, buscando tudo o que se sabe sobre o assunto, não é nossa intenção, mas sim compreendê-lo como integrante de nossa vivência, para que possamos tratá-lo com mérito no momento em que interpelamos nossos colaboradores, auxiliando-os no caminho de volta ao passado, para caminhar juntos de acordo com suas lembranças. Para viver no presente o que meu depoente vivenciou no passado, é preciso não temer o tempo, nem em encontrá-lo, nem em perdê-lo. Compreender a sucessão dos fatos em sua memória, desvinculando-se se necessário do tempo cronológico, para respeitar a cadência da fala declarando tempos idos, é a postura que se espera de um bom ouvinte.

Nesses momentos compreender a essência do tempo, para poder apropriar-se adequadamente dele fará distinção naquilo que será produzido. Talvez aqui caberia pedir condução a Kairós, a divindade do tempo oportuno. Portanto, é necessário aproveitá-lo ao máximo, sem negligenciar nem um instante das rememorações “induzidas”.

O tempo é real somente à medida em que tem um conteúdo, isto é, quando oferece um conteúdo de acontecimentos ao pensamento. É limitado e relativo, porém tem uma realidade plena. É muito amplo, aliás, para oferecer às consciências individuais um quadro suficientemente respaldado para que elas possam nele dispor e encontrar suas lembranças. (HALBWACHS, 2004, p.136)

Para este estudo, conhecer a teoria bergsoniana, de Halbwachs e indiretamente de Proust, por Benjamim, foi importante para obtenção de critérios para conduzir a pesquisa, fazendo equiparações e reflexões a respeito das memórias evocadas nos depoimentos. Só então, após assimilação contemplativa e comparativa com o material coletado, encontramos ‘eco’ e respaldo na fundamentação teórica de Halbwachs sobre memória coletiva, que vem ao encontro do que testemunhamos ao longo das entrevistas desenvolvidas em nossa pesquisa.

A memória nos possibilita visitar qualquer acontecimento no espaço e no tempo, ressaltando configurações mais intensas marcadas por algum significado coletivo de acordo com Halbwachs. As “marcas”, obtidas em experiências vivenciadas no decorrer de nossas vidas, nos constituíram e nos constituem. Cada

marca indica momentos felizes ou nem tanto, fortes ou frágeis, e o rememorar meditativo encontra direções para ações presentes. É como buscar, numa constelação, uma estrela que brilha apontando para a singularidade do narrador, que a utilizará como guia, orientação para seus propósitos no presente.

Existem, no entanto, condições que são desagregadoras da memória, tais como a extrema mobilidade ditada pelo sistema econômico. Provoca rápidas mudanças nos ambientes íntimos, por meio da frenética troca de mobiliários e objetos por outros mais modernos, com a finalidade de ostentar status e o poder aquisitivo. Este novo costume promove o desapego e valoriza modismos. Cortam as raízes no espaço íntimo, substituindo objetos que antes envelheciam conosco e que nos transmitiam a sensação de continuidade, frustrando toda tentativa de criar um mundo acolhedor e à parte da sociedade alienada e hostil do lado de fora de “nossas quatro paredes”.

Aos poucos toda essa ideologia foi cultivada e regada, para nutrir a ânsia pelo novo, pelo moderno, caso contrário, o que pensarão quando entrarem em casa, se minhas TVs não evoluíram de tela plana à de plasma, de HD ou de LED?

Assim também para todos os móveis e objetos passíveis de modismos e do avanço tecnológico. Afinal não podemos ficar ‘atrasados’. É urgente que se declare o status do dono, que deve ser equivalente ou melhor que o do ‘vizinho’. A sociedade de consumo é apenas mais rápida na produção, circulação e descarte de objetos de status (BOSI, 2003, p.29).

Sabemos que o primeiro grupo a que pertencemos é nossa família, e o laço que nos une a ela não se rompe, ainda que ligado por uma fina linha, pois, mesmo que nos mudemos de país, de religião ou de convicções políticas, ainda assim pertenceremos ao mesmo grupo familiar que nos formou. Atualmente, este grupo inclui cada vez menos parentes, pois os primos, tios, tias e avós estão cada vez menos envolvidos nele, considerados apenas como agregados.

O modelo familiar alterou sua conformação, reduziu-se ao casal com média de dois filhos. Até mesmo o conjunto de louças para mesa, os objetos biográficos citados por Bosi (2003, p. 26) não é mais produzido para uma família que utilize uma dúzia de pratos numa reunião familiar. Hoje estes conjuntos são comercializados em grupos de quatro unidades.

Ditame de moda, ou adaptação do mercado à nova tendência de extensão do grupo familiar, o fato é que os objetos estão cada vez mais padronizados e

impessoais a serviço de uma sociedade que valoriza a concorrência. Onde não há espaço, nem tempo e nem mais objetos para manterem uma tradição, mesmo que seja simplesmente para garantir a sobrevivência da espécie, como a alimentação, ou como diriam os ‘antigos’, a hora sagrada das refeições. Momentos em que a família podia compartilhar as delícias da mesa, apreciar a beleza das louças e da sua disposição, com cada peça definindo o lugar de cada um. As alegrias e aborrecimentos vivenciados durante o dia eram divididos, os pais podiam instruir os filhos a se comportarem à mesa, a fim de cultivarem boas maneiras e desenvoltura com os talheres.

São costumes na sociedade contemporânea irremediavelmente fadados ao esquecimento, juntamente com esse primeiro grupo a que pertencemos: seu *espaço*, com objetos e materiais, o *tempo* e, conseqüentemente, a *memória* constituinte.

Essa é a nova configuração global. A família bombardeada e fragilizada caminhando a passos largos para um fim irreversível. Cada membro tem um horário diferente do outro, não fazem mais juntos as refeições, e o diálogo fica restrito à troca de informações essenciais e monossilábicas.

Não existe mais o lugar fixo à mesa e hoje um dos hábitos mais freqüentes é fazer as refeições diante da TV, que ganhou há pouco tempo um concorrente – o computador com a internet e suas “salas de bate-papo”.

Se a memória é coletiva, como nos prega Halbwachs, e o tempo e o espaço estão cada vez menores e desagregadores, conseqüentemente estamos perdendo “nosso chão” no sentido de perda da identidade. Caminhamos para padronização de modos de viver, para uniformização e impessoalidade. Sem o espaço, representado pelo grupo familiar juntamente com objetos que marcam sua presença por um período significativo de nossas vidas, não temos onde apoiar nossa memória e evocar preciosas lembranças no futuro.

As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos. (BOSI, 2003, p. 27)

Nosso equilíbrio mental pode ser atingido em grande parte quando os objetos materiais a nossa volta não mudam, permitindo-nos uma sensação de estabilidade e

de permanência, dizia Auguste Comte. Comparados a uma sociedade muda e imóvel, alienada a toda e qualquer agitação contemporânea ou do humor humano, os objetos materiais nos concedem a sensação de ordem e serenidade, segundo Halbwachs (2004, p.137). Isso explica, por exemplo, o que ocorre quando ficamos perdidos ao esquecermos, depois de uma bela noite de sono, que dormimos num quarto de hotel, ou numa casa onde nos hospedamos. Demoramos um pouco até se dissipar o estado de confusão. Mas, se inadvertidamente obedecemos às repentinas ações motoras do corpo, é possível que tomemos a direção errada ou topemos em algum móvel ou objeto que não estava registrado no campo espacial da nossa memória. Até que o consciente se adapte à nova realidade delimitando o perímetro da nossa visão, estaremos em “desequilíbrio” mental e não nos sentiremos seguros.

A sensação de segurança e continuidade subsidia nossa memória com os objetos materiais, sem os quais não haveria suporte para nos lembrarmos de algum evento ou situação ocorrida. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis também podemos ver essa concepção, quando a personagem principal afirma: “Não, não, a minha memória não é boa. É comparável a alguém que tivesse vivido em hospedarias, sem guardar delas nem caras, nem nomes, e somente as raras circunstâncias.” (Assis, 1900)

Nossa casa, nosso entorno material com objetos nos são muito caros, não no sentido material, mas no de um legado, pois carrega a nossa marca e a dos outros envolvidos nessa relação. A maneira como são espacialmente determinados os cômodos da nossa casa e os objetos nela dispostos lembram nossa família, amigos e momentos agradáveis compartilhados nesse meio, e esta sociedade silenciosa – os objetos (Halbwachs, 2004, p. 138) – produz essa impressão de solidez interior.

Assim, as imagens espaciais quando permanecem imóveis por longo tempo, também expõem a estabilidade de outros grupos sociais. A estabilidade da decoração do interior de um alojamento ou da sala do diretor de uma escola impõe ao grupo uma imagem serena de sua continuidade.

Quando um grupo adota um determinado espaço, ele o transforma à sua imagem, bem como acaba por se adaptar às coisas materiais que resistem a ele. Para causar uma mudança nas relações do grupo com o lugar, é necessário que haja um acontecimento de peso, como o falecimento ou o casamento de um dos componentes do grupo, modificando a extensão deste. Também pode ser um acontecimento que modifique a configuração do espaço, como o empobrecimento ou

enriquecimento de uma família, devido a uma falência ou o recebimento de uma herança. A partir destes acontecimentos, nem o grupo nem o espaço serão mais os mesmos.

Existem outros exemplos que definem os 'espaços'. Um mapa afetivo apresentado por Bosi (1994, p.444), que seria os locais definidos pela lembrança da oficina do sapateiro, da quitanda, da pracinha e do campinho de futebol. Assim como no mapa sonoro temos os sons do sorveteiro, do realejo, do barulho dos insetos numa floresta, do silvo dos ventos e das canções que marcam uma época, podemos dizer que os sons também permanecem em nossa memória para definir algum local ou um determinado período.

Um mesmo espaço para duas pessoas pode representar 'espaços' diferentes. Uma pessoa pode correr todos os dias num parque fazendo seu exercício matinal, enquanto outra só irá ao mesmo parque para fazer piquenique. Trata-se do mesmo espaço com significados diferentes para cada uma.

Embora seja caro para uma família desfazer-se de um imóvel tradicional que imponente ocupava um quarteirão, a nova configuração espacial das grandes cidades impõe atualmente o que o ramo imobiliário negocia como 'permuta', ou seja, negociação de troca do imóvel familiar por um andar inteiro no prédio que substituirá o casarão da família. É uma alternativa (aderência do grupo ao seu lugar) para se continuar no mesmo endereço-espaço que pertence à memória deste grupo.

Existem, também, agrupamentos que aparentemente não possuem bases espaciais para garantir sua legitimidade, mas que são determinantes das ligações espaciais, tais como os agrupamentos jurídicos, econômicos e religiosos. As relações jurídicas são desenvolvidas sob o princípio de que os homens têm seus direitos e deveres estabelecidos pela sociedade (macro) a que pertencem e, portanto, podem, de acordo com as leis estabelecidas, adquirir bens imóveis onde quiserem e puderem (relações econômicas). Um grupo social maior determina por cumprimento de leis o espaço a que posso pertencer. Neste caso, a variável tempo tem presença definida nas relações jurídicas, pois a legislação muda, variando conforme a ideologia vigente em cada época.

As relações econômicas são determinadas pelo poder aquisitivo do homem como cidadão, decorrentes da sua posição. Desse modo, os agrupamentos são feitos de acordo com as qualidades ligadas à pessoa e não ao lugar.

As ligações religiosas, por sua vez, estabelecem um relacionamento numa comunidade por meio de suas crenças, desenvolvendo um espaço de relações abstratas entre os componentes desse grupo.

Essas relações estão além de todos os outros agrupamentos locais e não se confundem, seguindo sua própria legislação. Portanto, não podemos simplesmente delimitar certos locais de agrupamentos para afirmar que são suficientes para definir uma pessoa por meio de suas lembranças.

Compreendemos os caminhos que perseguimos até o momento, como norteadores da produção deste trabalho. Acreditamos que este estudo nos trouxe o levantamento dos 'ingredientes' necessários para a produção de um "delicioso bolo". Do mesmo modo que precisamos escolher muito bem os ingredientes, devemos conhecer também as propriedades particulares de cada um, para prever o efeito que causará no produto final. Analogamente, foi o que tentamos fazer neste momento, preparar todos os 'ingredientes' e de posse deles iniciar a produção com o mesmo cuidado e critérios de um grande Chefe de Cozinha.

Sintetizando, compreendemos melhor a substância da memória subsidiada por Ecléa Bosi; obtivemos embasamento sobre a dimensão temporal inerente à memória (Bergson); a experiência individual e ao comportamento psicossocial (memória coletiva) inspirado em Halbwachs; encontramos suporte em Benjamin, quanto à narrativa (oralidade), sensibilizando nossa atenção à complexidade dos fenômenos psicológicos.

A partir desses alicerces teóricos, necessários para construir a trajetória histórica da EMA, em uma versão organizada segundo os depoimentos coletados, buscamos materializar o que identificamos como a experiência histórica dos sujeitos, durante esses anos do período investigado, da cultura escolar da EMA e do entorno social.

O peso dessa responsabilidade se potencializa quando nos lembramos do privilégio de sermos os pioneiros em constituir uma história dessa escola. Mas também nos permite a intensa satisfação em participar escrevendo a sua história e fazendo parte dela.

Capítulo II

A Vez e a Voz dos Personagens históricos da EMA

Destinamos este capítulo para expor as textualizações, os depoimentos a nós confiados. Após, todas as etapas que exemplificamos no Capítulo I, cada versão foi elaborada de acordo com a metodologia proposta e recebeu o mesmo cuidado em todas as fases, garantindo a autenticidade de cada depoimento.

Primeiramente, divulgaremos o trabalho efetuado com o professor Gennari, ou seja, a textualização final, organizada como um texto narrativo.

Após cada textualização apresentamos a Carta de Cessão, concedida por nossos depoentes.

1º ATO – GESTORES DA EMA

1º Episódio

Prof. Antonio Gennari (Ex-diretor/gestão: 28/12/87 a 08/09/1989)

Encontro: 06/01/2010

Eu fui o primeiro diretor da Escola Agrícola. A minha função foi de administrar aquela escola. Além de trabalhar com os professores e com os alunos. Meu contato com os professores foi mais profissional, administrativo mesmo, do que qualquer outro tipo de atividade que eu tivesse lá. Quando eu digo primeiro é porque eu comecei a fazer a escola agrícola! Antes era só um núcleo que Lincoln Magalhães, prefeito de Rio Claro, construiu para fazer reuniões com os agricultores da região e orientá-los quanto às práticas agrícolas. Neste núcleo havia máquinas agrícolas que a prefeitura emprestava ou alugava para os agricultores que precisassem e que, naturalmente não tinham condições de comprá-las. Umas máquinas daquelas! Era um núcleo de orientação a pequenos agricultores. Para que aquele ambiente não ficasse abandonado porque as reuniões não eram assíduas, Lincoln Magalhães achou melhor usar aquele espaço para atender alunos da periferia de Rio Claro após o período escolar. Para trazer os alunos a este local, um ônibus passava onde eles moravam que era perto da escola em que estudavam²⁰ e os levava para esse espaço, que na época ainda não era escola agrícola. Os alunos saíam da escola de

²⁰ Rede física

ensino fundamental ao meio dia. O ônibus passava nesse horário e todos iam para as aulas de reforço. Lá tínhamos as cozinheiras que faziam merenda. Comida mesmo! Eles faziam a refeição antes de começar o trabalho das aulas. Eles se alimentavam bem! Era um bom meio de suprir as necessidades alimentares dessas crianças que, talvez não tivessem muitas condições em conseguí-las. Então, como tínhamos professoras especialistas em nutrição, elas cuidavam dessa parte com os alunos. Eles tinham o período da manhã de aulas na escola comum e depois do meio dia, de recuperação, mas não era algo definido, não eram aulas de técnicas agrícola, eram de Cultura geral, com aulas de História e Geografia. É o que era definido, que constava na época, nesse núcleo de atendimento. Eles ficavam da hora que chegavam ao meio dia, até as cinco horas da tarde.

Havia um grupo de professores do estado à disposição desse núcleo para orientar estes alunos, da periferia de Rio Claro, com ações como o reforço escolar. Tínhamos professor de Matemática, de Português, História, Geografia e até um professor de Educação Física! Estes professores eram “efetivos” do Joaquim Ribeiro²¹, que por solicitação do prefeito ao Governo do Estado estavam à disposição da prefeitura neste núcleo agrícola, no atendimento de recuperação desses alunos.

No começo não era Escola Agrícola. Mas, quando o Dr. Lincoln assumiu uma cadeira de deputado estadual, ele foi trabalhar em São Paulo deixando o substituto dele, o vice-prefeito Kal Machado.

O Kal Machado já tinha outra idéia, tinha outro pensamento. Ele considerou a minha experiência de oito anos e meio no “Ensino Vocacional”²². Como eu trabalhei no “ensino vocacional” no ginásio²³, então ele me chamou na prefeitura e expôs o problema: “- Gennari você tem experiência no ensino vocacional e eu não estou lidando bem com esse trabalho desenvolvido naquele núcleo agrícola. Eu queria transformar ‘aquilo’, Genari. Uma parte do tempo os alunos teriam cultura geral e na

²¹ “Escola Estadual Joaquim Ribeiro”- de Ensino de 1º e 2º Graus, atual Ensino Fundamental e Médio.

²² Forma de ensino oferecida na rede pública de São Paulo nos anos 60, caracterizada por uma proposta pedagógica revolucionária, extinguida pelo governo militar em 1969. O Serviço de Ensino Vocacional – SEV era realizado nos “colégios vocacionais”, também chamados “ginásios vocacionais”. Entre as experiências dos colégios vocacionais destaca-se a pesquisa junto à comunidade, que favorecia o trabalho coletivo do planejamento curricular. Com isso procurava-se, na construção do currículo, trazer a realidade social para o interior da escola, levando em consideração as expectativas, as necessidades e os problemas mais cruciais da população. Além disso, o processo de avaliação nessas escolas era considerado revolucionário por substituir as notas por conceitos. Os alunos se auto-avaliavam em relação aos objetivos, aos métodos e estratégias, conteúdos, conceitos, atitudes, e se atribuíam um conceito que era confrontado no Conselho de Classe. São Paulo teve cinco colégios vocacionais que funcionaram de 1962 a 1969, sendo um deles o Colégio Vocacional de Rio Claro, atual Escola Chanceler Raul Fernandes.

²³ Ginásio – Antigo Ensino de Primeiro Grau de 5ª a 8ª séries (ou recentemente alterada 6º ao 9º ano)

outra, culturas que trabalhassem com a terra, mas que a escola produzisse alguma coisa, trabalhando na terra mesmo!”

Por isso é que surgiu escola agrícola. Ai surgiu o nome de Escola Agrícola, porque era preciso dar um nome para escola e definir um patrono. Como o Kal era muito amigo do meu vizinho que mora aqui na esquina, o Dr. Rubens Guimarães, Dr. Rubens Foot Guimarães era engenheiro agrícola do Horto Florestal²⁴, então como ele tinha certa ligação com agricultura, com o trabalho agrícola, deram o nome dele à escola. Já tínhamos pelo menos a escola com um nome “A escola” do Dr. Rubens Guimarães, escola agrícola de Ajapi²⁵, então ele ficou conhecido como o patrono da escola.

O Kal nessa época, não queria continuar apenas com acompanhamento e reforço escolar, levando os alunos para lá depois da aula. Ele queria transformar o núcleo numa escola. Uma escola com validade, com alunos matriculados regularmente. Criar uma escola que fizesse parte da rede do ensino do Estado, para que, se o aluno ficasse e saísse da escola na oitava série, teria a formação no 1º grau. Se quisesse transferir-se para outra escola no terceiro ou quarto ano, por exemplo, ele pudesse sair da nossa escola agrícola, em condições legais para transferir-se e matricular-se em qualquer outra escola.

Não seria mais uma escola somente para “dar” reforço escolar. Então, montamos a escola. Começamos a criar a escola para publicação no Diário Oficial. A formação de escola teria que ter o registro, teria que sair no Diário Oficial como escola mesmo!

Eu e duas senhoras da prefeitura, da Secretaria da Educação, a Maria Eugênia, não me lembro o sobrenome e a Luci, já falecida, mas eu não sei o sobrenome delas, fomos à São Paulo. Eu conhecia uma pessoa no Departamento de Educação, em São Paulo, conversamos com ele e nos informamos sobre a criação da escola e dos registros que deveríamos providenciar. Para que o aluno saísse da Escola Agrícola como se tivesse feito um curso de ensino fundamental até oitava série regular, podendo prestar concurso ou vestibulinho²⁶ para entrar em escolas técnico-agrícolas. Como os alunos que tivemos na Escola Agrícola, que entraram em escola técnico-agrícola de ensino médio, posteriormente.

²⁴ Horto Florestal, hoje **FLORESTA ESTADUAL EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE - FEENA**

²⁵ Ajapi - Distrito incorporado ao município de Rio Claro, pela Lei Estadual nº 233, de 24 de dezembro de 1948.

²⁶ Processo Seletivo de ingresso ao Ensino Médio de Escolas Técnicas Federais e Estaduais.

Tivemos até um caso interessante, dois alunos nossos fizeram a Escola Técnica de Pirassununga, se não me engano é esse o local, eu não me lembro! Depois prestaram o vestibular e entraram para fazer um curso, mas quando eles estavam no segundo ano, os dois quiseram mudar de curso, prestaram e passaram na Escola de Medicina.

Eu não me lembro o nome deles, mas lembro que foram buscar a documentação de conclusão na nossa Escola Agrícola para levar para faculdade, então foi válido. Nossos registros foram validados e eles fizeram o curso de medicina. Eu acho que na Escola Agrícola que eles entraram, na Escola Técnica Agrícola tinha a área de genética de animais e como também tratavam dos animais fazendo curativos e cirurgias nessa área veterinária, originou essa vontade neles de entrar para faculdade de medicina prestando o concurso vestibular e ingressando. Passaram pelo segundo grau, constatando que a nossa Escola Agrícola foi oficializada! Foi isso que aconteceu, é interessante a gente salientar que a escola formou dois médicos, e que no início eles foram alunos da Escola Agrícola.

Os momentos que ficaram marcantes na minha memória foram aqueles que demonstraram o interesse que os alunos tinham em trabalhar na lavoura, do tratamento da terra, porque nós tínhamos professores, que vieram lecionar a parte agrícola. Incluindo a parte de tratamento dos animais, como aves, todo esse tipo de cultura, que fazia a parte do currículo e interessava os alunos. Não era só o cultivo da terra e o plantio, porque eles plantavam e colhiam feijão, plantavam e colhiam o milho, mas como o aluno não podia subir no trator, eles trabalhavam com a enxada preparando o terreno, e o trator fazia a parte mais trabalhosa.

Os alunos gostavam de trabalhar. O horário todo foi bem estudado. Eu reuni os professores e montamos a parte curricular, enviamos para Secretaria da Educação o nosso plano de trabalho e foi aprovado que os alunos teriam meio período de parte agrícola e meio período de cultura geral, então dividimos assim: uma semana um grupo ia de manhã para as aulas de campo e trabalhava a parte agrícola e a tarde o mesmo grupo tinha cultura geral; enquanto aqueles estavam na cultura geral, de manhã, na outra semana, iam para trabalho agrícola, fazendo um rodízio.

Quando os alunos chegavam da parte agrícola, os que trabalharam pela manhã iam para o banho, porque vinham sujos de terra. Eles levavam roupa para trocar, depois iam para sala de aula, na parte da tarde, após o almoço. Aqueles que

estavam na classe, mudavam de roupa e iam para as aulas de campo. Quinze minutos antes do sinal no final da tarde, os professores da parte agrícola dispensavam os alunos para tomarem banho e em seguida pegarem o ônibus. Às cinco horas, saíam da escola agrícola dois ônibus que depois passaram a ser três.

É interessante eu frisar também que a Escola Agrícola não era uma escola só de meninos, tinham meninas também, acho que eram três classes mistas... Três classes lotadas, lotadas para trabalhar! De uns trinta e cinco alunos cada, no começo.

Não havia necessidade premente da existência de uma escola agrícola na cidade. Mas, esta escola foi criada partindo do princípio daquele núcleo de pequenos agricultores, que tinham sítios, chácaras e não sabiam como administrar e o que fazer com a terra que eles possuíam. Então, o objetivo foi esse, melhorar o nível de conhecimento da parte agrícola, de avicultura e de como lidar com uma granja para estes agricultores. O que contribuiu muito, pois naquela região de Ajapi, naquela época surgiram quatro granjas muito boas. Não sei se ainda existem.

Temos lá a granja IPÊ²⁷ e várias outras. Tem granja lá perto do Campo de Aviação também, que partiu da Escola Agrícola. Lá, a pessoa que implantou era da nossa escola, foi quem criou essa granja e parece que até hoje ela está lá. Então, foi uma novidade assim que a escola surgiu, não por necessidade, era uma zona especificamente rural, porque Rio Claro era mais industrial e comercial do que agrícola, mas não tinha quem atendesse essa área agrícola, então foi muito bem aceita. E quando voltei para visitar a escola (em 2007), vi que melhoraram muito a escola, porque na época que eu a administrava, a criançada brincava a vontade no recreio, no intervalo, às vezes até eles abusavam no córrego que passa lá até hoje, e eu falava: “– Não me entre na água hein! Não vão brincar na água porque não pode!”

Um dos meninos brincando lá, “trepando nas árvores” caiu e quebrou o braço. Daí que surgiu a dificuldade! Eu estava sem o meu carro, porque fui de ônibus! Eu saía daqui e pegava o ônibus ali na esquina da Rua 14. Eu ia e vinha embora de ônibus junto com eles e ficava o dia inteiro lá. Mas nesse dia... “Meu Deus do céu”! Não tinha telefone na escola, mas telefonei na prefeitura para o supervisor de

²⁷ Granja Ipê : Produção e comercialização de pintos, ovos férteis e frangos. Rodovia Rio Claro-Ajapi, km 9 - CEP 13.508-970 - Caixa Postal 67- Rio Claro – São Paulo Brasil

ensino, o professor Anaruma²⁸, já falecido, eu telefonei para ele dizendo que houve o acidente na escola: “ – Teve um acidente e eu estou precisando urgente de atendimento, de uma assistência médica aqui, porque eu acredito que o menino tenha quebrado o braço!” Pedi socorro também para departamento de saúde. Mas, eu tive que andar quatro quilômetros e meio a pé, para o único sítio que tinha telefone, a gente não tinha recursos na época.

No começo não tínhamos telefone na escola agrícola, só depois é que instalaram o telefone, e então o bebedouro d’água que tem hoje lá, que até mudou de lugar, pois antigamente era em outra parte. Melhoraram muito a escola! A água era fornecida pelo do DAAE, pois a usávamos para tudo, para tomar, fazer comida, para o chuveiro, a mesma água, nós podíamos tomar por que era água tratada do DAAE.

No começo, quando formamos a escola, houve a primeira matrícula para o ingresso na escola agrícola, então, fazíamos uma entrevista com os alunos, dando prioridade para alunos carentes, pois a escola era destinada a alunos carentes, então aceitávamos àqueles que tivessem mais necessidades. Hoje talvez, já não seja mais como quando começamos, não que selecionássemos, mas dávamos preferência para os mais carentes e também aos que tinham necessidade de lidar com a terra, com o pedaço de chão que as vezes tinham na casa dele. Assim, no começo o critério era esse: carência econômica e residir em zona rural.

Mas, o principal objetivo era formar a mentalidade do aluno na parte agrícola e não só de cultura de plantas, mas de animais como aves, de como era a formação de uma granja. Nós até íamos instalar uma granja para os alunos trabalharem e aprenderem a lidar com uma. E também com outros animais menores. Hoje não sei como eles lidam lá, mas nós tínhamos dois cavalos que ficavam na cocheira, mas só para os alunos presenciarem e verem o tratamento deles. Ah! Porcos! Também havia o “chiqueiro” eu estava me esquecendo! Eles tratavam, os alunos cuidavam diretamente, da limpeza e da alimentação dos porcos.

Nós tínhamos um bom relacionamento com a FUNABEM vinham especialistas, professores, psicólogas, pedagogas, vinham trazer as informações

²⁸ Francisco Anaruma, Supervisor de Ensino, na época.

para o tratamento dos alunos na parte agrícola, então os professores recebiam orientações e aulas. Elas, as especialistas, ficavam alojadas aqui em Rio Claro, por uma semana, e ministravam os cursos. Recebíamos aulas para aprender o tratamento adequado que tínhamos que oferecer. E tinha um convênio e a verba não vinha para escola, ia para prefeitura. A FUNABEM mantinha uma verba para o desenvolvimento da escola agrícola, para a construção, por exemplo, de alguns dos imóveis que lá existe e que foram construídos com a verba da FUNABEM. Eles vinham inspecionar, vinham verificar se o dinheiro que a fundação estava investindo estava sendo empregado naquilo que estava sendo proposto para ser feito. Também tinha isso! Nós éramos cobrados! Nós éramos cobrados pelo bom andamento daquilo tudo, na parte física, parte cultural e na financeira também!

A gente apresentava as necessidades para a prefeitura e eles destinavam a verba para ser aplicada no trabalho, no que a gente precisava. Nós éramos acompanhados para que verificassem se estávamos obedecendo o que havia sido proposto.

Os alunos se davam muito bem com os professores e vice-versa naquele tempo. Eles sabiam que estavam freqüentando uma escola agrícola. Tinham consciência disso e não precisava chamar atenção deles, ou ensinar como deveriam fazer o trabalho deles. Isso era muito importante, esse intercâmbio entre professor e aluno. Nós tínhamos alunos bons que, vamos dizer assim, entendiam o quê a escola estava propondo e que era o melhor para eles. Sabiam do bem que a escola estava fazendo para eles!

A professora Maysa era professora de matemática, era uma professora que possuía uma formação didática da matéria. E eu como diretor não interferia nas práticas de ensino dos professores. Os professores faziam reuniões. Eles faziam reuniões para discutir o andamento do desenvolvimento da cultura geral e também da cultura agrícola na escola. O que estava se desenvolvendo na cultura agrícola, os professores de cultura geral tinham que ter conhecimento. Saber o que os alunos estavam recebendo dos professores técnicos agrícola para terem um bom entrosamento didático. E essas reuniões eram mensais.

Nós não tínhamos que dar nenhuma instrução diferenciada como escola agrícola, para os professores, para que justamente, toda nossa documentação fosse válida para o estado o currículo teria que ser compatível. Até quem me ajudou, me orientou e me deu no início, vamos dizer assim, os formulários as fichas que o Estado usava para matrícula e transferência, foi o Cardoso. O Professor José Cardoso, que era supervisor também, então ele falou: “- Gennari não fica preocupado enquanto a prefeitura não imprime todo esse material para você eu vou ceder da Delegacia de Ensino do Estado. Você vai usando o que eu tiver é válido, então use até você ter os formulários da sua gráfica.” Naquele tempo tinha delegacia de ensino, tinha supervisor, delegado de ensino, hoje não existe mais nada disso, mas naquele tempo existia.

Então, os professores faziam reuniões mensais, onde os professores de cultura geral e os professores técnicos agrícola mantinham um bom entrosamento.

Eu tive um infarto, me afastei e fiz cateterismo em São Paulo na Beneficência Portuguesa com a equipe medica lá em São Paulo e tratamento com Dr. Laerte que é medico cardiologista aqui. Desde aquela época ele vem me acompanhado durante todo esse período porque eu trouxe toda uma documentação radiográfica para ele ver o que foi feito comigo lá em São Paulo, e me disseram: “ - Professor no momento não há necessidade de fazer uma ponte de safena ou angioplastia. Não há necessidade no momento porque, felizmente o infarto que o senhor teve não foi na grade principal das coronárias”. Coisa que eu aprendi por obrigação de saber que eu tinha essa parte das coronárias e que foi na parte secundária e até um dos médicos brincou comigo: “O senhor vai morrer com ela!”. Eu disse: “ Morrer como?” E ele:“ Enquanto o senhor viver, o dia que senhor morrer, o senhor morre com ela! Não precisa ficar assustado não, o senhor não vai morrer dela...”

Depois que eles fazem essa verificação na gente, pois eles fazem o exame de tudo! Dois ou três médicos da equipe vêm nos relatar e inclusive se eu tivesse que fazer ponte de safena, se fosse o caso, ficaria internado no hospital no mesmo dia, conforme a necessidade ficaria internado e não voltaria. No meu caso não precisou. “O senhor já pode ir embora e vai levando toda a informação para o seu médico, lá de Rio Claro, o Dr. Laerte. Nós estamos transferindo para ele esse trabalho. Quem

vai cuidar do senhor agora será ele. Então ele esta sabendo o que tem que fazer com o senhor”. E de fato, a cada quatro, cinco meses, antes era menos tempo, a cada três meses eu fazia novo exame e ele via toda a parte da coronária. Fazia o exame geral das coronárias que faço até hoje.

Tenho consulta marcada com ele em fevereiro. E eu tive um problema de artrite também, e precisei fazer os exames e ele aproveitou os exames que eu fiz com a Dra. Maria Angélica, e também da parte... e agora... foge à memória! O mal que ela cuidou. E ela fez os exames e me deu o tratamento. Já não tenho mais esse problema, o mesmo que minha filha mais velha teve. Interessante que é transmissível de pai para filho e ela fez tratamento também.

Então, apareceu essa artrite, e a médica falou “– Isso não é doença é um sintoma e é o seguinte: o senhor vai ter isso durante toda a vida. O senhor vai tomar medicamento só para controlar, mas sarar não sara!” Não se pode deixar a artrite evoluir, para não chegar a ser reumatismo, porque geralmente a pessoa fala: “– Já está velho, tem reumatismo! Então para o senhor não chegar a ter reumatismo, vai tomando esse medicamento.”

Eu tenho um colega, que tem 97 anos, o Compadre Vitorino. Vitorino Machado. Desculpe, Vitorino é irmão dele, é o José Machado. Eu falei: “ – Zé, porque você não fecha a mão?” Ele falou “– Não, minha mão chega só até aqui, Gennari, porque eu não tratei bem dela, daqui, eu não consigo mais fechar, porque o meu chegou nesse ponto, então você cuida dela (artrite) como a médica mandou. Toma o medicamento, isso não deixa mais o corpo da pessoa, mas ela precisa ser tratada!” Então é a idade, não é?

Eu praticamente não deixei a Escola Agrícola, “me deixaram”. Como já disse tive um infarto e fiquei três meses afastado para tratamento de saúde, aí eu voltei ao trabalho, mas não para Escola Agrícola, porque a Maysa, professora de matemática já estava na direção, me substituindo. E, como a secretária da educação de Rio Claro, do Azil Brochini²⁹, era a Dona Maria Nilde Mascellani³⁰, que foi a criadora do

²⁹ Azil Brochini – prefeito de Rio Claro de 1989 à 1992.

³⁰ Maria Nilde Mascellani (02/04/1931- SP – 19/12/1999) educadora brasileira, principal figura ligada aos Ginásios Vocacionais. Como professora de Educação, lecionou em escolas públicas do Estado. Foi trabalhar no Instituto de Educação da cidade paulista de Socorro, e em 1959, faz parte da equipe das Classes Experimentais

ensino vocacional no estado de São Paulo, já me conhecia, porque trabalhamos juntos. Era uma sumidade aquela Dona Maria Nilde Mascellani! Que já faleceu! Voltei para Secretaria da Educação, mas para parte burocrática, vendo fichas, coisa e tal. Ela determinou: “Gennari eu quero que você faça o que fazia no “vocacional”, faça um resumo, para as professoras trabalharem com os alunos”; e eu então fiquei com o trabalho burocrático. Numa mesa, pegava o livro, lia história e transformava aquela história adaptada para que a professora pudesse passar para os alunos, eu fiquei mais ou menos uns 4 ou 5 meses nesse trabalho, mas depois eu já não estava mais gostando do que fazia e queria voltar para Escola Agrícola. Falei com ela e ela falou com o Azil e ele me chamou na sala dele e disse: “– Gennari você teve esse problema e a Escola Agrícola para você não é o melhor lugar. Você não tem mais condições de acompanhar uma escola como é aquela. Essa escola vai crescendo cada vez mais e você vai ficando com muita preocupação e eu falei para a Maria Nilde, que não enxergava com bons olhos colocar o Gennari outra vez na Escola Agrícola, pois vou me sentir responsável pela vida dele. Então o jeito é falar a verdade para o Gennari. O que vamos fazer? Se ele não pode fazer também esse serviço que ele está fazendo”. Então ele me chamou e falou: “- Olha Gennari, nós vamos dispensar você, você trabalhou bem...” E eu falei: “– Já sei, já sei, você vai me dar o cartão azul! Azil pode me dar o cartão azul eu vou embora não tem problema não, eu sinto deixar a Escola Agrícola, mas se o senhor esta achando que pode me ocorrer alguma fatalidade, embora eu tenha um médico para minha assistência trimestral, semestral, mas se o senhor e a Dona Maria Nilde acham que é melhor assim, eu não quero ser um empecilho, não quero. Eu sinto deixar a escola porque sempre gostei de trabalhar com alunos, conversar com os colegas e tudo, mas não tem problema”. Foram 3 anos e meio que trabalhei na Escola Agrícola ai eu saí e sei que a escola está bem até hoje.

Olha, eu gostaria de ter feito muita coisa na Escola Agrícola, mas infelizmente a época era de mudança de prefeito, de transição e a gente não tinha muito o que fazer. É a política! E, eu acabei não me realizando pessoalmente, é esse o meu

de Socorro que, fundamentadas na linha pedagógica da Escola de Sévres (França), viriam a ser a semente do Sistema de Ensino Vocacional. Luciano Carvalho, secretário da Educação do Estado de São Paulo na época, formou uma comissão de educadores para elaborar um projeto piloto de educação que levasse em conta a vocação do aluno e abrisse as portas da escola para a comunidade e suas aspirações. Maria Nilde Mascellani foi um dos nomes chamados para fazer parte da montagem do S.E.V. (Serviço de Ensino Vocacional) e após sua criação em 1961, tornou-se sua coordenadora, ficando no cargo até o ano de sua extinção, em 1969. Foi Secretária da Educação de Rio Claro-SP no período de 09/12/1089 a 08/06/1990.

mal, essa minha lamentação, minha lamúria para se dizer assim, mas enfim o que tinha que ser feito, foi feito.

A Escola Agrícola atendeu, na época, os seus objetivos e está atendendo até hoje, atendeu os objetivos que se propôs a fazer. Criar novos elementos, para um tipo de trabalho que não se vê em lugar nenhum, em escola nenhuma. Então, nem que seja num fundo de quintal da nossa casa, que eles desenvolvam essa mentalidade. Embora em nossas casas não haja nem quintal às vezes. Aqui, por exemplo, a parte agrícola está só no vaso.

Rimos do seu comentário, pois o prof. Gennari levou-me ao terraço da sua casa, neste momento, para apreciarmos os únicos vasos de plantas ornamentais da casa, como única representação agrícola que possuía.

Carta de Cessão

Eu, Antonio Gennari, R.G. 4180752-2, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 06 de janeiro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 27 de Outubro de 2010.
 Sujeito de pesquisa: Antonio Gennari
 Prof. Antonio Gennari

3º Tabelião

3º TABELÃO DE NOTAS - RIO CLARO - TABELIÃO MARTINEZ
 Pedro Paulo Martinez
 Av. T. 100 - 300 - Centro - Rio Claro - SP - CEP 13.500-000 - Fone: (19) 3534-1416

Reconheço por Semelhança (S/V) Econômico a(s) firma(s)
 de, ANTONIO GENNARI, Dou Fe, em

Rio Claro, 27 de Outubro 2010

Em Teste, [Assinatura] da Verdade

Valido pelo aut. - Valor R\$ 500 - FOLHA DE C. L. FRAGM.

08704A07588

3º TABELÃO DE NOTAS - RIO CLARO - TABELIÃO MARTINEZ
 Avenida 3 de Outubro, 1116
 Rio Claro - SP - CEP 13.500-000
 Ariano de Camargo
 Escritório Autorizada

2º Episódio

Prof. José Carlos Wurthmann Ribeiro e sua esposa prof^a Maria Cristina Mori Ribeiro (Ex-diretor e ex-professora de Geografia/gestão: 01/04/87 a 18/12/87

Encontros: 06/01/2010 e 06/12/2010

Foi uma batalha que tivemos na época, para conseguir instalar a Escola Agrícola. Foi um projeto feito pelo prefeito Lincoln Magalhães (1986), junto a FUNABEM, que era a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor.

Ele veio me procurar, quando lecionava Matemática no Joaquim Ribeiro. Mostrou o projeto e disse que estaria interessado em instalar uma Escola Agrícola no “Horto de Ajapi”. Eu fiquei interessado, pois fui aprovado no concurso para diretor de escola do Estado e pensei que seria uma boa experiência para mim, antes de iniciar a carreira na direção. Fui ver o que poderia fazer para instalar essa escola. Fui à São Paulo, na FUNABEM, lá recebi todas as orientações e, na época, conseguimos um afastamento do Estado para trabalhar junto à prefeitura de Rio Claro era um programa da Secretaria da Educação elaborado por um médico, cujo nome me “fugiu” a lembrança. Ele foi deputado em Campinas e Secretário da Educação do Estado de São Paulo. Faleceu agora, há pouco tempo. Por este programa, nos afastamos do Estado, essa foi a primeira batalha, conseguimos indicações, arregimentei o corpo docente, todos professores efetivos do Estado: de Matemática, Português, Ciências e fomos à luta para instalar a Escola Agrícola. Isso levou praticamente uns seis ou sete meses.

Fomos para Inconfidentes, no estado de Minas Gerais numa Escola Federal fazer um treinamento. E voltamos a Rio Claro para instalar a Escola Agrícola, que deveria ser direcionada para alunos carentes da região e ensinar práticas agrícolas, para que ao término do primeiro grau³¹, tivessem uma noção de criação de pequenos animais, como avicultura, suinocultura e como fazer uma horta. Só que aí, começaram aparecer os problemas, pois precisávamos contratar um técnico agrícola e a prefeitura não queria contratar. E ainda para “o mal dos pecados”, o Lincoln saiu da prefeitura e foi para Secretaria do Quêrcia³², em São Paulo, assumindo o vice-prefeito Kal Machado. Aí mudou a política, e eu só sei que começaram os atritos! Até que no fim, eu disse, que daquela maneira não queria mais “tocar” a Escola

³¹ Ensino Fundamental

³² Orestes Quercia, governador do Estado de São Paulo, de 1987 a 1991

Agrícola. Mesmo sabendo que era uma escola diferenciada, cujo intuito era preparar os meninos carentes a ter uma profissão na vida...

Estávamos na metade do ano letivo quando tudo começou a acontecer, e na metade do ano letivo eu não podia tirar uma criança da escola onde estava matriculada normalmente, para passar para minha, que nem inaugurada estava ainda. Então o que a gente fazia? Como tínhamos os professores de Matemática, Português, e Ciências, arregimentávamos as crianças de alguns bairros e levávamos para escola. Iniciamos um trabalho de campo com o professor de Ciências, fazendo pequenas plantações e dávamos “o reforço escolar” com aulas de Português e de Matemática. Os professores tentavam da melhor maneira possível ensinar Matemática e Português de maneira diferente. Esses professores, que eram contratados pelo Estado, estavam afastados e sem ônus nenhum à prefeitura, recebendo normalmente do Estado e trabalhando para Prefeitura. Mas, nem sempre o que pensamos ser vantajoso, na realidade, o outro pensa também. Então, se precisássemos de uma folha de papel, tínhamos que vir ao centro da cidade, na prefeitura, no departamento de Educação e pedir a folha de papel. Então, tinha que fazer uma requisição, coisa que nós do Estado não estávamos acostumados e ficávamos horrorizados com essas coisas! Assim, os professores voltaram para seus cargos no Estado e acabou!

Nem sabíamos que havia verba da FUNABEM. Era só entre a FUNABEM e a Prefeitura. Na época se não me engano, minha memória pode estar falhando! Mas eu acho que era o professor Anaruma³³, que estava como Secretário da Educação, na prefeitura e quando eu falei que não iria continuar, ele nomeou um conhecido dele que era aposentado do Estado para me substituir.

Eu me lembro que achei engraçada uma das primeiras atitudes que o meu substituto tomou, que foi introduzir aulas de Inglês no Currículo da escola, porque ele achou um absurdo uma Escola Agrícola de Ensino Fundamental não ter Inglês no currículo. Porque as escolas do Estado tinham Inglês. Era um absurdo o novo diretor não saber que uma Escola Agrícola é diferente de uma escola comum e querer introduzir uma língua estrangeira para essas crianças que mal sabem falar o português, pois a finalidade, o objetivo dessa escola, era completamente diferente de todas as outras onde ele trabalhou! Era o ‘Genarinho’ que foi o meu substituto,

³³ Francisco Anaruma, Supervisor de Ensino, na época e Secretário Municipal de Negócios da Educação, Cultura, Esportes e Turismo, no período de 01/04/1987 a 31/12/1988.

muito amigo meu por coincidência, mas era um absurdo. Bem, é isso que eu acho! Trabalhamos no Ensino amarrados a certos dogmas, a certas coisas que se perguntarmos, não saberemos o “por quê”! Por quê uma aula tem que durar cinqüenta minutos? De repente, todo mundo fica assim... Ah, mas por quê? Como que é isso? Vamos raciocinar: tem aula que tem que durar duas horas e tem aula que tem que durar dez minutos, depende do interesse que ela esta despertando na criança. Por quê a aula tem que ser entre quatro paredes? E você vai à escola!

Se a professora for criativa e planeja: “Eu vou sair com as crianças!” E o diretor diz: “Não pode, pelo amor de Deus, não pode!” São coisas assim, que acontecem e não podem mais continuar. Nós estamos no século vinte um, é “coisa de doido”! Essas coisas que acontecem e não é questão de “cabeça boa”, porque sempre me questionei: “Por quê” tem que ser assim? É para virar um autômato! É como uma piada que eu contava, não sei se me lembro: *“O americano é tão inteligente, tão inteligente, mas quando pega um envelope de sal de frutas, tem que ler a instrução para poder rasgar, se não ele não rasga!”* Esse é o tipo de inteligência “boa” mesmo. São certas coisas que ficamos questionando “porquê”? Qual é o motivo disso aí?

Essa escola foi uma experiência muito rica para mim, por que eu percebi que não adianta ser de direita, de esquerda, de centro, de nada, tem que ser inteligente! Meu Deus do céu! Se vamos criar uma escola, com o nome de Escola Agrícola e depois mudamos toda a filosofia dela! Então, para mim aquilo, nunca chegou a ser Escola Agrícola, nem sei se tem técnico agrícola lá! Isso seria a principal coisa! *“Pô meu!”* Se eu for até lá e falar o que penso, garanto que vão bater em mim, vão sair correndo atrás de mim!

Eu gostava muito de Ajapi do povo de lá, inclusive a secretária da escola era de lá, não sei se ela ainda esta na escola ou se já aposentou, a Ângela³⁴... eu gostava muito dela. Ajudou-me muito lá, mas aquilo era para ser um brinco! Nossa senhora! Aquilo lá bem desenvolvido...!

O objetivo inicial daquela escola era ser uma Escola “Agrícola”. Formar Técnicos em Agricultura. O plano da FUNABEM era esse. A FUNABEM tinha diversas escolas montadas no Brasil, no interior do Brasil, Amazonas, mas todas de segundo grau e então ela queria iniciar a primeira. Nós fomos na Escola Agrícola de

³⁴ Ângela Misson, ex-secretária da escola (período de 1986 à

Inconfidentes, que não era da FUNABEM. Era Escola Técnica Federal, com dormitório.

Essa escola não tinha nada a ver com a FUNABEM. Era uma escola federal de Ensino Médio, fundada pelo Getúlio Vargas, na época da ditadura Vargas, 1930. E a FUNABEM, em um acordo com o diretor dessa escola, na época de férias, cedeu o local para treinamento do pessoal de Rio Claro. Ficamos lá menos que uma semana, acho que três ou quatro dias, no alojamento da escola. Nessa época estava tudo vazio na escola. Os homens dormiam num alojamento e as mulheres em outro. Havia um refeitório, muito bem instalado, por sinal. Era um “brinco” de escola, uma escola modelo, pertencente ao sistema federal de educação.

A escola foi construída dentro de uma fazenda, que tinha plantação de café e criação de gado e o diretor morava numa cidade próxima a Inconfidentes, que não me lembro qual era.

Naquela época, na cidade, eles estavam colhendo alho. É a cidade do alho e, já na entrada da cidade não agüentávamos o cheiro!

A FUNABEM pertencia ao Ministério da Educação. E essa escola era federal. Aliás, é só no estado de São Paulo que não tem muito dessas escolas, porque o resto do Brasil está cheio de escolas federais, porque se o governo federal não faz, ninguém mais faz.

Então, o objetivo era oferecer uma formação agrícola para aquelas crianças, e como em uma escola de primeiro grau, não podíamos formar um técnico naquela idade, só ensinaríamos algumas práticas agrícolas. Para que a criança ajudasse o pai a fazer uma horta em casa, criar galinhas, coelhos...

Quanto à questão de transporte das crianças, nós arrumamos um ônibus que buscava as crianças no bairro do Cervezão, onde fica a escola “Nelson Stroili” e em outro bairro que não me lembro o nome.

Nos afastamos do Estado, por esse projeto elaborado pelo médico, que faleceu a pouco tempo... Ô meu Deus do céu! Nós falamos tanto dele! Ele fez inclusive o Hospital da Mulher em São Paulo. Conseguiu terminar, o que eles não terminaram na gestão do Quéricia. Era de Campinas, da Unicamp. Mas, não me vem o nome! Eu lembro até a fisionomia dele, mas não consigo lembrar o nome! Foi também, candidato a governador, Secretário da Educação e Secretário da Saúde pelo Estado também, mas só vem o nome “Fleuri” na cabeça. Ô meu Deus do céu,

me sumiu o nome dele³⁵. Foi na época do Quércio, ele era muito amigo do Quércio, enfim nos afastamos por meio do projeto criado por ele.

No começo, para ajudar a montar a escola, quando levavam esses meninos desses dois bairros, eu ministrava algumas orientações de geografia, a localização no campo, algumas coisas assim, comenta dona Cristina, esposa do prof. Wurthmann, e a Ângela (professora de Ciências) dava algumas orientações de Ciências. A Ângela já faleceu. Teve aneurisma e em uma semana ela se foi! Ela estava junto conosco, e foi plantar feijão com os meninos no campo.

Naquela época nós não fizemos muito, pois estávamos na metade do ano. Só foi possível levá-los a conhecerem o local, para depois, aumentar a clientela, quando iniciasse o outro ano, mas aí ... O ano já se iniciou com outro pessoal. Nesse meio ano, acho que havia uns vinte alunos. Que estavam no quarto ano. A gente queria levar uma turma de manhã e outra turma à tarde, mas não deu. Não conseguimos. Só os que estudavam de manhã iam à tarde conosco, porque não havia ônibus de manhã.

A Cristina Fisher, professora de Artes também estava conosco. A Hebe Magalhães. Uma professora de Português, nos ajudou também, porque tinha a parte de Português para revisar, pois nos estávamos montando tudo da escola. A gente estava só fazendo a papelada para poder instalar a escola. Mas, quando instalou, foi outro pessoal para lá, então nós retornamos, eu retornei para minha sala de aula, ele retornou para onde estava, então nós fomos afastados, assim praticamente meio ano, ficamos só para montar toda a estrutura e depois passar para os outros!

Começamos a desistir, porque o Lincoln foi atuar como Secretário do Estado de São Paulo e entrou o vice-prefeito Kal Machado aí a “filosofia” mudou totalmente! Se precisássemos de uma caixa de fósforo não tinha e mandaram derrubar e tudo que nós tínhamos feito alegando que iam fornecer feijão aos funcionários da prefeitura. Então, é tudo coisa de política!

Só ficou lá a moça da secretaria da escola, a Ângela. Eu acho que eles não tiraram a Ângela porque ela era residente em Ajapi, se não fosse isso acho que eles tinham tirado.

Mas, então, alguns faziam aulas de reforço. Reforço de Matemática, reforço de Ciências, de Português, nós tínhamos até um horário estabelecido, para não ficar

³⁵ José Aristodemo Pinotti foi secretário da Educação do Estado de São Paulo entre 1986 e 1987 (gestão FrancoMontoro)

muito “maçante” para as crianças. Tinham aulas de Educação Física. Nós fazíamos com que as crianças jogassem vôlei, ali no pátio.

Naquela época não existia essa preocupação de tirar o menor da rua. A gente queria pegar o menor e colocar na escola. O objetivo nosso era esse. Existia delinquência sim, mas não era exacerbada como é hoje. Mas o problema nosso era ter aluno para escola começar a viver.

Nós percebemos que a intenção da prefeitura era acabar com a escola. Não queriam mais a escola. Mas, eles não acabaram com a escola porque nós a fizemos funcionar na “marra”. Esse orgulho eu tenho! Se não fosse essa turma, essa escola não tinha começado. Apesar de todos os erros, temos uma escola funcionando lá. Isso é importante, não só para Rio Claro, não! É importante para Ajapi também, agora se eles não sabem usar, isso é outro problema, porque se eles fizessem uma escola bem feita, essa escola poderia produzir verduras para todas as escolas de Rio Claro, podia estar produzindo peixe para todas as outras escolas da prefeitura. Teria uma merenda super rica, só com essa escola.

E, quantos anos esse Horto do Ajapi existe? Desde o tempo que eu era criança, já vão lá 70 anos, eu fui lá com meu pai, que trabalhava na prefeitura, chupar laranjas quando era moleque. Lá tinha um departamento de tratamento de água, lá no fundão, as bombas ainda estão lá, do Departamento de água.

Rio Claro é uma cidade interessante. Nossa Senhora! Aqui, o que se desperdiçou de oportunidade não está escrito no “gibi”. Impressionante! Mas, a escola está lá, isso que é importante, uma hora vai dar um “estalo” e eles vão falar: “Isso aqui é para ser uma Escola Agrícola, e quem sabe aí comece a ensinar um pouco de agricultura para essas crianças. Porque nessa periferia de Rio Claro, noventa por cento das famílias são de origem rural.

Pinote! (Lembrou-se dona Cristina, o nome do médico). Ele criou um projeto, que afastava os professores do Estado para trabalharem junto à Prefeitura com escolas de período integral, sendo remunerados pelo Estado, justamente para que as crianças ficassem em período integral na escola.

Por que esses alunos, por exemplo, estavam em “período integral”, iam de manhã à escola deles, acho que era da Escola “Garcia Losz”³⁶, que ficava no outro bairro. Lembrei agora o nome da escola que era Garcia Losz.

³⁶ Escola Estadual “Prof. Roberto Garcia Losz”

Inclusive era uma recém inaugurada escola. Eles iam à tarde e ficavam com a gente para que déssemos uma nova orientação para os alunos, porque ao invés de ficarem na rua, iam para Escola Agrícola. Assim, teriam aulas no período da manhã, e a tarde trabalhariam no campo, quando a escola iniciasse, e depois outra turma estudaria a tarde e trabalhariam de manhã no campo.

Nós íamos iniciar dessa forma, estávamos fazendo os papéis, pois ainda não tínhamos a escola “em mãos”.

Iam somente os alunos interessados, mas eram sempre os mesmos que iam para a escola e iam porque gostavam!

Inclusive nem tínhamos “lista de chamada”! Nem merenda para oferecer às crianças. E eu não sabia nem dessa verba, não sabia que tinha verba da FUNABEM. Nunca deram nada para nós, fizemos tudo somente recebendo o nosso salário, do Estado, recebíamos o salário como se estivéssemos dando aula normalmente.

Será que era verba para eles fazerem a instalação lá? Ou melhorias no prédio, alguma coisa assim? Já tinha uma parte feita. Aquele prédio eu não sei nem quem fez. Quando nós fomos para lá, já existia o prédio.

Lá era o Horto Municipal de Ajapi. Tinha um barracão de madeira, a casa de um senhor que morava lá. Tinham os que trabalhavam com essa parte de cultura Orgânica. Era um casal pertencente à Fundação Mokiti Okada e as vezes nos íamos até lá para ver e trocar idéias com eles.

Então, fomos nós que, praticamente, instalamos a escola. Aulas mesmo? Nós não demos. Era só aquele primeiro contato. Não teve livro ponto ou alguma coisa que indicasse a existência de uma equipe, não teve não.

O professor de Matemática, Marcos Welmuh³⁷ fazia, por exemplo, canteiro para os alunos. “Então vamos medir!” E ensinava as crianças a usar o metro. Formas geométricas: “- Vamos fazer um retângulo aqui no chão, fazer um canteiro retangular. Fizemos um canteiro redondo e plantamos caju. Cajueiro. Inclusive, fizemos um arremedo de feira lá, como é que chamava? Uma espécie de feira. A gente inventava para movimentar e os produtores da região participaram. Vieram o

³⁷ Marcos Welmuh – 1º professor de matemática, nos registros da escola, permaneceu de maio a dezembro de 1987.

peçoal também, da Agrocere³⁸. Fazíamos de tudo para chamar atenção para a escola que ia iniciar.

Quanto ao ponto de vista histórico cultural, não sei se a escola vai conseguir cumprir seu papel! Eu espero que consiga um dia! Mas, eu tenho impressão que nem lá, no núcleo de Ajapi, as famílias põem as crianças para estudar na Escola Agrícola. Acho que põem em outra escola, de lá mesmo, é a impressão. Faz tempo que eu não vou mais para lá. Mas, acho que não atingiu, não quiseram, não fizeram o mínimo esforço, é como eu já disse: se fizessem o mínimo esforço, era para a escola fornecer verduras para todas as escolas municipais.

O terreno que tem lá é uma maravilha, é um pecado não utilizá-lo! E sendo que com pouca coisa, teriam a mão de obra dessas crianças! Nossa Senhora! Porque se a criança gostar, a criança faz! Criança faz! Inclusive, eu me lembro bem, na época em que fomos para Inconfidentes, era uma época de férias. Chegamos lá na Escola Agrícola de Inconfidentes, que fica inserida numa fazenda e que tinha organização de trabalho, na época de férias, alguns alunos ficavam de plantão para cuidar da criação, haviam os que eram encarregados da comercialização dos produtos, para aprenderem a preencher uma nota fiscal, a fazer a contabilidade, isso tudo era feito pelos alunos, em época de férias! Eles estavam dando plantão, porque como tinha criação, não podiam simplesmente, entrar de férias e não tratar os animais. Aí então tinha uma escala, os alunos ficavam durante as férias, trabalhando na escola para mantê-la produzindo.

É verdade, é para arrepiar, porque todo mundo critica o jovem que não faz, o jovem faz! Precisa ter condição de fazer e dar condição, aí eles fazem!

Eu gostaria de ter instalado mesmo essa escola! Eu gostaria que a escola estivesse funcionando regularmente, com aquela minha equipe! Porque daí talvez, a “turma” visse que era um “negócio” que valia a pena continuar investindo. “E a organizar uma cooperativa!” Lembrou da. Cristina. É, organizar uma cooperativa. A nossa escola não teria esse nível, mas teria mais ou menos a mesma filosofia, comercializar os produtos, emitir uma nota fiscal, com orientação dos professores, enfim era isso que a FUNABEM queria que fosse desenvolvido nas escolas agrícolas mantidas por ela.

Não acredito que as escolas agrícolas poderia dar conta de evitar o êxodo rural, não acredito. Esses movimentos sociais, a gente pode falar que é inexorável,

³⁸ AGROCERES NUTRIÇÃO ANIMAL LTDA.

vemos no mundo inteiro a urbanização, o que acontece é que, não é porque a pessoa vem morar na área urbana que ela terá que abandonar a produção rural, todo mundo quer melhorar e pode melhorar, a produção rural também, como está provado agora, o país nunca teve uma agroindústria tão forte quanto hoje, a gente vai para o interior do Brasil, e “caímos das pernas” ao ver o que esta acontecendo: Um verdadeiro milagre! Em menos de vinte anos rodamos bastante esse país, e agora só tem plantação onde não havia nada anteriormente. É, o tempo passa, mas eu não acredito que a filosofia da FUNABEM fosse para evitar o êxodo rural, era para atender a criança carente, mesmo. A filosofia deles era para atender as crianças, porque o êxodo rural é impossível de ser detido, aconteceu no mundo inteiro e aqui não vai ser diferente.

Mas, no mundo inteiro, pelos comentários, vemos o protecionismo dos países da Europa com seus produtores rurais, e na Europa o continente europeu esta mais do que urbanizado, mas continuam produzindo, com proteção, sem proteção

É um absurdo a gente ver, por exemplo, aqui no Brasil essas grandes usinas de açúcar comprarem uma máquina colhedeira de cana e colocam mil homens na “rua”. E o que eles vão fazer se só sabiam cortar cana? Cria um problema social grave. Agora parece que eles estão atentando para esses casos e estão preparando os homens. Alguns aprendem a manejar as máquinas, outros vão para outro tipo de serviço, para evitar um grave problema social. E, não se pode deixar de usar máquinas, não é? Mas, no começo teve muitos “bóias frias” que passaram necessidades graves, porque perderam o emprego, de repente. Sem nenhuma formação, porque só sabiam cortar cana, todos com o mínimo de escolaridade, infelizmente a zona rural sempre “carregou o piano”, não é?

Mas a FUNABEM tinha as melhores das intenções. E eu nem me lembro quando que se extinguiu, eu sei que de repente não se falou mais, de vez em quando até penso naquela turma do Rio de Janeiro que foi até a escola, era uma turma simpática, mas nunca mais soube de nada.

A FUNABEM e a FEBEM foram concomitantes se não me engano. Aí tem alguns detalhes que eu não me lembro, por exemplo, quem nomeava o diretor da FEBEM era o governador do Estado, e tinha uma espécie de “prisão de menores”.

Agora a FUNABEM eu também não sei se tinha esse tipo de “prisão de menores”, porque só conhecemos o projeto, e faz muitos anos. Mas eu sei que a FUNABEM era federal tanto que essa turma toda que nos dava orientação era do

Rio de Janeiro, eles vinham de lá. É, agora o que virou, como que foi extinto eu não sei.

Ah! Já faz um bom tempo que aconteceram esses fatos, “não é”? A única coisa que eu acho é que de lá para cá nada melhorou, vem sempre piorando de pouquinho em pouquinho. Está sempre piorando, eu só ouço político falando que vai melhorar o ensino, vai melhorar o ensino, mas não fazem nada para melhorar! Vêm com uns planos “mirabolantes”, coisas do “arco da velha”! Para melhorar o ensino e não precisa nada disso. Ensino é uma coisa séria! Você quer melhorar o ensino? Vamos colocar gente que queira ensinar, só isso. Agora fica essa “pirataria” para lá e para cá, cada um vem com um plano. E Nada! Eu pergunto, brincando: “Qual é a coisa mais difícil que você imagina para uma pessoa aprender?” Alguns falam Matemática, outros falam: “não é a língua japonesa? Ou língua a chinesa!” Se eu tivesse que aprender aquilo lá, eu seria analfabeto até hoje, porque são quantos símbolos? 12 mil? 13 mil? E não é que o chinês aprende! Meu Deus do céu! O japonês aprende!

Imagine como que é a cabeça do ser humano, que coisa extraordinária! Imagina se eles lá fossem fazer essas coisas que nós fazemos aqui no Brasil, a cada político que sobe, quatro anos muda e “*pô meu*”! Vamos ensinar simplesmente!

Não é verdade? Eu de vez em quando fico pensando, como que eu aprendi a ler e escrever, lá no grupo escolar “Joaquim Salles”, eles não tinham esse método moderno, e todo mundo aprendia, agora fazem essas coisas e o sujeito sai do “quarto ano primário”³⁹ e mal consegue escrever o nome dele! Coitado! Mas, não é? Eu não entendo!

E fica cada vez pior, uma coisa tão simples de você imaginar, se nós temos um sistema educacional do estado de São Paulo, que se arrola que é o melhor do Brasil! Eu, acho que não é verdade, já faz tempo. Mas vamos lá, como que pode um sistema educacional não saber o que um professor de Matemática esta ensinando lá, na “barranca” do Paraná e o outro está dando aqui em São Paulo? Para ser um sistema educacional, todos deviam seguir o mesmo conteúdo, então se uma pessoa é reprovada lá na “barranca” do Paraná porque não sabe FRAÇÕES, o outro deve ser reprovado aqui em São Paulo porque também não sabe FRAÇÕES! E não é o que acontece, geralmente se você está numa escola boa, você é reprovado porque você não sabe determinado assunto, e o outro lá na “barranca” do Paraná não está

³⁹ Equivalente ao 5º ano, atualmente e antiga 4ª série do Ensino Fundamental I.

sabendo nada e está sendo aprovado, e fala que é um sistema educacional! O duro é isso. Quero dizer, nunca teve unidade, como que é um sistema se não tem unidade? Cada um faz o que quer! Isso não existe, e se você vai comentar sobre essas coisas corre risco de apanhar, viu? Porque até colega seu quer bater em você, dizendo: “O que é isso? Você é contra a gente? Você é contra? Pô! Você tem que pensar: Como é que se faz essas coisas?”

Isso não existe! Eu me lembro quando estudava no grupo escolar, chegava no fim do ano, tinha o exame final, e nesse exame final, vinha um inspetor de fora da cidade que passava nas escolas, nos grupos escolares, para ver as provas, para ver se estava unificado no estado inteiro, porque não importava se estava em Rio Claro, em Olímpia, em Santa Gertrudes, aonde fosse, todos para serem aprovados tinham que ter aquele conhecimento básico, que é o mínimo que você pode exigir do sistema educacional. Mas, acabou. Acabou porque ficava muito caro manter os inspetores. É verdade, isso é verdade. Assim como, fica muito caro você manter o professor. Você não viu a nova do nosso governador Serra⁴⁰? Agora, para você receber um aumento, vai ter que prestar um exame!

Só que serão classificados vinte por cento do universo, daí você recebe um aumento, e acha que isso está certo? Ele acha que isso está certo. E que vai melhorar o ensino com isso. “Ô, estou dando um incentivo para o professor!” O homem é um bom economista, não é? Mas é um péssimo professor. Pelo amor de Deus o quê é isso? Ele ainda, fala que é professor, você pode observar, todo político agora é professor. Não é, é interessante isso daí.

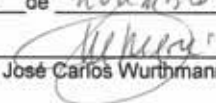
Eu sinto muito que essa escola não atingiu os objetivos com que ela foi criada. Aliás, não sei se o Lincoln que na época era o prefeito tinha entendido qual era o objetivo da escola que ele pediu para eu instalar. Eu espero que ele também tivesse essa mesma esperança. Porque inclusive ele tem um sítio, lá em Ajapi, então, ele mexe com isso. Mas infelizmente a escola não atingiu, os objetivos, não. Eu nem sei como eles estão arregimentando alunos lá na escola!

⁴⁰ José Serra, ex- governador do Estado de São Paulo (2007-2010)

Carta de Cessão

Eu, José Carlos Wurthmann Ribeiro, R.G. 2.204.850/6, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 06 de janeiro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 15 de novembro de 2010.

Sujeito de pesquisa: 
Prof. José Carlos Wurthmann Ribeiro

Carta de Cessão

Eu, Maria Cristina Mori Ribeiro, R.G. 2.265.722, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 06 de janeiro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 15 de novembro de 2010.

Sujeito de pesquisa:

M. C. Mori Ribeiro
Prof.^a Maria Cristina Mori Ribeiro

3º Episódio:

Maíza Cristina Roseira Ferro - (Ex-professora de Matemática e Ex-Diretora/gestão: 24/02/88 – 05/02/90)

Encontro: 28/04/2010

Eu ingressei no Estado em 1985, em dezembro não como professora, mas como inspetora de alunos, na época eu já tinha terminado a Faculdade, a Universidade de Ciências e Licenciatura Plena em Biologia na UNIMEP. Aí surgiu esse concurso, eu prestei e ingressei como inspetora de alunos na escola Nelson Stroili, permanecendo até 1987. Acho que foi fevereiro. Não. Foi em abril. Depois, ingressei como professora com algumas aulas eventuais e depois acabei pegando aulas livres em Itirapina⁴¹, inicialmente de Matemática e depois de Ciências. Mas, acabei me envolvendo mesmo e me apaixonando pela Matemática. Dei aulas de Matemática por muito tempo.

Em 87, 88 surgiu a oportunidade na Escola Agrícola. Lembro que quando comecei a escola ainda estava bem no seu início. Não tínhamos lousa, escrevíamos na parede e apagávamos com pano úmido, por que a escola ainda estava se estruturando. Foi bem no início mesmo. Nós tínhamos alunos bem diferentes uns dos outros. Alguns com dificuldades relacionadas à alfabetização, de aprendizagem, outros alunos com uma história de vida bastante difícil e complicada. Era aquele aluno que já tinha percorrido várias escolas e de repente, foi para lá tentar uma nova oportunidade. Porque tínhamos além de diversas disciplinas, também a parte prática. Eu lembro que o Sr. Gennari era o diretor naquele momento. Eu cheguei primeiro, depois veio o João, a Carla, a professora Ângela Belam de Geografia. Professor João era de língua portuguesa, a professora Cristina de Ciências. Tínhamos também o professor de Arte, o Evaldo que já faleceu. História? Estou me recordando! Faz mais de vinte anos, não é? História... Era a Carla, Maria Carlota! Nós a chamamos de Carla carinhosamente. Então, era uma equipe bastante unida, nós tínhamos também os professores técnico-agrícola, enfim era muito gostoso trabalhar, eu era muito jovem. E ainda sou, não é? (Risos). Mas, na época era bem mais, e trabalhávamos com muito carinho com aquelas crianças. Além de ensinar o conteúdo da disciplina, também trabalhamos com conceitos de respeito, de

⁴¹ Itirapina - município limítrofe a 40 km de Rio Claro-SP, possui aproximadamente 14.829 habitantes.

disciplina, falamos sobre higiene pessoal e tudo que você possa imaginar. Então, para mim foi uma época em que eu aprendi muito, muito, e foi muito importante!

Depois a escola foi se estruturando, se organizando, tomando aquela forma de uma escola mesmo! Ficamos e trabalhamos juntos. Essa equipe trabalhou junto por algum tempo e depois, lembro que o Sr. Gennari ficou doente, ele teve um problema no coração. Acho que ele teve que fazer uma ponte de safena. Eu dava aulas de matemática como já falei e a Cris, a Cristina que dava aula de Ciências e os outros professores me pediram para substituí-lo, porque eu tinha feito Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação em Administração, pois me formei muito cedo. Com 17 anos eu entrei na universidade e com 20 já tinha a Licenciatura Plena em Biologia. Depois eu fiz Pedagogia, e também, Supervisão Escolar. E, agora a uns 4 anos atrás, fiz uma especialização na Unicamp em Gestão Escolar. Talvez, esse momento em que como professora, acabei como diretora, incentivou-me a continuar na gestão escolar. Assim, percebi que realmente gostava disso, mas no começo, para mim foi difícil porque eu não tinha experiência nenhuma! De repente chegaram para mim e: “ - Maíza o Sr. Gennari esta doente, ele vai fazer uma cirurgia, você pode assumir como responsável?” Não era para ficar na direção, mas como responsável pela direção e eu não consegui falar não! Para ajudar a equipe e a escola, aceitei e disse: “ - Eu também vou aprender junto com vocês, por que para mim é a primeira experiência!”. Então, lembro que ora eu estava na sala de aula, ora respondendo pela direção! Foi uma época de grande crescimento profissional.

Em alguns momentos passei por algumas dificuldades. Lógico. Era evidente porque eu nunca tinha exercido essa função! Então, eu pedia ajuda. Cheguei, muitas vezes, a conversar com o Secretário da Educação, na época o Helmut⁴², ele muitas vezes conversou comigo, me orientou e me ajudou. Problemas sempre surgem, a gente tinha um grupo de alunos, alguns deles com problemas comportamentais mesmo! Então às vezes surgiam alguns problemas e a gente sempre pedia ajuda e sempre conversava muito. Alguns até eram casos extremos, com alguma violência, um tapa ou alguma coisa assim. De conviverem tanto tempo juntos, às vezes, acabavam se desentendendo. Nada, além disso, nada grave, coisas que acontecem, mesmo! Ainda mais numa escola onde ficavam dois períodos, não apenas um! Mas,

⁴² Helmut Tropmair – 1ªGestão como Secretário Municipal de Negócios da Educação, Cultura, Esportes e Turismo de 01/01/1989 a 23/08/1989 – 2ª Gestão 01/01/1993 a 31/12/1996.

eu quero ressaltar que em momento algum nenhum aluno gritou comigo ou foi mal educado. Não. Eles sempre ouviam, atendiam e a gente sempre primou pelo diálogo. Queríamos que eles dialogassem e se entendessem através do diálogo, não usando as mãos, a violência ou mesmo palavras agressivas. Então, com o tempo eles perceberam isso, e se transformaram em excelentes alunos e pessoas. Encontro com alguns deles até hoje e tenho muita saudade! Hoje, são homens e homens de bem! Emociono-me por que foi assim: “Uma época onde eles apostaram talvez a grande oportunidade da vida deles aí nessa escola. Eu não sei da vida de todos, não sei como estão todos, alguns eu encontro e sabendo que estão bem, eu acho que nossa missão foi cumprida de certa forma. Não digo que tenha surtido o mesmo efeito com todos, porque eram muitos alunos, eu lembro que começamos com poucos e depois foi crescendo o número de alunos, crescendo...

Depois da cirurgia o Sr.Gennari ficou mais um tempo afastado. Depois do segundo ano, como responsável pela direção, eu e mais um grupo não retornamos para escola (foram dispensados sem justificativas), assumindo a nova diretora Regina. Eu não gostaria de comentar sobre isso. Porque assim foi. Hoje eu consegui assimilar o que foi feito, mas na época eu não entendia e achava que não foi o correto, mas eu não quero falar sobre isso.

Nós estávamos no começo, não tínhamos um livro didático adotado, mas, como eu já tinha começado a trabalhar também no estado, eu participava de reuniões e sabia qual o conteúdo pertinente as quintas, sextas, sétimas e oitavas séries.

Eu gostava e gosto muito de lecionar matemática e até hoje eu leciono ainda! Também sou professora, à noite trabalho no SESI como professora-orientadora do Novo Telecurso, no ensino fundamental. Lá a gente trabalha todas as áreas de conhecimento, eu gosto muito de ensinar! Na Escola Agrícola eu fazia com amor, então aqueles que tinham dificuldades, superaram muitas delas, não todas, porque isso requer bastante tempo. Eles participavam indo à lousa, coisa que o aluno geralmente não quer fazer, têm receio e eu tentei deixá-los tranquilos, então eu colocava o conteúdo na lousa muitas vezes preparava atividades, na época, com mimeógrafo, hoje a gente nem usa mais esse recurso, as coisas estão muito mais fáceis! Eles faziam as atividades, participavam, tinham notas, não era conceito na época. Eles procuravam se esforçar bastante. A gente tinha aqueles com bastante dificuldades, mas temos que considerar o quanto ele avançou, não se ele acertou,

se colocou o resultado correto ou não, mas o raciocínio dele, se ele avançou, se conseguiu entender. E devagar a gente ia corrigindo essas falhas foi uma experiência bacana!

Matemática, não é minha formação, mas em função disso, dessa experiência na Escola Agrícola eu fiquei muitos anos dando aulas de Matemática. Trabalhei em Ipeúna⁴³, dei aulas de Matemática e Ciências, nove anos! Mais de Matemática que de Ciências. Depois, eu fiquei na vice-direção em Ipeúna, também até 2007, quando vim para o Barão⁴⁴ e estou até hoje. Então, eu tenho um bom tempo na vice-direção, ou seja, na administração de uma escola, na gestão de uma escola. E eu tenho certeza, o que me motivou, foi o início lá na Escola Agrícola. Essa experiência como diretora na época, não sabendo direito como funcionava, mas ao lado de pessoas que me ajudaram bastante. Hoje estou aqui e já trabalho no Estado a vinte e quatro anos! Então, pretendo me aposentar como gestora mesmo, e continuar trabalhando como educadora, pois gosto de ensinar! E é isso.

É uma história que eu resumi muito rapidamente. Eu trabalhei muito tempo em poucos lugares. Eu tenho experiência na Escola Agrícola, em Itirapina, no Irineu Penteado que hoje já não é mais a Escola Irineu Penteado, no supletivo, na época; no Sesi, na Escola Marcelo de Mesquita, em Ipeúna e Escola Barão de Piracicaba. Quero dizer, eu fiquei bastante tempo em cada lugar que eu passei, em Ipeúna fiquei 18 anos, e aqui no Barão eu pretendo me aposentar. Então isso é bom! Eu acho que foi um bom trabalho, pois quando uma pessoa fica certo tempo numa escola, tende a ficar cada vez melhor, não é? Porque conhece a realidade da escola, dos alunos, então a tendência é de fazer um trabalho cada vez melhor e digo uma coisa: aprendo todo dia. Todo dia! Não me considero uma profissional que saiba de tudo, pois todo dia eu aprendo alguma coisa. Com certeza!

Inicialmente, na Escola Agrícola trabalhava-se em período inverso ao escolar, com alunos que iam para lá e ficavam no período da tarde, essa fase foi logo no início, a gente dava “reforço” buscando sanar as dificuldades. É que faz tanto tempo! Eu estou buscando na minha memória. Me desculpe as falhas da lembrança, porque é difícil.

⁴³ Ipeúna é um município do estado de São Paulo, a 19 km de Rio Claro com população aproximada de 5.691 habitantes.

⁴⁴ Escola Estadual Barão de Piracicaba, escola onde nossa depoente é a vice-diretora.

Eram poucos, nessa época, não me recordo quantos, mas era um grupo pequeno de alunos. E a gente trabalhava as dificuldades principais deles, porque a escola ainda estava se organizando. Depois, quando já começou mesmo, oficialmente a trabalhar com quintas e sextas-séries, a escola já estava formada, já tinha tudo que precisava para dar certo. E foi nesse período, eu lembro, que o ônibus pegava esses alunos, percorria um trajeto, inclusive levava também a nós, os professores. Não eram todos aqueles que eu falei no início, alguns deles, e depois foram contratados outros, porque não foi no começo do ano isso. Acho que foi mais, em agosto, uma coisa assim!⁴⁵ Eu não me recordo muito bem. Mas, não foi logo em janeiro, por isso nesse período a gente ficou com esses alunos e depois iniciamos o ano já com tudo formadinho, eu acredito que tenha sido isso.

Como objetivo inicial, a idéia era que eles adquirissem noções básicas de agricultura, de zootecnia, enfim que eles não tivessem só as disciplinas regulares, mas também trabalhassem com essa parte teórica e prática agrícola. Não lembro todas as disciplinas que envolvia essa parte mais técnica, mas eles iam para o campo, eles trabalhavam e o objetivo era que eles depois de terminada a oitava série ali, procurassem ou tivessem interesse em procurar uma escola técnica agrícola. Muitos foram e depois quem sabe? Uma faculdade. Um engenheiro agrônomo, quem sabe? A nossa pretensão era essa: “Que a gente pudesse incentivá-los a fazer depois um ensino médio, um curso técnico, e depois uma faculdade, uma universidade também direcionada para esse lado. Eu sei que alguns chegaram a fazer Escola Técnica. Eu lembro da minha época, e acredito que estejam bem hoje! Então era essa a nossa idéia não é? Tinham os técnicos agrícolas: Djalma que lidava com a horta, tinha o Sérgio, Zé Roberto⁴⁶. Que ainda está lá. O Zé Roberto começou praticamente, junto comigo, lá na época.

Na verdade, nossos alunos eram crianças em sua maioria, alguns adolescentes, alguns ainda crianças, “ainda” porque dez anos para mim, é criança! Alguns tinham um comportamento difícil, porque tiveram uma história de vida difícil. Então muitas coisas eles acabaram não adquirindo, não aprendendo durante esses anos de vidas deles. De repente chegavam num local, onde iriam estudar, onde havia uma equipe empenhada, disciplinada. Porque eles tinham que ter disciplina,

⁴⁵ Os arquivos apontam o segundo semestre de 1987

⁴⁶ Na época da entrevista, o técnico-agrícola José Roberto Jesser ainda era funcionário da EMA, sendo transferido para a SEPLADEMA, no início do segundo semestre de 2010.

essa é a palavra! Então, alguns entraram em choque, em conflito, por não entenderem isso.

Nós tivemos que ensinar o que é ter respeito, o que é ter disciplina. Eu particularmente, nunca tive problema com nenhum deles, pelo contrário eu sempre falo baixo. Claro, às vezes, a voz tem que chegar antes do meu corpo. Aí, a gente fala mais alto, mas para conversar! Houve algumas situações que eu tive que chegar, num tom mais alto. Chamar os pais, os responsáveis, conversar com a equipe. Mas eu não me lembro de um fato mais grave que tenha ocorrido e não tenha sido resolvido, não me recordo! Então, eram alguns que realmente, não estavam encontrando uma escola que os aceitasse e eles acabavam indo para lá, ou seja, eles foram tentar uma nova oportunidade, era uma escola diferente, a idéia era boa, e é boa, era e é.

Lá eles têm a formação normal regular e também toda essa outra diversidade de aprendizagem, área técnica, agricultura. Trabalhavam com os animais e isso é, para mim, uma higiene mental. Quando eu tinha um dia mais difícil, e tinha um tempinho, eu ia à horta, ia dar uma volta na escola, primeiro porque fazia parte do meu trabalho eu tinha que ver como as coisas estavam e outra, que para mim era uma “higiene mental”. Você estar ali cuidando de uma planta! Na minha época não tinha muitos animais, depois eu sei que a escola cresceu, mas como a escola estava no começo, lembro mais da parte de agricultura. Na minha época nós tínhamos até mais teoria do que prática. Depois eu sei que a escola foi crescendo. Foi mudando. Foi melhorando, se aprimorando. Enfim, eu conversava muito com os técnicos. Tinha também um vizinho, o Sr. Pedro que trabalhava com agricultura natural, na Horta da Fundação Mokiti Okada e eu adorava ir até lá. Depois eu conheci outra sede da Mokiti Okada entre Rio Claro e Ipeúna, através de um grande amigo, o Marcio que trabalhou lá muito tempo. Minha irmã Mary, hoje é engenheira agrônoma, fez a UEL em Londrina e eu acompanhei seus estudos desde o dia do vestibular até o dia da formatura. Ela fez estágio na Fundação Mokiti Okada e eu aprendi mais por isso. Então, aprendo todo dia um pouco, me interessei por Agricultura e acho muito bacana essa idéia, muito boa!

Quanto aos alunos, a gente precisava olhá-los de outra forma, com mais atenção, com mais cuidado, com mais carinho, com mais paciência, com mais tolerância Porque eles precisavam da gente.

Na minha época, nosso relacionamento era direto com a prefeitura, tudo o que a gente necessitava recorria a eles. Trabalhávamos em parceria. Algo como um convenio com a prefeitura, como provedora de recursos materiais, não me recordo de faltar praticamente nada e mesmo de pessoal, pois tínhamos funcionários e professores para trabalhar na escola. Eu não lembro ao certo, mas essa parte era tratada com o Secretario da Educação e ele passava as informações e lembro que não faltava praticamente nada, para gente! Não lembro muito com riqueza de detalhes, pois passei pela direção da escola de repente, não estava preparada para isso, na verdade. A gente sabia que tinha o convenio com a FUNABEM, qual era o objetivo com relação aos alunos, que havia uma verba destinada a isso, mas eu não sei muito mais. Acho que não posso ajudar em relação a essa informação. Acho que o Sr Gennari pode ajudar mais, porque ele teve todo um preparo para administrar a escola. Ou o diretor anterior que eu não conheci.

Nós tivemos ali, agora me veio à mente, você tem que “puxar a memória”! Faz vinte poucos anos, mas nós tivemos sim, um pessoal que veio treinar a equipe de professores. Nós tivemos dinâmicas de como trabalhar com esses alunos, foi bem interessante! Tem algumas que eu recordo até hoje, depois eu apliquei algumas delas, no decorrer da minha carreira com outros colegas. Teve sim, um pessoal não me recordo se foi do Rio de Janeiro, mas veio um pessoal para trabalhar com a gente nesse sentido, de dar idéias, de nos ajudar, eu não me recordo quantas vezes, Mas lembro de uma vez em que houve um trabalho com todos da escola. Gostava das dinâmicas que eles colocavam para gente como um treinamento.

Eu me recordo de uma dinâmica sobre observação, por exemplo, num grupo de pessoas eu estou com os olhos vendados e uma pessoa pedia para eu escolher um objeto, mostrava e claro que eu não enxergava esse objeto. Depois, eu tirava essa venda dos olhos e teria que adivinhar qual era esse objeto. Tinha todo um processo, tinha um comando. Eu errava algumas vezes de propósito, mas eu saberia qual seria o objeto. Porque a pessoa apontava é esse? É esse? E depois que ela me apontasse alguma coisa de cor preta, o próximo seria o objeto que eu tinha escolhido. Então todo mundo pensava que eu estava adivinhando mesmo. Mas, depois a gente prestou atenção de que tinha uma “dica”: que vinha sempre depois de algum objeto de cor preta. Então, era esse o objetivo: despertar a atenção, para você ficar concentrado. Porque é claro, quem é que pode advinhar?

Mostrou um carro, um ventilador, um animal e adivinhava! Era muito interessante! Tinham muitas dinâmicas, mas essa foi a que achei mais interessante por que prendeu nossa atenção. Fazia com que a gente se concentrasse, porque em nosso trabalho temos que ter atenção e concentração e também, cobrar dos nossos alunos. Eles também precisam estar atentos e concentrados, porque às vezes uma “dica” que a gente dá, é importante para ele entender uma atividade, e a “dica” que a dinâmica dava para gente era essa. Foi necessário prestar atenção na “dica” para entender, para compreender o “por quê” a pessoa conseguia adivinhar o objeto. Muitas foram as dinâmicas de integração da equipe, porque de repente percebíamos que havia pessoas do grupo que nunca tínhamos visto. Uma pessoa só que eu conhecia da minha época de adolescência, os demais eu não conhecia, então a gente tem que ter uma proximidade, integração, coleguismo e companheirismo para trabalharmos juntos. Claro, divergências haviam e eu divergia muito com duas pessoas, da área técnica. Claro! Onde tem um grupo razoável de pessoas tem que haver divergências. Divergência em relação à postura e não ao conhecimento, porque a pessoa entendia o que fazia. Mas isso eu deixo prá lá. Mas, divergi bastante, porque eu defendo sempre o meu ponto de vista, eu posso até estar errada, mas me prove o contrário, me mostre! Mas, disso eu falo em outro momento, não é para ser colocado na entrevista.

Disciplina. Disciplina tem que haver em qualquer lugar. Lá os alunos ficavam num local aberto, era um local bastante grande! Tínhamos que ficar atentos, porque adolescente você sabe como é! Você está olhando e com a menor distração, você não sabe onde ele foi. E, como tinham uma área grande para percorrer os alunos tinham que saber o que podiam e o que não podiam fazer. O que era permitido e o que não era, enfim as normas e regras básicas das escolas. Cada escola tem as suas. As do Barão... Muitas coisas coincidem outras não.

Na Escola Agrícola, eles ficavam o período integral, e iam para aulas de campo. Nem eram tantos alunos assim! Ficava mais fácil talvez, prever algum imprevisto, pois ficavam muito soltos. Então, a gente conversava com eles a respeito disso, mas a palavra chave para tudo, além da disciplina é ‘tolerância’ e adolescente muitas vezes não tem tolerância e aí é que surgiam algumas brigas, nada muito grave, mas é isso. E, hoje para a escola funcionar, os alunos têm que saber quais são as normas, as regras da escola, têm que ser disciplinados. Adolescente é adolescente e, claro nós que somos adultos temos mais tolerância

em relação a algumas coisas. Mas a gente tem que estar a todo o momento cobrando, cobrando, falando uma vez, duas, três, quatro, cinco, dez, cem vezes, tornando-nos repetitivos, mas tem que ser. É dessa forma que eles compreenderão as coisas e a gente tem que falar o porquê também, não adianta falar: *“Eu não quero isso, não pode isso, não pode aquilo”*. Eu tenho que falar: *“Olha não pode isso, por causa disso e disso e disso.”* Adolescente precisa dessa explicação, precisa que a gente o convença.

Não estou dizendo que era uma disciplina rígida, mas para manter a harmonia da escola. Muitas vezes, muitas coisas escapavam, mas aí a gente foi corrigindo devagar, porque no começo, com uma equipe que estava começando junta, que nunca tinha passado por essa experiência, era natural que falhas acontecessem e nós estávamos lá para aprender e também para corrigir essas falhas. Eu muitas vezes, sinto muita saudade, tenho fotos da época, vejo essas fotos e lembro alguns alunos. A gente lembra da maioria e pensa como será que estão? Será que tudo aquilo que a gente falou e orientou, falando de boas maneiras, de educação de respeito, tolerância, será que foi importante para eles? Eles conseguiram absorver tudo isso, ou parte disso? Como que será que estão? Será que estão trabalhando, têm família? Olha que coisa, faz tantos anos e a gente ainda pensa nisso, não é? Infelizmente, a gente tem poucos contatos, mas foi uma época onde meu vínculo com estes alunos foi muito grande. Foi até maior do que o de uma diretora ou uma professora, foi de uma amiga deles mesmo, por isso que deu certo.

Lembro de alguns nomes, lembro acho que é Valdemir, o Gatinho, Ivan, Luciano, Fábio, tinha o Eduardo, tinha algumas meninas entre elas a Francis. O Fauler, eu encontrei algumas vezes, daqui a pouco eu já lembro de mais alguns nomes. Mas no início, alguns deles foram muito difíceis de trabalhar. Depois se tornaram grandes pessoas. Não tinha muitas meninas, na época em que eu trabalhei. Havia poucas, muito poucas. Depois, foi aumentando o número de meninas, acho que, uns 85 % eram rapazes e depois o número de meninas foi crescendo e infelizmente eu não fiquei muito tempo lá.

É de 88 a 90. Mas eu acho que 87 eu não tenho certeza, talvez eu tenha ficado uma época sem registro em carteira (de trabalho). Sem essa formalidade, foi quando a gente trabalhou, com aquele grupo que eu falei, diferente, com aulas de reforço.

Isso! Foi em agosto, setembro e outubro de 87, trabalhamos informalmente, aí fomos realmente registrados em carteira e começamos mesmo! Acredito que tenha sido dessa forma, faz tempo e a gente não lembra, sempre foge alguma coisa da memória!

Nós tínhamos o contrato anual, de fevereiro a fevereiro, então ele era renovado todo mês de fevereiro, quando em fevereiro de 1990... Meu contrato e o de mais 4 pessoas não foram renovados! Na verdade existiram alguns argumentos não convincentes, mas esse fato eu não quero comentar. Demorou a se resolver na minha cabeça, mas foi resolvido! Por isso, eu fui ao aniversário da escola e recordei com muito carinho de tudo aquilo. Quando a gente é jovem, achamos que estamos certos nas nossas idéias. Enfim, a gente acredita naquilo que faz! E, discordamos com aquilo que algumas pessoas fazem. Mas, agora tudo bem, eu cresci, quando eu falo em crescer é profissionalmente. Como pessoa, hoje eu relevo, relevo muita coisa! Acho que não foi justo, não só comigo, mas com os outros quatro colegas também.

Foram os professores de Português, História, Geografia e Arte, e eu que na época era de Matemática. Sempre procurei ser boa profissional e sempre me dediquei muito. Logo em seguida, em fevereiro mesmo, já peguei aulas e trabalho até hoje. Efetivei-me no Estado, pois trabalhava desde 86 e ainda não era efetiva e trabalho no SESI também. Enfim, a experiência na Escola Agrícola valeu para formação, para fazer amizade, para crescimento e como conquista de muitas coisas, mas tem algumas “coisas” que a gente não entende: a forma como foi feito, só isso! E eu não gostaria de falar!

Bem, para a seleção das crianças, naquela época, a gente ajudava a preencher umas fichas para verificar o perfil delas, porque chegou uma época que tinha muita procura. Aí, a situação já se inverteu e tínhamos que seguir certos critérios. Critérios para seleção de crianças que tivessem o perfil daquela escola. Nós ajudávamos a selecionar, no primeiro momento, mas não éramos os únicos responsáveis pela seleção. Tinha um período de inscrição e depois a matrícula efetivamente. Anotávamos tudo o que podíamos, sobre os candidatos, todos os dados, as informações, ‘por quê’ o aluno queria estudar na escola, qual era o objetivo dele na escola. As mães tinham que ir e fazer essa inscrição e só depois se fazia a matrícula. Lembro-me disso, meio por alto. Quem sabe ainda tenha até uma dessas fichas de inscrições no arquivo da escola. Mas é justamente para isso, como

se selecionava, esse ou aquele? Era aquele que tinha o perfil mais adequado para estudar na escola. Tudo isso ocorreu por conta da procura. A escola passou a ter uma grande procura por vagas e era necessário uma solução adequada.

Nós preenchíamos as fichas de inscrições, mas fazíamos também uma entrevista. A gente conversava com os pais e anotava, não me recordo muito bem, mas tinha um pessoal, uma assistente social que trabalhava junto à escola e fazia toda esta parte de entrevistas.

Lembro do nome dela é Rosemary, ela é assistente social da prefeitura, eu a chamava de Rose, mas depois ela também foi para outro setor. Saiu conosco da escola, com os cinco. Era a Rose e acredito que ainda trabalhe até hoje na prefeitura, às vezes eu a encontro no ponto de ônibus. Então, tínhamos uma assistente social, que inclusive conversava com as famílias. Nós fazíamos visitas e quando estava na direção, eu e a Rose fazíamos visitas nas casas de alunos que estavam com problemas maiores. Íamos até a casa, isso eu me recordo perfeitamente, não importava a hora, não importava que não fosse hora do nosso trabalho.

Tínhamos também um engenheiro agrônomo responsável, acho que era o Tú Reginato⁴⁷ se eu não me engano, por intermédio desse engenheiro, buscávamos recursos e parcerias com outras pessoas em outros lugares, quem sabe ele saiba mais e possa ajudar. Ele também teve participação nessa fase inicial da escola agrícola, acho que ele saiba explicar melhor sobre o convênio e tudo mais, até mesmo o Prof. Helmut. Mas a Rose foi uma pessoa muito importante na vida desses alunos enquanto estava lá, era uma pessoa que *“vestia a camisa”* mesmo, nós chegamos a ir visitar muitas famílias de alunos, muitas... Foi um trabalho bonito!

Às vezes, tínhamos até casos de agressão física, não era sempre mas acontecia. Quando percebíamos que o aluno estava mais nervoso, mais agitado, então queríamos saber se estava acontecendo alguma coisa em casa, porque tudo o que acontece em casa se reflete na escola de certa forma. E também a condição social deles era muito precária, muitos de famílias extremamente humildes. Percebíamos algumas coisas e queríamos ver se podíamos ajudar de alguma forma, então fizemos um trabalho bonito de visitas às casas dos alunos.

Quanto à preservação da natureza, já falávamos sobre isso, conversávamos muito a respeito, veja hoje a situação do nosso planeta! Então a gente conversava

⁴⁷ Antonio Fernando David Reginato.

muito, a principal idéia era a conscientização mesmo! Queríamos que eles fossem nossos multiplicadores junto com as famílias, com os amigos, com comunidade, já começamos um trabalho assim, naquela época.

Sobre as aulas de Matemática, primeiro eu trabalhei com reforço. O reforço que hoje está presente em todas as escolas. Os alunos têm que encarar a matemática de uma forma diferente. Muitos têm receio dela. *“Ai, eu não vou conseguir aprender!”* Todos têm competência para aprender, cada um em seu tempo, uns mais rapidamente, outros menos. Alguns encontram dificuldades por defasagens anteriores. Então a gente tinha reforço de matemática, no começo no período inverso às aulas de agricultura, enfim a parte técnica eu não me recordo se nesse momento tinha. Reforço, eu me recordo antes disso que tinha, que não era aula, aula! Que foi aquele período que eu falei, no final de 87, a gente dava aula de reforço, mas não me recordo, muito bem! Mas, orientávamos mais, no sentido de levá-los a se esforçarem o máximo possível, dedicando-se à aprender, porque inteligência todos tinham, como eu já falei, cada um em seu tempo. Alguns aprendiam bem mais lentamente, porque tem pessoas que tem mais habilidade na área de humanas, outros na de exatas outros na de biológicas, a gente tem que respeitar esse tempo.

Eu lembro que quando estudava tinha professor muito bravo, muito enérgico, a escola era bastante rigorosa e quando tinha que ir para lousa, minha mão suava, eu suava e mudava até de cor, com receio de errar! Meu Deus do céu! Eu pensava: *“Mas um dia ainda, eu ainda vou ensinar matemática e não vai ser desse jeito!”* E, procuro fazer isso hoje. Brincando, no bom sentido. Eu ensino Matemática de forma tranquila mesmo para os adultos que trabalho hoje. O adulto também tem receio e a gente tem que mostrar tranquilidade e falar: *“- Você consegue, tenha calma, você tem que persistir”*. Não é porque eu não entendi na primeira vez ou na segunda que eu não vou tentar a terceira, não é? É isso!

Na época nós fazíamos assim, trabalhávamos o conteúdo que tínhamos que trabalhar naquela série e a situações problemas que elaborávamos, colocando sempre a parte agrícola. Quando elaborávamos uma situação problema ao invés de falarmos: *“Temos trinta e cinco balas vamos repartir...”* Falávamos: *“Temos trinta e cinco ovos colhidos na granja...”* Envolvíamos essa parte técnico-agrícola, nos problemas com frutas, legumes: *“Fui fazer compras numa quitanda e comprei tantas dúzias de tal coisa...”* Pelo menos, eu alterava as situações-problemas que vinham

no livro, trocando por situações que eles estavam vivenciando ali na escola, e isso era bacana! Porque eles acabavam se interessando mais. Eu trabalhava dessa forma, e muitas vezes eu perguntava aos técnicos o que eles estavam trabalhando na horta, para poder ajudar com as aulas de matemática. Eles falavam: “- Eu percebo que quando falo sobre tal “coisa” eles têm dificuldade de fazer divisão!” “- Eles têm dificuldades de entender quanto é uma dezena, uma centena uma dúzia” “Dificuldades com decimais”. Enfim, a gente trabalhava sempre pedindo “dicas” para colocar em nosso planejamento. Essa era o que hoje, chamamos de interdisciplinaridade, um com o outro e todo mundo trabalhava junto. Era bacana!

Não trabalhava muito na área externa à sala de aula, só com medição, pouca coisa porque ainda estávamos iniciando, não tínhamos muita estrutura na época. Mas medição, calcular a área, essas coisas mais simples dava para fazer na área externa, nós íamos até a horta. Tinha dia que eu não ficava na sala de aula eu ia com os alunos para um galpão, porque as outras salas estavam ocupadas. Aí a gente ficava num lugar gostoso bem amplo e arejado. Aula de matemática vendo aquela paisagem era uma delícia! E nós aproveitávamos essa oportunidade, porque a gente se acomodava conforme a necessidade, naquele tempo.

Eu acredito que sob o ponto de vista histórico cultural a escola cumpriu sim, o seu papel. Naquele momento, com certeza todos cumpriram o seu papel, porque todos deram o melhor de si, daquilo que sabiam! Quem veio trabalhar depois da Maiza pode ter trabalhado de uma forma diferente e até melhor, porque foi conhecendo a realidade da escola, o que já tinha sido feito, o que deu certo e o que não deu, então pôde melhorar. Isso eu estou falando da minha parte, meu objetivo era dar o melhor de mim, daquilo que eu sabia. E dei. E aprendi muito também, muitas coisas eu tive que rever, mudar, adequar, reestruturar, reorganizar para poder no ano seguinte dar mais certo ainda. Houve falhas? Eu com certeza as tive. Talvez como professora e como administradora, porque eu era muito jovem e não tinha experiência, mas eu tentei acertar, talvez não tenham compreendido o meu trabalho como administradora, mas tudo isso me incentivou e eu persisto até hoje! Sou gestora e gosto muito, mas nunca deixei de ser professora, nunca! Continuo dando aulas até hoje.

Tanto eu quanto o Beto, o diretor dessa escola, que também é professor, lecionamos. Isso que é bacana aqui na escola. Nós formamos uma dupla bem interessante. Nós trabalhamos muito, na verdade é um trio, porque tem a

coordenadora também, somos os gestores dessa escola, hoje. O diretor, o vice-diretor e o coordenador pedagógico, eu não sei como é agora na Escola Agrícola. Se tem um coordenador pedagógico, mas na minha época não tinha. Mas se hoje tem, então foi uma conquista. Porque é preciso, quanto mais pessoas estiverem participando da equipe, maior a probabilidade de sucesso!

Eu gostaria de ter ficado mais tempo na Escola Agrícola, justamente para dar mais de mim, para repensar algumas coisas. Não foi minha vontade sair naquele momento da escola, mas hoje, eu entendo, e relevo. Eu me envolvi com muitos alunos tentando ajudá-los, não só com a matemática, mas também orientando sobre a vida, tentando passar a nossa experiência. Eu dei atenção para muitos! Mas, talvez fosse necessário um tempo maior para dar atenção a muitos outros. Fiz o que eu acreditava ser o certo, naquele momento. Dediquei-me, participei de todos os cursos oferecidos, propostos. Mas, sempre temos algo mais para passar! Eu, com certeza, devo ter deixado algumas coisas, que na época, não foi possível realizar, pois sempre fica alguma coisa, não é? Eu não posso falar que fiz tudo, não! Porque realmente alguma coisa sempre fica de lado, porque o tempo não foi o bastante, mesmo! Hoje no nosso ano letivo, a gente se programa todo dia para fazer alguma coisa e, de repente! Nossa! Não deu tempo por causa disso, disso e disso!

Talvez... Um conteúdo a mais que eu pudesse ter trabalhado com eles, porque não dava para dar cem por cento do conteúdo, pois tínhamos que acompanhar o ritmo da maioria da classe. Mas, para mim era uma experiência nova como professora de matemática, pois tendo feito Ciências, Biologia e podendo trabalhar matemática no ensino fundamental, minha oportunidade lá, foi com a disciplina de matemática e não com a de ciências e aí, foi quando eu me interessei por esta matéria, e também fui aprendendo, porque na faculdade o que aprendemos é diferente do que o temos em sala de aula. É diferente daquilo que você aplica no dia-a-dia. Completamente diferente!

Aí que se aprende de verdade! Eu tive que estudar, me dedicar e me disciplinar também. Sou uma pessoa disciplinada até hoje. Todo dia aprendo alguma coisa. Eu leio, estudo. Pois, para você trabalhar, para você dar aulas, você tem que se dedicar e como não sou conhecedora de tudo, pelo contrario eu tenho que aprender muito! Talvez hoje, com mais maturidade eu poderia ter feito mais, mas como estava no inicio? Não. Agradeço a oportunidade que eu tive, de trabalhar lá, de crescer bastante como profissional, como pessoa e de compreender algumas

coisas, de questionar algumas outras. Eu descobri que eu também era crítica, isso é bom!

E eu agradeço também essa oportunidade, em poder falar sobre minha experiência na Escola Agrícola, espero poder ter colaborado com a entrevista.

Gostaria que essa escola, permanecesse com esse trabalho por muito e muito tempo, eu acho importante investir na educação, acho não, eu tenho certeza, da importância em investir na educação! Temos que dar mais possibilidades aos nossos adolescentes, para nossas crianças. Educar é um trabalho de amor, ser professor é um trabalho de amor! Porque se a gente parar para pensar no salário de um professor, desanimamos! Nós trabalhamos na educação porque gostamos, porque amamos nossa profissão em primeiro lugar. Claro que a gente tem que receber por isso, porque precisamos também cumprir com as nossas obrigações com nossos deveres e pagar as nossas contas. Mas que todos que trabalhem com educação tenham esse amor no coração, e pensem em primeiro lugar nisso.

Então, eu quero que escola cada vez cresça mais. Que lá tenha cada vez mais pessoas interessadas em ensinar, em doar-se e quem sabe? Esse mundo dá tantas voltas e de repente, um dia eu ainda volte lá, e possa colaborar, não como professora, como administradora. Mas com idéias, ser uma voluntária, uma colaboradora! Eu acho que a gente sempre está aqui, para colaborar, quando eu me aposentar eu não vou ficar parada, eu vou continuar trabalhando, talvez muito mais, como voluntária mesmo! Pretendo!

Carta de Cessão

Eu, **Maiza Cristina Roseira Ferro**, R.G. 13646675, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 28 de abril de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 02 de maio de 2010.

Sujeito de pesquisa: Maiza C. R. Ferro
Maiza Cristina Roseira Ferro

4º Episódio

Prof^a. Maria Regina de Negreiros(Ex-diretora/gestão: 01/11/1989 a 14/01/1991)

Encontro: 07/01/2010

Me interesse muito por História, fiz um curso de História Oral com a Dra. Witaker⁴⁸, então eu conheço exatamente como funciona, mas a gente não sabe bem porque a história não é explorada em Rio Claro, quer dizer a própria Rio Claro não conhece a sua história. Eu sinto isso: que Rio Claro deixou um pouco de lado a sua história e a Escola Agrícola é um desses casos. A Escola Agrícola nasceu numa gestão política cuja conotação do aparecimento dela, foi realmente política, era considerada no começo, totalmente assistencialista. Nos seus primeiros momentos até eu chegar lá, a escola era considerada um 'crechão', onde os pais mandavam seus filhos para ficar o dia inteiro, para não ficar na rua. Esse aluno precisava passar pelo assistente social, que dizia se podia ir ou não para lá. Lembro-me de um diretor, que me telefonou, assim que assumi a escola, não tinha uma semana ainda, me pedindo uma vaga para um aluno. "Eu falei: - tenho vagas sim, mas você está pedindo que ele venha para cá por quê? – Ah, por que ele não fica em nenhuma escola? Ele foi expulso? Ele foi expulso e ...não sei o que lá ...e talvez o único lugar para ele é aqui! Então eu respondi: - Escuta você está achando que esta escola é uma escola correcional? É um "crechão"? Uma escola aonde vem esse povo que não tem para onde ir, a molecada que não tem para onde ir e não cabe em escola nenhuma só cabe na Escola Agrícola? Você está achando que aqui é uma escola penitenciária por acaso? - Não, não é isso. Respondeu ele. - Eu tenho vaga para alunos normais, para alunos regulares que queiram vir para escola estudar numa escola 'semi profissionalizante', ou ela é ou não é. Mas, a primeira fala, o objetivo da escola, é que ela seria 'semi profissionalizante'. Semi profissionalizante não existe! Ou ela é ou não é, ela tem uma preparação pára, porque não é escola técnica, porque não é ensino médio, mas ela vai preparar, ela tem um público alvo específico sim, não está atingindo? Não! Porque não estão recebendo a devida atenção porque se pensa exatamente numa escola assistencialista e ela não é isso.

Agora, voltando ao início, porque falei só para ilustrar como era o momento que eu cheguei. O mandato era do Azil Broquini, que chamou para Secretária da

⁴⁸ **DULCE CONSUELO ANDREATTA WHITAKER** – prof^a dr^a Aposentada pelo Departamento de Sociologia da FCL-UNESP-Campus de Araraquara é Pesquisadora do CNPq e Professora Voluntária no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar pelo Departamento de Ciências da Educação.

Educação a Professora Maria Nilde Macelani. Na década de 1960 ela foi uma das “cabeças pensantes” da Educação paulista, mais especificamente dos “Colégios Vocacionais”. Período difícil, ditadura! O governo militar e grupos políticos que o apoiavam perseguiram incrivelmente a professora Maria Nilde, ela precisou sair do Brasil! Trabalhou e estudou no exterior, se não me engano ela esteve no Panamá onde fez alguns cursos ou deu alguns cursos nas universidades do Panamá.

Na gestão municipal do dr. Azil Brochini (1989 – 1992) ela voltou para Rio Claro como Secretária da Educação. Evidentemente aí, a oposição do dr. Azil Brochini não viu com bons olhos a chegada da Maria Nilde. Ao que parece — dizem e não posso afirmar — a maioria dos “contrários” a ela durante o exercício do cargo de Secretária de Educação em Rio Claro eram os seus desafetos desde a década de 60, na ocasião da ditadura, na ocasião da repressão dos ginásios vocacionais. Dizem que vem daí a oposição a ela, e evidente que ‘duramos’ na Escola Agrícola exatamente o ‘quanto durou’ a gestão dela, que foi um ano e meio, a partir daí realmente ela foi derrubada politicamente. A Secretária da Educação seguinte, a professora Maria Cecília Micoti⁴⁹, tinha sido minha professora na UNESP, que então, não era UNESP na época que eu fiz.

Eu fiz a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que era um instituto isolado⁵⁰ nessa ocasião. Me formei em 1969 e então como diziam que eu era a filhota da Maria Nilde Macelani, que muito pelo contrario, deveria ser a ‘filhota’ da Micoti que foi minha professora, mas realmente a gente não se deu bem porque a maneira dela trabalhar era completamente diferente da minha, que era idêntica a da Maria Nilde. Eu sempre considerei — a profa. Maria Nilde Macelani — uma das minhas mestres! O professor Jose Luiz Aragão⁵¹, da UNESP, uma pessoa interessantíssima, é outra pessoa que passou sem história ..., é só procurar pela

⁴⁹ Maria Cecília de Oliveira Micotti - Professora Titular do Departamento de Educação do Instituto de Biociências de Rio Claro - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Instituto de Biociências de Rio Claro da Unesp.

⁵⁰ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, criada em 1958, com os cursos de Graduação em Ciências Sociais, História Natural (posteriormente Biologia), Geografia, Matemática e Pedagogia. 1963 - Criação do Curso de Graduação em Física. 1968 - Criação do Curso de Graduação em Geologia. 1976 - Criação do IGCE e do IB para adequação à estrutura da UNESP. Criação do Curso de Graduação em Ecologia. Extinção dos cursos de graduação em Ciências Sociais e Pedagogia. 1984 - Criação do Curso de Licenciatura em Educação Física. 1989 - Criação dos cursos de graduação em Ciência da Computação e Licenciatura em Pedagogia.

⁵¹ José Aloisio Aragão – 29ª Cadeira Didática Geral e Especial – 01/03/68 – 17/01/72 – Livre Docente FAFI (arquivos do RH da UNESP)

prof^a Maria Bicudo⁵² lá no Departamento de Matemática da UNESP que ela conta. A Maria Bicudo e o Irineu⁵³ eram muito meus amigos.

O professor Jose Luiz Aragão criou o Colégio de Aplicação. meu inicio de formação foi no Colégio de Educação da faculdade, como Assessora técnica pedagógica do Colégio de Aplicação que hoje seria a coordenação pedagógica. Ele que deu um nome bonito para função. É necessário colocar um certo caminho, pois a experiência é constituída de conexões e a memória as vai desvendando... Então, a Faculdade, Escola Agrícola, a Maria Nilde, a Micoti, o José Luiz, a Maria Bicudo, o dr Azil e a Secretaria da Educação de Rio Claro habitam minha memória. Todas essas lembranças me constituem... Mas, hoje quero recordar girando em torno da Escola Agrícola.

Todo o tempo que eu estive na Escola Agrícola, por um ano e meio, foi marcante para mim. Foi decisivo na minha vida como educadora, quando voltei para Educação em Rio Claro exatamente para Escola Agrícola, quando fui convidada pelo Dr. Azil Broquini. Muitas pessoas acham que foi Maria Nilde que me levou para lá, não foi. Chegamos ao mesmo tempo. Isso sim. Dr. Azil me convidou para assumir a direção da escola, ao mesmo tempo em que Maria Nilde estava assumindo a Secretaria da Educação. Então foi aquela coincidência feliz!

Tínhamos o mesmo ritmo de trabalho, mesmo objetivo de vida, mesmo objetivo educacional. Então isso é uma historia que precisava desde aquela época já ser desvencilhada, eu não fui levada para a Escola Agrícola pela Maria Nilde, eu cheguei ao mesmo tempo em que ela. Da mesma maneira como o Dr. Azil a convidou, ele me convidou. Quando chegamos, ela apoiou imediatamente, e na minha primeira entrevista com ela, ela já ratificou a minha presença na Escola Agrícola no momento em que ela estava criando o seu '*staff*', na Secretaria. Ela me aprovou exatamente lá, no momento do convite do Azil. Quando eu cheguei e me deparei com aquela situação de um "crechão" eu me assustei.

⁵² Maria Aparecida Viggiani Bicudo - professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP – RC.

⁵³ Irineu Bicudo - Prof.Titular Efetivo e Dir.Instituto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – RC.

A realidade da Escola, na época, era de pouca orientação, a pouca visão que se dava a educação, pois a coisa estava voltada exatamente para o assistencialismo, o que valia era aquilo, os meninos estarem lá comendo e bebendo, tinham as suas aulas, sim, tinham os seus momentos de horta, de avicultura, o lado voltado para agricultura, sim, mas tinham um planejamento incrivelmente rústico, que não tinha grande sentido. Então, a gente partiu do zero.

Para uma escola nos moldes da Escola Agrícola, a direção deveria ter como traço, na sua personalidade profissional, o protagonismo juvenil⁵⁴, coisa que nem passava pela cabeça de quem assumisse a direção a não ser de pessoas que tivessem formação parecida com a da professora Maria Nilde, e eu as tinha. Eu até hoje defendo com *unhas e dentes* o protagonismo juvenil, então a minha primeira preocupação era tirar a conotação do ‘crechão’. “Isso daqui é uma escola que dá os primeiros caminhos para uma futura profissão!”

Qual deveria ser o primeiro alvo? Qual deveria ser o público alvo? Os pequenos agricultores ali do entorno da escola. No entanto, você não tinha um aluno se quer, do entorno, lá. Todos eram de Rio Claro, oriundos e alunos problema das outras escola.

Tudo porque ela foi criada com essa conotação de ser assistencialista. O público alvo que vinha da zona urbana de Rio Claro com custo muito alto, porque vinham de todos os bairros da cidade, de ônibus. O ônibus passava pela cidade inteirinha, levava os alunos para escola, um espaço delicioso, incrivelmente mal aproveitado, e sem objetivo educacional. Então a minha primeira preocupação foi transformar aquele grupo de professores que eu contava ali. Esse foi o meu primeiro choque. Tinha professores maravilhosos, mas que não sabiam o que fazer, cada um ia para um canto, para um lado. Os técnicos agrícolas que deveriam ter sido preparados com cursos pedagógicos, mesmo! Com didática, mesmo! Quando eu cheguei tinha um técnico agrícola que passava por um processo, por ter batido num aluno. Por quê? Por que era mal educado? Não, ele não tinha nenhuma técnica. De repente aqueles alunos que eram os piores da cidade, o desacatou, ele ‘meteu’ a mão na cara do aluno! Então quando eu cheguei esse professor estava respondendo por um processo, e nós auxiliamos demonstrando que esse professor precisava ser capacitado. Todos os técnicos precisavam ser capacitados.

⁵⁴ Protagonismo Juvenil - atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva, sobre as questões da própria adolescência/juventude, assim como, com as questões sociais do mundo e da comunidade.

Aqueles que se davam bem com alunos era por algo natural deles, mas eles não tinham aquilo na formação. Pois tendo feito uma escola técnico agrícola, como meu sobrinho, por exemplo, o Joaquim Afonso⁵⁵. Só que ele veio de uma família de educadores tanto a Eliria, professora Elíria que é tia materna dele, e eu, do lado do pai, então quando ele precisou fazer o estágio dele, eu o obriguei a observar essa questão, mas ele eu podia obrigar, porque era meu sobrinho, então eu exigia! Mas como é que eu sanei esse tipo de problema, naquela época? Jamais se ouvia falar em HTPC dentro das escolas, então eu instituí uma reunião semanal, fazíamos uma reunião semana, aprovada e assinada pela professora Maria Nilde com certeza! O José Carlos Duarte⁵⁶, não me lembro se ele era vice-diretor no papel, eu acho que sim, mas exercia a função de Orientador educacional, hoje não existe o cargo oficialmente na Educação do estado não sei no município, mas a Maria Nilde criou esta função porque na visão dela, o Orientador Educacional existe e já existia desde a época dos Ginásios Vocacionais. Porque que precisava dessa figura na escola? Exatamente porque precisava contar com tudo que um Orientador Educacional carrega como objetivo de trabalho dentro de uma escola, para mudar a conotação de “crechão” da escola e de escola correcional e transformá-la em escola, para valer!

Essa conotação de crechão, ou de escola assistencialista, você pode pegar, por exemplo, as atas de reunião de pais, você vai ver lá quase cem por cento de pais também tinham esse desejo.

Eu fazia a reunião aos sábados e os pais iam. Existem vários pais que você pode entrevistar, para falar da ocasião em que eu fui diretora da escola. E ex-alunos também você pode procurar! Tinha uma menina que tinha paixão pela escola, ela e a família dela. O filho do prof. Lorenzetto⁵⁷, professor de Educação Física da UNESP, também estudou na Escola Agrícola. Então, meu grande objetivo era esse: transformar aquela escola!

No princípio, pedi um laboratório de pesquisa para Maria Nilde e ela me atendeu imediatamente. Então, criamos um laboratório com um professor de

⁵⁵ Joaquim Afonso Negreiros – Ex-professor técnico agrícola da EMA período de: 1995 a 2001. Sobrinho da Prof. Maria Regina, foi estagiário e técnico agrícola em sua gestão.

⁵⁶ José Carlos Duarte, ex-orientador educacional da EMA, no período de 01/02/90 à 01/01/91.

⁵⁷ Luiz Alberto Lorenzetto, prof. Educação Física-UNESP/RC, DE 1984 à 2007

Biologia, que era paramédico, hoje ele está na Bertoline, em Palmas, o apelido dele... Era Dimas⁵⁸.

Nesse laboratório o professor fazia pesquisas, com os alunos, voltadas à botânica. Era maravilhoso. Estávamos esperando todo o equipamento, o Dimas estava montando tudo com os próprios alunos, na época, quando a situação política nos pegou e acabou desmantelando tudo!

Mas aí, voltando ao que eu falei das reuniões, a gente instituiu e eu fiz isso junto com os professores, porque eu acredito também, na direção compartilhada, na democrática, na dividida mesmo! Entre os professores tinham os “a favor” e tinham “os contra”, tinham aqueles que olhavam para minha cara e falavam: “ – O que ela quer? Aonde ela quer chegar com isso?” E tinham aqueles que sabiam exatamente onde a gente queria chegar. Só para exemplificar, eu tive uma professora de História que um dia ficou muito brava, porque percorri aquele pedaço ali, de Ajapi, procurando um grupo, que eu sabia que existia naquela região, que dançasse Catira. Eu queria montar, nós queríamos montar uma “Festa Folclore” e eu sabia que havia ali, alguns senhorezinhos, velhinhos mesmo, que tinham um grupo de Catira⁵⁹, então eu saí junto com o Rubinho, motorista nosso! - E vamos caçar, Rubinho⁶⁰!

Eu tenho esse momento marcante da Escola Agrícola na minha ‘cabeça’! Era a única coisa, eu digo: - A única coisa que me tiraria de todo caminho da educação que eu tracei para mim, seria voltar para Escola Agrícola de novo. Aí, eu largaria qualquer coisa para assumir direção outra vez! Eu tenho paixão por essa escola!

E, então: - Vamos aí, nos meter por aí, porque eu quero achar, e achei! E levei para escola, e avisei inclusive o grupo da UNESP, de folclore, que era um grupo forte na ocasião. Ficaram sabendo, foram para lá, para passar o dia comigo, com a gente lá na escola, então eu estava lá, tinha duzentos alunos sentados no chão, o grupo de Catira ali no meio, contando o que era Catira, cantando, dançando, aí de repente a professora de história, andando de um lado pro outro e brava! E eu falei: - O que foi? Qual o problema?

⁵⁸ Aparecido Osdimir Bertolin (Dimas), ex-professor de ciências, no período de 08/02/90 à 05/02/91.

⁵⁹ Catira ou cateretê é uma dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos.

⁶⁰ Rubens Bellan – funcionário da EMA, motorista da escola.

“- E a minha aula, como é que fica? Ela respondeu.”Eu olhei pra ela e falei: “– Que aula?” “– Eu estou perdendo aula agora. Eu tenho aula com a oitava série, eu tenho aula agora, com eles”.

Eu olhei para ela, e só não a mandei com um palavrão para “aquele” lugar porque primeiro: eu era a diretora e segundo porque eu nem costumo falar palavrão, porque a minha vontade era mandá-la para ‘aquele lugar’.

Eu falei: - Essa moça não serve para ser professora comigo, em hipótese nenhuma! O ano que vem ela “está” fora! Porque era a gente que escolhia. Então, eu tinha esse tipo de professor também, com tu aquilo, aqueles ‘velhos’, a professora da UNESP lá vibrando com o que estava assistindo, com o que estava acontecendo e essa professora queria que eu soltasse a sala dela porque tinha aula! Ela tinha que dar aula! Falar sobre o *apartheid*. Ela só falava sobre o *apartheid*! Eu precisei chamá-la. Porque os alunos não agüentavam mais, ela mesmo passava a concepção de preconceito, porque ela era negra, e só falava sobre o *apartheid*. Eu tive que chamar e dizer escuta: “–É só isso que existe na história?” Mas ela queria dar a aula dela. A gente tinha esses professores também, e mudar a cabeça, o comportamento é muito difícil, aí eu usava essas reuniões semanais para ir mudando isso, e mudar inclusive o pensamento do técnico agrícola.

A nossa primeira reunião foi mexer em horário para que eles entendessem o que é que a escola tinha: - agora nós vamos dividir a escola, sem separá-la. Como? - Nós temos que dividir a parte prática com a parte teórica e o núcleo regular, então nós temos que fazer três momentos, sem que sejam três escolas e com o mesmo grupo de professores, quero dizer a cabeça deles pirou. Aí, uns pensaram: “- Essa mulher é louca! - Como que se faz isso?” Por que realmente eles não tinham preparo para esse tipo de coisa e eu contava com o Zé Carlos Duarte, e com esse Dimas, o Osdimir, que esta em Palmas, Tocantins, ele é diretor inclusive, de um departamento da Universidade, e eu contava com os dois e alguns poucos professores que foram entendendo e outros que tinham a formação dos Ginásios Vocacionais com a Maria Nilde. Conseguimos formar um grupo, mais ou menos, preparado.

O professor Dimas, o Osdimir, teve uma grande idéia: “- Vamos fazer uma exposição da escola! Onde? Não quero nada menos do que o Lago Azul”: no Centro Cultural. Tivemos três meses em cima de reuniões e preparativos para mudar a antiga conotação da escola e apresentar uma nova escola para Rio Claro, com

nessa nova configuração. A gente fez a exposição na semana da cidade, que se não me engano é 24 de Junho, a data eu não tenho muita certeza, mas acho que foi na semana da cidade. Fizemos uma exposição ‘monstro’ e todas as escolas de Rio Claro foram visitar. Visávamos principalmente os alunos das quartas séries⁶¹, para que houvesse procura por parte de uma nova clientela da cidade. E foi aí que começamos realmente ‘mexer’ com a cidade, depois dessa exposição. Fizemos a mudança do horário e aí, os professores se entusiasmaram muito porque eles também ‘apareceram’!

Os professores perceberam que precisavam mudar o trabalho mesmo, então refizemos o horário, que era manhã e tarde, manhã de uma certa forma voltada para o regular, o núcleo da escola regular e alguma coisa da parte teórica que estava a cargo dos técnicos agrícolas, à tarde “o campo” como a gente chamava. Esse foi o nosso primeiro momento no primeiro ano. No segundo ano a gente sentiu necessidade de misturar um pouquinho o horário, por causa de Sol forte no campo. Colocamos a caprinocultura⁶² que não tinha, eu solicitei a compra de alguns casais de cabras e iniciamos uma boa criação de caprinos. Tivemos inclusive visitas da globo⁶³ nessa época.

Na realidade, fomos trocando devagar os professores, os técnicos. Ao lado da escola tinha Horta Municipal que quando eu cheguei era misturada à escola. Diretor da Escola Agrícola tinha também que administrar a Horta, o que era impossível, aí eu pedi para separar e foi dividido.



Figura 11: símbolo da EMA

E assim, nós criamos uma identidade para a escola, também no primeiro ano chamei um artista gráfico maravilhoso, o Percy⁶⁴, que trabalhava no Arquivo Municipal, na época. Minha cunhada Beatriz Moreira de Negreiros trabalhava no Arquivo Municipal indicou-me o Percy. Eu pedi que fizesse um símbolo que identificasse a escola. Falei mais

⁶¹ 4ª série do Ensino de Primeiro Grau. Em 1996 pela LDB, passa a 4ª série de Ensino Fundamental. E 4ª série ou 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, do Projeto de Lei nº 3.675/04, que passa abranger a Classe de Alfabetização (fase anterior à 1ª série, com matrícula obrigatória aos seis anos),

⁶² Caprinocultura - área da zootecnia que trata do estudo e da criação de caprinos.

⁶³ Recém inaugurada na época, em 01.07.1989 EPTV CENTRAL, São Carlos,.

⁶⁴ Percy de Oliveira - Desenhista do Arquivo Municipal de Rio Claro de 04/01/1988 – 15/05/1990.

ou menos o que eu queria. Ele fez a enxada e o livro num traço só, em apenas um traço ele desenhou o livro e a árvore dentro da enxada. Isso foi obra do Percy, o artista gráfico de Rio Claro.

Temos que valorizar essas coisas! E a arte final⁶⁵ é do Percy e permanece até hoje.

Por encomenda minha, ele fez o símbolo e ainda brincou: “- A cidade vai me pagar?” Eu falei: “- não, porque a cidade não tem dinheiro e a escola muito menos”. Ele falou: “- um trabalho desse eu cobraria mil cruzeiros.” Mas eu falei: “- você não vai receber!”.

Eu gostaria que num momento como esse, onde estamos escrevendo a história de Rio Claro nos lembrássemos que essa arte é do Percy. Que o símbolo da Escola Municipal Agrícola foi criado pelo artista Percy de Oliveira.

A conotação de ‘crechão’ que a escola tinha desde o início, era reforçada pelo convênio que a escola mantinha com FUNABEM. A única coisa que valeu a pena, para a escola, desse convênio na minha gestão foi a caprinocultura, que veio por meio dele. Outra coisa que eu amei de paixão desse convênio: Eu fui ao Rio de Janeiro e passei uma semana dentro da FUNABEM, num congresso de escolas agrícolas do Brasil inteiro. ‘*Aquilo*’ me deu um conhecimento fantástico do que eram as escolas agrícolas espalhadas pelo Brasil. E me deu a visão do que eu queria e do que eu não queria para Escola Agrícola. Principalmente essa coisa de dizer: - Não quero o crechão. Cheguei para professora Maria Nilde e falei: - Lá é assim, as escolas agrícolas pelas quais eu passei tem essa conotação mesmo, é chamar os filhos dos pequenos agricultores sim, esse é o público alvo, mas porque eles não podem ir para uma escola, eles ficam praticamente internados na escola e aprendem. Mas, a FUNABEM deu esse caráter assistencialista para a escola. E por que ele foi feito aqui?

Porque não havia verba, na época do Lincoln Magalhães. Então, alguém precisava arcar com os primeiros investimentos da montagem da escola. Depois disso o Lincoln esteve lá, numa época de campanha política, ele era também meu amigo de infância. Mas, infelizmente ele não só não ganhou como a Maria Nilde, caiu antes e, claro caindo um, caem todos do ‘*staff*’. Quando ela caiu, só eu fiquei, todo mundo caiu, só eu fiquei! Mas, as diretoras das EMEI’s, que se achavam as

⁶⁵ O símbolo da escola como declara a profª Regina é do desenhista Percy de Oliveira e teve uma pequena modificação, no aniversário de 20 anos da Escola Agrícola: a enxada que não tinha preenchimento recebeu fundo de dourado.

“donas” da prefeitura, achavam que ainda tinha uma “semente” de Maria Nilde, lá dentro. Por que foram ‘elas’ que tiraram a Maria Nilde! Elas que insistiram politicamente, que a Maria Nilde saísse, porque a Maria Nilde as fazia estudar. Maria Nilde fez um, não, dois congressos mesmo, ‘cara’! Coisa grande! Trouxe vários educadores do Brasil e até de fora, para fazê-las estudarem. Tinha diretora de escola que sapateava, dizendo: “ - Quem era aquela ‘mulherzinha’ para fazê-la estudar? Que ela já era formada e tudo mais...” Essa diretora que ‘sapateou’, se aposentou há pouco tempo. Quando eu fui professora do Joaquim Ribeiro, no Curso Normal, ela ainda estava na direção de uma EMEI. A Maria Nilde não tinha ‘*papas na língua*’, para ela dizer que você precisa sentar e estudar, ela não pensava duas vezes: “ - O que você está pensando que você é, meu bem? Eu estudo até hoje, por que você não tem que estudar?” E as diretoras não suportavam isso, então a hora que ela caiu, cáímos todos nós, eu ainda me sustentei por seis meses, mas a pressão foi grande. Eu escrevi uma carta ‘meio’ mal educada para o Azil, com cópia para Secretária, que me chamou e falou: “ - Você é ‘filha’ da Maria Nilde! E, eu falei: - Você deveria levantar as mãos para o céu e dizer que eu sou “sua filha”, não “filha da Maria Nilde”, você foi minha professora, a Maria Nilde não! Eu fui seguidora da Maria Nilde, é diferente, mas minha professora foi você a Cecília Micotti, do departamento de Educação da UNESP, acho que ela ainda está na Pós graduação. Daí, eles disseram que na carta eu praticamente pedi demissão. E eu falei: “ - Não senhor, eu não pedi demissão não.” Eles me mandaram embora porque consideraram que eu estava entregando meu cargo. Eu disse que eu entrego meu cargo caso “isso, isso e isso” que vocês me prometeram não acontecesse, se vocês fizerem isso eu vou continuar maravilhada com o trabalho que eu estou fazendo. Quando eu saí, pois eles me mandaram embora, deram tudo isso que eu havia pedido para escola. Aí, eu fiquei possessa, mas tudo bem, passou? Passou. Eu acompanhava de longe pelo meu sobrinho e só depois quando a Creusa assumiu que eu perdi... Eu chorava cada vez que eu ouvia o que estava acontecendo na escola!

Desandou tudo. Mas, esse convênio, voltando com a FUNABEM, ocorreu pela falta de verba inicialmente, e a FUNABEM tinha dinheiro “a dar com pau”, não entendo até hoje como uma instituição como a FUNABEM acabou, para abrir o

caminho para as FEBEM's⁶⁶, porque a FUNABEM, na realidade, era uma escola e isso sim, era instituição para ter internos, mas não com grupo de risco, não com bandidos, era para mães que não tinham condição de criar seus filhos, que internavam, mas era uma instituição muito cara. Era muito cara, mas rodava dinheiro, rodava porque tinha aplicação de empresas, de projetos externos inclusive, a caprinocultura foi a FUNABEM que proporcionou.

Quem trabalhou com a Maria Nilde sabe que a liderança dela era assim. Ela proporcionava autonomia, isso ela dava. Até que você provasse o contrário. No momento que você demonstrasse que você não tinha capacidade para usar a autonomia que ela dava, ela tirava sem grandes explicações, inclusive. E é isso que as diretoras não suportavam nela, e até muito pelo contrário elas não enxergavam isso como coerência, elas enxergavam como autoritarismo, toda a Rede Municipal não enxergou que a maneira de trabalhar da Maria Nilde é essa: *Eu te dou o dedinho, você quer a mão? Prova que você pode usar a mão que eu te dou essa mão. Você quer o meu braço? Prova que você pode usar meu braço que eu te dou, mas no momento que você me provar o contrário, eu não vou tirando braço, mão e dedinho, eu tiro tudo.*

Essa era a Maria Nilde Macelani dentro da Educação e ela 'te' dava o amparo, ela te oferecia autonomia e realmente te resguardava. Ela era "galinhona", sempre foi, de repente: "- Vem todo mundo para baixo das minhas asas!" Reforçava todo mundo, que queria usufruir realmente daquela energia que ela dava embaixo das asas dela, ela tornava a soltar, mas você tinha que vir. Ninguém entendeu Maria Nilde Macelani! E, uma coisa que corria paralelamente a isso, eu vou falar pela primeira vez, ao lado disso, o professor Osdimir, o Sarti e eu fomos incumbidos pela Maria a pensar e colocar no papel uma escola de Ensino Médio, Agrícola, para dar continuidade, e já estávamos com metade da escola escrita no papel quando tudo aconteceu. Nossa idéia era colocar uma escola de Silvicultura voltada para ecologia, para fazer um curso de ecologia, para isso que estava voltada a nossa idéia! Começamos a dar essa conotação na escola, a partir da conversa que já estávamos fazendo.

Nesse grupo de estudo paralelo que eu acabei de falar, a gente já enxergava a escola com essa conotação Ambiental. Hoje, já se tem muito mais vocabulário voltado a essa área, e na época não tinha, então a gente inventava muita coisa. O

⁶⁶ Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

que faremos? Silvicultura⁶⁷? Precisamos fazer com que o pessoal entenda essa idéia. Que os nossos alunos saiam daqui preparados a fazer uma cultura agrícola sustentável. A visão do Dimas no laboratório era criar mudas, mudas para mata ciliar, então, o nosso pensamento, naquela época, estava voltado para cuidar das matas ciliares da nossa região e esse laboratório que o Dimas tentava desenvolver era exatamente isso, fazer com o que os alunos trabalhassem a “idéia” do uso sustentável da terra, era essa nossa linguagem cotidiana, mas não tivemos tempo de desenvolver tudo isso. Nosso objetivo ali, no laboratório era voltado para a mata ciliar e o uso sustentável da terra e que não chegou a ser desenvolvido.

Na época do “crechão” a procura por vagas na escola era enorme. Porque embora não possamos dizer que Rio Claro tivesse uma grande periferia, existiam pessoas que não tinham onde colocar os seus filhos que ficavam nas ruas, então ali, os professores, as assistentes sociais batiam no peito: porque tínhamos que fazer prova para entrar na Escola Agrícola, e que os casos deviam passar por elas para que selecionassem quem entrava ou saia das escolas, então isso se manteve um pouco e na época que ela passou a ser a escola, a procura caiu um pouco, mas ainda permaneceu com grande busca por vagas.

Continuamos com entrevistas, mas a diferença era a conotação da entrevista que mudou, pois queríamos realmente, que o futuro aluno tivesse interesse em conhecimentos agrícolas. Professores, orientador vocacional, orientador pedagógico entrevistavam os candidatos, observando o seu interesse pela parte agrícola. Assim, pessoas que tinham a idéia de fazer um ensino médio numa Escola Agrícola e depois fazer uma faculdade de agronomia, passaram a procurar a escola. Uma aluna a Bruna Fonseca. Hoje é engenheira agrônoma, e saiu de lá da escola.

Já os professores passavam por uma entrevista comigo, com o Zeca e com a Maria Nilde. A Maria Nilde ratificava ou não a contratação. A Maísa que era diretora quando eu cheguei era a professora de Matemática da escola, e não ficou porque eu entrei no lugar dela, como diretora.

O professor de matemática Denizalde Jesiel Rodrigues Pereira⁶⁸ era uma pessoa que eu e o Zeca aprovamos, Maria Nilde olhou para mim e falou: “- Ele vai criar problemas para vocês.” Ela bateu o olho, de conversar com ele, fez a

⁶⁷ Silvicultura s.f. Especialização da carreira de engenharia agrônoma que estuda as essências florestais, a formação e a exploração de florestas artificiais, a preservação das florestas naturais, a ecologia e as ciências afins. (Larousse, 1995, p. 5389)

⁶⁸ Denizalde Jesiel Rodrigues Pereira, ex-professor de matemática da EMA, no período de 07/02/90 a 27/07/90

observação, mas acontece que ela gostou dele também. O Denizalde fazia na ocasião, a tese dele, que era voltada para ‘ASSIMILAÇÃO SOLIDÁRIA’⁶⁹, muito interessante. Era mais ou menos semelhante ao protagonismo juvenil, não era essa conotação que ele queria dar e eu modifiquei isso, posteriormente, à minha maneira para as minhas aulas de História. Nós formávamos um grupo e nesse grupo, um auxiliava o outro, através de um determinado problema: cinco alunos tinham que resolver esse problema, nesse grupo havia o aluno excelente, aquele que não fazia nada, aquele mediano, e aqueles que tentavam. No dia da apresentação, o professor sorteava um deles, que ia apresentar o trabalho, o resultado atribuído ao trabalho ia para os cinco, se eles tivessem o azar de pegar aquele que não fazia absolutamente nada, aquele aluno ‘dez’, ia levar um ‘zero’, então o aluno ‘dez’ em momento nenhum podia deixar o aluno ‘zero’ permanecer ali no “zero”, e por conta dessa defesa de tese, desse objeto de trabalho do Denizalde, que o Zeca e eu apostamos nele. A tese era maravilhosa, mas as convicções políticas dele interferiam no andamento da escola, então era impossível continuar. Na apresentação da escola, por exemplo, para a cidade, naquela feira, o que ele fez? Foi maravilhosa a apresentação dele, ele era gaúcho, e ensinou a meninada a dançar o chula⁷⁰, enquanto eu levava o catira paulista, o Denizalde, mostrou o que era o chula para os nossos alunos. Foi instituída por mim também a maravilhosa Festa Junina, que depois também perdeu a conotação e passou a ser só por ‘dinheiro’. Aí, pela Creusa perdeu-se tudo, perdeu-se o caminho. As maravilhosas Festas Juninas de lá, foram instituídas por mim.

Depois do Denizalde, o Evrardo⁷¹, ele veio ficou, de certa forma ele me enganou um pouco, mas ele foi assumindo de vagar, ele é aquele camarada muito inteligente que sabe responder numa entrevista exatamente aquilo que você quer ouvir, e depois age contrario, mas ele foi incorporando ‘legal’ e aí quando eu sai ele ficou, acho que esta lá até hoje!⁷². Mas, ele foi absorvendo a coisa e acabou ficando. Se não assumia totalmente, ele tentava pelo menos, por exemplo, se algum técnico agrícola pedisse que ele trabalhasse com os alunos porcentagem para cálculo, ele o fazia, era exatamente o que precisávamos que a teoria caminhasse junto com a área

⁶⁹ Assimilação solidária – trabalho produtivo em sala de aula.

⁷⁰ Chula é uma dança típica do Rio Grande do Sul, praticada apenas por homens, derivada da chula de Portugal, baseada em batidas dos pés e nos desafios.

⁷¹ Evrardo Rodrigues Cavalheiro, ex-professor de matemática da EMA, no período de 03/09/90 à fev/98. Faleceu em 2009.

⁷² (Neste momento a professora Regina foi notificada do falecimento do prof. Evrardo).

técnica, uma questão pedagógica. A gente esta falando de tudo menos da questão pedagógica. Toda parte do núcleo comum, do núcleo regular, os conteúdos, eram voltados para as necessidades agrícolas, nas quintas e sexta séries era muito valorizada a aritmética, somar, porcentagem, e depois eles iam “andando” devagar para todos os conhecimentos matemáticos. O Denizalde até que fazia isso, o único problema mesmo, foi ter deixado a questão política interferir no seu trabalho, quem não agüentou mais, foi a Maria Nilde, não agüentou mais! Era impossível, insuportável mesmo de agüentar, porque você sabe, quando ouve as bases, é maravilhoso, mas não sair das bases também não adianta. O radicalismo do partido político do Denizalde, não deixou que ele permanecesse na escola. Foi por isso que ele saiu da escola.

Do ponto de vista histórico e cultural, a Escola Agrícola estava cumprindo seu papel, mas não cumpriu. Ela estava cumprindo e nós fomos arrancados de lá, estava a caminho de cumprir. Gostaria de ter continuado meu trabalho! Bem, a questão é que estamos em 2010, em 2005, segunda a Tereza⁷³ o grupo de voluntários que ela dirige em Rio Claro, foi chamado, e foi representado pela professora Helena, uma psicóloga, para que montasse um projeto para trabalhar com os professores da Escola Agrícola.

O que aconteceu? A Helena conversou muito comigo, chamei o Joaquim Afonso para que conversasse com ela e desse ‘as bases’ de como a escola estava para que ela pudesse montar o trabalho junto aos professores, a idéia era que eu fosse junto, mas achamos que politicamente não devia acontecer, porque talvez fosse visto de outra maneira e ainda existia ‘gente’ daquela época na Rede Municipal e que talvez dessem outro significado: “*A Regina esta querendo voltar!*” Então, só assessoriei escondidamente para que ela montasse um novo horário de trabalho com os professores, tudo aquilo fui eu que fiz. Mas a Helena é uma pessoa muito dominadora também, acabamos até com, as relações, a nossa amizade, meio que estremecidas. Acabamos nos distanciando porque que eu dizia como ela tinha que tratar as coisas da Escola Agrícola e ela dizia que não era daquele jeito que ela queria levar. “Então, eu não tenho mais o que falar com você sobre a Escola Agrícola”. Aí o marido dela, o Paulo, também muito meu amigo, parece, que continuou o trabalho, depois eu já não sei mais como ficou, mas nessa ocasião me

⁷³ Superintendente do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

deu muita vontade de voltar, de reassumir aquilo tudo, mas politicamente não dava mais e agora também, eu já não tenho saúde para isso. Mas eu voltaria alegremente, era a única coisa que me faria voltar para Rio Claro. Eu tenho a Escola Agrícola assim como uma ‘paixão mal resolvida’. Nossa! Minha paixão por ela é...Que pena que a gente tenha que passar por essas situações provocadas por essa bendita política

Gostaria de dizer que a única pessoa que eu permitiria que mudasse algo sobre a minha fala seria o José Carlos Duarte, o Zeca, se ele dissesse: “Não, não foi exatamente assim, foi assado! Então, ele pode dizer – olha a Regina exagerou um pouco aqui... Porque nós sabemos que na História Oral tem muito disso. Enfatizamos alguns pontos que achamos mais significativos.

Eu tenho aqui um livrinho escrito que vou dar para uma amiga, que é a minha história na Coordenação Pedagógica. Agora: o meu caminho, vou falar de outras experiências: minha formação é da UNESP, como já detalhei, na época, um instituto isolado a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro. Fui orientadora pedagógica, sob o bonito título conferido a mim pelo prof. Aragão: *Assessora técnica pedagógica*. Fui orientadora pedagógica do Colégio de Aplicação. E quando acabaram com as escolas experimentais, que eram os vocacionais, eu me afastei da Educação e vim para São Paulo, fui gerente de banco e me casei aqui⁷⁴.

Não agüentei a gerencia de banco. Guardei um dinheirinho e junto com meu ex-marido montei uma pré-escola, por oito anos, quando me separei e voltei para Rio Claro. Aí, fui para Escola Agrícola, voltando para Educação e não saí mais, não me afastei mais da Educação.

Saindo de lá, dei aulas de História, pois faltava professor no pedaço, não existia professor de História. Porque a minha Pedagogia, Pedagogia antes da mudança do curso (na UNESP), o curso que se perdeu, foi embora para Araraquara e depois voltou, permitia como Licenciatura Curta, ministrar aulas de História, Geografia, e Matemática. Primeiro, fui procurar o Curso Normal como pedagoga, mas não faltava professor no Curso Normal, onde estavam todas as minhas colegas que se formaram comigo em 69. Nenhuma efetiva, porque não houve efetivação, já era intenção acabar com os Cursos Normais naquela época. Os cursos que na época, não chamavam Curso Normal era Escola de Formação de Professores

⁷⁴ A presente entrevista foi realizada na cidade de São Paulo, na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Praça da República.

Primários e eram docentes, todas as minhas colegas que tinham saído comigo da faculdade, as. Algumas foram para 'Aplicação' comigo.

Então, não pude entrar imediatamente no Joaquim Ribeiro, no Curso Normal que havia lá. Inscrevi-me para a disciplina de História e comecei dar aulas em Corumbataí, embora a Licenciatura Curta só desse autonomia para aulas de 5ª a 8ªs séries do primeiro grau, mas não tinha professor mesmo! Aí, eu ia para o ensino médio também, antes da reorganização ainda era o segundo grau.

Dei aulas de História por muito tempo, até que fui chamada para o Curso Normal, no Joaquim Ribeiro, porque uma professora, colega de faculdade, se aposentou, a Márcia. Como eu estava inscrita, a diretora Cemiramis Nascimento, e a dirigente minhas amigas, chamaram-me para a vaga. O marido dela, Paulo, professor de Matemática saiu de lá depois e faleceu ano passado ou retrasado? Hoje, ela trabalha com turismo, ela tem uma agência de turismo. É outra pessoa que pode falar da Escola Agrícola, na ocasião que eu assumi a Escola Agrícola, a professora Cemiramis era Supervisora na Diretoria de Ensino, era Supervisora da Escola Agrícola. Como era minha amiga, ela me telefonou, eu já estava em Corumbataí⁷⁵, a Escola Agrícola já tinha morrido para mim. Ela falou: - Regina uma vaga para você, uma substituição até o final do ano e provavelmente sobra para você o ano que vem no 'Normal' do Ribeiro, e eu falei: - É prá já! Tinha mudado para Corumbataí, porque na época eu tinha moto, viajava para Corumbataí e voltava de noite, acabei mudando para lá o que foi maravilhoso para os meus filhos, foram três anos maravilhosos, e eu com a minha maneira de ser me tornei três meses depois lá 'persona non grata' em Corumbataí porque eu pus a cidade de ponta cabeça. Lógico! Eu assumi a direção do Centro Comunitário, e o Centro Comunitário fechado! Todo dia, aquela molecada bebendo vinho 'chapinha' no jardim de uma cidadezinha de dois mil habitantes, e a mulherada 'ficando grávida' na prainha! Pensei: "E essa 'coisa' aqui fechada? Vamos 'botar' essa molecada aqui prá trabalhar, prá brincar nesse Centro Comunitário, o que é isso?" Mas aí, o povo não gostou muito e eu acabei saindo de lá. Bom aí eu voltei para o Joaquim Ribeiro, no ano 94, 95 já no curso normal e dando psicologia no Ensino Médio, aí entrou Psicologia e eu peguei as aulas também, era escola padrão o Joaquim Ribeiro, fiz uma prova, entrevista com diretor e tudo mais e foi fácil ser aprovada. Em 96 quando

⁷⁵ Corumbataí é um município brasileiro do estado de São Paulo, próximo à cidade de Rio Claro. O rio Corumbataí é importante manancial de água que drena seu território.

foi instituída a Coordenação Pedagógica nos moldes que ela é hoje, eu prestei o exame e entrei e eu fui por dez anos Coordenadora Pedagógica da escola e me entendia bem com os diretores de lá, com a Lúcia, com o Sidnei até pelo olhar!

Foram dez anos maravilhosos! Fiz todos os cursos que a Secretaria ofereceu na época. Todos os cursos! E, em 2006 eu resolvi vir para São Paulo, acompanhar minha filha, porque em 2005, faltava um ano para eu me aposentar, acabou-se o Curso Normal. Aí eu entrei em parafuso! Falei: “- E agora o que eu faço?” Um ano para eu me aposentar e não teve mais concurso para Curso Normal! Eu só tinha Pedagogia, embora com quinze anos dando aula de História, não podia prestar exame

para a disciplina de História. Não podia dar outra disciplina, nem Psicologia! Pois, começaram a colocar “as coisas” em ordem e eu acho até que estavam certos, mas só que, eu fiquei na “contra mão” nessa história. Aí, o que eu fui fazer? O único concurso que estava aberto em 2005, PEB I. Eu tenho o Curso Normal e Pedagogia, fui prestar o concurso para professora Primária⁷⁶. Evidentemente entrei, porque se não passasse! Se enforca, não é mesmo? Assumi em Campinas, porque nos arredores de Rio Claro, as escolas nesse nível são todas municipalizadas, então eu não pude pegar nada por ali, então eu sou efetiva como PEB I⁷⁷ em Campinas e me afastei imediatamente, para assumir em janeiro de 2006 a Coordenação Pedagógica no Joaquim Ribeiro.

Mas, em Junho, a vida da minha filha deu uma guinada, ela falou: “- Mãe, eu vou embora para São Paulo, o quê eu fico fazendo aqui formada em Direito? Eu vou continuar como advogada, uma excelente atendente de médico”. Que era o que ela fazia enquanto estudou, ela fez Claretianas⁷⁸, passou na UNESP, em Franca, mas não quis se afastar, pois minha mãe estava muito doente, na época, então ela não quis sair de lá e acabou fazendo a Claretianas, mas aí minha mãe faleceu e aconteceu uma série de coisas e ela precisou trabalhar e me ajudar porque só com o meu salário não dava. Mas depois de formada: “- Mãe, agora eu preciso ir embora, mas eu não quero deixar você sozinha, como seria nossa vida, você aqui sozinha e eu sozinha em São Paulo? Eu falei: “- Vamos embora, eu me afasto, porque sou designada, eu vou me designar em qualquer coisa lá, em São Paulo e vim para cá com o chapeuzinho na mão, aí fui na primeira Diretoria, aliás eu liguei para as

⁷⁶ Ensino Fundamental I, do atual Ensino Básico.

⁷⁷ PEB I – Professor de Ensino Básico I

⁷⁸ Faculdades Claretianas – Rio Claro

Diretorias, lá em Rio Claro mesmo, no Joaquim Ribeiro eu ligava para as diretorias aqui e me oferecia e ‘cara de pau’ mesmo, até que uma dirigente, que até hoje ela fala: “- Porque que eu não fiquei com você!” A Maria Izabel, dirigente da “Centro Sul”, depois de duas horas no telefone, falou: - Olha, não quero você como coordenadora em nenhuma das minhas escolas, eu quero você como coordenadora na minha Diretoria! Eu falei: - Ah! esta bem! Marcamos uma entrevista e eu vim, mas não deu certo. Então, fui apresentar o meu plano para coordenadora pedagógica a uma Diretora, que me fez a seguinte proposta: “- eu não quero mais você como coordenadora, eu quero você como minha vice-diretora, eu estou sem vice, em uma escola lá em Heliópolis, escola Gualter⁷⁹ Antes de aceitar a sua proposta eu falei: “- Olha eu não sou administradora, odeio administração escolar, eu sou da parte pedagógica, e não da administrativa!” “ – Ah! Mas tem duas verbas que você vai precisar fazer! Eu falei: “- tudo bem eu aprendo fazer essas duas verbas. Eu faço essas duas verbas para você e só, da parte administrativa. Mas eu fiquei um ano e dois meses lá. Não deu para ficar mais, porque como já mencionei, eu sou do protagonismo juvenil e nesse meio tempo entre Escola Agrícola e todo meu tempo de coordenação, o “protagonismo juvenil” caiu na cabeça de todo mundo como um trabalho mesmo! Eu brinco com o meu colega ‘sardinha’ que é o Antonio Carlos Gomes da Costa, que eu chamo de ‘sardinha Gomes da Costa’⁸⁰. No trabalho com Tereza Arruda, aprendi muito no centro voluntário de Rio Claro, fiz todos os cursos que a Helena ofereceu sobre ‘protagonismo juvenil’ e a minha diretora maravilhosa que é a minha amiga em São Paulo, mas que eu não conseguia trabalhar com ela, pois dirigia-se ao aluno dizendo: “- Você é um animal!” Aí eu falei: “- Olha eu quero continuar sendo sua amiga, então eu vou deixar de ser sua vice”.

Saí de novo com meu ‘chapeuzinho’ e fui parar num centro de educação supletiva, era a única coisa que tinha vaga na época, e eu não podia voltar para Campinas como PEB I, nem morar em Campinas e também nem ganhar como PEB I, não é? Em hipótese nenhuma, aí eu aceitei o Clara Mantelli⁸¹. Centro de Educação Estadual de Educação Supletivo, são vinte uma escolas no Estado, uma aqui em São Paulo no Tatuapé, e eu fui vice-diretora lá. Mas, também não estava contente,

⁷⁹ EE Prof Gualter da Silva, Heliópolis-SP.

⁸⁰ Alusão à marca de enlatados Sardinhas Gomes da Costa.

⁸¹ CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO SUPLETIVO DONA CLARA MANTELLI – Av. Alcântara Machado, 4188 Quarta Parada – São Paulo-SP.

porque eu não estava fazendo nada, eu só fazia as benditas verbas de merenda, porque a escola, embora seja supletivo dava merenda, pois lida com trabalhadores. Cuidava daquilo e andava pela escola, só isso. Porque lá não tem nem sala de aula, o atendimento é quase que personalizado, é um modelo de escola completamente diferente, tanto que chama centro educacional, centro de educação.

De repente, a supervisora dessa escola a Terezinha falou brincando: “- Regina você conhece alguém que queira substituir uma direção numa escola que está assim, assim, assim... A escola está péssima, esta acéfala, a diretora saiu de licença Prêmio, licença saúde e não vai voltar. Logo em seguida, que a diretora saiu, a vice-diretora tirou uma licença saúde e a escola esta acéfala, período integral, alunos oriundos de uma favela, são 240 alunos e a escola está “pegando fogo”! Eu brinquei com ela: “-isso muito me interessa” Mas em seguida emendei: “ - Não conheço”.

No dia seguinte ela me telefona: “- Escuta Regina quando você falou que “isso muito me interessa”, você não teria intenção de aceitar? Ai eu falei para ela: “- Você quer voltar essa história e conversar sério?” Então, vem aqui. Ela foi para escola, conversamos e naquele mesmo dia a dirigente ligou marcando hora comigo e no dia seguinte, na sala dela, onze horas da manhã. “ - Você assume o Amadeu Amaral? Eu dou tudo o que você precisar”. Eu falei: “ - Assumo!”.

Escola Estadual Amadeu Amaral, largo São José do Belém, novembro de 2008, rede globo, notícia internacional! Meu filho ficou sabendo, lá na Espanha e quase teve um ‘treco’: Os alunos fizeram uma rebelião tipo ‘FEBEM’, um mês depois que eu tinha assumido a escola. Isso ‘rodou’ em Rio Claro: “A escola da Regina!!!” Era todo mundo ligando prá mim desesperadamente. Um mês depois que eu assumi a escola, que vinha num processo de desconstrução absoluta, que não vem ao caso comentar agora. E a maneira como lidei com aquilo é que me trouxe aqui na Secretaria da Educação, porque aquilo aconteceu de manhã e 3 horas da tarde eu estava no “Palácio”, para dar satisfação para todo ‘staff’ do governador, o que tinha acontecido na “minha” escola. E então, a Secretária da Educação, a Maria Helena, vira para mim e diz: “- Mas afinal, o que é preciso fazer para acabar com essa violência?” Eu disse: “- Uma equipe multidisciplinar, que ajude os diretores a modificar a gestão e o trabalho dentro das escolas”. Então foi criada a Supervisão de Proteção Escolar e Cidadania. Esse é meu departamento. Departamento que eu estou agora, que tem a minha Chefia, da Segurança Pública, tem também o policial

militar, tem a Eva, que é educadora, como chama? Por causa da quimioterapia, eu estou com certo esquecimento. Educadora de grupos de risco, de grupos de controle social. E estamos formando nosso departamento agora. Temos dois instrumentos que já está na rede: *Normas de comportamentos*, e um *Manual* de alguns conceitos, para que os diretores tenham certo amparo legal em termos de atendimento telefônico. É um departamento que ainda, não tem ‘pernas’ para ‘aguentar’ 5400 escolas. Ainda! Nós estamos desenhando esse departamento. É isso que estamos fazendo, e não é fácil não! E, eu tenho mais esse desafio! E agora, particularmente, estou muito cansada. Quando eu recebi o convite para vir para cá, no mesmo dia, eu tive a descoberta do meu câncer. Costumo brincar que recebi na mesma bandeja o convite para trabalhar na Secretaria da Educação de um lado e o câncer de outro. Aí, com um deles, me saí muito bem, que foi com o câncer. Graças a Deus! Em março, na época em que fui operada estava com 48 quilos e hoje estou com 67, e já com o primeiro diagnóstico pós-operatório de que a doença está acabada. Mas para se dizer que está completamente curado, o câncer mesmo, leva 5 anos.

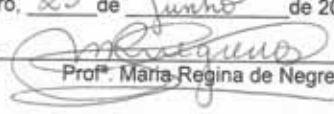
Mas, a Escola Agrícola foi “a paixão” em toda minha história na educação. Foi a minha paixão! Eu deixaria qualquer coisa para voltar para aquela escola! Mas hoje, infelizmente nem que haja essa possibilidade, minha saúde embora esteja muito bem agora, minha idade, minha saúde talvez não permita mais.

Carta de Cessão

Eu, Maria Regina de Negreiros, R.G. 398.040-1, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 07 de janeiro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 25 de junho de 2011.

Sujeito de pesquisa:


Prof.^a Maria Regina de Negreiros

5º Episódio

Maria Creusa Garcia Andriolli (Ex-diretora/gestão: 19/04/1993 a 22/04/1997)

Encontro: 05/05/2010

A minha paixão por aquela escola foi muito, muito grande! Eu amava aquela escola assim, era meu objetivo de vida. Eu amava aquelas crianças, os funcionários... Cada um com os seus problemas, que eu tentava resolver. Eu ouvia muito as crianças, ouvia os funcionários e agia, porque uma escola daquele tamanho, com aquele porte, precisa de uma pessoa dinâmica, que aja e que interaja. E, foi isso... Hoje, ela me traz à memória coisas muito boas, muito gratificantes... Quando eu saio na rua, nas festas encontro aqueles homenzarrões: “Oi dona Creusa, como vai? Que saudades!” Isso me reanima a alma e é muito bom.

Eu venho de uma família de agricultores, meu pai era fazendeiro, então desde os seis anos de idade eu trabalhei na agricultura... Apesar de ter estudado em internatos. A minha vida inteira foi estudar em colégios internos, mas quando chegava a época de férias, meu pai nos fazia trabalhar na “roça” para dirigir o pessoal, para comandar o pessoal. Meu pai tinha uma fazenda que abrigava 80 famílias e eram os filhos dele que a administrava nas férias... Nas férias meus pais descansavam e os filhos assumiam.

Os filhos assumiam a fazenda, o irmão cuidava de uma parte e as irmãs de outra. E a minha parte, a minha tarefa, era cuidar das plantações e dos empregados que nela trabalhavam. Essa era a minha responsabilidade. Por isso a minha paixão pela parte agrícola. Quando eu fui convidada para assumir a Escola Agrícola... Fui convidada na gestão do Nevoeiro⁸². No primeiro momento, eu falei para ele: “Não, eu não quero.” Porque eu fiquei com medo de não dar conta sozinha. Mas, como ele estava satisfeito com meu trabalho em outras escolas, que eu havia dirigido, então ele falou: “Não, eu preciso de uma pessoa como você lá.” Aí eu enfrentei o desafio. Pesquisei muito, li muito, tudo aquilo que eu não sabia. Porque as técnicas mudaram desde a época do meu pai para a época que eu assumi. Aí abracei a causa e fui em frente.

⁸² Demerval da Fonseca Nevoeiro Júnior – prefeito da cidade de Rio Claro-SP em três gestões: 1977 – 1982; 1993 – 1996; 2005 – 2008.

O objetivo nosso, tanto do prefeito na época, como meu, era dar ao homem do campo, subsídios para que ele tocasse melhor a vida no campo. Tanto é que a nossa prioridade eram os meninos, filhos de pequenos agricultores. Para que eles pudessem executar as técnicas aprendidas na Escola Agrícola... Para que eles pudessem ajudar os pais no futuro, aplicando na própria propriedade o que a gente desenvolvia lá dentro.

Eu não sei dar dados precisos, faz muito tempo que saí de lá. Mas se eu não me engano, quando eu entrei lá, havia aproximadamente uns cento e poucos alunos. Uns cem, uns oitenta, eu não me lembro precisamente, mas eu a deixei com quase seiscentos alunos. Se não me engano quinhentos e quarenta a quinhentos e sessenta alunos.

A demanda cresceu muito. O que animava a gente. Tanto que a nossa pretensão não era a de permanecer com uma escola de primeiro grau apenas. A nossa pretensão, tanto que o prefeito já estava colaborando... Era passar para uma escola de 1º e 2º Graus (Ensino Fundamental e Médio).

Tantos sonhos, tanta coisa projetada, planejada! Tanta coisa que aquilo ali poderia ser, meu Deus! Uma escola de 2º Grau, para as nossas crianças, que não precisariam mais sair para estudar em Jaboticabal, nem para Franca, nem para lugar algum. Queríamos oferecer isso a eles, em período integral, inclusive para dormir na escola... Seria um tipo de internato, só que no final de semana eles iriam para casa.

Na minha época, o que a gente chamava de liberdade, não era libertinagem, como temos hoje. Na minha época, não! Tinha-se liberdade de ação, com responsabilidade. Se jogasse um papel no chão, ele saberia que eu iria saber quem foi que jogou e ele iria ter que catar e jogar no lixo. Se ele riscasse um milímetro de uma parede, ele iria saber que eu iria descobrir quem foi. Porque os próprios alunos se fiscalizavam, entre si. E ele sabia que teria que pintar a parede de novo. Então, era uma liberdade com responsabilidade. Hoje se pode pensar: “Nossa! Coisa ultrapassada.” Mas na minha época, na minha gestão, eles não podiam namorar lá dentro. Por quê? Porque eu tinha muita responsabilidade sobre aquelas crianças, eles não eram meus alunos, eles eram como se fossem meus filhos. Eu os

considerava como meus filhos! E eu tinha bananal, eu tinha mandiocal, eu tinha um pomar de laranjas. Eu tinha dois pomares de laranja.

Ah! Tinha dois pomares de laranjas, tinha pomar de manga. Era plantação fechada e eu não podia arcar com essa responsabilidade. Então namorar lá dentro era expressamente proibido e eles respeitavam. Então, era uma liberdade sem libertinagem, era uma liberdade com responsabilidade. Tanto que eu tinha uma central telefônica (tipo PABX)⁸³, e quando eu estava na minha sala, por exemplo, eu olhava no calendário, e estava escrito caprinoculturas, naquele horário – e o setor onde ficavam as cabras é distante da diretoria – então, eu controlava o tempo de ida e chegada no setor de caprinocultura. Eu interfonava para o técnico e perguntava: “Conferiu a listagem de presença?” E quando ele respondia: “Conferi dona Creusa e Fulano não chegou aqui ainda.” Então, saia um funcionário para saber onde estava esse Fulano. Quando eu não fazia isso, a minha assistente fazia.

Eu tinha muitos funcionários. Eu tinha, porque não se consegue tocar uma escola daquele porte... Pelo menos no porte que eu deixei, se não tiver uma boa assessoria de administração. E nesse ponto, eu tenho muito que agradecer à Administração municipal, porque eles me davam respaldo, em relação a quantidade de funcionários. É claro que eu não tinha funcionários supérfluos, nem eu iria admitir isso... Imagine que eu iria trabalhar e que um funcionário ficasse lá de braços cruzados, me olhando? De jeito nenhum. Eu tinha o necessário, mas eu tinha.

Eu tinha dois inspetores para todos os alunos. Dois inspetores que davam conta. Eles davam conta, porque as crianças não ficavam espalhadas, por exemplo, estava na programação: área de lazer, horário de lazer... Porque tinha horário para lazer também. Então, se uma sala estivesse no lazer, um inspetor permanecia junto na área de lazer e o outro ficava circulando. Horário de campo de futebol era responsabilidade do professor de Educação Física. Horário de aulas de campo era responsabilidade dos técnicos. Por isso, eles davam conta, cada um exercia o seu papel e eu controlava por telefone. Eu não sei se ainda tem a central telefônica lá, mas na época era assim. Essa central ficava na minha sala, e de lá eu controlava as idas, por exemplo: foram para a avicultura: “Quantos chegaram aí?” Porque a inspetora sabia quantos tinham saído, então chegariam os mesmos tantos lá. Uma inspetora acompanhava, mas eu era tão fixada na segurança e tinha tanto medo que

⁸³ PABX - permite efetuar ligações entre telefones internos sem intervenção manual, ou ainda telefonar e receber telefonemas da rede externa (geralmente pública).

acontecesse alguma coisa, que mesmo assim eu ligava para o técnico. Se ainda tiver algum técnico da minha época na escola, ele poderá confirmar isso. Vai confirmar que eu controlava tudo, pela minha sala, e quando eu não estava era a minha assistente que o fazia. Porque nós tínhamos a programação das aulas na nossa frente. “Onde está a 8ª série agora?” “Está em tal lugar.” “Onde está a quinta série?” “Está em tal lugar.” Era tudo muito organizado, e nunca ninguém estaria num lugar que não era determinado estar... A não ser que tivesse a minha autorização, aí sim. Caso contrário não! Tudo passava pela minha mão, tudo! Mesmo eu tendo funcionários para as funções específicas, ninguém tomava decisões sem interfonar, sem consultar... Senão ficava aquele jogo de empurra: “Foi Fulano que mandou, foi Sicrano que falou. Foi a assistente que mandou...” Não! Não era assim. A palavra final era minha. E funcionava, é funcionava!

É uma pena que a política faça o que faz. É uma pena ter destruído tanta coisa boa que ainda estava por vir e é uma pena que as pessoas usem da ingenuidade de outras pessoas, pondo até psicólogos dentro de uma escola, para fazer a “cabeça” de funcionários para depor contra outra... Então é uma pena tudo isso, e me causou um trauma muito grande, uma doença muito grave, eu tive um problema muito sério de depressão, cheguei onde você não imagina que um ser humano pode chegar... Eu cheguei. Saí? Saí. Eu não podia mais passar na frente, nem podia mais falar sobre a Escola Agrícola. Mas, eu fiquei feliz em poder dar essa entrevista, sem meu psiquiatra interferir. Eu fiquei feliz por ele ter autorizado. Isso é sinal de que eu estou caminhando para me libertar das medicações. Já me libertei de muitas medicações, mas ainda tenho sequelas. Quando estou muito nervosa meu braço não funciona mais. Muita coisa o meu cérebro já não me ajuda, devido às fortes medicações. Mas, o que eu posso falar? Somente que foi uma pena. Que foi uma pena muito grande tudo o que ele fez. Foi para perseguir a mim que ele destruiu uma escola! Infelizmente, políticos interferem no trabalho de um profissional por não gostarem dele. E se esquecem que afetam uma família, uma escola, uma comunidade inteira e talvez uma cidade... E foi o que aconteceu. Não sei como está a Escola Agrícola agora, nunca mais tive conhecimento. Depois que eu saí fui uma vez até lá e assim mesmo acompanhada pelo meu médico. Ele ficou do lado de fora e eu fui receber uma homenagem. Mas, é muito triste, é muito triste. Só isso.

Como eu já falei... Tantos sonhos, tanta coisa projetada, planejada, tanta coisa que aquilo ali... Meu Deus! Imagine, poderia virar. Seria com certeza uma

escola de 2º grau, as nossas crianças não precisariam ir para Jaboticabal, nem para Franca, nem para lugar algum. Nós iríamos oferecer tudo isso a eles, em período integral. Inclusive para dormir na escola... Seria um tipo de internato, só que no final de semana eles voltariam para casa.

Seria uma escola de ensinos Fundamental e Médio! Mas, foi uma pena, foi uma pena muito grande! Tanto que quando o Nevoeiro se elegeu novamente, ele foi me convidar, para que eu reassumisse a Escola Agrícola, porque eu sou efetiva lá... Mas, o meu medico não deixou. Falou que não! Que eu não estava preparada ainda, que não existia nenhuma possibilidade de eu voltar no momento. E foi uma pena, porque meu Deus! Era para ser tudo muito lindo lá... Mas, se não foi, é porque Deus não quis. Não era para ser. Mas, ali seria uma escola de segundo grau...O Nevoeiro já estava inclusive desapropriando a área. Mas, logo veio o Cláudio de Mauro e aconteceu tudo aquilo... Nossa Senhora! Melhor nem lembrar!

A fundação Mokiti Okada⁸⁴ funcionava naquele cantinho lá embaixo, próximo a escola. No começo, quando nós entramos lá, levei as crianças para ver o cultivo natural que eles produziam. Pois o nosso era convencional, com a utilização de adubos e tudo mais. Nós mantínhamos um bom relacionamento, mas não conjugávamos e nem poderíamos conjugar da mesma idéia, porque ele tinha agricultura natural e era uma coisa mais lenta. E eu precisava de uma coisa mais acelerada. Então, apesar do bom relacionamento com senhor Pedro e sua esposa, dona Silvia, que moravam lá – ela sempre ia até a escola para fazer ikebana⁸⁵, para melhorar o astral do ambiente – ele ficava com a agricultura natural e eu com a convencional.

Eles tinham aquele cantinho deles lá e lá eles ficavam. Eles não mexiam com a gente e nem a gente mexia com eles. Não tinham nada a ver com a Escola Agrícola. Houve um momento em que teve um tipo de treinamento para agricultura natural na Escola Agrícola. Teve um curso, mas não foi para frente. Não foi para frente, porque nós precisávamos de produção. E a agricultura natural é mais lenta. A Fundação Mokiti Okada nunca teve nada a ver com a Escola Agrícola. Nada!

⁸⁴ Fundação Mokiti Okada

⁸⁵ Ikebana: Arte japonesa de arranjos florais.

Não sei se no começo da história, talvez, eu até tenha errado em falar “Nada, nada a ver com a Escola Agrícola”. Mas, na minha gestão não teve nada. Pelo menos na minha gestão, não! Agora, nas gestões anteriores e nas posteriores, eu não sei. Na minha não teve nada a ver com a Fundação Mokiti Okada.

Galeria de Fotos da época



Figura 12: Foto 1



Figura 13: Foto 2

Neste momento foram apresentadas algumas fotos, que seguem abaixo, para que nossa depoente lembrasse e comentasse a respeito, por meio de suas memórias.

Aqui, nesta foto, estão peneirando feijão (Foto 1) e olha eu aqui no trator (Foto 2), quando faltava o tratorista era eu que tombava as terras, era eu que cuidava.



Figura 14: Foto 3

Aqui era a suinocultura (Foto 3), isso aqui era uma parte da nossa horta, olha!

Olha o Dante⁸⁶ (Foto 4) ele está na Secretaria de Educação, esse aqui está na Secretaria de Parques e Jardins... esse é o Dante, esse é o Ismael. Aqui é a entrada e ainda não tinha o portão (Foto 5).



Figura 15: Foto 4



Figura 16: Foto 5

Olha o feijão (Foto 6). Esse aqui era um técnico, técnico Sérgio. Esse aqui é o Zezão⁸⁷, o Zé Roberto, olha como ele era novinho.



Figura 17: Foto 6

Aqui temos uma ikebana (Foto 7), as ikebanas que a dona Silvia fazia. Olha que coisa linda! E aqui ela já estava velha, você vê que a florzinha já estavam até caindo. É o que a dona Silvia fazia, da Mokiti Okada, e a gente tinha um bom relacionamento, mas nunca teve nada entre a Fundação e a escola.

⁸⁶ Dante Aparecido Santoro – técnico agrícola da EMA de 1991 a 1999.

⁸⁷ José Roberto Soares Jessor, técnico Agrícola de 1987 a 2010



Figura 18: Foto 7

Aqui é a Ângela, a secretária (Foto 8). E aqui é uma gincana (Foto 9). Nós fazíamos muitas gincanas. Os alunos eram todos uniformizados. A gincana, muito legal. Nossa! Eram umas coisas muito boas.



Figura 19: Foto 8



Figura 20: Foto 9

Esse aqui é o Sr. Luis (foto 10) e aqui o nosso pomar (Foto 11). Do lado do campo, na parte de cima, vizinho da fábrica tinha um pomar e na parte de baixo tinha outro pomar. E para baixo da escola, para baixo da cozinha tinha um pomar de mangas e do lado ali, do lado do campo, tinha outro pomar de laranjas.



Figura 21: Foto 10



Figura 22: Foto 11

Aqui eu estava magrinha (Foto 12). Aqui mostra como construíamos! Está aquí a prova. A gente é que construía. Meu Deus, quanta coisa. Essas tesouras, isso aqui se chama tesoura (aponta para os triângulos do telhado).



Figura 23: Foto 12

Essas tesouras⁸⁸ (Foto 13) deram um trabalho para a gente aprender a fazer. Porque nós fomos aprender a fazer. Eu ia junto, porque só podemos mandar se soubermos fazer. Porque não podemos mandar se não soubermos fazer, entendeu? E eu ia junto aprender, porque quando eles tinham dúvidas, eu falava: “Não, não é assim” ou falava: “É assim mesmo. Lembra o que o homem falou...” , mas eu ia junto.

⁸⁸ “Tesouras” - estruturas de madeira dos telhados residenciais.



Figura 24: Foto 13

Isso é um evento (Foto 14). Esse é o Sérgio, que era técnico agrícola, professor Evrardo, o professor João, essa era uma inspetora de aluno, a minha assistente, eu, a professora de geografia (Bernadete), a secretária e um aluno.



Figura 25: Foto 14

Nessa outra, é uma técnica, veja como a gente vestia a camisa! (Foto 15)
Aqui, eu acho que era uma sala de aula.

Aqui é a cozinha (Foto 16). Quase tudo foi construído na minha gestão. Eu cheguei lá, e só tinham três salas. Aí, eu achei a escola muito pequena para mim.



Figura 26: Foto 15



Figura 27: Foto 16

Eu lembro com tínhamos medo de fazer coluna. Aí, decidimos: “Vamos fazer com madeira tratada”. Eu fui lá naquele senhor que vende madeira tratada, ali do lado da escola (Presermade), um pouco mais para frente da escola, conversei com ele, que parcelou o pagamento dos mourões... Nossa! Foi muita luta! Era tudo da escola e nada da prefeitura. A madeira era a escola que comprava, tudo era a escola que comprava.



Figura 28: Foto 17

Tudo com o dinheiro da escola. Nós, aqui, estamos colhendo feijão (Foto 17), trabalhávamos todos juntos e eu não parava, por exemplo, você estivesse dando aula de Matemática, de repente eu aparecia. Às vezes eu estava lá no campo, de repente me dava um estalo, eu ia para a sala de Português, de Matemática, de Ciências...

Eu estava sempre atenta, sempre procurando saber o que estava acontecendo na escola toda. De repente eu estava na cozinha, era assim. Eu tinha uma merendeira, que costumava falar: “Nossa dona Creusa, a senhora parece um fantasma, na mesma hora que a senhora está lá, a senhora está aqui.” E eu falava: “Mas eu tenho que estar, não é?” Ai, que delícia que era isso aqui... Essa terra inclusive, não era da escola, nós arrendamos a terra (Foto 17) de um sítio em frente a escola. O nosso espaço estava pequeno para produzirmos. A nossa visão era muito ampla, então fizemos um contrato com o sitiante da frente e pagávamos com o produto. Uma parte era nossa, e outra parte era dele. Claro que a maior parte era nossa, ele ficava com uma pequena parte por ter cedido a terra, pois a terra estava improdutiva e tinha um laranjal velho. Tive que mandar um trator arrancar tudo, arrancar todo o laranjal, porque não estava produzindo e estava doente. Então, eu fiz esse acordo com ele, foi quando ficamos auto suficientes até no feijão.

Eu que mandei escrever o nome da escola aqui, na entrada (Foto 18). As festas juninas de lá eram muito boas, muito boas mesmo. Não iam mil pessoas, iam dez mil pessoas. Eram muito grandes as festas e muito boas... Nossa!



Figura 29: Foto 18

Eu fazia gincanas de prendas, tudo era à base de gincana. Por isso que eu falo: Com o adolescente, você tem que saber lidar. Se você souber lidar com ele, ele te dá retorno! Sábado e domingo nós íamos para Corumbataí, para Santa Gertrudes, para Cordeirópolis, pedir prenda... Eu e os alunos. Os alunos da 8ª série. Os pequenos eu não podia sair com eles. Nossa! Mas era uma coisa muito boa, muito boa. Minhas festas eram muito boas. Que pena que você não conheceu as nossas festas.

Esse é o Joaquim, esse é o Zé, esse eu não sei... será que é o Dante (Foto 19)? Era aniversário de algum deles. Olha o Rubinho aqui... (no canto da Foto)



Figura 30: Foto 19

Ah... nós participávamos de desfiles (Foto 20). Aqui é um carro preparado para desfile. Tinha galinha, tinha porquinho, boizinho. Isso mostra o que é uma Escola Agrícola. Acho que esse desfile foi em Ferraz.

Outro o desfile também (Foto 21) e esse menino aqui, hoje é um homem imenso. Lembro que o chamávamos de Ipeuna, o apelido dele é Ipeúna. Esse menino aqui é da família Isler, da Casa Isler. O pai dele é sitiante, e esse menino, já fez doutorado, na área Agrícola.



Figura 31: Foto 20



Figura 32: Foto 21



Figura 33: Foto 22

Aqui os cachos de banana (Foto 22). As árvores eram todas pintadinhas de branco! Tudo limpinho. Eu tinha um funcionário para limpar essa área de lazer, que estava sempre impecável.



Figura 34: Foto 23

Eu não sei falar, assim, com precisão, mas muitos alunos às vezes desistiam de prosseguir os estudos em Escolas Técnicas, devido a distancia. E os pais às vezes não tinham como mantê-los estudando fora da cidade. E como não havia bolsa de estudos pela prefeitura, pelo menos lá nunca ninguém teve “bolsa”, muitos deles desistiam de seguir a carreira. Mas, muitos também seguiam, eu tenho muitos vex-alunos que são Agrônomos, eu não sei dizer o número exato. Mas muitos desistiam pelo custo em estudar fora.

Deixa-me ver se lembro o que estávamos fazendo aqui... Ah, o tanque de peixe (Foto 23). Acho que o tanque pequeno. Aqui eram dois tanques enormes, era lá perto da suinocultura, para baixo dos porcos. Perto da mata.

Aqui não era a sala de professores (Foto 24). A sala dos professores era linda. Eu comprei uma mesa imensa. Fiz banheiro para os professores. Foi na minha gestão que fizemos aquela sala dos professores. Do lado da sala dos professores nós fizemos um Ambulatório, com maca, com armarinho de remédios... Aquela sala vivia trancada, só entrávamos quando algum aluno passava mal, aí o aluno entrava com a inspetora. Mas, não me lembro de nenhum aluno assim, que se acidentou, não na minha gestão. Às vezes eles tinham dor de cabeça, dor de estômago, então, a gente mandava lá para a ‘salinha’, ficava deitado um pouquinho, tomava um remedinho que podia tomar, que era o chazinho de boldo. Só coisa assim, natural, porque a gente não podia medicar. Então, os alunos só tomavam medicações naturais. Ficavam lá um pouquinho, davam uma “dormidinha”. Porque às vezes era só descansar um pouco e aí o aluno melhorava. Depois voltavam para a sala de aula ou para aula de campo. Mas nós tínhamos o ambulatório. Aqui deve ter sido numa festa. Acho que esta é de uma formatura, mas não é da minha época (Foto 25). Não. Ou era? Não, não era não. Acabou.



Figura 35: Foto 24



Figura 36: Foto 25

Era uma coisa muito bonita!

A Escola Agrícola foi, na minha vida, um presente de Deus. Pena que depois me tiraram o presente. O que vai se fazer? É a vida!

Mas foi assim, muito bom, poder saber que eu pude reviver as memórias. Reavivar as memórias, sem tanto sofrimento. Eu acho que você fez mais bem a mim do que eu a você.

Ih, mas tem muita coisa lá, tem muita coisa que foi feita, que foi vivenciada... As festas de final de ano! Que delícia que era aquilo. Eu procurava juntar dinheiro o ano inteiro. Nossa! Como eu juntava. Meu Deus do Céu! Como eu controlava aquele 'dinheirinho'. Chegava o final de ano, e claro, com o consentimento da APM – a APM sempre trabalhou conosco – a gente fazia aquelas festas para os funcionários, dava cesta básica para eles, dava presentes. Teve um natal que nós demos até televisão, bicicleta... E todo mundo comemorava junto. Lá era assim, não tinha essa de professor e funcionário, era todo mundo funcionário. Mas era tudo muito bom. Muito bom! Todos vestiam a 'camisa'. Nós fazíamos muitos 'almoços' e o primeiro almoço que promovemos foi para 100 pessoas. Nós vendíamos adesões e o segundo almoço que a gente fez, foi para 1500 pessoas. O terceiro almoço a gente fez para 3000 pessoas. O quarto almoço foi para 4000 pessoas. Era todo mundo engrenado. As crianças eram os garçons. E você precisava ver a participação dos pais e como eles ajudavam, a preparar, a servir... Precisava ver que APM eu tinha! Eles sabiam que a renda reverteria aos próprios filhos. E eles tinham acesso às notas fiscais. Porque eu fazia questão disso, dos alunos terem acesso. Porque isso era importante

para eles e para mim também. E Nossa! Aquilo foi uma coisa muito boa, muito gostosa, sabe? Nossa! Eu vivi ali belos anos da minha vida.

Depois que eu saí houve um troca-troca de diretores. A Coordenadora Pedagógica era a Valéria Carnaíba, uma menina ainda. Na minha época tinha também, a Orientadora Educacional, a Áurea, que faleceu. Era uma excelente profissional, excelente! Claro que depois “fizeram” a cabeça dela, foi uma judiação. Eu não acreditei, como alguém manda um psicólogo fazer a cabeça de um funcionário para depor contra você! É muito triste... Muito triste, mesmo. E o pior de tudo: não me deixavam assistir os depoimentos. Aí, eu fui atrás de um advogado, para ter o direito de assistir, mas já estava terminando.

O Zezão foi outro que me ajudou muito também, mas ajudou também a me “pichar”, porque eu era muito brava. Eu era brava e gostava das coisas certinhas e funcionário nenhum gosta de patrão assim. Gosta de patrão que deixa entrar no horário que quer, sair no horário que quer e eu não deixava. Era tudo muito certo, tudo muito correto. Porque não adianta, se você quer que a coisa vá para frente, tem que ser assim!

Mas, tudo está nas mãos de Deus, não é? Mas, foi uma época muito boa. Muito gostosa!

Carta de Cessão

Eu, Maria Creusa Garcia Andriolli, R.G. 6.618009, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 05 de maio de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 10 de agosto de 2011.

Sujeito de pesquisa: Maria Creusa Garcia Andriolli
Prof. Maria Creusa Garcia Andriolli

6º Episódio

Elenita Loureiro (Ex-diretora/gestão: 04/02/1998 a 31/07/2000)

Encontro: 20/10/2010

A gestão da Escola Agrícola foi a minha primeira experiência como diretora de escola, eu sou PEB I, trabalhava com educação infantil e tive essa oportunidade de trabalhar com o PEB II, em ensino fundamental II. Foi uma experiência muito rica, encontrei uma equipe muito boa. Na época, havia os cargos de diretora, orientadora e a coordenadora pedagógica. Infelizmente logo que eu entrei, a orientadora Áurea, veio a falecer. Dois ou três meses depois a orientadora Janaina assumiu. A coordenadora pedagógica era a Valéria Carnaíba, então formamos um grupo bastante afinado em termos de idéias e mesmo de postura, em relação ao tipo de educação que a gente buscava oferecer. A direção de uma escola é uma área muito burocrática, muito pesada, ocupa muito o tempo da gente.

Naquela época, ao final de todos os dias nos reuníamos e cada uma das três passava para a outra o que havia feito e o que tinha acontecido. Então, a gente estava sempre inteirada de tudo o que ocorria na escola. Não havia HTPC⁸⁹, mas tínhamos o momento do almoço, o momento dos intervalos, que eram muito ricos, em que ficávamos juntos e conversávamos. Agora, o que mais marcou foi a união do grupo! Eu fui diretora de muitas outras escolas, mas não aconteceu o mesmo em outra escola. Era um grupo que para tudo o que a gente precisava, para tudo o que acontecia, o grupo que “fechava” (acordo) com a direção e a gente batalhava! Nós reivindicávamos e sempre conseguíamos, através do grupo realizar nossos anseios, aquilo que a gente queria. Lógico que, dentro do que a prefeitura podia nos atender. Mas, essa união do grupo, essa maturidade, essa coisa de pensar juntos e de todo mundo trabalhar para o mesmo objetivo era única! Porque, como tratava-se de uma escola agrícola, se a pessoa vai até lá e não se integra com os objetivos da escola, com a sua proposta, sua presença não tem sentido. Então, ela ministra sua aula e vai embora. Vemos muito esse tipo de atitude em escolas, principalmente em escolas de 5ª a 8ª séries (6º ao 9º ano). O professor vai, dá a sua aula, não tem comprometimento com a escola, depois vai para outra escola, dá aula... E lá na Escola Agrícola não. Era um grupo onde a maioria dava aulas somente naquela

⁸⁹ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

escola e era um grupo que buscava tudo de melhor para ela. E esse foi um grupo que eu não esqueço. Essa foi uma experiência muito rica para mim, nesse sentido.”

Depois eu tive que sair, porque fiz o concurso e me efetivei em outra escola como diretora, porque lá a vaga para direção, não estava disponível, pois a diretora efetiva estava, somente, afastada (Maria Creusa).

A Escola Agrícola era diferenciada, pois além da área agrícola nós tínhamos outros projetos também, principalmente na parte de orientação educacional. Eu lembro que a Janaína tinha vários projetos, mas o principal objetivo, o principal foco, era mesmo dar uma formação para Educação Ambiental. Não apenas uma formação agrícola para se trabalhar na área, não. Era uma formação para que o aluno compreendesse a Educação Ambiental como um todo: no trato com animais, no cultivo de plantas, de culturas... Então o objetivo principal era esse, sem perder de vista, o cuidado com as disciplinas do currículo comum. O principal objetivo era a gente dar essa formação, não somente para formar técnicos, não para formar alunos para essa área, porque nós sabemos que a maioria, depois, vai para o ensino médio e nem tem a oportunidade de continuar. E naquela época, não eram alunos da zona rural, eram alunos aqui de Rio Claro, da zona urbana. Hoje parece que é diferente, pode ser até que tenha mudado o foco. Talvez hoje, os alunos queiram uma formação para ajudar o pai, a mãe, onde eles trabalham, mas naquela época não. Naquela época, a turma era da zona urbana mesmo. Então, a escola oferecia uma prática mais voltada para o Meio Ambiente, porque muitas crianças não tinham aquele convívio com a natureza e lá tiveram essa oportunidade. E, muitos seguiram também, que eu sei, e conheço ex-alunos que atualmente, são técnicos agrícolas, pois seguiram a área!

Eu entrei na Escola Agrícola, numa época bastante polêmica, porque eu substitui uma direção que foi afastada, por motivos que não vem ao caso. E, eu também procurei não me apegar muito. Porque fui até lá para fazer um trabalho independente de qualquer motivo e fizemos tudo para dar continuidade ao que era bom. Não tem isso de: “Ah, eu sou diferente, isso não vale, isso vale...” Não. Eu não sei muito bem como era, mas eu acho que, o que eu pude conservar de bom foi feito. As práticas boas nós conservamos, como a Festa Junina, que é uma festa

muito tradicional na cidade. Uma festa que ajuda na manutenção da escola, com o lucro que produz.

A escola é diferenciada também, em relação a gastos. E eu acho que o tipo de gestão, influencia. Eu não sei como era a gestão anterior, eu apenas ouvia que era uma gestão mais “fechada” no momento de decisões. E eu procurei fazer uma gestão mais “aberta” e o grupo foi acessível a isso. Mas, não entrei para mudar nada, não entrei para falar: “Isso não está certo, vamos mudar”... O que foi mudando, foi por conta da evolução também. A evolução da escola, a evolução do grupo em relação ao que a gente esperava para a escola... Então a mudança foi mesmo por isso.

Quando assumi a Escola Agrícola, já era uma escola de quinta a oitava série, mas que tinha o ensino agrícola no currículo. Eu nem sabia que no início havia um convênio com a FUNABEM.

Na minha época, a seleção dos alunos era feita por sorteio, não havia separação de vagas. Não sei como é hoje, mas na época era por sorteio.

Quando eu entrei, em fevereiro, a seleção havia ocorrido no ano anterior. Privilegiando os alunos das escolas municipais e como só havia o CAIC⁹⁰ na época, com ensino de 1ª a 4ª série (1º ao 5º ano) e a Escola Agrícola de 5ª a 8ª, porque o restante eram escolas de Educação Infantil... A grande maioria dos alunos era proveniente do CAIC. Eu lembro que em meu primeiro ano, quase todo o CAIC foi para lá. Depois, a partir do segundo ano, sempre com a avaliação do grupo, pois a equipe avaliava constantemente o trabalho. Então, concordamos que devíamos dar oportunidade para outras crianças também, e a partir daí, a seleção passou a ser efetuada por sorteio. Aberto a todas as escolas de quarta série.

Nesse 1º ano as vagas não foram todas preenchidas pelos alunos do CAIC, eu acho que foram oferecidas aos outros alunos da rede estadual também, não sei como ocorreu, não sei do procedimento. Porque era a Beth⁹¹ que estava antes de mim e foi ainda na gestão dela que as vagas foram distribuídas.

⁹⁰ Caic- (CENTRO DE ASSISTENCIA INTEGRAL Á CRIANÇAS) - E.M. Jardim das Palmeiras

⁹¹ Elizabete Ondas Fosco

Eu não sei como é hoje em dia na escola, mas de manhã nós tínhamos as aulas, assim divididas: um grupo tinha aula de campo de manhã e as disciplinas do currículo comum à tarde e outro grupo o inverso, com aulas à tarde e práticas de campo de manhã. Tínhamos quatro técnicos agrícolas e mais o grupo de professores, portanto, o dia todo havia atividades agrícolas, um grupo de manhã e à tarde. A cada ano ingressavam três quintas séries. A escola tinha um grande número de salas, com três quintas, três sextas, três sétimas, três oitavas, mas não tinha, como hoje, o ensino de primeira a quarta série. Mas o número de quintas a oitavas séries era muito grande, então fazíamos essa divisão. A rotina era essa, o dia todo com alunos no campo e o dia todo com alunos nas salas. No meu último ano na escola, o grupo gestor e professores fizeram um estudo sobre sala ambiente e levamos a idéia para a Secretaria da Educação. Estudamos bem os prós e os contras e implantamos o sistema no último ano em que estive lá: o sistema de sala ambiente. Onde cada sala ambiente tinha a sua biblioteca dentro dela. Assim, os livros de geografia foram para a sala de geografia, os de história para a sala de história... Tivemos alguns problemas no início com a troca de salas. Depois, fixamos dez minutos entre uma aula e outra, porque lá existe a flexibilidade na organização de horário, já que o período é integral, não existe um horário rígido a cumprir. Não sei o que deu isso, mas eu gostei na época, achei muito interessante... Mesmo nas reuniões de pais, eles puderam conhecer a organização das salas ambiente, onde o professor podia desenvolver um trabalho mais completo naquela sala. Eu gostei muito e achei que deu certo. Mesmo com os alunos! Eu pensei que teríamos problemas na troca de aulas e tudo, mas não tivemos e foi tudo bem. Não sei se hoje ainda continua esse sistema⁹², mas foi muito bom. Então, fomos nós que implantamos, esse sistema de trabalho das salas ambiente.

A rotina era assim: almoçávamos todos juntos, estávamos sempre ali com os alunos no horário de almoço, no horário da entrada também. Eles tinham o café da manhã, depois havia intervalo do almoço, que era um intervalo de uma hora e meia e como ninguém ia para casa, era um momento gostoso. O grêmio estudantil desenvolvia atividades no horário do almoço, junto com o professor de educação física, o professor Ivan. Eram atividades tipo shows de talentos, que diminuía bastante os problemas de indisciplina que aconteciam. Porque é uma idade muito

⁹² Esse sistema de sala-ambiente continua até hoje na EMA, porém o número elevado de alunos imposto atualmente não permite espaço para estantes em salas de aula, portanto os livros são colocados numa pequena saleta-biblioteca.

difícil de lidar. Se você não ocupá-los, num espaço grande como o da escola, não se controla. Compramos uma boa aparelhagem de som e cada dia o professor coordenava uma atividade no horário de almoço. Nós tínhamos também, nesse horário, campeonatos de professores versus alunos, de vôlei, que eu jogava, os professores jogavam, os técnicos jogavam! E campeonato de futebol também. Tínhamos esse projeto de ocupar o horário de almoço, para a nossa integração. Pois, convivíamos oito horas juntos, tínhamos que nos integrar de certa forma, para também não gerar um clima negativo e se cansar daquele lugar. Ações desse tipo era a nossa preocupação.

Era um horário em que nos integrávamos. A gente pensa assim: “Nossa! Mas é o horário que o professor mais quer descansar.” E, por incrível que pareça, todo mundo se envolvia e todo mundo gostava! Acho que era o tipo de ambiente que a gente criava, para acontecer isso. Era essa, mais ou menos, a rotina nesses três anos.

A área agrícola era bem dividida. Tinha um técnico de quinta série que cuidava de toda a parte de jardinagem e da horta, em que os alunos começavam aprendendo “poda” e depois o plantio. E depois, na sexta série, eles iam para a parte de avicultura e piscicultura, com outro técnico. Havia os tanques de peixes, tinha o lugar onde ficavam os pintinhos, as galinhas.

Na sétima série eles já faziam as culturas permanentes. Aprendiam a cuidar das culturas de laranja, de milho e de mandioca, que eram culturas mais demoradas que as da horta. Na oitava série os alunos tinham aulas de agroindústria e suinocultura, onde os alunos, na agroindústria, podiam usar todos os produtos que a escola produzia, para criar outros produtos, como compotas, e essas coisas. Toda semana fazíamos uma reunião com os técnicos, a coordenação pedagógica, orientação educacional e eu.

Como os técnicos não possuíam a formação pedagógica e trabalhavam com alunos, precisavam de certo preparo pedagógico. Assim, semanalmente fazíamos essa reunião e toda reunião de professores eles também participavam, Conselho de Classe e tudo! Era tudo integrado, tudo. A parte agrícola, para mim, era uma parte do currículo, igual às outras disciplinas. E o meu relacionamento, meu entendimento

dessa parte agrícola e o meu envolvimento, era muito grande, porque o objetivo da escola era voltado a essa área. Não podíamos deixar de dar uma atenção especial. Eu sempre procurei fazer isso, sempre com inovações...

Os técnicos eram muito dinâmicos traziam novas idéias, e a gente estava sempre procurando fazer alguma promoção para poder comprar alguma coisa diferente para essa área. Seja para reformar os galpões, arrumando, fazendo a manutenção. E foi assim que levamos a gestão dessa escola. Mas, o meu relacionamento e o meu envolvimento, era muito grande, porque a gente tinha um compromisso, mesmo, de levar a população para a escola. A gente promoveu várias “Casas Abertas”⁹³, participou de várias feiras na cidade. Tudo para levar esta parte diferenciada, para a população ver o tipo de trabalho que era desenvolvido na escola, como era a Escola Agrícola.

A gente percebia que os técnicos tinham certa dificuldade em trabalhar com a indisciplina. Por exemplo: “Vou dar conceito ‘B’ porque o aluno não veio de bota”.... Então, fizemos todo um trabalho de formação pedagógica, para não ficar muito diferente também, do plano, do projeto pedagógico da escola, que era desenvolvido ali. Pois, estávamos buscando não um ensino muito tradicional. Queríamos um ensino mais voltado para as novas tendências educacionais, então eles tinham que acompanhar isso também. E eles vinham também de um período bastante rígido em relação a idéias (gestão Maria Creusa), bem diferentes das minhas! Então, tivemos essas dificuldades sim, no sentido de modificar a maneira como deveriam “olhar” esse aluno e a educação, de uma outra forma. Eles tinham muita dificuldade em diferenciar: “que pode e o que não pode” e coisas assim, que às vezes na minha concepção de educação, eram coisas que só precisavam trabalhar um pouco com esse grupo de técnicos. Já os professores tinham menos dificuldades. Sabiam lidar com certas características dessa idade, desses adolescentes. Certas características mesmo físicas, emocionais, para que não houvesse muito enfrentamento entre eles. Porque isso aconteceu também. Tínhamos alunos muito difíceis na época, com certos hábitos, bem de periferia mesmo. Chegavam com algumas ‘culturas’, algumas idéias diferentes... Chegavam e ficavam o dia inteiro. Havia então, um embate de ambos os lados, porque às vezes, o aluno faltava mesmo com o respeito e os técnicos agrícolas não sabiam muito bem como lidar com isso. Esse enfrentamento

⁹³ Dia letivo destinado à visita de pais e comunidade, com exposição de trabalhos executados em diversas disciplinas durante o ano.

gerava mais indisciplina e era isso que a gente tentava corrigir. Portanto, trabalhamos esse tempo todo para que eles se inteirassem dos nossos objetivos, também em relação à parte pedagógica da escola.

Tínhamos a professora Bernadete de geografia que trabalhava muito integrada com a área agrícola e com uma professora da UNESP que desenvolveu um projeto junto com ela. A prof^a Ivana⁹⁴. Era um projeto integrado com área agrícola e com a geografia. Mesmo os professores, eu me lembro, procuravam trabalhar a parte técnica, que é a parte de geografia e a parte de história, integrado com o que se desenvolvia no campo. Então, ao trabalhar um problema de matemática, o professor procurava dar problemas envolvendo a área agrícola. A disciplina de história procurava trazer alguma coisa. A professora Gisele também desenvolveu um projeto, em que visitávamos as fazendas da redondeza, um projeto na área de artes envolvendo pintura de telas e tudo isso, envolvendo muito a parte agrícola. A gente procurava integrar assuntos sobre o Meio ambiente era desenvolvido mais pela Bernadete⁹⁵ e que envolveu todas as áreas.

Eram sempre muitos candidatos, todo mundo queria estudar lá e a Administração⁹⁶ na época, nesses anos que eu fiquei lá, fez opção por sorteio. Então os pais faziam a inscrição e primeiro atendíamos a área rural, sempre, mas como preenchia poucas vagas, abríamos um sorteio público, com todos os pais interessados. Era um evento aberto ao público, onde todos os pais acompanhavam o sorteio, nesses anos que eu fiquei lá. Mas, não conseguíamos atender a demanda, pois inicialmente tínhamos duas quintas e acabamos abrindo vagas para três quintas séries por ano, mas ainda assim ficava muita gente de fora. Muita gente!

Percebíamos que eram os pais que queriam vagas para seus filhos na escola e não as crianças. Porque eles não tinham nem noção do que encontrariam lá. Mas, a gente percebia que eram os pais, por vários motivos, alguns porque a escola era de período integral, outros porque achavam mesmo que havia um ensino

⁹⁴ O projeto da professora Ivana como já mencionado envolvia questões sobre o Meio Ambiente e não estava diretamente ligado à área agrícola. O projeto tinha como objetivo inicial a sensibilização dos professores sobre as questões Ambientais para que estes posteriormente trabalhassem em suas respectivas áreas de conhecimento com seus alunos, sendo desenvolvido com professores do núcleo comum.

⁹⁵ Foi por intermédio da prof^a Maria Bernadete que o Projeto da prof. Ivana foi desenvolvido na escola envolvendo todas as áreas.

⁹⁶ Refere-se a Administração da Secretaria Municipal da Educação de Rio Claro

diferenciado, iam visitar, se inteiravam do trabalho desenvolvido na escola e tinham esse conhecimento e outros ainda acreditavam que os filhos sairiam com alguma formação, algo mais para a vida mesmo, algum outro tipo de conhecimento. E muitos entravam e não ficavam, porque apesar das visitas das quartas-séries das demais escolas, as crianças não tinham noção do que fariam ou aprenderiam na escola, nas oito horas de aula. Tinha criança que não se adaptava! Muitos não se adaptavam e a gente ia chamando os candidatos da lista de espera. Mas a maioria dos alunos eram matriculados por opção dos pais.

Não me lembro muito bem, mas sei que foi opção da administração fazer um critério para todos, para que todos tivessem acesso. Porque se achava que aqueles com mais dificuldades não teriam acesso com o critério de provas. A equipe da nova Administração encarava o processo seletivo como discriminativo, então optou pelo sorteio. Não que fosse ilegal, mas porque acreditavam que não dava oportunidade a todos os interessados.

Mas, depois houve um critério de aptidão na minha época. No campo. O que aconteceu? Começamos a perceber que muitas crianças não gostavam da escola. Estavam lá, mas não queriam participar das aulas de campo e se negavam. Uns passavam mal nas aulas de suinocultura, devido ao “abate” e outras coisas desse tipo. Mesmo na parte de avicultura. A gente chamava os pais e muitos pais não queriam tirar o filho da escola, porque não tinham onde deixar a criança. Mas a criança não queria ficar lá, não adiantava insistir. Reunimo-nos com Administração e com o grupo todo da escola, e optamos em fazer, antes ou depois do sorteio, isso eu não me lembro, uma prova de aptidão no campo. Não era uma seleção era uma prova de aptidão no campo. Então agendávamos grupos de dez em dez candidatos, não me lembro bem, em que os pais levavam seus filhos e eles faziam algumas atividades na horta. Eram trabalhos “médios”, nessa prova de aptidão. Só para verificar se a criança gostaria ou não das aulas que escola oferecia. Assim, a criança que se negava a pôr a mão na terra, que se negava a chegar perto dos animais, não tinham o perfil de aluno da nossa escola. E os técnicos faziam uma avaliação daquelas que se envolviam mais, que tinham esse perfil para trabalhar com a área agrícola. Se isso foi o ideal ou o correto, eu não sei. Mas foi feito e foi a opção da época. Hoje, pode ser até que haja opções melhores, mas foi uma tentativa para ver se funcionava, trazendo alunos que se envolvessem mais com a parte agrícola. Sem que fosse uma obrigação, uma coisa que eles não queriam fazer, que não

gostavam. Depois eu saí, funcionou um ano assim, e depois eu saí e não sei qual foi a avaliação disso. Não sei se deram continuidade⁹⁷ a isso, pois foi no último ano da minha gestão.

Já os professores, eram selecionados por meio do processo seletivo, uma vez que o concurso para efetivação ocorreu somente depois que eu saí da escola, em 2002. Mas eles faziam um processo seletivo com validade para trabalhar um ano.

Lecionavam Matemática o professor Evrardo, Edna, o professor João. O Mário também chegou a pegar algumas aulas, uma vez que o Mário e o João eram professores de Ciências e tinham habilitação em Matemática também.

Nas outras gestões eu realmente não sei como era, mas como em todas as outras disciplinas, a gente procurava conduzir a equipe de acordo com as novas tendências. Estava surgindo na época, novas tendências Construtivistas⁹⁸, interacionistas⁹⁹, então a gente procurava conduzir o trabalho da equipe dentro dessas novas tendências, não só Matemática. O professor Evrardo era um professor que trabalhava de forma Tradicional¹⁰⁰, mas um professor muito criativo e muito dedicado. Gostava muito do que ele fazia, ele se dedicava muito, se interava bem com os alunos, então eu acho que dava resultado. Independente da metodologia, o trabalho dele produzia resultados positivos. Já o professor João era um professor diferente, procurava trabalhar dentro das novas tendências, era um professor que já tinha um relacionamento mais aberto com os alunos, diferente do professor Evrardo. Mas eu via resultados nos dois casos. O Mário tinha poucas aulas. E você também, a gente percebeu que você já chegou com novas tendências, como Licenciada.

Todos alunos tinham muitas dificuldades, principalmente na Matemática e no Português... Com o nível que as crianças estavam chegando, na época! Eu não sei hoje, mas foi uma época em que o Brasil estava mudando, aí entra o Construtivismo e ficou uma coisa “meio” solta, então as crianças não chegavam, às vezes, nem alfabetizadas para a quinta série. Hoje está uma coisa mais estruturada, mais estudada, mas na época era tudo muito novo, era algo que chegou ditando: “Agora

⁹⁷ Hoje não há mais prova de aptidão.

⁹⁸ Metodologia de Ensino Construtivista

⁹⁹ Metodologia Socio-Interacionista

¹⁰⁰ Metodologia de Ensino Tradicional

vai ser assim.” Só que o pessoal não sabia como aplicar, então misturava com o método Tradicional. Uns falavam: “Não precisa mais corrigir nada, porque agora é pelo método do Construtivismo. E Construtivismo é assim, não se corrige nada!” Então tivemos muitas dificuldades pelo modo que as crianças chegavam à escola, eu lembro muito professores falando: “Olha, teremos que mudar o nosso planejamento, o que planejamos, pois teremos que retomar assuntos anteriores.” Eu lembro até de você falando: “Olha, eu vou ter que trabalhar a base mesmo da matemática, operações fundamentais, para eu poder começar a trabalhar o que eu estou pretendendo trabalhar na 5ª série”. Principalmente 5ªs e 6ªs séries, na época. Então, foi esse tipo de coisa que aconteceu na época, a chegada para a gente, na Educação, do Construtivismo, de uma forma “solta”. Que tudo podia... Uma interpretação errada, que hoje, está começando a se entender. Que não era essa a intenção. A intenção era apenas trabalhar de uma forma que o professor não fosse mais o dono da verdade, não fosse mais aquele que sabia e o aluno não. E isso foi interpretado de uma forma diferente e a gente teve bastante dificuldade, por este motivo e que se estendeu por alguns anos depois que eu saí da Escola Agrícola. Não sei como está hoje, mas a gente teve bastante dificuldade para trabalhar com essas crianças. E a Matemática e Português logicamente, principalmente Matemática desenvolve o raciocínio. Percebíamos que as crianças vinham sem esse tipo de raciocínio para poder dar continuidade na 5ª a 8ª série. Foi isso que aconteceu.

E como buscávamos integrar tudo, as aulas de campo e as outras disciplinas. Planejavamos por meio de projetos, então decidíamos: “Que projetos vamos desenvolver nesse bimestre? Nesse bimestre vamos desenvolver o projeto do dia da Mulher, por exemplo, eu lembro bem desse projeto. “Nós vamos desenvolver projetos do Dia da Cidade”. Essa área de projetos, também era bastante trabalhada entre todos nós juntamente com a coordenação pedagógica, orientação educacional e a direção. Procurávamos envolver cada área do conhecimento para que trabalhasse dentro desse projeto, de forma integrada. Isso não é bem uma interdisciplinaridade, mas era o que a gente conseguia fazer na época, trabalhar de forma integrada, todas as disciplinas, dentro de um projeto que desenvolvíamos naquele momento. Todo mundo procurava trabalhar e a matemática, também. Os professores procuravam trabalhar as situações problemas, dentro do que era trabalhado no campo e em outras disciplinas.

Eu lembro muito do trabalho realizado sobre pesos, medidas, assim como a porcentagem, são exemplos dos assuntos que se integrava com as aulas de campo, onde todo esse trabalho era desenvolvido de acordo com o que se plantava e o que se colhia, isso eu me lembro bem!

O professor Evrardo tinha um jeito próprio de ensinar, ele já estava aposentando e era um jeito mais tradicional. Ele nunca se negou a fazer o que sugeríamos. Mas, percebíamos que ele tinha mais dificuldades de sair da sua rotina, e trabalhar com esse tipo de proposta que a gente fazia naquela época. Mas boa vontade não faltou. Talvez tenha faltado um pouco, mais ajuda nossa. Pela dificuldade que ele tinha, mesmo porque ele vinha de um ensino Tradicional, também. Mas ele trabalhava de uma forma tão comprometida, ele era tão envolvido, que o resultado, acabava sendo bom também. Mas ele tinha sim, certa dificuldade de estar trabalhando dentro da interdisciplinaridade, dentro de uma proposta mais interacionista. Ele trabalhava com as carteiras uma atrás da outra, mas era forma dele trabalhar. E como ele trabalhava muito bem, entendemos que naquela época da vida dele, teríamos mais desgaste em tentar mudar a sua prática. Então, deixamos acontecer devagar. E ele logo se aposentou. Não sei como foi a evolução de sua prática também, pois uns dois anos depois que eu saí ele logo aposentou.

Nós buscávamos, mas não exigíamos tanto, porque tudo era muito novo para todos nós. E não tínhamos tanta segurança em falar para o professor: “Não é mais assim, é assim.” E também não é certo isso, pois tudo tinha que ser aproveitado.

Tudo era decidido nas reuniões pedagógicas. Quando cada um colocava como poderia colaborar num determinado projeto, dentro da sua área.

As orientações da Secretaria da Educação eram iguais para todas as escolas. Orientações dentro das novas tendências que estavam surgindo, mas nada em particular.

Já sob o ponto de vista histórico e cultural, a Escola Agrícola, dentro do que nos propusemos a realizar, cumpriu seu papel. Eu acho que como a história foi mudando, a gente foi acompanhando essa evolução da escola, trabalhando mais com a “terra” e o “Meio Ambiente”. Então dentro dessa proposta, nós cumprimos, a escola cumpriu o seu papel.

Mas, as maiores dificuldades que enfrentamos na minha gestão foram as financeiras, muitas, muitas! Foi uma época em que comprávamos a ração. Era muito cara e todo mês a gente tinha que fazer uma promoção para comprar ração. A

escola também precisou de muitas reformas, a Secretaria de Educação sempre colaborou, pagando 'hora extra' para que os próprios funcionários fizessem a reforma, mas o material a escola sempre comprou com o dinheiro da APM¹⁰¹ era uma APM que sempre colaborou também. Então, a gente fez muita coisa por meio da APM, mas essa foi uma dificuldade grande que eu encontrei.

Tínhamos que comprar a ração porque o Tribunal de Contas do município aponta que a ração não pode ser comprada com verba de uma Secretaria da Educação, e até hoje continua apontando. Não sei como foi em outras gestões, mas naquela época, eu sei que houve um problema, naquele último ano que eu fiquei. E até que se resolvesse esse problema, a Escola tinha que comprar a ração com seus próprios recursos para a manutenção dos animais que tínhamos. Então, uma grande dificuldade que eu enfrentei foi financeira. Uma das grandes dificuldades...

Outra dificuldade: foi quando o grupo descobriu que a escola deveria caminhar. A gestão anterior¹⁰² direcionava tudo. Depois houve a interrupção da antiga gestão quando tudo parou e eu entrei, pensamos: "Será que a gente está fazendo certo? Será que é por esse caminho? Indisciplina, como nós vamos fazer?" Havia também esse outro problema, muita indisciplina. Aí veio essa história dos recreios, das gincanas... Muitas gincanas nós fizemos e eram sempre organizadas pela Gisele¹⁰³. Nós tínhamos muita dificuldade em saber que caminho seguir, essa foi a grande dificuldade e eu acho que foi uma época para refletirmos: "Será que nós estamos cumprindo o objetivo? É 'isso' o que queremos para esses alunos? Qual a proposta da escola para esses alunos?" Então foram três anos de questionamentos... Acho até que esse tipo de reflexão continuou depois. A gente se questionou muito enquanto escola.

Outra questão que também preocupava o grupo era: "Será que a gente está fazendo o melhor para a população? Será que esse critério é o melhor para a seleção de alunos? Será que esse tipo de aula é o melhor? Será que esse projeto é o melhor?" O tempo todo tínhamos dúvidas, porque era tudo muito novo para mim e para todos da escola. Então sempre tivemos dúvidas: "Será que é o certo, será que é o melhor?" E assim procurávamos evoluir. Eu acho que todas essas dúvidas,

¹⁰¹ APM – ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES da EMA.

¹⁰² A gestão anterior (Maria Creusa Andriolli)

¹⁰³ Gisele Carvalho Rodrigues Rovai, professora de Artes da EMA, exercendo atualmente a função de vice-diretora (2010-2011)

todas essas dificuldades, serviram para questionamentos que levaram a escola progredir.

Como eu não era concursada, eu substituí a diretora afastada da Escola Agrícola, na época. Então, prestei o concurso para efetivação como diretora e tive que assumir uma escola em que havia o cargo disponível para direção, deixando a Escola Agrícola, pois o cargo de diretora da escola estava indisponível.

Então, acredito que tudo o que eu pude fazer eu fiz. Mas eu acho que faltou ali, que eu sempre quis e nunca deu certo e que sei que tem hoje, foi uma quadra coberta para atividades, porque tínhamos dificuldades também nesse sentido. Quando chovia ficávamos ali nos galpões e o barulho muitas vezes atrapalhava as aulas. Mas, eu acho que alcancei o meu objetivo na Escola não sinto que poderia ter feito mais, naquelas condições. Porque serviço público é difícil, são muitas escolas. Temos que trabalhar sempre dentro de um orçamento possível. Então dentro do orçamento possível e dentro da parte pedagógica também, pensando no que foi possível evoluir naquele momento, conseguimos atingir os objetivos.

Tem algo importante que não falamos e que não acontece em nenhuma outra escola, é a oportunidade da escola ter um patrono vivo e que sempre estava participando das formaturas e das atividades da escola, o engenheiro agrônomo Rubens Foot Guimarães.

Nós o levamos até a escola várias vezes e as crianças puderam assim, estudar a história da escola, do patrono e ele estar presente. Então esta é uma escola que tem esse patrono, ele ainda é vivo!

Eu vou retomar porque eu esqueci de falar que na época, uma turma da sexta série, orientada pelo professor-técnico Joaquim montou um projeto de plantas medicinais. Primeiro começou com uma pesquisa, teórica mesmo, cada aluno trouxe tudo o que tinha e o professor mesmo montou uma apostila sobre todas as plantas medicinais, mostrando para o quê cada uma servia. Depois eles plantaram e fizeram canteiros, uma horta experimental com essas plantas medicinais. Muitas vezes usávamos para os próprios alunos e para todos que precisavam de algum chá. Às vezes as crianças até levavam para casa: “Meu pai está precisando dessa, vou levar” e levavam. E a parte prática era a horta, a parte teórica, eles fizeram todo o semestre, de todo o ano, um estudo dessas plantas. Depois eles iam para a sétima, outros da sexta continuavam esse projeto e faziam esse estudo das plantas medicinais. Isso foi muito bom na época, muito interessante e eu lembro que era

trabalhado na sexta série, pelo técnico Joaquim. Acho que isso é muito legal de destacar.

Tinha vários tipos de laranja, tinha a cultura do milho...

As frutas eram aproveitadas pelas próprias crianças. Eram boas, tinha um pomar de bananas que as próprias crianças consumiam. Consumiam no refeitório. Uma parte da produção ia para as aulas de agroindústria a outra parte elas comiam como sobremesa, no refeitório mesmo. Suco, todos os dias tinha suco de laranja natural!

E a qualidade das frutas era boa. Tinha vários tipos de laranjas, tinha laranja ponkan, cravo. Não lembro de nenhum comprometimento com a qualidade das frutas, só se depois houve algum problema, mas na época, todos os dias tinha suco, as cozinheiras descascavam as laranjas, as crianças ajudavam, portanto as frutas eram boas e sem problemas.

Eu só tenho a agradecer o que eu aprendi e tudo o que eu pude evoluir na Escola Agrícola. Evolui muito, muito, muito em relação ao convívio com esse grupo. Um grupo diferenciado, maduro, que soube buscar o que queria, não era um grupo acomodado... não sei hoje. Mas nunca foi um grupo acomodado, nunca foi um grupo conformista, nunca foi um grupo também que briga por nada: “Ah, vou brigar por brigar”, não! Um grupo que sabe se posicionar quando precisa. Então eu acho importante colocar que muitas conquistas foram por este motivo, porque o grupo sempre se mobilizou, o grupo sempre buscou, mas o grupo sempre mostrou serviço. Então, não é o brigar por brigar, não é o brigar por partidários: “Sou partidário, vou brigar agora”, não. Independente de partido, independente da administração que estava, foi um grupo que sempre buscou o melhor para a escola. E que dentro desse melhor, muitas vezes teve que discutir certas coisas que incomodaram. E conseguiram muitas coisas, outras ainda não... Isso também é normal dentro de uma instituição, principalmente pública. Mas eu quero só destacar que eu cresci muito e aprendi muito com esse grupo.

Fui agora, na comemoração dos vinte anos da Escola Agrícola e desejo que a escola continue evoluindo e se firmando, pois sempre tivemos dificuldades em firmá-la na sociedade. Não sei se sabíamos também até onde ir, se era o certo... Porque não tínhamos referências e nem modelos. Então fazíamos de acordo com o que criamos e crescemos juntos

Carta de Cessão

Eu, Elenita Loureiro, R.G. 8.091.373, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 20 de outubro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 26 de julho de 2011.

Sujeito de pesquisa:

Elenita Loureiro

Prof^a. Elenita Loureiro

7º Episódio

Valéria Aparecida Vieira Vellis (Ex-diretora/gestão: 01/10/2001 a 31/01/2004)

Entrevista: 14/10/2010

Foi uma emoção muito grande ter sido diretora da Escola Agrícola. Eu costumo dizer que quem foi gestora na Escola Agrícola pode enfrentar qualquer escola, porque está preparada. Porque lá, além da questão pedagógica como outra qualquer, a escola tem a parte agrícola também, com outros profissionais. No curso de Pedagogia que fazemos, por exemplo, não recebemos esse embasamento para trabalhar e lidar com as questões rotineiras de uma escola, principalmente como a Escola Agrícola. Então você vai “experenciando”, vivenciando momentos, é lógico, de alegrias e de tristezas. Muitas vezes com dificuldades, seja pela falta de conhecimento nesta área, pelas questões do dia-a-dia, ou pela convivência e as relações interpessoais do grupo que compõe essa Escola. Questões que perpassam o cotidiano da Escola e não dá para ser diretora sem enfrentar as dificuldades dos relacionamentos. Eu acho que isso existe dentro de uma gestão democrática de trabalho. A Escola Agrícola, no momento em que eu assumi, tinha passado por ‘algumas’! Muitas transformações. Principalmente em termos de gestão. Sabemos que algumas gestões anteriores foram complicadas, com histórias diferentes e eu cheguei num momento de mudanças, onde tivemos que encarar a realidade e pensar: “Bom, de onde a gente pode partir? Como a gente vai trabalhar?”

Então, eu tentei conversar com todos e me inteirar um pouco das coisas. Eu era coordenadora da EJA¹⁰⁴, na Secretaria da Educação no momento em que assumi a Escola Agrícola. Então, apesar de ter experiência na Secretaria da Educação, tinha uma visão do todo. E quando vamos para uma escola, temos que lidar com “aquelas particularidades”, com o dia a dia de uma escola que é muito diferente do dia a dia de uma Secretaria da Educação e de uma sala de aula também. Porque eu também venho da docência. Mas, como eu disse, eu tentei conversar com todo mundo, para perceber como estava “ambiente” naquele momento. Para sentir a recepção das pessoas: “O que ela quer? Onde ela vai chegar?” Eu acho que pensavam dessa forma quando cheguei. Era um cargo em substituição e os anos em que eu permaneci lá foram produtivos. Mas, eu me

¹⁰⁴ EJA – Educação de Jovens e Adultos

efetivei aqui, na área urbana, por questões de locomoção, e vejo que foi uma experiência muito rica. Eu trago comigo, que muito do que eu sei hoje eu devo àquele grupo, àquelas pessoas que comigo compartilharam os problemas do dia a dia da escola. Eu sempre procurei desenvolver uma gestão compartilhada... É lógico, que é muito difícil essa questão de gestão democrática, porque no final as pessoas querem que a diretora 'bata o martelo' e que diga "Faça isso ou faça aquilo." Então quando você abre para discussão...

Mas lá eles estavam acostumados a não ter discussão, pois uma das gestões foi bastante autoritária, então ficava difícil. Houve embates em que afloraram algumas divergências, mas eu acho que tanto para o grupo como para mim foi importante viver aquele momento.

Como experiência profissional eu falo que foi um 'marco' na minha carreira. Para quem saiu da sala de aula e foi para a Secretaria da Educação já foi algo bem diferente... E depois assumir a gestão da Escola Agrícola, para a minha carreira como diretora, foi muito importante. Aprendi a lidar com os conflitos existentes numa escola, com as diferenças, com a diversidade, que lá são maiores que qualquer outra escola. Porque nós tínhamos professores de primeira à quarta série, professores de quinta à oitava séries, técnicos agrícolas, funcionários, os pais de alunos, os alunos, então era um grupo diverso e a Escola Agrícola lida também com outras Secretarias como a Secretaria de Educação, a Secretaria de Agricultura, de Saúde... Então, tudo isso perpassa o cotidiano de quem está na direção, proporcionando experiências ricas e ao mesmo tempo desafiadoras. E a riqueza, o crescimento, se dá por essa diversidade, pois quando se tem um ambiente muito homogêneo, não há um crescimento significativo. Quando a gente está na heterogeneidade, em meio a conflitos, é aí que crescemos. Se do nosso lado temos somente pessoas que aceitam tudo o que falamos, sem discutir, sem colocar a sua visão, o grupo não cresce. É lógico que, em alguns momentos era difícil fazer essa mediação, de conflitos. Mas, é importante para toda evolução, para toda história, a participação, o diálogo e o respeito, acima de tudo.

Naquela época a gente já tinha um projeto pedagógico estabelecido cujo principal objetivo era e acho que continua sendo até hoje, estabelecer a Escola Agrícola como uma escola que atende o ensino regular, com os conteúdos e metodologia. Mas que tem esse algo a mais, que é a parte técnica e agrícola. Eu acho que o maior objetivo que a gente tinha e que deve permanecer, é o de fazer a

integração com a parte prática, de vivência no campo. Pode se conciliar com a questão dos conteúdos, com a questão curricular. Eu acho que esse é o maior objetivo da escola, é mostrar que você pode, a partir de uma prática, uma experiência, inserir o conteúdo. Eu acho que a escola proporciona esse tipo de metodologia, vivenciar aquilo que você está estudando, trabalhando o conteúdo, esse é o principal objetivo. E também porque a escola surgiu com um objetivo, que era tirar crianças da rua, menores abandonados, essas coisas todas... Na época em que eu estive lá, não era mais assim, era uma escola de atendimento normal. “Normal”, vamos dizer assim como outra escola, mas que tinha esse diferencial. Tinha não, tem esse diferencial. E que a gente tem que aproveitar. Fala-se muito nisso: “Trazer para o aluno a realidade, a vivência”... E acho que lá a gente tem condições de fazer isso.

A divisão do trabalho que estava estabelecida continuou na minha gestão. Os técnicos, os trabalhadores braçais, essa parte agrícola e também os professores continuaram com a sua docência, com o seu trabalho. O que mudou foi a maneira de gerir, com um diálogo mais aberto tentando, pelo menos, desenvolver uma gestão mais democrática. Eu vejo que este foi um ponto importante naquele momento, para a escola.

O que eu sinto, sentia pelo menos, na escola, é que as pessoas sempre a procuravam num primeiro momento, por seu caráter assistencialista que iniciou a escola. Das mães que trabalham e querem deixar o filho num bom lugar, onde haja segurança. Por conta, eu acho das razões sociais que a gente vivia e vive até hoje. Em que a mulher não é mais aquela dona de casa, mas que está cada vez mais competindo no mercado de trabalho. Então, as pessoas sempre chegavam interessadas pelo que a escola oferecia. Na minha época atendíamos a área urbana, mas preferencialmente a zona rural. Então, primeiro preenchíamos as vagas com o pessoal da zona rural, os distritos naquela época também eram atendidos e depois abríamos para área urbana. Mas eu sempre senti fortemente que essa questão de ficar o dia todo na escola gerava o interesse dos pais que moravam na área urbana da cidade, não do pessoal da zona rural, que reconhecia a importância da escola, por seu ensino agrícola. Essa valorização que a população dá a escola é muito significativa.

O cotidiano da Escola Agrícola é muito diferente de outras escolas. Porque funciona em período integral e todos nós também temos que permanecer durante o

dia todo na escola. Temos o horário de almoço, mas permanecemos na escola. Então, não temos como não nos envolver, com os alunos principalmente, com os funcionários, nesse horário. Costumávamos, eu e a Solange, que era vice-diretora na época, conversar com os alunos, que nos procuravam para trocar confidências, para pedir conselho, para falar de alguma situação que o estava incomodando e a gente não deixava de atender. Porque era exatamente o momento em que conseguíamos uma mediação de conflitos entre alunos e que precisávamos aproveitar.

Isso é muito diferente de uma escola em que na hora do almoço, todos vão para suas respectivas casas e depois retornam. Lá, não tínhamos privacidade nesse horário. Porque se alguém me procurasse eu atendia, pois não era do meu perfil deixar alguém esperando terminar o meu horário de almoço. Então, eu estava sempre com os alunos, era um momento de interação com trabalho, com os alunos. Um cotidiano muito diferente.

Mas, na Escola Agrícola aconteciam situações que mudavam toda a rotina. Às vezes num dia super tranquilo, de repente, acontecia alguma situação com a criação de porcos ou com as galinhas... Então, já mudava tudo. Nenhuma escola tem uma rotina estabelecida, mas lá é mais evidente, pois acontecem coisas muito diferentes... Existem muitas variáveis. Recebíamos também, muitos visitantes para conhecer a escola, da área rural e de outras Secretarias. Lá o “mundo” é bem diverso. Diferente, de outras escolas. Por toda essa diversidade de situações que podem ocorrer na Escola Agrícola não podemos simplesmente estabelecer: “Ah, hoje eu vou fazer isso, isso e isso”. Seria muito dizer que eu conseguia fazer pelo menos três coisas que eu planejava num dia, as outras era o cotidiano que determinava. Mas, aprender a lidar com essas incertezas também é legal para uma gestão. Porque começamos a obter novos parâmetros. Não só na área Administrativa que cabe ao diretor de uma escola, mas também nas questões pedagógicas mesmo, da sala de aula. Do trabalho com o professor e do trabalho com o aluno. Então, acho que é importante essa variação, apesar de ser exaustivo, traz muito mais riquezas para o trabalho rotineiro.

Quando eu cheguei, o pomar já estava desativado. Tinha um laudo da... eu não me lembro agora se era Secretaria de Agricultura do Estado ou Municipal, mas já tinha um documento dizendo que aquele pomar estava comprometido. Aí eu pedi novamente, via prefeitura, que fizesse uma verificação se aquilo realmente era

verdadeiro, se tinha fundamento. E, com o laudo e também com a palavra do técnico Joaquim, na época, de que o pomar estava comprometido, retiramos o pomar. Mas, fizemos plantação de árvores frutíferas num outro espaço, que não me lembro onde, mas foram feitas algumas reposições. Não na mesma proporção, mas a idéia era que fossem repostas, mantendo alguma coisa.

Nós tínhamos também, um problema muito serio com a questão dos ônibus. Naquela época dez ônibus serviam a nossa escola. E aquele trânsito era muito difícil nos horários de entrada e saída e a gente necessitava de um local mais adequado para que esses ônibus se organizassem para estacionar e sair. Os professores reclamavam muito dos atrasos dos ônibus no horário de entrada. Muitas vezes acontecia de pensarmos que um aluno estava presente e ele não tinha vindo. Aí implantamos aquelas carteirinhas para cada aluno entregar ao motorista quando entrava no ônibus. Os motoristas retinham as carteirinhas dos alunos e nos entregavam para conferencia. Fizemos reuniões com os motoristas, para que se comprometessem com a segurança daqueles alunos. Então tivemos que fazer esse trabalho também, nesse aspecto de conscientização dos motoristas, da responsabilidade sobre os alunos que transportavam. Antes disso, houve um dia na entrada que um ônibus atropelou um de nossos alunos, porque havia alguns motoristas que excediam a velocidade permitida naquele local. Este aluno por sua vez estava apanhando jabuticabas. Essa história das jabuticabas foi assim: havíamos combinado que os alunos não podiam ‘catar’ jabuticabas do pé, porque no momento certo quando já estivessem maduras os inspetores colheriam as frutas que seriam oferecidas no refeitório. Então, esse era nosso combinado, pois se ficassem ‘catando’ antes da hora, não teria o suficiente para a merenda além de não estarem maduras. Mas, o menino foi ‘catar’ jabuticabas naquele dia e parece que alguém gritou: “A dona Solange vem vindo.” Ela (a vice-diretora) ficava “no pé” dos meninos e ele se assustou, saiu correndo e quando saiu correndo, o ônibus entrando o atropelou. Um menino da sétima serie. Isso nos preocupou bastante, foi perigoso, quebrou a perna e tivemos que chamar os bombeiros.

Então, apesar da questão de preservação da área verde, que a gente também entende que é importante, tinha essa outra questão da segurança dos alunos, que nos ajudou a tomar a decisão de transformar o pomar no estacionamento de ônibus, onde eles pudessem ser manobrados com segurança.

Conhecíamos o trabalho da Bernadete, que foi professora lá. Ela já tinha um trabalhado com projetos nessa área, depois teve a Larissa que continuou. A própria Luciana, e você Edna, que ainda trabalha lá. Então tinha um grupo de professores, a Flávia, a Gisele... Um grupo de professores que sempre teve essa preocupação de trabalhar com o meio ambiente. Porque lá temos esse Ambiente a ser preservado, que envolve a natureza presente na escola. Com os técnicos também, a gente sempre cuidou em desenvolver esse tipo de trabalho, por meio do professor coordenador sendo uma área de muita atuação da escola. De procura até de outras escolas, em relação a esse trabalho, que sempre foi uma referencia. Então, ou por aulas do currículo comum, ou por projetos, sempre esteve introduzido na matriz curricular da escola.

Quando eu fui para lá, a Bernadete e a Ivana já haviam desenvolvido um trabalho, que incentivei bastante a continuidade, enquanto gestão, sempre dando suporte para que isso acontecesse.

A Secretaria da Educação sempre teve essa visão, por ser uma Escola Agrícola e pelas questões Ambientais. Mas, quanto ao projeto, eu acho que iniciou na época da Elenita, o trabalho da Bernadete com a Ivana. Eu acho que foi porque a Ivana tinha uma pesquisa e direcionaram para a Escola Agrícola, justamente por ser agrícola.

Na minha época o critério de seleção, era primeiro atender os alunos que já eram da escola de primeira a quarta série, depois atendíamos os da área rural e dos distritos. Naquela época os distritos eram: Batoví, Ajapí, Ferraz e tem mais um... Assistência! Eram atendidos e depois que as vagas eram preenchidas abríamos para a zona urbana, se houvesse muitos candidatos da zona urbana, era feito sorteio. Então, era feito um sorteio, das vagas remanescentes.

Quanto aos professores, houve um concurso, na minha época, isto é, anteriormente era realizado um processo seletivo e se eu não me engano em 2003, houve o concurso e foi efetivado um grupo de professores. Então, a maioria dos professores era concursada, e se não houvesse candidatos chamávamos eventuais, os professores contratados. Então era dessa forma, antes os professores eram contratados por processo seletivo e depois do concurso por efetivos. Agora disso,

eu já não sei te dizer como era. Mas, eu já cheguei nessa época de efetivação mesmo. Seguíamos uma lista, por classificação e na época lecionavam Matemática, você prof^a Edna e o prof. Lineu. Nosso relacionamento sempre foi bom e sempre com todos os professores. Houve algumas diferenças em questões pedagógicas, às vezes de discussão, mas é o que eu falo, sempre tentei trazer questões para discussão pedagógica, trazer para os HTPC's. Apesar de às vezes ter HPTC's, que Nossa! De muito fervor, de discussão! Mas eu acho que é por aí. Não dá para resolver as coisas sozinha, então a gente sempre procurou estabelecer o diálogo, com todos da escola. Tentávamos colaborar com o trabalho do professor, oferecendo infraestrutura e proporcionando materiais que fossem necessários para realização de atividades, sempre mantendo o diálogo e a participação de todos.

Eu percebia que tanto você Edna, como o Lineu, procuravam atrelar as questões técnicas com as aulas de Matemática. Então, eram aulas que trabalhavam o concreto, ou seja formalizavam as questões que os alunos vivenciavam nas aulas de campo, nas aulas de Matemática. Por exemplo, o uso da própria área da escola, ou quando o aluno vai plantar, qual deve ser a largura e a profundidade do "buraquinho". Eu me lembro que sempre havia uma tentativa em atrelar esses dois campos de conhecimento.

Agora, sob o ponto de vista histórico e cultural, eu acho que a gente sempre fica devendo. Porque sou uma pessoa assim, sempre acho que podia ter feito mais. Mas eu acho que diante das condições que tínhamos pelas dificuldades que eram grandes, por oferecer ensino agrícola sem ser considerada profissionalizante. Então, tínhamos essas limitações que a escola possui. Isso não ocorreu só na minha gestão, em outras gestões também aconteceu, mas eu acho que diante disso, nós cumprimos o nosso papel. Eu lembro muito das "feiras" que participávamos, as coisas que a gente fazia. Fizemos uma grande "feira" de agricultura em parceria com outros segmentos. Eu vejo que essas iniciativas eram muito importantes para a escola. Não dá para ficar somente esperando a Secretaria de Educação. A Secretaria de Educação é o alicerce da escola e tem que ser. Mas a escola precisa fazer vínculos com outras instituições, para cumprir verdadeiramente o seu papel. Então eu acho que na medida do possível nos cumprimos sim, o papel da escola.

Uma das minhas maiores dificuldades enquanto gestora foi ter que lidar com essas duas situações: de não entender nada de porcos e galinhas, e ao mesmo tempo ser obrigada a tomar decisões a respeito. Então, a gente contava muito com o apoio do Zé, do José Roberto¹⁰⁵, que era técnico e do Paulo, sempre foram pessoas que me ajudaram muito nessa parte. Porque o conhecimento técnico mesmo da coisa nós, que éramos da direção, não tínhamos.

Tive também dificuldades com alguns professores, sobre questões metodológicas e também sobre a questão de entender quem era o atual aluno da Escola Agrícola. De que a escola não possuía mais os melhores alunos, que tinham passado por um vestibulinho como anteriormente. Pois por conta das legislações, de toda essa questão do ECA¹⁰⁶, não se encontravam mais os melhores alunos, selecionados da cidade para estudar na Escola Agrícola. Então, quando dizemos que a escola é para todos, então, todos são todos, não é todos menos uns. São todos mesmo. E aí, vem aquele que tem dificuldade, vem aquele que tem a questão afetiva mal resolvida, a questão social, a questão cultural. E temos que lidar com essas diferenças. E não apenas os professores da Escola Agrícola, mas nós educadores, não fomos formados para lidar com essa diferença. A universidade, ou mesmo o Curso Normal, não nos preparou para lidar com essa diferença. Começamos a lidar com elas na prática. E aí, lógico, torna-se difícil, porque cada um é diferente do outro. Além disso, lá o público é adolescente, que está passando por toda uma transformação, um desenvolvimento, que é outro agravante. Porque com a criança, quando falamos, ela abaixa a cabeça e fica quietinha. O adolescente, se você falar alguma coisa atravessada, ele já vai dar 'aquela' resposta! E muitas vezes os professores consideravam que os combinados não eram respeitados. Aí, vinham os casos para a direção, e não tínhamos como dar respaldo ao professor por certas atitudes que foram tomadas pelo educador. Então, acredito que o diretor, tem que ser a última das últimas instâncias numa questão de comportamento. Porque quando você tira, por exemplo, um aluno da sala de aula, você está tirando a sua autoridade de professor. Então, quando chegavam à direção, os professores queriam que eu aplicasse penalidades que realmente não eram possíveis. Se eu fizesse algo, poderia até solucionar de outra forma. Então, a visão de penalidades ainda estava muito ligada ao passado, pois as mudanças ainda eram recentes. As

¹⁰⁵ José Roberto Jesser – professor técnico agrícola.

¹⁰⁶ ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

peessoas, muitas vezes, queriam aqueles comportamentos anteriores. Então esta também foi uma das dificuldades que eu tive, mas a gente sempre procurou trabalhar com diálogo. Às vezes, lógico, não satisfazia a todos. Achavam que eu era a diretora ‘boazinha’ para com os alunos, que eu ‘passava a mão na cabeça’ deles... Mas, depois estudando com os professores o desenvolvimento do aluno, questionávamos: “Porque esse aluno está fazendo isso?” Quando o assunto era sério, que necessitava de outros encaminhamentos, a gente também tinha que fazer a nossa parte. Então, eu acho que essas duas coisas, foram as maiores dificuldades que eu vejo no meu trabalho na Escola Agrícola.

Como lá eu não tinha cargo, pois ainda era função, em substituição, quando fui me efetivar já havia a vaga de diretor da escola, mas por conta de ficar longe da minha casa e ser uma escola de período integral, optei por efetivar-me numa escola da área urbana. Também, tinha o motivo do meu retorno à Secretaria de Educação, então eu não queria me efetivar na Escola Agrícola e depois não ficar lá. Então, eu achei que a escola precisava mesmo de alguém que ficasse e que desse continuidade ao trabalho. Foi quando eu me efetivei no Lucídia¹⁰⁷, naquela época, que era uma escola aqui da área urbana mesmo.

Gostaria de ter feito pela escola essa integração com outras instituições, a gente até tentou, começou, abriu muitas portas. Mas, precisava ter feito muito mais. Mas, até pelo tempo de gestão, pois uma gestão de dois anos, dois anos e meio, não consegue atingir tudo que almeja. Penso que, aquele que assumir a Escola Agrícola, tem que ficar uns cinco a seis anos estudando todas as áreas para poder tomar decisões em todas elas. Eu acho que eu enfoquei apenas algumas áreas como o trabalho pedagógico, a divulgação do trabalho da escola, porque na época, as pessoas lá estavam muito desmotivadas, achando que a escola não servia para nada. E eu fui para dizer: “Olha, a escola é importante. Precisa mudar, precisa melhorar.” Mas, acho que essa parte de incentivo a parcerias, a gente poderia ter feito mais!

Eu vejo que a Escola Agrícola é uma escola que tem condições de desenvolver o que muitas gostariam de desenvolver. Lá temos as crianças, os adolescentes o dia todo e esse é um diferencial para uma escola, porque em meio período de trabalho, você não tem a possibilidade de realizar um trabalho mais elaborado. Ter mais tempo com esse aluno, desenvolver coisas diferentes,

¹⁰⁷ EMEI - Prof^a Lucídia Therezinha Cassavia Escrivão Soares.

atividades diferenciadas, lá é possível. Isso é muito importante, é uma escola que tem um grupo de professores muito bem formados. A maioria com mestrado, doutorandos, doutorados, especialistas. Então, são pessoas com um potencial muito grande para o trabalho. As condições físicas da escola também são favoráveis. É lógico que sempre tem o que melhorar, mas é uma escola diferente. Na época, e acho que não muda muito hoje, tínhamos 200, 200 e poucos alunos. Era uma escola pequena do ponto de vista de número de alunos, dá para conhecermos todos, saber o nome, ter um panorama da família. Conhecer realmente o aluno. O que em muitas escolas de 1000 alunos, fazer isso, leva tempo. A Escola Agrícola tem todas as condições para ser, assim, um marco, um exemplo de escola, de proposta. É isso que eu penso, mas existem várias situações que precisam ter o mesmo norte, o mesmo panorama para o trabalho, quando as pessoas perceberem a potencialidade dela, aí tudo vai fluir. E uma coisa que eu não falei antes e me lembrei agora, as pessoas, na época, tinham uma visão assim: “direção é direção, professor é professor”. Uma coisa muito dividida. E na minha cabeça não é assim, não era e não é. Eu acho que direção, coordenação, professor e funcionário são todos educadores numa escola e todo mundo tem que estar no mesmo espírito no trabalho. Porque aí, todo mundo sabendo onde a escola quer chegar, é mais fácil alcançar esses objetivos. Essa divisão entre a direção, diretor é diretor, vice é vice, porque tem hora que tenho que ser “chata”. Chamar a atenção, mas sempre nesses padrões de respeito, de solidariedade, de justiça. Eu procuro ser justa, não quero agradar a um ou a outro, mas procuro ser justa. Quando as pessoas entenderem esse processo e compreenderem essa potencialidade, a escola terá todas as condições de ser um exemplo. Todas essas discussões sobre escola em tempo integral, em que a escola tem possibilidade de ter projetos no período contrário, trabalhar com dança, teatro, cozinha, enfim, lá tem as questões de agroindústria, de técnicas agrícolas. Portanto, a potencialidade lá na escola ferve! É só saber aproveitar e dar continuidade. Eu acho que isso é fundamental. E muito interessante. É uma escola que só tem a ser mesmo modelo. Eu vejo essas potencialidades em todos os aspectos na Escola Agrícola.

A Escola Agrícola foi mesmo um marco na minha carreira. Foi assim, a Valéria antes da “agrícola” e depois da “agrícola”, em todos os aspectos, o profissional, o pessoal. Fiz muitas amizades, a gente consegue estabelecer laços de amizades até hoje. A amizade conquistada é importante numa relação de gestão, ou

em qualquer outra relação. Portanto, existe uma grande diferença entre a Valéria antes da “agrícola” e depois da “agrícola”. Hoje, consigo lidar com situações, que se não tivesse vivido o que vivi na Escola Agrícola, não teria a mesma maturidade em lidar, resolvendo ou direcionando, então eu acho que foi uma experiência muito importante. Ser diretora da Escola Agrícola ajudou-me a constituir essa profissional que eu sou hoje. Isso eu não posso negar. E eu acho que ninguém que passa por lá pode negar isso.

Quanto ao futuro da Escola Agrícola eu vejo que as coisas estão se constituindo, essa questão agora de mexer com o Currículo, de pensar nos profissionais de lá. Para que se debrucem mesmo na questão: “O que a gente quer para essa escola? Quem é esse aluno que está aqui? Qual é o pai?” Poder enxergar a realidade, dizer: “Olha, a realidade é essa. E o que nós vamos fazer com ela?” Acho que isso é uma coisa muito boa que está acontecendo. É lógico que o que vai determinar o sucesso ou o insucesso disso, são as pessoas que lá estão. Nesse diálogo. Porque como eu disse, as potencialidades são enormes e apesar dos pesares, de todos os pormenores, as condições materiais e tudo, ela é uma escola diferente!

Por exemplo, uma escola que tem inclusive uma APM que dá sustentação para muitas coisas é diferente de uma escola que não tem isso, que só depende da Secretaria da Educação. Então, é nesse aspecto que eu falo, que sua potencialidade é muito grande. Agora, vai depender de como as pessoas que estão lá enxergam isso e querem dar visibilidade a isso. Se ficar cada um querendo “puxar a sardinha para o seu lado”, lógico que a gente não vai chegar a lugar algum. Por isso é importante a discussão do Currículo, de ver o que se pretende naquela escola. Porque quem chegar lá após essa construção, já diante de uma proposta consolidada, não terá como falar: “Ah, eu vou fazer diferente.” Você vai ter que se adequar à proposta da escola. Se os professores da casa permanecerem na escola no período inverso, eu vejo que este é mais um compromisso que esse professor assumiria para o desenvolvimento dessa proposta. Então, se por um lado pensamos na questão do professor, da valorização, pensamos também no aluno, que está lá e colabora para a potencialidade da escola, e o desenvolvimento dessa proposta e vai obter um compromisso maior desse professor. Porque ele não vai poder dar uma aula do mesmo jeito que faz de manhã, ele vai ter que pesquisar, ele terá que se inteirar, terá que conhecer esse aluno. Então, querendo ou não, um leque está se

abrindo e proporcionando mais responsabilidade para aquele grupo. A questão não é, somente, dar mais aula. Não. É mais responsabilidade colocada para o grupo. Mas eu vejo que, se houver um trabalho compartilhado, aberto, sem picuinhas e “jogando limpo” com “as cartas na mesa”, colocando mesmo, o que se quer. Eu vejo que será um trabalho muito promissor e que veremos ainda muitos frutos. Mais do que a gente já tem na escola, não é? Então acho que será muito legal, assim.

Eu vejo que a Secretaria da Educação quer manter a Escola Agrícola, não podemos pensar numa ampliação, diante das condições até de legislação que temos. Mas manter a escola, manter bem e respondendo até, para o que a sociedade espera dela. É uma questão, penso eu, de considerar parcerias com outras Secretarias, por exemplo, a Secretaria de Agricultura, sei lá, até com empresas privadas, não sei, mas deve-se pensar nestas possibilidades. Enfim, a escola é um espaço que deve ser desenvolvido e eu vejo que a Secretaria da Educação almeja que seja assim.

Eu fico super feliz pelo seu trabalho. Eu acredito muito que ao contar a história da escola, nos veremos diante das suas experiências. É como eu já mencionei, eu antes da Escola Agrícola e depois. Do mesmo modo, em toda experiência que vivemos, sempre colocamos um tijolinho a mais em nossa casa. E, acho que na Escola Agrícola é a mesma coisa, cada dia ela vai se renovando. Cada pessoa que chega, cada profissional que lá está tem um pouquinho a contribuir para a construção dessa história. Então resgatar isso através do seu trabalho, é super legal. Precisa ser divulgado. As pessoas precisam conhecer, porque não é uma coisa assim: Ah, a Escola Agrícola! Tem que conhecer, quem está lá, tem que saber um pouco de tudo isso, para poder entender até, o porque ela está do jeito que está, não é? Então, acho que isso é a historia mesmo, é a constituição dela. Muito legal. Parabéns!

Carta de Cessão

Eu, Valéria Aparecida Vieira Vellis, R.G. 21.400.628, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 14 de outubro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 18 de julho de 2011.

Sujeito de pesquisa:

Valéria
Profª. Valéria Aparecida Vieira Vellis

2º ATO – PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EMA

1º Episódio

Prof. João Gozzi Sanches (Professor de Ciências e Matemática da EMA:

20/12/1989a 21/05/93)

Encontro: 07/06/2010

Eu conheci a Escola Agrícola por intermédio da Secretaria de Educação. Na época acho que era Dona Regina a diretora da Escola, eu passei por lá, fiz a inscrição e aí, em 1992 a professora de Ciências teve que se afastar. Ligaram em casa e perguntaram se eu queria dar aulas eventuais. Na época o termo que se falava era substituto. Eu aceitei e no ano seguinte essa professora desistiu das aulas e no caso, a coordenadora me chamou, para saber se eu queria prosseguir e aí iniciei lá.

Existem vários momentos marcantes vividos na Escola Agrícola em minha memória. Ah! Só de ter contato com a natureza, com as plantas, com os animais. Acho que além de trabalhar, dar aulas e de ser um educador, acabamos nos envolvendo com tudo isso. Então, o lugar se tornava agradável. Os professores, o pessoal que trabalha na parte braçal, acho que tudo e todos foram marcantes. Inclusive, eu não me esqueço de uma festa em que eu e o Evrardo, professor de Matemática, tivemos que destrinchar um porco que mais parecia um hipopótamo. É, de tão grande, parecia um hipopótamo!

Eu e o professor Evrardo, num sábado, fomos de manhã para lá e ‘falaram assim’: “À tarde eu quero tudo picadinho, tim-tim por tim-tim.”

Então, foi um aprendizado isso aí, lidar com frango, lavar verduras, essas coisas. E acho que tudo isso foi bem marcante!

E eu acho que naquela época também, os alunos tinham mais interesse. Então era gostoso você poder transmitir para quem tem vontade de aprender.

A maioria das minhas aulas lá era de Ciências. Eu trabalhava a Matéria em sala de aula e tinha uma salinha que era o laboratório, com alguns materiais bem simples, para a gente trabalhar. Eu já ia com aula preparada e além de trabalhar na sala de aula o conteúdo, a gente também explorava bastante a parte prática, porque o lugar oferecia essa oportunidade. Então se tivéssemos que trabalhar Ciências no campo, estava tudo ali e no laboratório. Assim, as aulas tornavam-se interessantes e

produtivas em virtude disso. Muitas vezes saíamos com os alunos para o campo e explorávamos também esse lado aí.

Nas aula de Matemática a gente também trabalhava o conteúdo na sala de aula e tirava proveito da verificação na área externa, por exemplo: as árvores. Então, eu trabalhava Contagem, Sequências Numéricas, até em forma de jogos, aproveitando o ambiente da escola, acho que a Matemática também dava para trabalhar bastante na escola, que tinha pomar, plantas diversas e bastante animais. Tínhamos porcos, aves, tinha uma boa diversidade de aves, parece que tinha ganso, peru, pato. Tinha carneiro, na época também tinha bovinos lá, cavalos: eqüinos. Tinha bastante animais.

Eu trabalhava na mesma época do Professor Evrardo. Na verdade o professor Evrardo era uma pessoa amiga e muito dedicada, porque ele também gostava do que fazia. Pelo que eu sei das aulas dele, era um bom professor e uma pessoa que tinha certa facilidade em expor suas idéias, os seus ideais e o aluno conseguia aprender bem. Então, ele trabalhava, além da teoria, algum trabalho prático com a Matemática, cujo desenvolvimento era bom, os alunos aprendiam bem, muito bem, com ele. Porque os próprios alunos comentavam na aula de Ciências, que gostavam da aula do Evrardo porque era uma aula diversificada. Eu não entrava muito em detalhes, mas eu acredito que ele trabalhava com a Matemática em forma de jogos também.

Quando eu cheguei lá a escola não era nada do que é hoje. A escola era praticamente composta por quatro salinhas só, eu dava aula na casa onde acho que mora hoje o Silvio, não sei se ele ainda mora lá. E, 'muitas coisas' ali, era só matagal. Tinha bastante animais, mas não tinha o espaço que tem hoje, que já foi explorado. A área construída aumentou bastante, aqueles barracões não existiam e aquela cozinha não era daquele tamanho. Foi quando a Dona Creusa chegou e montou toda a escola.

Eu cheguei na escola quando a diretora era a Dona Regina e foi o último ano dela, em 1992, quando eu estava como substituto, em 1993 já estava a Creusa, quando eu fui e fiquei como efetivo lá.

Então, eu acompanhei toda a época da Dona Creusa, todas as mudanças que ela fez. Tudo, tudo, tudo. É, foi assim, eu só tinha uma série. Comecei com a quinta série, dessa quinta série eu passei com eles para a sexta e fui seguindo com a

mesma turma. Mas não deu tempo de eu terminar com uma oitava, porque aí foi quando eu saí. Então eu trabalhei numa quinta, na mesma turma, na quinta, na sexta e na sétima série.

Eu trabalhava o conteúdo normal. Então, como eu te falei, por estar lá, tinha um ambiente mais amplo para trabalhar com Ciências. O local ajudava bastante a trabalhar com a diversidade de plantas e de animais. Inclusive a água do rio que tinha ali em baixo, não sei se ainda tem, tinha aquele 'Córregozinho'. E o lixo, a gente trabalhava muito com lixo, então dava para trabalhar bastante com a questão do Meio-Ambiente.

Não existia alguma determinação específica, que vinha da direção ou Secretaria da Educação para a Escola Agrícola. Nada. Tinha um planejamento, mas a gente planejava em cima dos Parâmetros Curriculares mesmo, nada que tinha que se seguir para favorecer a parte Agrícola não. Mas, talvez por que havia a parte técnica. Porque eles tinham aulas de técnicas agrícolas, eu acho, o que os alunos trabalhavam influenciava isso. Mas nunca teve assim, uma coisa definida, como é que a gente pode falar... Uma interdisciplinaridade entre técnico e professor. Na época da diretora Regina eu só estava substituindo algumas aulas e depois disso seguíamos os conteúdos como em qualquer outra escola. Não tinha interdisciplinaridade. Quem chegou com esse negócio de Meio Ambiente lá foi a Ivana. Ela que levou esse incentivo, para a gente trabalhar o assunto. Participamos de algumas palestras, reuniões, visitas. E a partir daí a gente acordou, a gente despertou para trabalhar com o Meio Ambiente, em mim por exemplo. Tanto é que eu fui fazer a minha especialização em Meio Ambiente, lá na USP de São Carlos. Então, ela levava esse trabalho de incentivo, para a gente aplicando primeiramente com os professores, depois com os alunos...

Quando eu cheguei lá, no primeiro ano, os alunos eram desinteressados. Eram alunos "meio" complicados, umas "pessoinhas meio complicadas", mas aí foram mudando. Eu acho que por causa do vestibulinho, teve um pessoal numa certa época, que tinha mais interesse, era um pessoal bom, participativo. E a gente conseguia trabalhar muito, em virtude desse interesse dos alunos. O vestibulinho era instituído e elaborado pela Secretaria da Educação. A própria Secretaria mandava as provas, que os professores não tinham acesso, porque era tudo feito antes das aulas. Então, depois quando começavam as aulas, a gente já tinha os alunos classificados. Eu não tinha acesso às provas e nem sabia o que eles pediam. E, eu

não me lembro quem as corrigia, acho que eram os professores de Português ou Matemática, porque acredito que o conteúdo solicitado era só de Português e Matemática. Acho que também tinha a parte técnica. É, com algumas questões técnicas.

Os quatro anos que trabalhei com a Da. Creusa tivemos os vestibulinhos. E o nível dos alunos melhorou. Tinha uma diversidade social muito grande entre os alunos, mas eu acho que 80% tinha uma condição social boa. E os alunos eram bons, tinham interesse, tinham alguns com dificuldades de assimilação também, mesmo sendo bons.

Alguns dos alunos apresentavam interesse em seguir uma carreira técnico agrícola, mas nem todos. Eles tinham mais interesse no aprendizado. Então mesmo que eles apresentassem dificuldades de assimilação ou falta de pré requisito, a dedicação deles compensava. As aulas caminhavam bem. Agora, a parte agrícola não eram muitos que tinham interesse não. A minoria eu diria.

Eu acho que o problema é que lá é uma escola de primeiro grau, então, se tivesse uma escola de segundo grau que já desse essa margem à profissionalização, as coisas seriam diferentes. Porque eu acho que uma das causas era porque eles saiam de lá adolescentes ainda ou pré adolescentes e teriam que se mudar para outra cidade. Então isso já é uma coisa que impede também, porque eles são muito novos e a própria família não concorda em enviá-los para fora. São poucos que falam: “Não. Deixa meu filho ir!” Porque vai ter que dormir lá, vai ficar fora uma semana. Então acho que isso aí é uma barreira grande para a profissionalização.

Os alunos gostavam das aulas de Matemática, Ciências mais ainda. Acho que é como eu falei, nas aulas de Ciências explorámos bastante o que às vezes em outros lugares não conseguiríamos explorar, porque não se tem um espaço físico como a Escola tem. Era isso que atraía muito nas aulas de Ciências, mais do que nas aulas Matemática.

Quanto às aulas de Campo os alunos gostavam, estou falando na minha época. Os alunos tinham aulas do núcleo comum antes e depois eles iam para as aulas de Campo. Então percebíamos neles aquela vontade de ir para o Campo, eles comentavam: “Hoje tem aula de X disciplina. Hoje tem aula de Y disciplina.” Você sentia essa motivação neles. Então eles gostavam sim. Em geral os alunos gostavam da escola e não reclamavam. Não é que não reclamavam de nada,

sempre tinha alguma “reclamaçãozinha”. Mas, eles gostavam da escola, tanto é que eles não faltavam.

O meu período na Escola Agrícola compreendeu, cinco gestões, cinco diretores. Começou com a Maria Creusa, depois passou à Elisabeth Ondas, a Elenita Loureiro, Lucilene e a Valeria Vellis.

Em relação às aulas não houve mudanças, eu acho que na época da Dona Creusa, ela foi uma pessoa bem rígida, mas também foi um aprendizado muito grande. Depois, na época da Bete, aquela transição, aquela coisa toda, não dava nem para entender muito. E com a Valéria também, eu achei que deu para trabalhar bem com ela. Ela incentivava bastante essa questão de sala de aula e a preparação do professor... por exemplo. A Valéria deu muita chance para que nos auto-avaliássemos e eu achei que essas coisas fizeram diferença.

É assim, a Dona Creusa foi uma pessoa mais preocupada com a escola e também me proporcionou um aprendizado muito bom enquanto eu estive lá. E eu acho assim, que por si só a Escola Agrícola, nos cativa. E me cativou justamente por esse aprendizado que eu tive com a Dona Creusa. Eu gostava de trabalhar lá, porque além da sala de aula tinha o campo. Aí, na época da Bete, não deu muito tempo para a gente conhecer o trabalho. A Lucilene também não. E a Valéria, eu achei legal por isso que eu digo, ela dava oportunidade para os professores se reciclar, fazendo cursos e outras coisas.

Infelizmente, o vestibulinho era uma seleção. Então a partir da sua extinção acho que os alunos já foram assim, com menos pré-requisitos. Tinham bastante dificuldades e o nível do aluno caiu. O nível de conhecimento do aluno caiu. E o nível de interesse também teve uma queda. Não sei se é uma comparação, mas se a pessoa vai fazer um vestibulinho, eu acho que vai porque tem vontade, ela tem interesse. É a mesma coisa, eu quero entrar numa universidade naquilo que eu gosto, eu vou me preparar, eu quero, eu vou lutar por aquela vaga, não é assim, na nossa vida?

Agora, quando eu não tenho interesse, eu penso assim: “Se deu, deu e se não deu, não deu. Eu acho que isso que fez essa diferença. Então, sem o vestibulinho entrou muito aluno sem interesse algum e o nível caiu, sim.

Então, eu acho que depois, já deu uma diminuída no interesse dos alunos pelas aulas de campo. Os alunos antigos eram mais interessados, depois já foi modificando, como muitas coisas modificaram. Até as próprias aulas de Campo se modificaram, mudança de Matérias. Na verdade, na prática eu não sei te dizer, quais foram as mudanças. Mas, por exemplo, tinha Matéria lá que só tinha teoria. Tinha um técnico que só dava teoria e outro técnico que só dava aulas práticas. Então, mudava o próprio técnico que trabalhava com X, no ano seguinte passava a ser outra coisa, passava aquele segmento para o outro. Aquela troca ali de técnico, eu acho que também foi mudando o interesse do aluno.

Sob o ponto de vista histórico e cultural a Escola Agrícola cumpriu e eu acho que ela cumpre o seu papel. Porque as pessoas que trabalham lá, trabalham com a intenção de que os alunos dêem sequência em seus estudos. Então, o que se espera é que a Escola Agrícola forme um aluno do campo em um técnico agrícola, um engenheiro agrônomo, enfim, que desperte esse interesse. Então, eu acho que isso aí, ela conseguiu e ainda consegue sim.

A única coisa que eu gostaria de ter feito na Escola e que não foi possível fazer é ter me efetivado por meio do concurso. Depois disso em 2005, eu voltei à Escola Agrícola como professor do projeto de reciclagem, de compostagem. Mas, minha decepção foi eu não poder ficar lá, porque eu acho assim, não é da noite para o dia que a gente consegue desenvolver um bom trabalho, acho que eu tinha boas idéias e eu queria desenvolvê-las, mas não deu tempo. Foi muito corrido. Já no projeto eu tinha poucas aulas e não dava tempo de mostrar o que eu queria fazer.

O projeto em si, quando eu cheguei lá, já estava em andamento. Eu queria muito ficar, mas, não era aquele ritmo que eu queria dar. E não deu tempo de fazer o que eu queria. Então, na verdade, o que passou por ali foi coleta de lixo, que o pessoal estava levando. Mas eu não queria trabalhar só isso, eu queria trabalhar realmente, além de tudo isso. Trabalhar a conscientização dentro da escola e no campo. Por exemplo, ali tinha o “Córregozinho” que eu já mencionei, a questão da poluição, a questão do adubo orgânico, a compostagem... Tudo isso era o que eu planejava, mas não deu tempo. Em 2004, quando eu fui até lá, para substituir um professor, já estava tudo planejado e não deu para modificar, porque estávamos no restinho de ano. E no comecinho de 2005, quando eu tentei levar o projeto, queria fazer o meu trabalho e não deu certo.

Carta de Cessão

Eu, João Gozzi Sanches, R.G. 8725020, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 07 de junho de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 26 de julho de 2011.

Sujeito de pesquisa: _____


Prof. João Gozzi Sanches

2º Episódio

Prof. Carlos Alberto Francisco (Professor de Matemática da EMA:

2º semestre de 1997

Encontro: 19/08/2010

Meu primeiro contato com a Escola Agrícola aconteceu em abril de 1997 segundo os meus registros aqui, na época eu era orientando do professor Carrera e ele foi convidado a desenvolver na Escola um trabalho de apoio aos professores da época, e como eu fazia o mestrado, ele me convidou para acompanhá-lo e eu fui até lá fazer parte dessa atividade, desse trabalho de orientação pedagógica. Foi assim que eu conheci os professores e tomei conhecimento da situação política que a escola vivia por conta do processo administrativo que a diretora afastada sofria e o professor Romualdo era o Secretario da Educação no período e também era professor do Departamento de Educação da UNESP. Então, foi assim que nos aproximamos da Escola, fui nesse “barco” com o Carrera. Naquela época tínhamos um grupo de pesquisa em Educação Matemática e Educação Ambiental e o Carrera sempre na frente! Ele já tinha essa visão de que a Escola Agrícola poderia ser um lugar interessante para desenvolver um trabalho diferenciado, por ter uma estrutura toda diferente. Ele também sabia da necessidade política de um posicionamento que a escola deveria assumir, naquela época, então eu acabei conhecendo os professores e o professor de Matemática que era o professor Evrardo, que naquela ocasião teve que tirar uma licença não sei bem porque, mas ele teria que se afastar e conversando com o Carrera e com coordenação pedagógica da escola e tudo mais eu acabei assumindo essa substituição e desenvolvi o trabalho de mestrado, a parte prática lá na escola. Então foi assim, meu primeiro contato na Escola Agrícola. Antes disso eu não sabia nada sobre a Escola. Na realidade depois que acabei assumindo essas aulas, houve um acordo com a coordenação e a diretoria da escola que eu poderia desenvolver também, o projeto de mestrado. Acabei trabalhando lá, assumindo várias turmas do prof. Evrardo, sétimas, sextas e oitavas séries. Mas o meu projeto eu desenvolvi mesmo, somente com as oitavas séries, duas oitavas séries. Foi assim o meu início na Escola.

Eu não tinha muita autonomia para mudar as coisas, porque não havia muito tempo e eu sabia que tinha que respeitar o professor Evrardo, porque ele era o professor de Matemática da Escola há um bom tempo e tinha uma ‘certa’

metodologia de trabalho. Eu notei, na época, que ele adotava livros didáticos e que tinha, digamos assim, uma estrutura própria para dar aulas que eu preferi não mudar muito. Ele pediu e até me mostrou certas partes do livro dizendo: “Olha gostaria que você seguisse... São esses conteúdos que deveriam ser dados.” Então, eu respeitei e tive liberdade para desenvolver um trabalho que gostaria de fazer com as oitavas séries, um trabalho um pouco diferente, um ensino mais contextualizado e menos “amarrado”. Mas, mesmo que eu tentasse fazer algumas coisas diferentes eu tinha que seguir algumas “coisinhas” que ele me pediu. Eu tentei as respeitar totalmente e acabei trabalhando dessa forma, mas o que eu lembro de diferente é que nesse trabalho, especificamente no trabalho de mestrado, houve uma tentativa de integrar esse mundo da sala de aula com as outras atividades que existiam na Escola Agrícola, que tinha agricultura, suinocultura, fruticultura e vários outros setores de criações e plantações. Esse trabalho teve o propósito de fazer essa integração entre a Matemática que se estudava na sala de aula com as outras disciplinas.

Nós dividimos as duas salas em pequenos grupos e cada grupo ficou responsável de estudar um setor da escola. Um grupo ficou responsável pela suinocultura. Então, neste caso, tínhamos a questão de custos de produção, e implicações com o Meio Ambiente. Este grupo de suinocultura fez um levantamento do custo necessário para criar um porco. Todos os dados eram fornecidos pelos técnicos, no caso, acho que era o Zé Roberto¹⁰⁸. Cada grupo fazia um painel expondo as questões e os levantamentos de dados de cada setor e aí havia a socialização. O caso da suinocultura eu me lembro bem, porque além da criação dos animais, havia outros itens como a limpeza e as implicações que os dejetos dos porcos das baias estavam causando ao serem jogados nos fundos da Escola onde tinha um lago. Enfim, a evidência demonstrava a necessidade da existência de tanques de decantação, que não havia e os dejetos eram jogados sem tratamento no córrego, prejudicando a mata que havia atrás da escola. Então, esse era um exemplo das situações que estudávamos e muitas informações como esta os alunos já sabiam, mas a gente não tinha sistematizado.

Em alguns momentos, praticamente, eu não dava aulas para eles, eles davam aulas para mim, o que resultou uma situação muito legal. Quando saíamos ao campo, tínhamos um roteiro que os alunos conduziam. Eles entrevistavam os professores técnicos, refletiam sobre as informações obtidas e assim por diante.

¹⁰⁸ José Roberto Soares Jesser – técnico agrícola da Escola Agrícola, no período de 1987 a 2010.

Então, as aulas de Matemática para as oitavas séries foi, acredito, bem produtivas. Trabalhamos especificamente com o Tratamento da Informação, na época não tinha computador, e as produções, os gráficos eram feitos a mão. Eu até tinha um computador, mas não dava para trabalhar com os alunos. Eram mais ou menos assim as aulas de Matemática, íamos para lá e para cá, íamos para sala de aula, íamos para o campo, voltávamos e assim por diante.

Nós até saíamos com as demais séries, mas bem menos, porque com estas séries eu fiz o que o professor Evrardo pediu. E também, porque como era um trabalho de pesquisa social exigia muito do meu tempo, não só para preparação, mas para o registro e outros itens, então, em função da demanda adotei essa postura, mas de uma forma bem clara e consciente. Eu lembro da cobrança de alguns alunos das outras salas, que muitas vezes nos viam saindo com as oitavas séries, então, em algumas aulas íamos lá fora, onde tinha umas mesas (Área de lazer), mas não se tratava de um estudo específico com as características que foram desenvolvidas no trabalho com as oitavas, eu diria que nas outras series foi uma coisa mais “careta” e a outra foi, digamos, progressista, não sei se é assim que eu posso falar.

Eu não me lembro de nada específico para as aulas de Matemática, como se houvesse um papel determinando algo. Havia os planos, de uma maneira absolutamente sintética que eu me recordo, e eu acredito que eram muito mais centrados nos conteúdos. E assim, citando o Ole e a Miriam era mais o paradigma do exercício, que era comum em livros da época.

Eu já entrei num clima de questionamento e como a escola estava passando por tudo aquilo, até mesmo a ida do Carrera já implicava numa mudança, numa tentativa de reflexão sobre as práticas pedagógicas como um todo. Então, todos os professores, eu acho, entraram um pouco nesse processo, mas as mudanças são lentas e é preciso muito cuidado. Eu não me lembro de um documento formal que desse as diretrizes, o que havia era a nossa formação e a conversa com os professores.

Eu me lembro de nós dois juntos em alguns momentos eu e o prof. Evrardo. Ele sempre me chamou bastante atenção, porque demonstrava uma cultura muito forte, uma pessoa com uma bagagem cultural boa, com o perfil de uma pessoa mais antiga, com uma formação mais conservadora, e que ainda lecionava de uma forma bem centrada na figura do professor. O professor lá na frente explicando e depois os

alunos fazendo os exercícios. Também me lembro que ele discutia vários assuntos com os alunos, mas acho que era uma relação básica de um professor com bastante experiência, com bons anos de magistério, ministrando aulas que apresentavam essa estrutura, mas não cheguei a ver alguma atividade diferenciada. Até porque, não era minha preocupação investigar as práticas de ensino dele especificamente ou a minha.

Ele foi muito legal comigo, deu bastante liberdade para fazer o meu trabalho. Quando conversamos, negociamos algumas coisas, eu via que tinha uma certa preocupação com o conteúdo por que isso parece que é uma coisa comum: *“não mas... E o conteúdo a ser dado?”* Questionava ele. Aí, eu expliquei o que seria feito, e fiz questão de fazer o máximo possível para encaixar nas expectativas dele as outras séries, porque uma vez que eu era professor substituto, não sei como posso dizer... Mas, ele ia voltar e queria ver a “casa arrumada” como ele acreditava que tinha deixado. O que é perfeitamente compreensível, preservar o que ele fazia e daquilo que eu acompanhei, o livro didático tinha uma presença muito forte, acho que era isso, se eu não estou enganado, faz tempo, não é?

Eu preciso depois reler, eu até trouxe aqui o meu trabalho para ver se ativa a memória, porque às vezes é uma questão de ativar a memória.

Nesse meu trabalho, sem dúvidas, a proximidade com a turma foi diferenciada, quando a gente desenvolve projetos, a interação vai para outro nível. Eu acho que tenho uma característica própria de proximidade com os alunos, e não sei ser diferente, eu sou até informal demais e as vezes a gente acaba interagindo de uma forma para resolver outro problema. Nós tivemos reuniões fora das salas de aula, com os alunos, com os técnicos, por exemplo, o projeto dos tanques de decantação tinha uma coisa muito séria, não podíamos fazer uma denúncia simplesmente, porque também tinha a responsabilidade dos técnicos, porque é complicado quando se trata de assuntos relacionados ao Meio Ambiente. Ao vermos um rio poluído a primeira pergunta que fazemos é: “Quem está poluindo o rio?” Então, tem determinadas responsabilidades que a gente precisa ter certo “jogo de cintura” porque tudo é um aprendizado, tínhamos que ter certo cuidado, porque os próprios alunos tiveram essa preocupação: Mas eu vou falar isso? E não pode ser assim. Tudo isso acaba criando uma proximidade que é natural, própria do ambiente. Imagine que estamos lá na horta da Escola e você pega uma cenoura da terra, lava lá e come na hora. Aí, depois você descobre que não podia ter feito isso.

Isso é uma das coisas que vão ficando nítidas, eu lembro bem: “Nossa gente! Nós comemos e não podia!” Essa proximidade acaba sendo diferenciada mesmo. Se você está numa “coisa muito quadrada”, a interação fica muito restrita àquela situação de Matemática e só. Era uma proximidade maior com estes do que com os outros alunos.

Eu me lembrei de um episódio, deixa eu contar, o GPA foi um grupo muito importante na minha formação porque, na época do mestrado, eu fazia parte de um subgrupo do GPA, o grupo de pesquisa em Educação Ambiental e Educação Matemática. Tínhamos que relatar os trabalhos da semana e eu lembro que a gente fazia as atividades e eu imprimia tudo para os alunos. Aí eu vejo uma atividade dessas no chão da escola, pisada com a marca de um pé! Eu olhei para aquilo e Nossa! Deu um impacto! Depois de todo um trabalho! Então, é assim, você encontra essas coisas, essa proximidade e essa coisa de ficar indignado tem ao mesmo tempo, essa coisa de ser verdadeiro, de ser humano. Eu acho que as causas movem as pessoas e nós tentamos fazer o mesmo, a gente cria uma causa coletiva que cada um se relaciona de uma forma, mas a causa, eu acho, dá um “gás” maior, algo emotivo no meio, nada de garantias, só relações humanas.

O meu projeto era assim, uma problematização, a gente tinha uma pergunta central, e através dessa problematização, os grupos de alunos levantaram várias questões para decidirem o que iriam estudar no setor. Aí, levantaram-se várias questões sobre o estudo, tudo que gostariam de saber, que achavam importante mesmo que já soubessem, teria que ser dito e escrito, e assim por diante. Então, até coincidiu de estar lendo aqui no meu trabalho, o roteiro do setor de avicultura: *“Ah! Quantos pintinhos temos por metro quadrado? Ah, vários! Podem fazer perguntas que vocês acham que tem Matemática e que vocês acham que não tem Matemática, depois a gente vê o que faz.”* Até as coisas serem apuradas e virarem um roteiro, então a idéia disso era a seguinte: que a Matemática viesse para responder algumas perguntas que eles faziam. Era como se fosse um educar através da Matemática, não para a Matemática, e isso era antes dos PCNs, que estavam surgindo naquela época em 97, acho que entre 97 e 98. Enfim, tínhamos esse grupo e o Carrera é uma pessoa muito querida e que tomou a frente nessa perspectiva, então eu fui totalmente pupilo, naquela época tinha o Marcão que fazia parte do mesmo grupo, fazia um trabalho com ‘lixo’. E tinha um monte de gente que

fazia parte do grupo, não vou citar todos, se não vou esquecer alguém e vão ficar bravos comigo!

O trabalho tinha essa perspectiva e depois que eles colhiam os dados, traziam para sala de aula e eu voltava para casa e transformava essas informações em forma de atividades para que fossem trabalhando, até o momento de todos os grupos produzirem todos os seus dados. Trabalhando todas as informações com gráficos, tabelas, porcentagens, um pouquinho de geometria com ângulos para montar os gráficos. Depois, cada grupo produziu o seu painel, houve a socialização e o que cada grupo entendia que deveria levar para frente, o que era necessário resolver em cada setor, por exemplo, se utilizaria agrotóxico ou não, ou sugestões úteis como colocar fumo de não sei do que lá¹⁰⁹, para evitar pragas, essas coisas, enfim.

Tinha uma porção de outros, mas o projeto dos tanques de decantação foi o que bateu mais forte e aí a gente tentou levar isso para frente. Nós tivemos que montar, digamos assim, um esquema, um croqui dos tanques, não sei como colocar esse assunto... Fizemos um desenho com as medidas e levamos para a Secretaria da Educação, que nos deu umas respostas muito infelizes a respeito de dinheiro... Enfim, essa era a perspectiva da Matemática ali na Escola, o que eu achei muito interessante porque trabalhávamos com reportagens de jornais, eu lembro que a questão da terra para aquele ambiente era muito boa. Boa, porque tinha a ver com o que estávamos trabalhando, eu via a leitura que os alunos faziam de uma reportagem de jornal com dados de informações estatísticas e discutindo a questão da Reforma Agrária, tem diálogos aqui no trabalho do tipo: *“Uma pessoa, um sem-teto, é um cara vagabundo.”* Aí o outro fala assim: *“Mas você não dormiu no papelão para saber o que é dormir no papelão.”* Outra fala: *“Ah, os caras que invadem terras são aqueles que não têm o que fazer.”* Outro retruca: *“É mas, se você quisesse uma terra para plantar ou para morar?”* Então, todo esse nível de discussão acabou acontecendo dentro da sala de aula, o que para mim, no meu caso, foi uma satisfação muito grande, porque eu via no aluno um discurso político e que é muito importante um posicionamento, ao mesmo tempo em que lidava com a matemática naquele momento, de uma forma integral, a medida que faziam aquele tipo de leitura dos dados das informações matemáticas eles podiam refletir sobre o mundo.

¹⁰⁹ Fumo de Corda – Combate pulgões e cochonilhas sem agrotóxicos (Calda de fumo: 20 centímetros de fumo em corda picado. Deixar de molho em 10 litros de água por 24 horas. Após, coar o produto pulverizar as plantas)

Então, aquele tipo de leitura ajudava, um pouco, a melhorar o grau de intervenção dele no mundo ou refletir sobre o mundo, mesmo que um mundo, às vezes, distante.

E, sobre a questão da água, porque a água se utiliza “aos montes” lá. Qual o cuidado com a água? Se utilizarmos agrotóxico, o agrotóxico vai para rio que provoca uma reação em cadeia, porque contamina o peixe que a ave come, que levou não sei para onde, saia do domínio da nossa formação, mas eu queria que saísse mesmo, porque se não tivesse resposta, que fossemos procurar a pessoa que soubesse. Eu acho que essa experiência foi boa, mesmo dando “um frio na barriga”, porque eu não sabia para onde ela ia e isso não é muito fácil de fazer, é um exercício para ansiedade muito bom. Se você entrar numa sala de aula e não souber para onde as coisas vão, onde propomos o estudo, um estudo de coisas, aliás se o ensino fosse assim tudo estaria muito melhor, mas não temos “bala na agulha” para bancar. Com as avaliações externas dizendo não faça isso, porque querem que os alunos respondam para atingir o índice no SARESP¹¹⁰, para melhorar o IDESP¹¹¹, são direções opostas. Bom, então os riscos que as pessoas não querem correr e de alguma forma talvez até eu, mas essa foi uma experiência que para minha formação fez toda a diferença, para enxergar uma perspectiva nova e depois vem a reflexão das possibilidades de executar uma coisa dessas, quando temos, por exemplo, trinta aulas, quarenta aulas, existe toda uma restrição, o material disponível que precisamos e assim por diante. Aí, temos que negociar dentro do sistema em que vivemos. Mas aquela experiência para mim foi espetacular e eu peguei este trabalho, para dar a entrevista, a dissertação e sai olhando para ela e tal, comentei até com a Potyra lá em casa: “Nossa! Olha que legal.” Quero dizer, a gente deixa lá guardada e dá uma sensação boa, uma sensação gostosa de ter produzido algo diferente, quando nos lembramos. Isso aqui já não é mais tão diferente, mas na época era muito, eu achei que era uma colaboração boa, quero dizer, importante é que os outros achem.

A questão dos dejetos foi pela primeira vez levantada por meio deste trabalho. Pelo menos eu desconhecia outra possibilidade de questionamento.

Quanto a resposta da Secretaria sobre o assunto, foi com os meus alunos, fomos até lá e a resposta foi que, se tivéssemos o dinheiro, poderíamos executar. E,

¹¹⁰ Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar de São Paulo

¹¹¹ Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo - um indicador de qualidade dos anos iniciais (1º a 5º séries)

eu falei: “Deixa para lá”. Antes disso eu falei para os meus alunos: “Nós vamos preparados.” Porque muitos alunos desse grupo falavam: “Ah, professor isso não vai dar em nada.” E eu falei: Mesmo que não vá dar em nada, vamos tentar. Mas, como eu acho, que já estávamos no final do ano eu não lembro muito bem, não sei se foi uma falha, não fomos em frente. Inclusive o Jhony quando veio para banca falou: Pô faltou ir para o jornal! Faltou ir para o jornal dizendo assim: “*Secretaria não dá o dinheiro para fazer o que tem que fazer!*” Pelo menos se eles tivessem mostrado: “Olha nossas contas são essas e realmente não dá, mas podemos pensar numa possibilidade... Enfim, essa resposta nestes termos, talvez tenha algum fundamento, porque na época havia suspeita de desvio de verbas. Era um ambiente político conturbado e a resposta também podia ter uma mensagem nas entrelinhas dizendo: “Organizem-se vocês, porque vocês estão produzindo dinheiro e estão desviando!” Pode ser isso também, mas no fundo acho que o pior foi a conotação que tornou-se mais negativa do que positiva, porque os alunos ficaram descrentes dessa possibilidade de transformar as situações, mas eu disse para eles que o recado estava dado e que a gente tinha que dizer o que a gente achava de tudo isso. Quis fazer a parte de formação, para que quando fossem escolher as pessoas para serem governantes teriam que pensar nisso também, observar melhor as pessoas que dizem ‘não’ para as coisas boas. Por isso tudo que eu falei, que foi tão rico, porque dava oportunidade para as pessoas se juntarem e não se separarem lá dentro. Porque projetos desse tipo, criam “um monte” de problemas e o técnico se afasta, não sei quem se afasta, todo mundo se afasta e não constrói nada também. É um desafio!

Eu senti uma preocupação geral, com tudo que estava sendo falado lá, o dia que eu apareci com uma câmera foi um transtorno: “O que você vai fazer com a câmera?” E tal... “Por que isso?” Realmente. “Não, calma é um projeto, não é isso.” Eu explicava. Por que tinha um clima de denuncia. A denuncia era, eu lembro, de alunos que levavam na época, eu não sei, acho que era gravador e tentavam gravar a fala de professores. Como estava correndo esse processo havia uma espionagem, mesmo, da própria... Eu não sei, a suspeita era da antiga direção, de colocar os alunos para gravarem as falas de professores nas aulas. Isso eu vi bastante lá e era esse clima conturbado, um clima político muito tenso, mas eu passei bons momentos lá.

Eu não lembro mais, mas fiquei na escola uns seis meses mais ou menos e as pessoas me receberam muito bem, todos os técnicos foram muito legais, tiveram uma grande paciência comigo. Eu até os agradei aqui no trabalho porque eles foram essenciais para isso.

Quanto a formação agrícola, por não ser uma escola técnica, pela crise de identidade da escola que pelo jeito existe até hoje, ou seja, o que justificaria uma Escola Agrícola se não fosse uma escola técnica? Acho que o trabalho com o conteúdo técnico, como o levantamento de custos por exemplo ou até quando se faz um estudo de impacto ambiental, mesmo que não seja um estudo mais apurado, mas de acordo com os instrumentos que eles tinham, do nível de ensino uma oitava série, eu acho que foi uma grande colaboração, ao meu ver. Quando a pessoa fala assim: os setores precisam ter gastos, gasta-se com medicação, com a higiene, existe uma série de questões de conteúdo muito técnico, para mim. Poderia não estar organizado, formalmente dizendo: “Agora vamos estudar essa disciplina técnica.” Mas a matemática que estudamos estava inserida nesse contexto, tinha preocupação ambiental porque era a causa da minha proposta e estava totalmente direcionada, por exemplo, na plantação a questão da importância da simetria, apresentando uma horta de uns alunos que tinham feito livremente e depois uma horta devidamente orientada. Enquanto a vegetação da primeira horta começa, assim, a brigar com a outra por falta de espaço; a outra já não. E a questão do clima das sementeiras que precisava da estufa e eu não sabia nada disso, porque eu vim da cidade, então para mim foi maravilhoso. Mas, era um conteúdo técnico adaptado à realidade deles. E, já havia alguns alunos que estavam querendo ir para Jaboticabal, na época, que tinha um curso técnico Agrícola. Isso, me lembro de alguns alunos dizendo: “Então, professor, vou tentar lá e tal...” Agora, tinha a questão da formação que é da pessoa, que já vive nesse mundo e pretende um futuro técnico, esse também era um incentivo. Agora, se os alunos iam ou não...

Não era muito fácil desenvolver um trabalho interdisciplinar, eu tinha comentado, uma vez, com uma professora de História, talvez para levantar alguns aspectos da História, mas essas coisas não foram muito para frente, ou seja, não foi fácil fazer isso, um trabalho, digamos assim, interdisciplinar não só com áreas técnicas, o que acontecia muitas vezes é que, tinha que perguntar para o professor de Biologia, as coisas que a gente não sabia, tinha que perguntar para o técnico

também, foi muito mais para esclarecimentos do que uma integração, que eu me lembro.

Acho que esse fato se deve a cultura, nossos hábitos, a forma como até hoje é assim. Para qualquer escola, não era só para aquela escola, a dificuldade de se trabalhar juntos, mesmo porque eu tinha até, bem claramente, por reflexões do grupo que eu fazia parte. O nosso grupo de pesquisa, já tinha desenvolvido um trabalho interdisciplinar com o pessoal da Matemática, da Biologia e da Geografia, em uma outra escola, que foi no Horto e tinha uma concepção de interdisciplinaridade, tudo isso fazia parte. Mas seria um olhar de várias disciplinas para um mesmo objeto, acreditando que a interdisciplinaridade acontecesse dentro da cabeça dos alunos, porque à medida em que ela pega as diferentes lentes para ler um mesmo objeto, as coisas vão se processando. Um roteiro comum, um roteiro não comum, bem enfim a gente segue e “toca o barco”. Mas lá havia uma necessidade, havia uma demanda mesmo, porque para aquele momento existia essa reflexão filosófica: “precisamos mudar!” Existia até uma pressão em cima do professor, mas cada um fica na sua “loucura”. Enfim, esse trabalho coletivo ficou prejudicado, poderia ter acontecido muito mais.

Não é possível garantir que após essa experiência os alunos tornaram-se mais críticos, mas eles exerceram a crítica e exercer é essa coisa de refletir. No que se refere aos alunos eu vi claramente discursos e algumas ações, que eu menciono em meu trabalho que é essa coisa assim: primeiro o cara compara o que ele fala com o que ele faz; ele pode comparar o que ele fala com o que o outro fala e ele pode comparar o que ele fala com o que os outros fazem; o que ele faz com o que os outros fazem, mas o que mais eu acredito que poderia surtir maior efeito é como ele era e o que ele passou a fazer que dava um choque com o que ele era, aí eu acho que a mudança deve ser boa, por exemplo se o cara jogasse papel no chão e por um momento ele se visse numa situação que era para recolher o papel do chão, provavelmente pensaria: “Nossa! Não vou jogar papel no chão por qualquer motivo, depois eu vou ter que ficar pegando papel!” Ou porque ele pode ter concluído: “Para que a gente vai sujar essas coisas, é melhor preservar, enfim tem falas dos alunos que evidenciavam certa reflexão política e crítica no meu ponto de vista e a Escola como um todo, provocou um certo incomodo até em mim mesmo, porque os alunos falavam: “Professor a gente também quer sair.” Os alunos também cobravam da gente.

Isso até provoca um incômodo saudável, sabendo que “Ah, está acontecendo uma coisa que não acontece em outro lugar!” Mas, também provavelmente aconteceria algo na sala de outro que não ocorreria na minha isso não invalida de jeito nenhum o que o outro está fazendo, isso não menospreza o que o outro faz. O que aconteceu foi o fato de andar com os alunos daqui para lá, estudando aqui, tira foto não sei do quê e não era muito comum no cotidiano da escola, não sei hoje, mas então isso provoca certo incômodo, que para mim é positivo. Quando sentamos lá com os alunos no refeitório e o professor almoçando lá e conversando com os alunos sempre provoca algo, eu acredito.

Eu não sei bem como os professores viam a minha presença lá na Escola, isso é difícil falar, mas eu acho que eu incomodava um pouco, porque um garoto novo, eu era novo!(risos) E sempre fui uma pessoa muito idealista e por isso eu acabo “pagando uns patos” e ali além da conta, eu acho que posso ter incomodado, mas pode ter gente que pensou: “Que bom que está fazendo”. Eu não me lembro de algum tratamento que tivesse sido ruim, nada, pelo contrário as coordenadoras eu lembro pelo menos, me davam muito apoio, os professores a gente conversava sobre algumas coisas, mas, o mais difícil era compartilhar mesmo a prática e esse compartilhar é mais “complicadinho”, então não dá para dizer muito, eu não me lembro de sofrer retaliações deles e sempre fui muito bem tratado, na minha opinião, acho.

Quanto às demais turmas que não participaram do projeto, eu trabalhei segundo as determinações do prof. Evrardo, que não era um modelo só dele, mas de muita gente e muitas vezes meu, porque estas coisas se misturam bastante. Ponto número um, a relação professor com aluno, às vezes somos “caretas”, mas existem turmas que gostam, porque eles sabem qual professor é ou não é comprometido, eles percebem na hora, aluno não é bobo, então acho que tem isso, essa relação do professor com o aluno faz diferença. Questão dois: metodologia que o professor usa para trabalhar, por exemplo, eu acho que já fiz algumas coisas diferentes, porque eu aprendi assim, eu sempre fui assim, trabalho em grupo para mim é uma coisa importante, então são concepções do tipo: “*A gente tem que construir o conhecimento; a gente tem que falar sobre o assunto, a fala é importante, seja ela escrita, seja ela oral e tal*”, enfim tem algumas concepções que a gente sustenta e que faz parte da sua metodologia; tem outras que são do ponto de vista da aquisição do conhecimento; outras que podem ser do nível da disciplina, do

controle; outras coisas do exercício político, do que é trabalhar num grupo, do que respeitar o que o outro faz, o que é não ser corrupto, tudo isso que sabemos como professores que ele tem que lidar. Então, eu não posso, de memória, dizer em relação ao professor Evrardo, mas o que eu fiz, acho que já foi uma mudança, dessa questão metodológica, de centralizar a fala, em um determinado momento, e em outros não, colocando os alunos para falarem, essa liberdade em deixar o aluno falar e se relacionar com a matemática, colocarem suas “neuras”, seus problemas e dizer seus prazeres também: *“Ah! que legal consegui fazer e tal”*. Eu acho que é um ganho. Difícil falar por lembrança se eles gostavam, eu posso dizer que eu não me lembro de ter grandes problemas de indisciplina, existia um cansaço da minha parte, mas eu também sempre fui muito brincalhão e eu acho que tinha essa proximidade com os alunos.

Agora da matemática especificamente, sempre tem um monte de alunos que gosta e outros que têm dificuldades, mas não é que não gostavam, mas eu não consigo pontuar, talvez isso seja um dado claro e que por algum momento eu deva ter afrouxado a memória para ficar mais por conta dos projetos, talvez porque, eu prestava atenção, mas eu prestava muita atenção ao projeto, que me consumiu mais, porque voltava para casa e escrevia sobre ‘aquilo’ que tinha se passado e refletia sobre ‘aquilo’ e ‘aquilo’ era a “tônica”, então até apagou um pouco da minha memória os detalhes vividos com essas outras séries, os “coitados”, os “segregados” por mim, mas não foi bem isso. São “coisas” da memória mesmo.

Sempre tinha alguns alunos que falavam: *“Ah! Mas nós vamos lá no sol! Mas,* eram poucos, por que essa possibilidade de sair da sala, eu sei lá se eles enxergavam como lazer, como uma “enrolação” pensando: *“Oba! Nós não vamos ficar aqui fazendo exercícios, eu não sei o que se passava na cabeça deles. Mas era prazeroso, pelo menos a imagem que me vem é que é muito mais prazeroso do que difícil, eu não me lembro de alguma fala assim: “Isso prá mim é um saco, eu detesto e tal.” Não. Teve essa coisa do adolescente, do aluno, que a gente sempre tem que animar: “Oh! Levanta, vamos lá!” e aquela coisa de adolescente: “Ahhhh! Vamos...”* eu acho que era muito positivo, essa minha defesa, uma saída ao campo, às vezes não era nem campo, às vezes era no jardim, nas mesas: *“Nós vamos ficar estudando matemática aqui embaixo das árvores!”* Já era para eles uma coisa do outro mundo, num lugar onde para sentar era menos confortável que a carteira!

Mas era bem melhor para eles, essa coisa da liberdade e a sensação de interagir com o mundo, essa sensação de interagir é a melhor! Escola hoje, infelizmente é presídio, não é escola, cada vez mais fechada, as salas de aula um sistema de panela de pressão, fecha, tampa e não deixa sair, sala de aula é assim, fecha, tampa e não deixa sair, se explodir vamos ver o que vai acontecer.

Sem dúvidas, passávamos por um momento de denúncias, de olhares, onde todo mundo era suspeito, eu acho que isso tinha uma influência muito grande. Não sabia o que ocorria com detalhes, porque as pessoas não queriam falar muito sobre isso. Eu lembro que eu também olhava para as pessoas e pensava assim: “Ué, quem é a favor de quem aqui? Então, isso influencia logicamente no posicionamento pessoal, eu via claramente que tinham alunos que eram próximos da antiga diretora, talvez pela família do aluno e tal, não sei o quê, por isso que eu falei daquelas gravações “subterrâneas”, porque tudo ali era uma questão de conseguir provas para qualquer coisa, tanto para defesa quanto para a acusação do processo, propiciando nitidamente uma escola mais tensa. Os alunos continuavam brincando e felizes do mesmo jeito, aquela gritaria enfim, iam jogar bola e faziam de tudo que a escola proporcionava, mas não tocavam nesse assunto. E nessa questão do aluno falar, por exemplo: “Pode dar algum problema professor?” A respeito do assunto dos dejetos dos suínos e eu falava: “Não, calma aí.” Enfim é isso, era um clima tenso de desconfiança de todo mundo, o que se pode falar, o que não pode falar, eu acho que eu por ser mais novo, falava até demais.

Não me lembro de reuniões que colocassem a questão do processo em pauta, nem nas reuniões pedagógicas, houve uma Conferência de Educação, na época que eu fui participar. Eu acho que a prefeitura tinha intenção sim, de mudar toda uma filosofia, isso eu vi, aquela questão da democracia, da alternância de poder. Chegou um outro poder constituído e começou a mexer em lugares que talvez as pessoas não imaginassem que mexeriam, então surgiu tudo isso aí, esse clima de desconfiança, mas dizer sobre isso é até difícil porque nem para mim não foi tão claro assim.

Na época, os alunos não eram de uma classe social elevada, porque eu lembro de um menininho que quebrou o pé e o levamos para casa e ele morava lá num bairro bem distante. Tinham muitos alunos que moravam no centro da cidade, aliás a maioria, acho que poucos eram da terra, do campo digamos assim, filhos de sitiantes, mas não eram alunos de uma classe privilegiada, acho que até existiam,

mas não tinha o “burguês”, no termo capitalista. Havia muitos alunos, que vinham com os ônibus, o transporte que era bancado pela prefeitura e não vinham num conforto tão grande assim, quem tivesse dinheiro ia levar o filho de carro, alguns até podiam levar de carro. Mas, não havia nada que identificasse alguém que tivesse “grana”, podia ter alunos de classes conservadoras, mas acho que se tivessem condições pagariam uma escola particular.

Como eu não participei das seleções anteriores, não tenho nada sobre isso na minha memória. Mas, logicamente, acho que poderia também existir algum processo sob a acusação de privilégio de vagas. Mas, não sei qual era o processo e não me lembro de alguém que viesse de uma escola particular, podia ser que existisse, mesmo porque naquela época essa coisa de Vestibulinho ainda existia, eu acho.

Essa idéia do vestibulinho foi forte na década de oitenta e depois tem essa coisa de ampliação do Ensino Médio, mas é interessante, porque tudo que tem seleção, talvez fica mais fácil de trabalhar, não que seja melhor fazer, somente por conta dos conteúdos, só isso.

Agora, sob o ponto de vista histórico cultural a Escola Agrícola que não é técnica, eu não sei se ela cumpriu o seu papel, mas que eu achava muito melhor do que uma escola padrão qualquer eu achava. Começa pelo privilegio da estrutura física que é outra coisa. Você vai para um lugar, não tem plantas, não tem espaço, as pessoas estão encurraladas, embora, às vezes lá também ficassem na sala de aula encurraladas, muitas vezes. Mas, mesmo assim, eu tinha a sensação, isso é mais intuitivo do que propriamente constatação, eu acreditava que aquela escola era uma escola muito mais forte, do ponto de vista do envolvimento. Um modelo mais forte que as outras escolas, uma escola em que os alunos passavam o dia todo estudando isso já é outra coisa, o aluno estava dentro da sala de aula, estava fora da sala de aula, se alimentava lá, tinha uma relação de produzir um determinado alimento e colocar na mesa. Vai produzir alface, vai produzir sei lá o que e vai compartilhar lá no refeitório, então lá existem outros conceitos para uma formação diferenciada. Tinha também a parte “careta”, por exemplo, eu me lembro que nós não desenvolvemos um trabalho interdisciplinar, então isso já é uma coisa que é presente em uma estrutura comum às outras escolas, mas com todas coisas “caretas” que podiam existir, eu ainda achava que a Escola Agrícola dava de dez numa escola normal. Tudo bem que havia essa seleção, que eu não me lembrava,

dessa pré-seleção, mas eu me lembro de ter visto o plano da escola, o plano diretor da época, os documentos da escola, que apresentava o mesmo discurso de todos, que na época ainda era forte a frase de “formar um cidadão”. Mas, se cumpria seu papel é difícil dizer, pois se não tinha a intenção de formar um técnico, como outra escola qualquer, eu acho que cumpria, mas não integralmente, se mudanças eram necessárias, então obviamente tinham coisas que deveriam acontecer e não aconteciam. Tinha um “cumprir parcial”, como um modelo de um outro modelo, que talvez não tenha acontecido, não foi para frente. Seria um outro modelo de ensino e coragem para romper com aqueles padrões. Isso aqui é uma coisa de gaveta e continua. O ensino de gaveta está em todo lugar, e está aí cada gavetinha continua na sua cômoda, separadinhas, mas estão lá, e então tinha isso se a gente desejou fazer um trabalho na perspectiva de projeto que sempre foi um desejo, poderia ser na minha opinião, uma mudança bem saudável. Imagine a professora de História, ou a de Português vendo o registro de alunos, em outra perspectiva; professora de Geografia, Física, Política, existiria o professor de Biologia, Ciências com a questão de doenças, pragas controle e tal, recursos naturais e ali seria um “prato cheio”. Então, do ponto de vista pedagógico, ainda que estivesse alguém do que poderia render, fazendo uma relação comparativa com outras escolas, eu acho que ela estava além de outras escolas, é uma contradição, mas é um fato.

Colocando a questão pedagógica mesmo, eu acho que ela estava além, precisando de muito mais, com mais clareza, mas eu sempre vejo umas coisas boas da escola. Alí houve a ética, por exemplo, o que estava acontecendo lá, que era muito sério, como é que ficava a cabeça dos alunos, sabendo que poderia ter existido aquilo tudo, no final o desfecho do processo foi uma boa saída da advocacia. Mas enfim é isso, do ponto de vista pedagógico podia ser melhor, mas outras coisas boas aconteciam e que valia muito a pena.

É engraçado, mas eu acho que eu fiz bastante coisa, pelo tempo que eu fiquei. Eu acho que faltou tempo para ir mais além, por exemplo, os alunos da oitava série, depois que acabou o ano eles foram embora e não voltariam mais para escola, então mesmo que eu quisesse voltar no ano seguinte para dar continuidade, não existia essa possibilidade. Isso era uma coisa que eu gostaria de ter feito, ver o desfecho disso, tocar mais a frente, pelos alunos, pela fala daquele garoto: “Ah, não vai dar em nada e tal” Acho que mais por isso. Eu fiz muitas coisas, brinquei com os alunos, joguei, almocei com eles, estudei, fiz tanta coisa que para mim foi muito

intenso! Por isso não tenho alguma coisa que me traria frustração, ou uma sensação de falar: “Pôxa! devia ter feito isso!” Acho que não deu muito isso, não.

A memória é uma rede maluca muito dinâmica, “dá uma enroscada”, eu falo, depois volto é uma coisa muito doida, porque eu sou assim. Agora eu me lembrei daquele garoto que falou: “Mas professor e tal” Era um garoto considerado indisciplinado, eu não lembro o nome dele, mas o apelido era Ipeúna, muito inteligente, mas considerado rebelde.

Esse garoto foi o líder do grupo, ele virou um líder do grupo e isso foi uma transformação fantástica. Ele me deu aula de suinocultura! Interessante isso! Era um aluno que dava certo trabalho nas aulas mais tradicionais, com inquietude, muita energia, tornar-se um líder foi um ganho muito grande!

Algumas pessoas que poderiam ser consideradas alunos com rendimento insatisfatório, com comportamento insatisfatório, notamos que mudam e nem sempre aquele aluno que tirou dez, é o ‘cara’ que agora tem uma postura de investigação, para lidar com coisas que estão no mundo.

Esse garoto é um exemplo de formação integral da pessoa, e eu tenho fitas, que preciso ver onde estão. São gravações de saídas de campo, tem uma parte que é legal, são falas. É um capítulo que eu me lembro de uma conversa que tive com o Carrera, eu queria colocar como anexo e ele: “Não! Pelo amor de Deus não coloque como anexo”. E eu falei: “não pode?” E ele falou: “Está bom, você coloca desde que você vá fazendo uma análise de cada fala, um comentário.” E eu concordei: “Então eu faço isso, e isso foi legal porque transporta, foram transcrições que eu fiz.

“Existe algum problema ambiental no setor?” Aí o aluno: “Não” “E eu pergunto: mas usa agrotóxicos? Aí o aluno: “Não.” “E o que faz quando tem praga? “Passa caldo de fumo. Passa inseticida.” “Mas e a água?” Quero dizer a coisa vai tomando uma conversa que não é do domínio da Matemática.

Eu coloquei no corpo do trabalho uma música do Caetano, “A luz do Sol”, em partes dividindo o capítulo e dá para ver questões técnicas como: “Qual é o custo com a água? Quase não se utiliza água por irrigação.” É uma conversa, não sei nem o contexto. Assim: “O custo do adubo?” Aí o técnico fala: “A gente mesmo faz, através de resíduos dos porcos, das cabras... Ah, mão de obra?” Aí de repente um aluno pergunta: “Onde tem banana no Brasil?” Olha que legal isso. “Onde se planta banana aqui?” Talvez ele não tivesse oportunidade de pegar uma estrada, a BR e descer. Lá só veremos bananas! Esse tipo de diálogo é legal, estou dizendo assim,

o quanto as conversas que tínhamos, eram importantes. Uma vez sentados próximo a um tanque, num determinado momento uma menina olhou para água e falou: “- A gente bebe essa água daqui?” Pensando: “Não pode ser!” E, o outro falou: “Não essa água é só para regar.” Ouvíamos e aprendíamos o tempo todo e eu acho que tinha que virar alguma coisa, como *Histórias da Educação*, falando sobre a beterraba...Enfim, energia, mão de obra, coisas sobre a água: “Porque ‘tá’ tão suja?” O aluno falou: “ - Porque está tão preta assim?” Perguntando se era normal, “...desse jeito aqui?” A outra falando: “ - Já foi feito um teste e é boa.” E uma desconfiou assim: “ - desse jeito aqui?” A água estava meio escura, isso é para quem bebe a água da horta, porque olha que loucura, eles achavam que em qualquer torneira a água era para beber, mas tinha água de torneiras que era para regar, e alguns deles já tinham bebido e na hora que eles olharam aquela a água lá eles falaram: “Meu Deus eu tomei aquela água! (risos)”

Tem coisas que só as saídas de campo proporcionariam aquela interação! Daí o técnico fala: “não é potável, não é boa para beber, daquela torneira. E a menina: “Da torneira da horta? Meu Deus!”Aí outro fala: nós lavamos a cenoura com essa água... E o técnico responde: “Não a que vocês usaram era do DAAE e ai vai explicando e tranquilizando o cara que fala: “Ah, bom.”

Nossa! Existem coisas interessantes também da avicultura, e como eu disse cada grupo ficou com um roteiro, com perguntas, sobre o custo, o destino... separamos em quatro ítems: produção, custo... Não. Foram cinco: produção, custo, destino, que é comercialização, Meio Ambiente e o histórico, onde a professora de História podia entrar, quero dizer enfim, que isso aqui (O professor Carlos aponta seu trabalho) valeu a pena! Porque são coisas que geralmente não fazemos por vários motivos, as pessoas estão nas suas “loucuras de correria”, e nós sabemos bem disso!

Carta de Cessão

Eu, Carlos Alberto Francisco, R.G. 19994583, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em dezenove de agosto de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 05 de Agosto de 2011.

Sujeito de pesquisa: Carlos Alberto Francisco
Prof. Dr. Carlos Alberto Francisco

3º Episódio

Prof. Lineu Viana de Oliveira (Professor de Matemática da EMA: desde 28/02/2003)

Encontro: 21/10/2010

Eu comecei na Escola Agrícola quando passei no concurso para efetivação do cargo de professor de Matemática e a pontuação desse concurso era utilizada como lista de chamada para assumir aulas na EJA¹¹² também. Era uma lista por ordem de posição no concurso que seria utilizada para atribuição de aulas na EJA. Então, eu e vários professores que davam aula na EJA, que quisessem continuar, teriam que prestar o concurso de qualquer maneira, porque mesmo que não se classificassem para a Escola Agrícola teriam que constar na lista do concurso para continuar na EJA.

Aí eu prestei o concurso para isso, porque eu não pretendia dar aula na Escola Agrícola e eu também achei que eu não iria passar no concurso, pois tinha somente duas vagas. Então, para mim não me interessava, se passasse interessaria, mas não passou pela minha cabeça que eu iria estar entre as duas vagas. Depois que eu fiz o concurso e acabei passando, as pessoas falaram que eu deveria fazer uma experiência, que não custava nada. Daí eu topei, fui lá e acabei ficando. Foi assim.

Na verdade foi a primeira vez que eu dei aula no Ensino Fundamental de quinta a oitava séries. Eu já tinha trabalhado no Ensino Médio, mas não havia trabalhado com crianças. Só com adultos então, foi uma experiência diferente e enriquecedora lidar com essa faixa etária. Sempre é uma experiência diferente, e o primeiro ano foi marcante. Eu estava longe daquela realidade, mas depois do primeiro ano, você se acostuma com a idéia e com as situações que aparecem. Não teve nenhum fato que me chamasse mais atenção. Lógico, que acontecem muitas coisas, mas marcante mesmo foi o primeiro ano. Por causa da experiência. Depois você acostuma.

Bom, na EJA tínhamos total liberdade para ministrar a aula do jeito que você bem entendia. Porque era bem tranquilo, a disciplina, tudo... Então 100% da nossa atenção estava realmente no conteúdo que queríamos passar, em termos de

¹¹² EJA – Educação de Jovens e Adultos

Matemática. Agora, no Ensino Médio era um pouco diferente, você tinha que dedicar muita atenção com a disciplina, porque senão você não conseguia dar aula. Então é bem diferente, seu foco fica um pouquinho fora. Você tem que ficar controlando, controlando, senão você nem dá aula. Às vezes acontece um fato, uma briga, alguma coisa mais grave, então você passa grande parte do seu tempo controlando a disciplina, vendo quem está falando, tentando 'segurar' e perde um pouquinho do tempo que você poderia dedicar à explicação e isso prejudica. Na Escola Agrícola era o meio termo, não era nem como a EJA, que era tranqüilo, nem o Ensino Médio que era complicado. Era um meio termo e depois de um determinado tempo, eu tinha um controle bastante razoável da classe.

Era possível realizar bastante daquilo que eu idealizava fazer em aula. Porque sabemos que o professor para dar uma aula planeja algo, mas dependendo das situações que se apresentam, não pode fazer aquilo que tinha planejado. Às vezes por causa da indisciplina, por causa de algum fato que ocorre na sala de aula, prejudica tudo aquilo que você tinha planejado. Mas a maior parte das vezes, eu conseguia fazer aquilo que tinha proposto realizar em cada aula. Salvo em algumas exceções, mas de uma maneira geral eu conseguia.

O que eu fazia: Tinha algumas coisas que eu coloquei, justamente para desenvolver o que eu queria, eu tive que estabelecer alguma coisa algo para manter a disciplina. E o que mais deu resultado foi que eu estabeleci aos alunos que eles só poderiam levantar da carteira ou falar, depois que pedisse para o professor. Eles não poderiam, de forma alguma, levantar por livre e espontânea vontade, tanto para ir ao banheiro ou para qualquer outra coisa. Não podia nem falar, nem levantar da carteira sem pedir autorização, então, com isso eu já tinha certo 'controle da situação'. Isso para você não virar as costas e de repente estar um 'rebuliço'. Então, isso proporcionou certa tranqüilidade. Implantar isso, não demorou muito, mas foi até conseguir que os alunos incutissem esse tipo de disciplina. Daí em diante foi bem mais fácil. Aí eu dava liberdade para eles a hora que começava a ficar mais cansativo. A gente percebe quando a aula está cansativa, deixava-os conversar um pouco, para descansarem e depois voltarem a trabalhar. Constantemente eu dava uma Chamada Oral para resolver na lousa, em qualquer tempo, eu dava uma "chamada na lousa" e eles já sabiam que isso ia acontecer. E, de certa forma, isso fazia que eles se mantivessem atentos, porque sabia que poderiam ser chamados e eu daria nota. Eu fazia isso sempre. E Chamada Oral era uma das avaliações que

compunham a Média depois. Aí, eu fazia isso constantemente e quando eu percebia que o pessoal estava muito alvoroçado, eu parava e fazia uma chamada oral envolvendo mais alunos, chamando-os em sequência. E mesmo em qualquer momento da aula, eu parava e chamava uma pessoa, aleatoriamente ou eu mesmo indicava quem deveria ser e chamava esse aluno para resolver um exercício e obter nota. Então esse método eu achei que funcionou, pelo menos aparentemente parece que funcionou.

Meu objetivo geral era tentar fazer com que a maior parte da turma adquirisse o mínimo necessário de conhecimento do conteúdo de Matemática trabalhado, de cada item do programa. Eu acompanhava o planejamento e via o que era essencial, o que pelo menos 80 a 90% da classe, tinha que estar sabendo consistentemente. Então era isso que eu fazia. Logicamente, eu trabalhava todo o conteúdo, mas exigia mais fortemente aquilo que era essencial. Era esse o meu objetivo e na maior parte das vezes eu conseguia. Algumas vezes não conseguia que todo esse percentual da classe adquirisse esse conhecimento, mas em alguns momentos foi possível conseguir.

Eu pegava os itens básicos do planejamento, fazia um resumo e colocava aquilo que deveria constar no caderno e ia passando para os alunos.

Eu consultava vários livros antigos que eu tinha, e outros livros mais modernos, tinha também o material do curso COC, um material que às vezes a gente pegava alguns exemplos. Eu fazia um apanhado geral e ia montando com o conteúdo que eu achava essencial. Mas, não seguia um livro, uma coisa fixa, lógico que tinha um livro que era mais completo e eu me baseava nele com mais frequência, mas não era “amarrado” àquele livro, que eu não lembro o nome agora.

A Escola Agrícola mudou o sistema de notas em alguns momentos, mas o que mais tempo ficou foi o de nota numérica mesmo, não o conceito.

De zero a dez. Então, você tinha que fazer uma média, utilizando várias formas para compô-las. Eu chamava a atenção do aluno para isso, então o aluno tem uma nota, tinha um conceito de comportamento, que era pelos pontos positivo e negativos. Um aluno fazia uma pergunta ou se interessava, fazia alguma coisa que eu achava que era uma iniciativa bacana, eu dava ponto positivo. E o contrário era ponto negativo. Esses pontos é que davam uma nota de Conceito. Tinha nota das chamadas orais, também. A média das chamadas orais e, finalmente uma nota de

prova. Então, com esses três critérios, compunha-se a média. A maior parte do tempo foi assim.

Lógico, você tem que trabalhar muito disciplinarmente com os alunos. E então, sendo a escola 'Agrícola', você deveria tentar associar alguma coisa da Matemática com a parte agrícola. Mas não tinha uma determinação assim impositiva, de que isso deveria ser feito, isso era só uma questão pedagogicamente colocada. Sugerida, não imposta. Não havia nada escrito e nunca foi imposto esse tipo de coisa. E, nunca houve intervenções pedagógicas em minhas aulas na Escola Agrícola.

Acho que uma vez me perguntaram como é que se podia fazer uma medição, os professores de campo... Parece que foi uma coisa assim. Acho que foi em 2003 mesmo. Não era uma coisa freqüente, se eu não estou enganado, foi uma única vez que aconteceu isso.

Eu explorei algumas vezes a área externa da escola. E explorei também porque eu dei um curso de fotografia numa época. Os alunos saíam, tinham a parte teórica e depois eles tinham a parte prática, lá fora, na escola. Mas isso não era necessariamente ligado à Matemática. Só que, como a fotografia tem a parte da Ótica, que é Matemática. Então alguma coisa a gente falava durante a explicação. Mas aulas diretamente ligadas às aulas de campo, não.

Eu sempre fui interessado nessa área de Meio Ambiente, sempre li a respeito e sempre procurava comentar com os alunos... Inclusive na EJA. Eu sempre procurei falar sobre isso, falava da água, principalmente o problema da utilização da água, do fato da água ser algo que no futuro seria escasso. Então, eu procurava sempre falar sobre isso. Principalmente da água, que para mim é um dos pontos mais importantes sobre a Preservação Ambiental. Fundamental para vida é a água, então era sempre mencionada, quando falava sobre percentuais de água salgada, água doce, qual percentual que tem no mar, no continente... Portanto, eu procurava comentar esse assunto quando chegava na época da Porcentagem, para que eles já pudessem associar, conservando o assunto mais vivo na memória. Primeiro introduzia o assunto sobre Porcentagem e depois relacionava com outros assuntos como a "Água", o que facilitava a compreensão. Porque fazer o inverso ficava mais complicado ainda. Quando eu estava explicando porcentagem eu sempre aproveitava e abordava esse assunto. Isso eu fazia na EJA e na Escola Agrícola, isso já era quase de praxe assim, eu nem incluía isso como programa, nada. Nunca

inclui isso no programa, mas eu lembrava disso sempre e sempre nessa época eu trabalhava o assunto.

A Escola Agrícola tinha umas turmas muito boas, em 2003, em 2004... Mas em 2005 tinha uma turma bastante ruim, que era uma oitava série... era uma sétima série em 2005 e oitava em 2006, era uma turma muito ruim, uma turma difícil de trabalhar. A maioria dos alunos não estavam interessados e era muito complicado. Tivemos outras turmas que eram medianas e outras boas. Eu acho que no começo, em 2003 e 2004, quando tinham turmas ainda da época que tinha uma seleção para entrar na Escola Agrícola, eu acho que as turmas eram mais homogêneas e melhores. De 2004 em diante, de 2005 principalmente, quando já tinha outras turmas vindas do aleatório, de vagas por sorteio. Aí piorou bastante o nível das turmas. Eu pelo menos notei isso, que foi piorando ao longo do tempo. Foram entrando mais turmas sorteadas e aí a classe tornou-se heterogênea, e piorou. Eu pelo menos notei uma piora. Em 2003 as turmas eram mais homogêneas, e melhor o nível.

Eles até gostavam de alguns assuntos da Matemática, mas em geral eles não gostam de Matemática. Aliás eu fazia, no início, uma entrevista. Realmente a primeira aula era uma entrevista com os alunos, eu perguntava e anotava qual a disciplina que cada aluno mais gostava e a opinião que ele tinha sobre essas disciplinas, principalmente a Matemática. Em todas as turmas eu fazia essa entrevista, nas duas primeiras aulas, com todos os alunos. Só para ter uma idéia, de como pensavam e que idéia faziam da matéria. Então, 80%, 90% deles respondiam que não gostavam de Matemática. Um em cada dez alunos respondia que gostava da Matemática. Os outros 9 gostavam de outra matéria. E pelo menos uns 70, 80% diziam que a pior disciplina era Matemática, que a que menos gostavam era Matemática. Então estatisticamente era mais ou menos assim. Agora, depois das minhas aulas, eu nunca fiz uma estatística e nem seria muito válida uma pesquisa perguntando aos meus alunos se gostavam das minhas aulas. Claro, que ficariam constrangidos em expor suas opiniões.

Vi alguns alunos se interessando mais, agora muitos alunos que diziam gostar, depois parece que pioraram também, teve caso assim também. De uma

maneira geral, eu acho que os alunos gostavam da minha aula ou da Matemática... Eu acho que dizer que gostavam, assim é um pouco forte, mas eu acho que houve uma melhora, sim. É, melhorou, mas nada assim, que seja por minha causa.

Alguns alunos, de uma maneira geral não reclamavam das aulas. Eles queriam sair para brincar, para fazer outras coisas, para assistir aulas de campo, eles não queriam sair. Não era esse o objetivo. Eles gostavam de sair e tal, mas para ficar à toa, não para ter aula de qualquer outra matéria, mas especificamente de ter aula de Matemática no campo, nunca vi uma manifestação dessa na turma.

No contexto histórico e social, a Escola Agrícola cumpriu parcialmente o seu papel. Eu acho que não cumpre totalmente. Porque eu acho que precisaria ter mais investimento lá. Desde que eu entrei, eu acho que evoluiu um pouco. Estou meio por fora agora, faz um tempo que eu estou afastado¹¹³ e não sei como está. Mas até onde eu sei, acho que a Escola cumpria, mas tinha algumas coisas que poderiam melhorar. Poderia ser uma Escola Agrícola mesmo. Mas, a legislação nem permite que se tenha uma Escola Agrícola nessa faixa de Ensino Fundamental, de quinta a oitava séries. Escola Técnica Agrícola, só no Ensino Médio. Então, talvez isso dificulte o investimento na Escola. Nós vemos aqui na Secretaria também, não pode comprar nada para a Escola Agrícola, da parte agrícola, porque você não tem como justificar a compra, porque a legislação não prevê que quinta a oitava série seja agrícola. Então, até isso cria 'problemas'. A escola teve que inventar outras formas de financiamento, para as necessidades da escola, porque houve vários problemas aqui com Tribunal de Contas. O Tribunal de Contas aponta, toda vez, problemas por causa disso. Eles questionam "porque se gasta com ração". "Onde já se viu pagar ração? Uma escola de quinta a oitava série pagar ração para porco, não existe isso!" Esse tipo de coisa. E a Escola Agrícola passou também por várias Administrações Municipais, que tinham visões diferentes, inclusive houve Administrações que achavam que a escola deveria ser fechada. Então, esse também é um fator que prejudica a escola, e o seu desempenho. Então, eu acho que ela cumpre sim, ela não é um fracasso não. Eu acho que ela tem um desempenho razoável, mas não cumpre totalmente, como gostaríamos, que seria o ideal. Isso, no meu entender.

Quase tudo que eu gostaria de fazer na Escola Agrícola eu fiz. Eu gostaria de ter um retorno melhor do processo de ensino aprendizagem, que eu acho, não foi satisfatório. Mesmo acreditando ser válido, não foi satisfatório. A hora que você sai,

¹¹³ Atualmente o prof. Lineu, presta serviços à Secretaria da Educação.

que você termina o seu ano, vê como está a classe, você percebe que melhorou que tem algumas coisas boas... Mas não atinge o mínimo que seria satisfatório. Então, nesse aspecto, fica sempre um pouco de frustração.

Eu era professor das oitavas séries e me lembro de alguns alunos que depois foram para Escolas Técnicas. Eu não lembro os nomes, mas teve, inclusive, vários entraram no BAYEUX¹¹⁴, eu encontrei outro dia um aluno que veio conversar comigo, dizendo que estava fazendo um curso lá no BAYEUX. Era um aluno que participava das aulas extras que eu dava na 8ª série para quem estava interessado em prestar o 'vestibulinho' das Escolas Técnicas e outras escolas como o SENAI. Eu dava umas aulas à tarde e ele é um dos que frequentou e passou. E tinha mais uns três ou quatro que ele falou, daquela turma, que passaram também no BAYEUX. Então, desses eu fiquei sabendo.

O sistema de seleção que vigorou naquela época em que eu estava lá era por sorteio, e a procura era por alunos da cidade. De pessoas que não são do meio agrícola, então, normalmente eles não tinham a intenção de obter uma formação na área. Eu acho que esse é um fator que influenciou bastante, porque quem vem da cidade, salvo um ou outro que gostava ou aprendeu a gostar... Poderia até ir para uma Escola Técnica Agrícola. Mas a maioria dos alunos que estavam na Escola Agrícola não era da zona rural. Então eu acho que esse é um fator que também influenciou para que os alunos não procurassem uma Escola Técnica Agrícola, quando concluíam a oitava série.

Eu pretendo retornar à Escola Agrícola, mas não tenho uma idéia de quando. Não terminei meu serviço aqui na Secretaria ainda, mas, acho que voltarei para a Escola.

Gostaria de falar tanta coisa, sobre a escola, mas o problema é eu lembrar, porque você só vai lembrar depois, quando acabar a entrevista. E eu nem lembrei do nome do livro! Nossa! Tantos anos com esse livro, e não gravei o nome do autor. Eu gravei o nome do livro quando eu fui procurá-lo. Mas depois que eu fiquei usando, nem olhava mais o nome. Já faz quase dez anos, foi em 2003. Eu não lembro o nome do autor dos livros que eu usava como base. Porque eram poucos, basicamente, eram duas coleções que eu tirava a maior parte dos conteúdos. Eu gostava dos exemplos, e do jeito de abordar os temas que eles apresentavam.

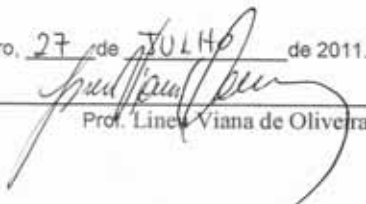
¹¹⁴ ETEC Prof. Armando Bayeux da Silva

Carta de Cessão

Eu, Lineu Vianna de Oliveira, R.G. 11940342, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 21 de outubro de 2010 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 27 de JULHO de 2011.

Sujeito de pesquisa:


Prof. Lineu Vianna de Oliveira

EXTRAS – ENTREVISTAS ENCOMENDADAS

1º Bônus

Lincoln Magalhães – 29/08/2011 – 15h00

Eu não me lembro do professor José Carlos, que você citou. Não me lembro direito. Na realidade alguém deve tê-lo recomendado a mim, porque eu nunca tive essa pré-disposição em favorecer este ou aquele. Eu sempre procurei ouvir, quem entende da área, então seguramente alguém o indicou.

Ah! O Jornal Cidade, na época, era essencialmente político. Aqui, havia uma guerra política muito grande, então nós tínhamos o Jornal Cidade que era do presidente do partido, do PMDB e os outros dois jornais eram do PDS. Então, era assim: para esse jornal, só valia aquilo que estava a meu favor. No final, ele quebrou o dono do jornal era médico e passou por várias dificuldades... Ele, também era proprietário do Hospital Santa Filomena, tinha um centro radiológico e era um ‘cara’ muito ativo e completamente envolvido com a política, em termos apaixonantes, daqueles aficionados pela política. Discutia, disputava. Ele jogou tudo fora, da vida particular. Tinha muitas propriedades e no fim perdeu tudo! Mas o jornal? Ele tinha que vender e para não cair também, na mão da oposição, que estava interessada e, aí nós não teríamos nada! Eu me obriguei a comprá-lo, produzindo um artifício: um amigo, que apoiei na eleição para deputado federal, comprou o jornal. Tínhamos o Ulisses Guimarães, mas não fazia sentido como prefeito da cidade, ajudar um candidato de fora, e ele era da cidade... Então, eu apoiei este candidato que comprou o jornal e depois falou: “ – Eu comprei para te ajudar e agora arrume alguém para comprar o jornal.” Como não tinha ninguém, eu comprei e deixei o pessoal ‘tocando’ uns quatro anos, sem me intrometer no jornal. Mas como dava prejuízo, prejuízo, prejuízo, eu pensei: “Espera aí um pouquinho, assim não tem graça.” Então, assumi também o jornal, porque eu tinha uma construtora, eu sempre fui engenheiro, então trabalhava com a construtora.

Mas eu nem lembrava mais da história da FUNABEM, porque a gente tinha uma idéia que se juntou com essa iniciativa da FUNABEM...

Então, realmente é uma coisa interessante, é um fator histórico importante para memorizar. Para lembrar as coisas. Eu não sabia que era em nível nacional, eu não lembrava mais. Passou a ser a terceira cidade em nível federal.

O que a gente avaliou naquela época? Talvez eu não consiga ser fiel às nossas idéias daquele tempo, as coisas foram tão dinâmicas e houve tantas mudanças, que uma ou outra lembrança, talvez seja traída pela memória. Mas, inquestionavelmente, o que nos levou a essa iniciativa foi a preocupação em encontrar alternativas para a nossa juventude, para a primeira idade, para a segunda idade... Encontrar caminhos para tirar as crianças da rua, dar ocupação adequada, enfim procedimentos que de alguma forma preparassem algumas crianças, que eventualmente pudessem se desencaminhar. Nós vivíamos numa época de intensa urbanização, era um período de crise econômica acentuada, no final do governo militar e início do governo... Logo após o primeiro governo civil eleito depois da revolução. Havia uma crise, instalada na cidade, de desemprego, de oportunidades e percebíamos que havia muita gente disponível e poucas iniciativas que pudessem ocupar ou preparar as crianças. Nosso primeiro ato nessa linha, diferenciado do convencional, era de criar uma escola de ensino informal. Então, em dois bairros periféricos da cidade, onde havia um volume considerável de crianças nas ruas ou sem ocupação, procuramos criar uma escola nesse sentido. Fomos um dos primeiros com essa iniciativa, preparávamos e ensinávamos tudo o que eles queriam. Não era uma escola com currículo pré-estabelecido, o currículo era aquilo que aquele grupo de jovens pudessem se interessar. Fizemos de tudo, até os mais diferenciados: escola de cabeleireiros, de manequim, de artesanato... Descobri um cidadão na cidade que fazia passarinhos com o canivete, nós contratamos esse cidadão, era um servente, para ensinar crianças a fazer passarinhos.

Assim tirávamos as crianças da rua, concentrávamos e dávamos alimentação. Evidentemente havia reforço escolar e com isso proporcionávamos uma ocupação. Hoje, sabemos que temos alguns salões de cabeleireiros que são oriundos daquele pessoal. Temos outros exemplos de pessoas que saíram das aulas de artesanato e foram expor seus trabalhos fora do Brasil. Então, houve muitas oportunidades que foram aparecendo e na área rural aconteceu coisa semelhante, muitas daquelas pessoas tinham origem rural. E, também na área rural, as crianças não tinham habilidade, não tinham uma formação que desse continuidade ao trabalho dos pais, numa chácara ou em pequenas propriedades onde o pai e a mãe trabalhavam como

caseiros, que era uma das ocupações possíveis na época... Eles não tinham nenhuma experiência do que fazer. Então, fizemos uma pesquisa na época e o levantamento mostrava que a grande maioria dos migrantes eram mineiros vindos do nordeste de Minas ou pessoas oriundas de estados do nordeste e para eles a agricultura resumia-se em plantio de milho e mandioca! Eles diziam: “– Eu não sou coelho para comer verdura.” Por que na merenda escolar, nas refeições oferecíamos verduras. Faltava na realidade, educação para essas pessoas. Teria faltado oportunidade de acesso a algumas informações, para os seus familiares e evidentemente para esses jovens, que mostrasse essas possibilidades. Então, uma das alternativas seria criar uma escola agrícola, como fizemos com o ensino informal. Sem pretensões que essa escola agrícola formasse técnicos agrícolas ou engenheiros. Era um ensino elementar, um ensino fundamental. Era o básico para mostrar as possibilidades que teriam com pouco ensino. O que eles poderiam produzir na área rural com um aprendizado básico.

Contamos com a ajuda de algumas pessoas que se interessavam também, tanto da Casa de Agricultura, ligada ao Instituto Agrônomo de Campinas que vieram nos auxiliar, como muita gente da ESALQ que também nos ajudou com algumas sugestões, algumas idéias... E então, foi isso que fundamentou todo o processo. Também tivemos contato importante com o pessoal da Fundação Mokiti Okada, que era ligado à Igreja Messiânica, que trabalhava com agricultura natural, uma novidade na época e que não tinha nada parecido aqui. Então, procuramos juntar todos esses conhecimentos e tentar de alguma forma, disponibilizar aos jovens, simplesmente para que eles pudessem aprender. Mas quais jovens? Principalmente aqueles de famílias que já estavam ligadas à terra, porque moravam na área rural ou de alguma forma àqueles que da cidade, mas que tinham suas raízes voltadas ao campo e que tivessem interesse em aprender, por uma ou outra razão. Era esse o objetivo, mas completamente distante daquele ensino fundamental baseado nas escolas convencionais.

É evidente que nós não podíamos nos esquecer de oferecer, também o básico da escola formal, para que a criança pudesse somar as duas coisas, mas não era esse o objetivo da escola. O objetivo da escola, além do ensinamento formal, era dar subsídios, de alguma forma, para que aprendessem outras técnicas... Aprendessem através de manuseio da terra, atitudes simples com relação à conservação e o sentimento de preservação do Meio Ambiente, junto ao pessoal da

Mokiti Okada, com a agricultura natural, enfim, esse era o nosso objetivo. E eu acho que deu certo, no principio valeu muito. E, em função de sugestões na época, eu me lembro bem disso, sugestão do Instituto Agrônomo de Campinas e da Casa da Agricultura, incluímos melhoria genética de raça animal para o pessoal que estava na área rural. Então, adquirimos um equino macho, um cavalo, um jumento, um caprino macho, vários coelhos, tudo aquilo que era, vamos dizer assim, de categoria, de raça para qualquer tipo de criação.

Então, aquilo que fosse de encontro... Informal, mas muito voltado ao que fosse importante para instrumentar o jovem, para que ele se fixasse na terra ou para que ele obtivesse ganhos, a gente ia tentar desenvolver, esse era o espírito da idéia que nos induziu a criar a escola agrícola.

Assim, como nos outros pólos, que havia instrutor de eletricidade e de tudo o que é o básico: pedreiro, carpinteiro... Mas nós não fixávamos só nisso, procuramos ampliar, e ver: “O que você quer fazer?” Então chegavam as meninas, que assistiam a Xuxa na televisão e queriam ser ‘modelo’. E porque uma criança de um bairro pobre não pode ser modelo? Oferecíamos a oportunidade. Então, criamos uma escola de modelos na cidade, contratamos o mesmo professor de uma escola de modelos, que dava curso para as pessoas da sociedade, para ensinar essas meninas.

Enfim, tudo aquilo que resultava de uma sondagem, que percebíamos que queriam e tínhamos oportunidade de oferecer, procurávamos estimular.

Começamos também, com a Educação Física, com aulas de futebol. Tínhamos professores em 25 atividades diferentes de esportes: judô, capoeira... De alguma forma induzimos o jovem a se ocupar. Nós criamos a Escola do Atleta Mirim, com 5000 alunos, era uma coisa incrível. E sumiram com essa escola também!

E onde estabelecíamos estes pólos? Por exemplo, temos uma Associação Nipônica aqui em Rio Claro, nesse espaço dávamos esses cursos. Chegávamos lá e: “ – Vocês precisam do quê?”

Se não me engano conseguimos com a Brastemp o professor de vôlei e assim, tínhamos ótimos professores de vôlei. A fábrica de balas São João nos dava professor de natação e assim foi. Quando não tínhamos os patrocinadores, a Prefeitura bancava. Então, tínhamos a Escola do Atleta Mirim de Rio Claro, que não era uma idéia nossa, floresceu em Rio Claro uns vinte anos antes da nossa atuação. Ela prosperou, eu não tenho idéia de como era a formatação dessa escola quando

ela existiu pela primeira vez, mas nós recuperamos a idéia, reestruturamos e a instalamos tentando diversificar o máximo possível o ensino. Quando começamos, acho que, tínhamos um ou dois professores de educação física no município e quando saímos, não lembro precisamente, mas deixamos uns vinte e cinco, trinta e poucos, professores de Educação Física, ensinando essa meninada. Cinco mil crianças praticando um tipo de esporte! Então, a Escola Agrícola não foi um ato isolado, tanto que foi uma das últimas.

Escola do Atleta Mirim, o ensino informal e a Escola Agrícola... A primeira que criamos foi de ensino informal, em função da necessidade de distribuição de alimentos. Era uma situação muito miserável, de muita fome, essa era a realidade na época. Nós não abrimos uma escola, nós abrimos um posto para servir sopa. Abrimos três postos para servir sopa.

Sopa. O que era a sopa? A sopa era feita com carcaça de frango do frigorífico, verduras que colhíamos na nossa horta municipal e macarrão de uma fábrica de macarrão da cidade, que fornecia as sobras. Tudo era doado, era muito barato e, 'fila' para dar esse alimento. Na época nós queríamos montar o Restaurante Municipal, mas não conseguimos viabilizar isso. Em princípio ficavam aquelas crianças em função da comida, em função da sopa, ficavam ali o dia todo esperando, porque não dar uma ocupação para elas? "Ocupação com o quê?" "Não sei. Veja o que prende essas crianças dentro da escola e abra oportunidade." Essa idéia não era minha, essa idéia era de uma irmã minha que era cientista social, formada aqui mesmo, na UNESP na primeira turma da época, de Ciências Sociais... Ela que teve essa idéia, deve ter copiado de alguém. A idéia, talvez não seja dela, muito menos minha, mas incentivando no sentido de: "O que vai fazer? Não sei. Abre uma oportunidade, veja o que prende a atenção da criança. E o que prender, faça." Aí, começamos e virou uma 'porção' de cursos em cima do ensino informal. Como nós estávamos trabalhando a idéia da Educação Física, tivemos oportunidade de assinar o contrato e de trazer a Faculdade de Educação Física para Rio Claro, combinando com o reitor antes de termos assumido a Prefeitura... E, ganhamos a eleição, eu encontrei o Dr. Armando¹¹⁵, fui atrás dele, através da indicação de dois outros professores da UNESP e conseguimos trazer a Faculdade de Educação

¹¹⁵ Prof. Dr. Armando Octávio Ramos reitor/ UNESP - período: 10/03/1980 - 08/03/1984

Física para Rio Claro. Ajudamos a implantar o curso e tentamos abrir campo para que a Educação Física tomasse expressão e fomos desenvolvendo a questão da Escola do Atleta Mirim... Foi mais ou menos essa idéia. Vamos dar um exemplo, vamos criar oportunidades para o professor de Educação Física encontrar alternativas para trabalhar, e não ficar só naquela função: “Ah, vai ser professor do Estado, vai fazer concurso, vai escolher Cadeira...” então vamos criar oportunidades e a primeira foi do ensino informal, a segunda do Atleta Mirim e a terceira foi a Escola Agrícola... a gente foi percebendo no decorrer do processo, que tinha que abrir também um espaço para a educação agrícola, eram crianças que estavam na área rural que não iam para o ‘Atleta Mirim’ e nem à ‘escola informal’ e precisavam do mesmo jeito de algum atendimento. Foi dali, seguramente, que surgiu a idéia da escola agrícola, que bem desenvolvida seria uma área promissora.

O tempo se encarregou de fazer essa avaliação. Hoje é muito mais fácil do que naquela época. Talvez, não tivéssemos essa visão tão clara na época, porque o Brasil se mostrou um país extremamente capacitado no setor agrícola. Hoje, inquestionavelmente, esse setor tem sido o motor de sustentação do nosso desenvolvimento. Tivemos depois, evidentemente, outros processos de produtos básicos, minérios e tudo mais, mas no setor agrícola hoje, somos o maior rebanho do mundo de bovinos, o maior produtor de carne suína... Enfim, nós temos um monte de ‘maior’ que a ‘turma’ fala, não sei nem se é verdade, ‘maior exportador de soja!’ Hoje, vemos que seria um acerto se continuássemos o trabalho inicial, experimentaríamos a mesma felicidade que tivemos ao iniciá-la. Se esse projeto fosse desenvolvido com essa preocupação, talvez teríamos um ganho muito grande, porque abriria oportunidade para tudo aquilo que viesse de encontro às necessidades da nossa sociedade: “O Instituto Agrônômico está dizendo ‘isso’. A sociedade aceita ‘isso’? Ela quer ‘isso’? Então, vamos desenvolver. Esse era o objetivo”. “A ESALQ apontou a possibilidade de desenvolver semente de eucalipto, Rio Claro tem um potencial enorme para isso em função do Horto Florestal¹¹⁶. Desenvolve-se esse trabalho.” Sei lá, quantas coisas teriam oportunidade de acontecerem naturalmente! Então, foram muitas oportunidades que talvez, pudessem ter mais aproveitamento, mas enfim...

¹¹⁶ Atual FLORESTA ESTADUAL EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE - FEENA

Agora, eu tive oportunidade de lembrar, pois não lembrava mais a história da FUNABEM, em função dos recortes de jornal da época, porque as idéias são assim, não existe uma idéia primeira, única, não. Na realidade é um sentimento coletivo, a necessidade faz com que pessoas idealizem e no final aconteçam em lugares diferentes... Temos exemplos de descobertas importantes que ocorreram em dois países distintos, com pessoas completamente diferentes, que nem se conheciam e no final chegaram a uma mesma conclusão. Então, seguramente, o pessoal da FUNABEM, voltado a isso e com pessoas especializadas nisso, estivessem pesquisando e tivessem concluído que era importante esse tipo de procedimento. Por sorte houve esse casamento de interesses e de identidade, aquilo que eles estavam imaginando fazer, nós também tivemos a iniciativa e como está escrito no jornal, eles chegaram aqui, nós estávamos até passando na frente do projeto deles. Enquanto eles estavam pensando em implantar numa cidade do Amazonas, aqui em São Paulo, que nem fazia parte do projeto inicial deles, apresentou um campo bastante favorável para o seu desenvolvimento. A história da FUNABEM é uma demonstração de que mais pessoas estavam pensando sobre assunto semelhante. E que teriam resultados bastante positivos. Com a FUNABEM, quantas crianças poderíamos encaminhar, nesse sentido, tirando-as da marginalidade?

Sempre procuramos atuar junto à UNESP. Quando implantamos a informatização na Administração Municipal, a primeira coisa que fizemos foi chamar o pessoal da UNESP e ver como poderia nos ajudar. Em que poderíamos interagir para fazermos um trabalho conjunto. No caso da Educação Física também, a Prefeitura procurou intensamente a participação da UNESP nesse trabalho.

Seguramente o professor José Carlos foi recomendado como uma pessoa capaz e que poderia nos auxiliar em nossos objetivos. É evidente que nós não iríamos determinar rigidamente o que deveria ser feito. O que deveria ser feito era atender os interesses... Transmitir ensinamentos, incentivando os alunos à ficarem na escola, a gostar dela, ou seja, procurar uma interação que não fosse obrigatória, sem aquele negócio de: "Eu tenho que ir na escola. Eu tenho que fazer lição de casa. Eu tenho..." Não tem nada disso. Ele vai porque gosta, ele vai porque quer, ele vai porque está encontrando ali alguma coisa que se identifica com ele, alguma coisa que ele está vendo que vai usar. Então, o professor José Carlos deveria compartilhar dessas mesmas idéias, porque se assim não fosse, nós não o teríamos convidado. Então, eu tenho segurança absoluta, de que a recomendação desse

professor foi por que ele tinha esse objetivo. O objetivo de não transformar a escola numa escola formal. Ela não tinha que fugir daquilo que o Estado estabelece, porque existe uma Lei de Diretrizes e Bases na área de Educação, que nós somos obrigados a obedecer. Nós não podemos marginalizar o nosso aluno, o nosso aluno teria que se enquadrar dentro do que essa lei define, mas o objetivo é que a escola fosse mais ampla e pudesse incorporar vantagens ao aluno, para que ele se sentisse bem naquela escola: “Essa é a escola que eu quero, porque me ensina coisas que eu não aprendo em outra.” Nós não estávamos imaginando a escola agrícola para competir com a escola formal e nem para ser uma escola formal na área rural. Porque não teríamos alunos suficientes e teríamos que ficar transportando alunos para aquele local. Não faria sentido. Então essa era realmente a idéia, não era para ser uma escola só com ensino formal.

Não me lembro sobre a parceria com a FUNABEM. Sinceramente eu não saberia falar sobre o assunto, porque a FUNABEM não chegou aqui por mim, deveria ter alguém, na estrutura da Prefeitura... Ou o próprio professor José Carlos, não me lembro! Procurávamos oferecer uma ação bastante participativa, então, se alguém viesse com uma boa idéia, nós incentivávamos. Ou foi o Secretário de Educação que descobriu esse trabalho da FUNABEM, alguém ligado à Agricultura, alguém ligado à Área Social que de alguma forma soube que a FUNABEM também tinha um trabalho nesse segmento, sugeriu e nós procuramos. O acesso político eu te garanto que a gente fazia com facilidade. Alguém deve ter falado e pensamos: “Espere, que nós vamos buscar ‘esses caras!’” Fomos atrás e trouxemos para cá como um elemento a mais para incentivar. O procedimento político de buscar parcerias nós fazíamos. Viabilizávamos parcerias... Mas eu não me lembro quem trouxe a idéia da FUNABEM, como o caso da Agricultura Natural. Também não é idéia minha, o pessoal da Igreja Messiânica que viu aquela possibilidade e falou: “ – Não dá para juntar?” “ – Vem para cá e vamos fazer!. - Venha!” Eu não sei nada de Agricultura Natural, mas vamos trazer quem sabe e inseri-la. E, com a FUNABEM deve ter sido mais ou menos assim. Provavelmente houve a sugestão, vimos que ‘batia’ com nossos interesses, procuramos contato político com a entidade e tentamos de alguma forma trazê-los. Nós não estávamos, como eles dizem, ‘enquadrados’ dentro do processo deles, dentro da região norte, nordeste ou centro-oeste. Mas a gente deve ter ido lá e dito: “- Olha, vocês estão perdendo tempo. Vocês estão fazendo alguma coisa aí e nós já temos tudo aqui, vamos juntar os

interesses?” Deve ter sido mais ou menos assim, porque é o tipo de atitude pessoal, que poderia fazer como prefeito. Mas a idéia, tenho certeza, foi de alguém que conhecia o projeto, e sugeriu que seria uma “boa”, mas eu não saberia precisar de quem. Sinceramente, seria injusto com quem teve a idéia. Eu teria feito o processo de aproximação política e viabilização do entendimento, isso eu acho que a gente fazia com certa habilidade, mas a idéia, alguém trouxe.

Na época o Secretário da Educação era o professor Sebastião Ambrósio, já é falecido. Era uma pessoa de origem muito simples e que se formou com grande sacrifício, como diretor marcou época aqui em Rio Claro, inclusive tem escola com o nome dele. Foi o primeiro ‘negro’ Secretário de Educação, o primeiro homem negro a exercer atividade como Secretário Municipal.

Para falar a verdade não tenho acompanhado a trajetória da Escola Agrícola durante todos esses anos. O problema é que o processo político é muito doloroso.... Eu acho que a visão do político deveria estar voltada para dar continuidade ao que o governo anterior vinha fazendo e este não é o procedimento habitual. Normalmente o procedimento político é de arrasar. As pessoas anulam o que se fez antes, ao invés de continuarem. Quem sai, destrói tudo o que estava fazendo para o outro ter que começar de novo, ou quem entra, destrói o que o outro fez.

Então, o quê sei, acompanhei por jornais, notícias e vi que não tinha nada mais daquilo que a gente imaginou. A escola se desvirtuou completamente do processo original, não vou dizer nem que ela tenha sido ruim ou que seja ruim, não vou nem fazer essa avaliação. A única coisa que eu percebi, é que ela não era, ela não existiu dali para frente, conforme foi imaginada. Nem sei se hoje ela voltou àquela raiz antiga... Eu comentei com o atual prefeito, que fez parte da minha administração, em uma reunião, que o pessoal da Fundação Mokiti Okada nos convidou, acho até com interesse de revitalizar o que eles faziam, pois estavam ‘meio’ abandonados por problemas políticos.

E o prefeito disse que ia fazer... Falou que lembrava como deveria ter sido e tal e que iria retomar isso. Não sei se ele fez, mas eu não saberia avaliar hoje, se houve mudanças. Mas durante um bom período a escola se perdeu da sua origem.

Eu acho que perdemos oportunidades. Eu nem sei se ela teria se mantido até hoje, como imaginamos no principio, mas se não fosse assim, teria que ser natural. Uma solução natural, dando sequência àquilo que foi imaginado, para que tomasse “corpo” de acordo com as necessidades. Vamos imaginar, hoje não temos mais a

urbanização como tínhamos naquela época, então teríamos que pensar em alguma outra coisa, mas que seguisse o caminho natural. Nós não tínhamos que nos prender à origem definitivamente... Pode ser que ainda seja válido hoje, e seria um trabalho importante, mas pode ser também, que ao longo desses anos a escola necessitasse de adequação. Só não é certo se descaracterizar desde o princípio e ela não seguiu o curso natural. Houve uma agressão em seguida a minha saída da prefeitura. Nem sei se foi o “vice” ou se foi o prefeito que me substituiu no mandato, que ia até 1988 quem fez a mudança. Ou se foi o prefeito de 1989 que fez a mudança. Eu não saberia dizer também, quem é que fez a mudança.

Eu fui convidado para ser Secretário e era um momento político muito difícil, muito difícil! É evidente que cada um faz a sua avaliação, eu faço a minha, pessoal. Então, de acordo com a minha avaliação pessoal, o que aconteceu foi que eu era um empresário que veio a ser político. E, isso não é normal. Então, eu entendia que tínhamos que economizar, que não tínhamos que ter cargos de confiança pagando todo mundo, tendo despesa, pagando imprensa, pagando... Enfim, eu tinha alguns erros de avaliação política e vejo que a política é diferente. Tínhamos uma oposição muito arraigada e muito forte, que era todo o pessoal que veio da ARENA e todo o pessoal que formou o PT. Então o pessoal do PT aproveitava toda a estrutura de conhecimento e tudo que o pessoal do PDS tinha. E eu não conseguia armar um leque político que me desse apoio. Eu tinha apoio da Câmara, nunca tive uma ‘conta’ rejeitada, nunca tive um processo político, nada dessas coisas. Mas, a questão da relação com a comunidade era muito difícil, muito difícil. Então, posso até ter feito uma avaliação errada... E, que frente a um convite para fazer parte do Governo Estadual, eu aceitei. O meu vice ao contrário, fazia o jogo das oposições. Então eu dei ‘porte’ a ele: “Faça aquilo que você acha que é certo. E se tiver alguma coisa errada naquilo que eu estou fazendo, você corrige, expõe o que eu estou fazendo de errado.” Graças a Deus por mais escândalos que tentassem montar, nunca conseguiram fazer nada, nunca houve nada que pudesse me prejudicar. E, eu fiquei com a consciência muito tranqüila do trabalho que fizemos, da nossa dedicação. Mas, houve erros políticos, erros que um político experiente não teria feito, eu era muito jovem na época e não tinha experiência política, eu não tinha formação política, nem acadêmica, nem política eleitoral. Eu era um empresário, que por razões próprias me insurji contra o estado que estava a prefeitura, me candidatei e ganhei a eleição. E aí a situação é completamente diferente, para quem

está ali no governo, completamente diferente. A estrutura pública é completamente diferente da estrutura privada, quero dizer que não temos a liberdade de fazer, no setor público, aquilo que fazemos no setor privado. Como eu era dono de empresa, eu não queria gastar, eu queria economizar, eu queria fazer com que a empresa rendesse. Então, na minha visão, eu tinha que fazer a prefeitura, que estava um caos, uma situação extremamente calamitosa, se organizar e sair daquilo tudo... Então, esse era o meu objetivo. E achava que todo mundo pensava do mesmo jeito, eu imaginava que o eleitor estava torcendo para que eu fizesse certo e, não é assim. Teve um político, que um tempo depois me procurou e falou: “Lincoln, você tem que aprender a mentir, porque na política você tem que mentir.” Porque Rio Claro tinha uma estrutura montada em cima da CESP e da FEPASA, nós tínhamos uma diretoria da CESP em Rio Claro com muitos funcionários e uma estrutura da FEPASA com muitos funcionários também, em função da Companhia Paulista, da Estrada de Ferro, tínhamos muitos rioclarenses que eram funcionários graduados da CESP ou da FEPASA e que tinham bons salários do Estado. Ele dizia para mim: “O cara da CESP quer subir de posto, então fala que você vai arrumar. Ele quer arrumar emprego para o filho lá dentro da CESP, fala que você vai dar. E na FEPASA é a mesma coisa, fala que você vai arrumar. O cara quer casa, fala que você vai dar.”

Então, esse é o jogo político. Não foi o que eu ensinei para os meus filhos. Não foi o que eu aprendi dos meus pais. Mas isso não dá certo na política, na política você tem que aprender a mentir. Infelizmente é assim. Você está vendo aí os exemplos que se repetem e ainda acredito que vai dar certo. Vejo os jovens, acho que um dia esses jovens tomarão consciência, vão tomar jeito. Imagino que os meus filhos, os filhos de muitos dos meus amigos, não aceitariam esse quadro que está aí, então um dia se eles tiverem a oportunidade de estar lá, não vão agir do modo como estão agindo. Quem sabe?

Nós temos exemplos e exemplos de que aqueles que não aprendem com a história, não vão ter uma... Então, quantos exemplos nos foram mostrados? Temos que olhar um pouco e ver isso tudo e aprender.

Quero reforçar que foi um agrado enorme esta entrevista. O dia que eu conversei com você, cheguei em casa e falei para minha esposa – nós temos uma cumplicidade muito grande, faz quarenta e dois anos que somos casados, temos uma vida inteirinha juntos – “Silvia, as vezes ganhamos o dia sem esperar!” Eu fui na

Associação dos Engenheiros para votar e tive uma contrariedade, porque fui votar a favor de um amigo e lá encontrei o concorrente dele, que era filho do meu amigo, o ex-dono do jornal e que por amizade, lealdade ao pai dele eu deveria votar no filho, mas como não sabia que ele também era candidato, não votei e ele que perdeu por dois votos.

– Quando saí da Associação, encontrei uma moça que nunca tinha visto e veio falar comigo e me trouxe uma notícia tão importante, tão legal: Ela está fazendo o doutoramento dela sobre a Escola Agrícola. Você vê como a vida é? Por isso que a história é importante, alguém vai se preocupar lá na frente e vai ‘levantar’ isso tudo!”

E, veja bem, eu não quero dizer que eu tenha sido o idealizador, eu acho que fui o incentivador para que esse ideal fosse concluído. Eu não sei se já disse, mas a idéia de ensino informal surgiu com a minha irmã, foi ela que falou pela primeira vez em ensino informal: Adelina Aparecida Magalhães, formada pela UNESP, quando ainda era FAFI, Faculdade de Filosofia. E depois disso, veio a idéia da Escola do Atleta Mirim, que foi o Rocha, que sugeriu: “ – O que você acha de retomarmos essa idéia?” “– Vamos embora, vamos buscar isso aí! Mas, a Escola Agrícola eu não sei, quem deu a idéia. Não saberia dizer.”

Carta de Cessão

Eu, José Lincoln de Magalhães, portador do R.G. 4.727.558-X, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista realizada em 29 de agosto de 2011 por Edna Sakon Banin, R.G. 10.810.564, na forma oral gravada digitalmente e na forma transcrita que foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora — Edna Sakon Banin — possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazo e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, por terceiros desta transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à instituição que tem sua guarda — Biblioteca/UNESP/RC. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Rio Claro, 09 de novembro de 2011.

Sujeito de pesquisa:

José Lincoln de Magalhães

2º Bônus

Engº Rubens Foot Guimarães

Patrono da Escola Municipal Agrícola Engº Rubens Foot Guimarães.

Foi nomeado por sua notoriedade como engenheiro agrônomo que trabalhou 35 anos no serviço florestal do “Horto Florestal Edmundo Navarro de Andrade” hoje, FEENA – FLORESTA ESTADUAL EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE, dos quais 17 deles como geneticista e chefe de departamento do setor de genética para melhoramento do eucalipto. Obteve bons resultados por meio da “seleção massal”¹¹⁷ dos eucaliptos, elevando de trezentos para seiscentos metros cúbicos de sementes por hectare de eucalipto, beneficiando a FEPASA, que utilizava muito eucalipto para produzir postes, dormentes e lenha.

Elevou internacionalmente o nome de Rio Claro, chegando a comercializar, pela FEPASA 7 toneladas de sementes de eucalipto para todo Brasil, EUA e Austrália, que era conhecida como berço de eucaliptos.

O Engº Rubens Foot Guimarães é de procedência inglesa (Foot) por parte de mãe e de portugueses (Guimarães) por seu pai. Além da formação de engenheiro agrônomo também é professor de Educação Física e até hoje faz seus exercícios físicos disciplinarmente, justificando seus saudáveis 96 anos de idade. Seu maior hobby: estudar! Mantém-se atualizado sobre melhoramento genético por meio de muita leitura. “Mente sã, corpo sã” ou “Corpo sã, mente sã”. Tanto faz para o patrono da escola, que demonstra saúde e lucidez admiráveis. A escolha de seu nome para a escola não poderia ser melhor. O professor engº Rubens Foot Guimarães é um grande exemplo para nossos alunos.

¹¹⁷ Na seleção massal a população original é avaliada e um número de plantas é selecionada com base no fenótipo. A semente de polinização aberta das plantas selecionadas é agrupada para dar origem à próxima geração (Figura 12.1). O ciclo de seleção pode ser repetido uma ou mais vezes para aumentar a frequência de alelos favoráveis. Um dos principais problemas da seleção massal é que ela é baseada somente no fenótipo. Por isso, este tipo de seleção é muito influenciado pelo ambiente. O principal uso desse método é na obtenção de novas variedades em espécies vegetais que ainda não foram muito trabalhadas geneticamente ou para caracteres de alta herdabilidade. Disponível em: [http://www.bespa.agrarias.ufpr.br/paginas/livro/capitulo%2012.pdf.]. Acesso em 21/01/2011.

Capítulo III

Como era a Escola Municipal Agrícola

Estávamos no segundo semestre de 1997, quando recebi um chamado da diretora da Escola Agrícola oferecendo-me algumas aulas de Matemática. Coincidentemente, a professora Maria Bernadete também foi solicitada. Nós duas havíamos feito o processo seletivo para atuar na EJA (Educação de Jovens e Adultos) do município e lecionávamos à noite na mesma sede, na época a EMEI Prof. Paulo Koelle. Fiquei feliz em encontrá-la, ela substituiria a professora de Geografia, que estava deixando as aulas e eu assumiria apenas uma sala do prof. Evrardo, a 6ª C. O professor Evrardo era o titular de Matemática e mantinha praticamente todas as aulas da disciplina da escola. Porém nesse ano, teve que passar suas aulas para o professor de Ciências e habilitado em Matemática, João Gozzi, que ficou com a maior parte delas, deixando algumas para Mário Sartori, também professor de Ciências. Essa distribuição de aulas se deu porque o prof. Evrardo fazia parte da comissão encarregada da auditoria do processo que tramitava contra a antiga diretora. Assim, mesmo fazendo uma distribuição interna com os professores da casa, uma turma ficou sem professor, a famosa 6ªC, que me foi oferecida. Assumir seis aulas por semana, na zona rural, distante do centro da cidade, não era nada vantajoso em termos financeiros, mas minha curiosidade e vontade de lecionar numa escola agrícola falaram mais alto e eu aceitei a proposta imediatamente.

Lembro-me do primeiro dia em que cheguei à escola e maravilhada observei, à esquerda de quem entra, um pomar bem-alinhado de laranjas, que hoje infelizmente não existe mais, foi destinado para manobra e estacionamento de ônibus do transporte escolar. Bons tempos! Lembro também que estacionei o carro numa vaga que ficava à sombra de Sibipirunas¹¹⁸ e fiquei surpresa com o jardim muito bem-tratado no corredor em frente à diretoria, pois era muito próximo do que imaginava quando brincava de “inventar” a Escola Agrícola. Conversei com a

¹¹⁸ Sibipiruna s.f. *Caesalpinia peltophoroides*. Árvore de grande porte, de folhas opostas, compostas, e flores amarelas. É bastante utilizada em arborização urbana, e sua madeira, apesar de forte não tem importância comercial. Ocorre na Mata Atlântica, nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. (Família das leguminosas-caesalpináceas) (Larrousse-Cultural, 1998, p. 5364)

secretária Ângela, uma pessoa organizada e efficientíssima (e exigia as mesmas qualidades de todos!), que me encaminhou para a diretora. Esta passou-me todos os detalhes das aulas de Matemática se porventura viesse assumir.

Prof^a Elenita Loureiro era diretora da escola nesse ano. Esperava que fosse uma pessoa bem mais idosa – incrível como associamos idade com experiência –, mas ela era jovem e competente. Aliás, ao longo desses anos e depois de conhecê-la melhor por meio de sua entrevista, creio hoje, que foi uma das boas gestões que a escola conheceu.

Digo hoje, porque depois de certo tempo trabalhando na escola sob a direção dela, guardava alguns questionamentos, que não exteriorizava, pois era recém-contratada e preferia manter-me calada. Elenita foi a segunda pessoa designada para a função devido ao afastamento da ex-diretora. A diretora anterior tinha sido Elisabete Ondas Fosco, que permanecera pouco tempo na função.

Então, finalmente seria professora da Escola Agrícola. “Você imagina quantas escolas agrícolas nesse formato existem em São Paulo?” Anunciei orgulhosa a todos em casa. Sentia-me como a pessoa mais privilegiada do mundo.

No meu primeiro dia de aula, fui apresentada na sala dos professores pela Coordenadora Valéria Carnaíba, mais jovem ainda que a Elenita, mas muito simpática e falante, onde conheci meus novos colegas de trabalho. A sala dos professores era enorme, tinha duas mesas e cadeiras de madeira maciça (soube recentemente que tinha sido feita sob encomenda pela ex-diretora Creusa), sofá, TV, geladeira e muitos vasos com plantas que me chamaram a atenção por serem perfeitas, mas que só mais tarde descobri que eram artificiais!

Enfim, conheci meus novos alunos, eram muito ativos, falantes e espertos, espertos até demais, pois queriam testar a minha paciência todo tempo. Com certo receio, procurei o prof. Evrardo, um senhor de meia idade, com voz grave, ar sério e conservador e que fumava muito! Na época não havia no município restrições a fumantes na sala dos professores e na Escola Agrícola grande parte dos professores era fumante. Muito gentil, ele respondeu a meus questionamentos e apresentou-me o livro utilizado pelas escolas do estado de São Paulo: *Praticando Matemática*, de Álvaro Andrini, do qual extraía a maior parte dos exercícios, naquele tempo e mais alguns livros do Castrucci. Perguntei se o conteúdo era diferenciado por tratar-se de uma escola diferente e ele respondeu-me que não, que era tudo como em qualquer outra escola de ensino fundamental do Estado.

Fiquei decepcionada, mais que isso, me senti “sem chão”. Não sei bem o que eu esperava naquele tempo, talvez um “*Manual de como dar boas aulas numa escola agrícola*”. Mas o fato é que não havia nada disso! Procurei saber o conteúdo que deveria ser desenvolvido nas 6^{as} séries e quais assuntos já tinham sido abordados. A partir disso, iniciei meu trabalho como em qualquer escola comum.

Esperei durante toda semana, que alguém viesse convidar-me para conhecer a escola, mas foi em vão. Levei um bom tempo até que, mais familiarizada, pudesse caminhar por suas dependências. Utilizar o seu espaço físico demorou um pouco mais, tinha receio do que pensariam a direção e os outros professores. “*Essa professorinha só pensa em passear com os alunos pela escola!*” Imaginava o que poderia se passar pela mente deles. Mal sabia que já havia passado pela escola um professor inovador com um projeto incrível, que só conheci recentemente por meio de seu próprio depoimento. Até conhecer de fato quais concepções regiam aquele espaço, esperei para amadurecer a ideia de explorar a área externa da escola.

A seguir, conto com o apoio do depoimento da diretora da época, Elenita Loureiro, trazendo a sua versão dos fatos ocorridos em sua gestão:

“...como tratava-se de uma escola agrícola, se a pessoa vai até lá e não se integra com os objetivos da escola, com a sua proposta, sua presença não tem sentido. Então, ela ministra sua aula e vai embora. Vemos muito esse tipo de atitude em escolas, principalmente em escolas de 5^a a 8^a séries (6^o ao 9^o ano). O professor vai, dá a sua aula, não tem comprometimento com a escola, depois vai para outra escola, dá aula... E lá na Escola Agrícola não. Era um grupo onde a maioria dava aulas somente naquela escola e era um grupo que buscava tudo de melhor para ela. E esse foi um grupo que eu não esqueço. Essa foi uma experiência muito rica para mim, nesse sentido.” (Ex-diretora Elenita)

Naquele momento, lembrei-me de um fato que me intrigou na época, depois de algum tempo, como professora de duas turmas. A Elenita chamou-me em sua sala e noticiou: “- O professor Evrardo vai se aposentar e gostaria que você ficasse com as aulas dele, mas você terá que assumir as 36 aulas ou nenhuma!” Na minha concepção de professora e não de gestora, pensei que estaríamos fazendo algo arbitrário, uma vez que o professor Mário ficaria com menos aulas tendo mais tempo de casa que eu. Ele também pensava assim, pois já havia comentado que, com a aposentadoria do professor Evrardo, nós dois dividiríamos as suas aulas. Mas não

foi o que ocorreu, pois, sem alternativa, assumi todas as aulas meio a contra-gosto, porque eu teria que permanecer o período integral na escola e minhas filhas eram adolescentes. Não conseguia entender, assim como não compreendia muitas coisas naquele tempo.

Hoje, entendo que a Elenita, como diretora, queria que todos os professores ficassem o período todo na escola, como mencionou acima. Outro fator que me colocava em primeira ordem era minha formação, pois tenho licenciatura em Matemática e o prof. Mário, em Ciências Biológicas com habilitação em Matemática. Noto nas palavras da Elenita que não só o tempo se encarrega de demonstrar intenções, mas que a comunicação ou a falta dela nos leva a interpretações próprias, individuais e até ingênuas dependendo do nível de experiências vividas pelo indivíduos. Depois de sua narração dos fatos, compreendi a importância que dava à máxima permanência diária do professor na EMA, reconhecendo nessa ocasião as palavras de Certeau:

... a arte de conversar: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis.” (CERTEAU, 1994, p. 50)

A clara manipulação dos lugares comuns nessa situação evidencia o propósito, por meio do depoimento, anos depois do fato ocorrido.

Após assumir todas as aulas do professor Evrardo, trabalhei bom tempo tentando organizar-me com tantos diários, provas, planos de aulas, planejamentos, projetos interdisciplinares e confesso que minha inexperiência, na época, absorveu toda minha atenção deixando adormecida a vontade de conhecer a área externa da escola.

Infelizmente, não vivi ‘aquele momento’ no horário de almoço em que os professores e funcionários praticavam esportes junto com os alunos. Como lembra a mesma diretora:

“A rotina era assim: almoçávamos todos juntos, estávamos sempre ali com os alunos no horário de almoço, no horário da entrada também. Eles tinham o café da manhã, depois

havia intervalo do almoço, que era um intervalo de uma hora e meia e como ninguém ia para casa, era um momento gostoso. O grêmio estudantil desenvolvia atividades no horário do almoço, junto com o professor de educação física, o professor Ivan. Eram atividades tipo shows de talentos, que diminuía bastante os problemas de indisciplina que aconteciam. Porque é uma idade muito difícil de lidar. Se você não ocupá-los, num espaço grande como o da escola, não se controla. Compramos uma boa aparelhagem de som e cada dia o professor coordenava uma atividade no horário de almoço. Nós tínhamos também, nesse horário, campeonatos de vôlei, de professores versus alunos, que eu jogava, os professores jogavam, os técnicos jogavam! E campeonato de futebol também. Tínhamos esse projeto de ocupar o horário de almoço, para a nossa integração. Pois, convivíamos oito horas juntos, tínhamos que nos integrar de certa forma, para também não gerar um clima negativo e se cansar daquele lugar. Ações desse tipo era a nossa preocupação.” (Ex-diretora Elenita)

O que foi uma pena, pois gosto de praticar esportes e na minha adolescência fazia parte de todos os campeonatos de basquetebol e handebol.

Percebia que havia alguns problemas com a área técnico-agrícola. Os professores técnicos tinham formação Técnica em Agricultura ou Agropecuária, trazendo a ‘cultura de peões’, a de que o homem tem de ser ‘macho’ e, para provar que não é ‘um maricas’, tem de ‘levar uma boiada’, ‘amansar o touro’, ‘pegar na enxada’, ‘matar porco’, ‘torcer o pescoço da galinha’ e aceitar qualquer brincadeira, sem chorar! E aí de que não se moldasse! Constatamos por meio da fala da ex-diretora Maria Regina:

“Quando eu cheguei tinha um técnico agrícola que passava por um processo, por ter batido num aluno. Por quê? Por que era mal-educado? Não, ele não tinha nenhuma técnica. De repente aqueles alunos que eram os piores da cidade, o desacatou, ele ‘meteu’ a mão na cara do aluno! Então quando eu cheguei esse professor estava respondendo um processo, e nós auxiliamos demonstrando que esse professor precisava ser capacitado. Todos os técnicos precisavam ser capacitados.

Aqueles que se davam bem com alunos era por algo natural deles, mas eles não tinham aquilo na formação.” (Ex-diretora M. Regina)

A ex-professora e diretora Maíza também faz discreta menção sobre o assunto, quando diz que teve divergências e foi substituída.

“Claro! Onde tem um grupo razoável de pessoas tem que haver divergências. Divergência em relação à postura e não ao conhecimento, porque a pessoa entendia o que fazia. Mas isso eu deixo pra lá. Mas, divergi bastante, porque eu defendo sempre o meu ponto de vista, eu posso até estar errada, mas me prove o contrário, me mostre! Mas, disso eu falo em outro momento, não é para ser colocado na entrevista.” (Ex-diretora Maíza)

O processo por que passava o técnico mencionado pela ex-diretora Regina teve início na gestão da prof^a. Maíza.

A escola passava por mudanças de paradigmas, de uma gestão centralizadora a uma que precisava dividir a grande responsabilidade em manter uma instituição do porte da Escola Agrícola. Na verdade, ninguém estava preparado para esta situação. Na Rede Municipal de Ensino não havia quem tivesse experiência em gestão no Ensino Fundamental II e muito menos em uma escola de período integral com técnicas agrícolas, pois as professoras e diretoras eram provenientes do Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, assim como podemos notar, novamente, nas lembranças da ex-diretora prof^a Maria Regina:

“Mas, as diretoras das EMEIs, que se achavam as “donas” da prefeitura...” (Ex-diretora M. Regina)

Aqui, A ex-diretora demonstra em sua fala a força que as diretoras das escolas de Ensino Infantil detinham, provavelmente por comporem a maioria na rede municipal de ensino.

Os professores e técnicos também estavam confusos, experimentando um misto de alívio e desamparo que a ausência da gestão escolar anterior, de dona Creusa, deixara.

Certos gerenciamentos promovem sujeitos dependentes, acomodados e acostumados apenas ao cumprimento do serviço. Outra característica decorrente

neste tipo de gestão são as estratégias produzidas por aqueles que discordam de algum comando, canalizando parte das energias trabalhando contra-produtivamente, comprometendo o processo total da tarefa designada, tanto em termos qualitativos como quantitativos.

Muitos elementos talentosos terminam embotando suas potencialidades nesses sistemas, levando mediocrementemente parte de suas vidas. Podemos observar, no recorte datado de 1724, a atualidade deste tipo de pensamento.

“Bom dia, velho Wright, que Deus o ajude a terminar logo o seu trabalho. O velho levantou os olhos para ele [...] e com uma grosseria divertida, respondeu: Pouco me importa se ele ajudar ou não, trabalho por dia.” (THOMPSON, 1991, p. 267)

Confortável em certo sentido e desagradável em outro, o fato é que o momento proporcionava liberdade de ação e pensamento, mas também aumentava a autonomia e responsabilidade sobre a funcionalidade de cada setor, e isso era tudo o que a equipe não estava habituada a fazer. As últimas gestões eram mais centralizadoras, duas personalidades com concepções completamente distintas, mas que tinham alguns pontos semelhantes no comando da direção, tais como liderança, iniciativa própria e coragem de assumir riscos. Preservavam suas características pessoais. Uma delas, por exemplo, filha de fazendeiros, carregava seu conceito de administração de propriedade rural privada: “São os olhos do dono que engordam os porcos” (popular)

“...por exemplo, se você estivesse dando aula de Matemática, de repente eu aparecia. Às vezes eu estava lá no campo, de repente me dava um estalo, eu ia para a sala de Português, de Matemática, de Ciências...Eu estava sempre atenta, sempre procurando saber o que estava acontecendo na escola toda.” (Ex-diretora M.Creusa)

De repente eu estava na cozinha, era assim. Eu tinha uma merendeira, que costumava falar: “- Nossa, dona Creusa, a senhora parece um fantasma, na mesma hora que a senhora está lá, a senhora está aqui.” E eu falava: - Mas eu tenho que estar, não é?”(Ex-diretora M.Creusa)

Temos também a atuação da diretora Maria Regina em sua própria fala:

“A nossa primeira reunião foi mexer em horário para que eles entendessem o que é que a escola tinha: - agora nós vamos dividir a escola, sem separá-la. Como? - Nós temos que dividir a parte prática com a parte teórica e o núcleo regular, então nós temos que fazer três momentos, sem que sejam três escolas e com o mesmo grupo de professores, quero dizer a cabeça deles pirou. Aí, uns pensaram: “- Essa mulher é louca! - Como que se faz isso?” Por que realmente eles não tinham preparo para esse tipo de coisa...” (Ex-diretora M. Regina)

A Escola Agrícola apresentava esse clima de “burburinho” e agitação entre os funcionários logo que ingressei. Eu tinha receio de questionar, ou melhor, nem sabia a quem perguntar, mas como também tinha muitos problemas para resolver com minhas turmas, deixava tais questões de lado.

Creio que é isso que ocorre com muitos professores que precisam completar sua carga horária, assumindo várias turmas e, para dar conta de todas as responsabilidades concedidas (impostas), é preciso alienar-se de algo, e tudo aquilo que não for ‘trabalho’ com alunos, claro, fica de fora. Novamente com a palavra, Elenita:

“Vemos muito esse tipo de atitude em escolas, principalmente em escolas de 5ª a 8ª séries (6º ao 9º ano). O professor vai, dá a sua aula, não tem comprometimento com a escola, depois vai para outra escola, dá aula... E lá na Escola Agrícola não. Era um grupo onde a maioria dava aulas somente naquela escola e era um grupo que buscava tudo de melhor para ela.” (Ex-diretora Elenita)

Mesmo concentrando as aulas numa só escola, não podemos garantir a qualidade de ensino. Se o professor não dispuser de tempo de estudos e preparo de suas aulas, o milagre não ocorrerá, é lógico, é matemático. Só não vê quem não ‘precisa’ enxergar! Se o sujeito não ‘precisa’ da escola pública, o que importa se as classes são superlotadas e se o professor não pode se preparar? Quem sabe o Projeto de Lei do Senador Cristovam Buarque seja o redentor deste quadro!

“PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 480, DE 2007

Determina a obrigatoriedade de os agentes públicos eleitos matriculem seus filhos e demais dependentes em escolas públicas até 2014.”

Foi nesse clima – marginal – conturbado, que entrou em cena o projeto da professora Ivana abalando ainda mais nossa pretensa rotina. Vencendo as etapas burocráticas de planejamentos, planos de aulas, organização dos problemas de aprendizagem encontrados nas primeiras avaliações, programávamos nossas ações nessa época.

A proposta da pesquisadora movimentou a escola e os professores. Era tudo muito novo, pois tínhamos que usar a área externa da escola, integrar nossos planos com os de outros colegas e ainda inserir em nossas aulas questões sobre preservação ambiental. Reagimos à proposta, pois ministrávamos nossas aulas em classe, às vezes com portas fechadas, como numa escola comum, ignorando toda sua área verde e as culturas ali desenvolvidas – aqui destacamos ‘cultura’ no sentido agrícola, não no sentido filosófico – mais preocupados com os objetivos que havíamos planejado para o desenvolvimento de nossa disciplina.

Quando estamos envolvidos demais com as obrigações, com o corre-corre diário que nossa função exige, deixamos de notar as possibilidades que poderiam nos ajudar na solução de muitos problemas de aprendizagem, disciplina e interesse de nossos alunos.

A provocação que o trabalho da prof^a Ivana causou em mim despertou-me daquele estado de ‘anestesia geral’ que vinha experimentando ao assumir todas as aulas sem esperar. Fui levada a cumprir todos os protocolos burocráticos que a Da. Ângela, secretária da escola, nos cobrava, desde a barra do “lado certo” dentro do quadradinho do aluno transferido em nossos diários, até advertências por esquecer de assinar o Livro de Ponto!

Já estava moldadamente adestrada, quando tivemos a feliz oportunidade de despertar-nos e fazer um trabalho mais amplo e abrangente e, dessa vez, com consentimento legal para transitar pela escola, acesso livre para conhecer a escola ‘sem medo de ser feliz’ e sair da sala de aula com os alunos.

Esse projeto contribuiu muito com a direção da escola que abriu suas portas para ele, pois o momento era de muitas incertezas, mudanças de paradigmas na Educação, mudança de gestão, mudança de professores, mudança de Administração da Prefeitura!

A proposta de trabalhar com Preservação Ambiental do projeto era interessante e uma nova tendência na Educação, tanto que passou a integrar os Parâmetros Curriculares Nacionais caminhando ao encontro das necessidades da direção, que carecia de um novo enfoque envolvente para que o grupo esquecesse o agitado processo pelo qual passava, concentrando-se numa nova atividade, e nossas – dos professores – pela oportunidade de despertar e crescer.

Infelizmente, não havia espaço para a parte agrícola da escola no projeto da Prof^a Ivana, uma vez que fora desenvolvido para escolas de Ensino Fundamental II. Além disso, os professores técnicos apresentaram-se muito mais ‘reticentes’ a este tipo de trabalho. Esta observação nos parece inicialmente estranha, até mesmo contraditória, explico: muitas ações, como juntar e queimar folhas, eram atitudes corriqueiras no setor agrícola da escola e muito criticada por nós, professores. Além disso, houve ‘certo projeto’ que, após levantamento, apontava irregularidades com a suinocultura, como a poluição do córrego próximo à escola. Estas e outras questões criavam divergências de posicionamentos deixando os professores técnicos melindrados e ariscos. Posteriormente, por meio do depoimento do prof. dr. Carlos Alberto Francisco, obtivemos acesso a informações preciosas sobre o seu projeto de Mestrado, que elucidou muitos pontos, que permaneciam obscurecidos.

A Educação também passava por um período de incertezas. A interpretação equivocada de certas teorias é comprometedora, como demonstra em sua fala a ex-diretora, hoje Supervisora da Secretaria Municipal da Educação de Rio Claro, Elenita:

“Eu lembro até de você falando: - Olha, eu vou ter que trabalhar a base mesmo da Matemática, as operações fundamentais, para começar o que eu estou pretendendo trabalhar na 5ª série (dirigindo-se à entrevistadora). As grandes dificuldades se encontravam principalmente nas 5ªs e 6ªs séries, na época. Então, foi esse tipo de coisa que aconteceu, a chegada do Construtivismo na Educação de uma forma “solta”, em que tudo podia... Uma interpretação errada, que, hoje, está começando a ser compreendida. Porque não era essa a intenção. A intenção era apenas trabalhar de uma forma em que o professor não fosse mais o dono da verdade, não fosse mais aquele que sabia e o aluno não. E isso foi interpretado de

uma forma diferente e a gente teve bastante dificuldade, por este motivo e que se estendeu por alguns anos depois que eu saí da Escola Agrícola. Mas nós tivemos muitas dificuldades em trabalhar com essas crianças. E a Matemática e Português e, logicamente principalmente a Matemática desenvolve o raciocínio. Percebíamos que as crianças vinham sem esse tipo de raciocínio para poder dar continuidade na 5ª a 8ª série. Foi isso que aconteceu.” (Ex-diretora Elenita)

Todo início de ano nas 5ªs séries (atual 6º ano), procuro fazer um diagnóstico dos conhecimentos básicos de Matemática dos alunos recém-chegados. Desenvolvemos uma atividade informal, apenas com um breve relato dos alunos sobre “O que pensam, o que esperam e como gostariam que fossem as aulas de Matemática”, seguida de algumas operações fundamentais para serem resolvidas. Por meio desse procedimento, obtenho parâmetros para planejar as futuras aulas de acordo com o perfil da turma que recebemos. Porém, ano a ano, como disse a ex-diretora acima, verificávamos a “queda” do nível de conhecimento do conteúdo de Matemática que os ingressantes apresentavam. No princípio boa parte dos alunos dominava as operações fundamentais, exceto a divisão. Após diversas análises dos procedimentos nesta operação, constatamos que os problemas eram pontuais, concentrando-se na própria operação, devido à ausência do conceito da operação, quando o aluno desconhecia a ideia de divisão de grandeza discreta em partes iguais, (sem mencionar grandezas contínuas), ou então a problemas com o algoritmo da operação.

Cada ano que se passava, percebíamos que o problema aprofundava-se e alastrava-se causando outros danos decorrentes. Recebíamos alunos que não tinham, também, os conceitos multiplicativos (adição de parcelas iguais ou raciocínio combinatório); outros tinham muitos problemas com a tabuada (crescente perda da capacidade de memorização das crianças); outros ainda não conseguiam operar com dois algarismos no multiplicador (dificuldade com o algoritmo da multiplicação).

Mais adiante, ou seja, recentemente, os alunos apresentaram problemas nas operações de adição e subtração, principalmente no momento do “vai um” ou “empresta um”. Constatamos a subtração como a grande ‘vilã’ da história, pois, ao “emprestarem”, os alunos faziam muita confusão acima do “minuendo”, dificultando a análise do procedimento e a linha de raciocínio adotada para resolução, sendo que

em alguns casos os resultados eram colocados aleatoriamente, sem critérios ou relações que demonstrassem alguma sequência de pensamento.

Houve a necessidade de busca por estudos que nos auxiliassem a compreender e organizar tais problemas, classificando os casos, para finalmente selecionar as melhores opções aos nossos alunos sobre o ensino das operações fundamentais, oferecendo diversas alternativas que envolvessem diferentes métodos, numa tentativa de amenizar tais problemas.

Lançamos mão de diferentes recursos que pudessem nos auxiliar e que estavam em alta na época: jogos, resolução de problemas, confecção de materiais didáticos, diversas formas de algoritmos de resolução das operações fundamentais.... Enfim, organizamos inúmeras atividades e caminhos possíveis, colecionando opções aplicáveis e outras nem tanto.

Quando pensávamos que a situação estava ‘sob controle’, passamos a receber alunos que apresentavam dificuldades com o ‘Valor Posicional do Número’ (Sistema de Numeração Decimal); com o “vai um” da Adição e geralmente com o “empresta um” da subtração; cardinalidade; sequenciação e até mesmo com a organização espacial, comprometendo todos os outros conceitos adjacentes e o desenvolvimento dos demais.

A dificuldade mais recente que observei foi a ausência de compreensão do ‘zero’, e que me levou a elucidar muitos outros problemas dela decorrentes. A grande maioria dos alunos compreendem o ‘zero’ como elemento neutro em todas as operações e não somente na Adição, como é o caso. Genericamente, temos que se $n \in \mathbb{N}$.

$$n + 0 = 0 + n = n$$

E, na multiplicação:

$$n \cdot 0 = 0 \cdot n = 0$$

Sabemos que o resultado nas operações não é o mesmo, pois, ao contrário da Adição, na Multiplicação o zero não é elemento neutro, porque possui a propriedade de anular o fator com o qual é multiplicado. Assim como também não o é nas operações de Subtração e Divisão. A ausência desse conceito, que se tornou

corriqueira atualmente, leva a equívocos, como os apresentados abaixo, cometidos por alunos que freqüentaram as aulas de reforço na 6ª série:

$$\begin{array}{r}
 235 \\
 \times 34 \\
 \hline
 880 \\
 7050 \\
 \hline
 7930
 \end{array}$$

Figura 37: 1º caso

$$\begin{array}{r}
 205 \\
 \times 34 \\
 \hline
 860 \\
 6450 \\
 \hline
 7320
 \end{array}$$

Figura 38: 2º caso

No primeiro caso¹¹⁹, o aluno ignorou o zero e multiplicou a unidade '4' do multiplicador pelo algarismo 2 que subiu da operação $4 \times 5 = \underline{20}$. Mas, ao multiplicar a dezena '3', realizou a operação $3 \times 0 = 0$ corretamente, porém não adicionou o algarismo 1 que subiu da operação $3 \times 5 = \underline{15}$, que foi acrescentado no resultado da próxima multiplicação da dezena '3' por '2' ($3 \times 2 = 6 + \underline{1} = 7$). No segundo, o aluno considera a multiplicação de 4×0 como sendo igual a 4 e acrescenta o algarismo 2 da operação anterior, apresentando o resultado 6, adotando o mesmo procedimento quando multiplicou pela dezena '3'.

Problemas desse tipo tornaram-se cada vez mais frequentes nos últimos anos como demonstram esses exemplos coletados no segundo semestre de 2010.

À 'caça' de informações e materiais diversos, como o Material Dourado, Cuisinaire, Ábaco e outros recursos, tomei conhecimento das pesquisas de Constance Kamii, compreendendo a importância do desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático no Ensino Infantil e no Ensino Básico, Fundamental I. Porém, como professora de Ensino Fundamental II, sentia-me incomodada com a posição contrária da pesquisadora à utilização de algoritmos no ensino das operações fundamentais.

As palavras da ex-diretora Elenita, trouxeram lembranças das incertezas, das buscas, da ansiedade e até do desconsolo, mas também da satisfação quando

¹¹⁹ Pedi à professora das aulas de reforço (5ªs e 6ªs séries) que aplicasse uma atividade com operações de multiplicação e divisão apresentada na dissertação de Mestrado de Correia, C.E.F., no segundo semestre de 2010.

conseguíamos compreender os problemas de aprendizagem e de alguns casos solucionados. Embora pareça simples, pois narramos em algumas linhas, levamos muitos anos nesse processo e nem sempre conseguimos resultados positivos em nossa empreitada, aliás, foram muito poucos! Porque, mesmo sabendo dos problemas e quem os apresentava, muitas vezes não conseguíamos chegar até eles para dispensar a atenção merecida. Com classes superlotadas, dúvidas corriqueiras, que monopolizam nossa atenção, geralmente de alunos interessados ou irrequietos, mal conseguíamos nos aproximar daqueles que apresentavam as maiores dificuldades, sendo estes mais reservados e calados e que, praticamente, se ‘escondem’ da professora até o final da aula. Com certeza a baixa autoestima provoca este tipo de reação que paralisa e não permite que o aluno saia da sua carteira e procure ajuda¹²⁰.

Quando participava de cursos de aperfeiçoamento, muitas vezes ouvi sobre a inadequação em proferir a frase “empresta um”, interpretada como ‘proibida’ por alguns professores, pois o que se faz na subtração é a decomposição de uma dezena em 10 unidades, para que, acrescidas às unidades, se efetue a operação. De acordo com esta ‘determinação’, muitas professoras polivalentes passaram desde então a atentar mais para o valor posicional, o que deveria sanar ou promover menos dificuldades nesta operação. Porém, no decorrer dos anos, a frequência de alunos com problemas em operar subtrações tem aumentado. Outro motivo de confusão frequente ocorre quando o recurso ou reserva da dezena é ‘zero’, pois temos que recorrer às centenas para iniciar a decomposição e dar continuidade ao processo, potencializando o grau de dificuldade. Sem dominar conceitos anteriores, a frase ‘empresta um’ não é o principal motivo que impede o processamento da subtração com recurso.

Em 2009 houve um evento na UNICAMP¹²¹ que trouxe a prof^a Constance Kamii. Solicitei à Secretaria de Educação dispensa das aulas e recursos para fazer o curso, que foram concedido integralmente, não só a mim, mas a outras professoras da Rede Municipal de Ensino que demonstraram interesse. Lá, além de

¹²⁰ Sugerimos, aqui, a dissertação de Mestrado da prof^a Ms. Giovana Cristina Ferrari Gasparotto: “Alfabetização Matemática: Cartografando as narrativas de alguns alunos da série final do Ensino Fundamental” - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP – Rio Claro.

¹²¹ Seminário de Jogos e Educação Matemática – Laboratório de Psicologia Genética-LPG da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (05/04/2010 – 09/04/2010)

conhecemos a professora Kamii, pudemos ver de perto os resultados de suas últimas pesquisas. Foi muito bom ouvir, refletir e questionar pessoalmente sobre dúvidas que me assolavam no dia a dia em sala de aula. Pude também conhecer colegas do Ensino Fundamental I que se preocupavam com as dificuldades apresentadas pelos alunos em Matemática e com sua própria prática em sala de aula em relação a esta disciplina. Fiquei feliz em saber que havia professoras polivalentes que gostavam do ensino de Matemática nas séries iniciais e se preocupavam com ele.

Nessa ocasião pude constatar que as últimas pesquisas realizadas por Kamii vinham ao encontro das recentes dificuldades observadas em alunos das 5^{as} séries (6^{os} anos) sobre o Valor Posicional do Número e pareceram-me razoável as explicações da pesquisadora sobre os efeitos nocivos de algoritmos das operações fundamentais. Já conhecia sua posição contrária aos algoritmos, mas conservava minhas restrições, pois desconhecia outra maneira de trabalhar no Ensino Fundamental II. Ao ouvi-la ao vivo, apresentando seus argumentos, conseguia imaginar as confusões que acometem nossos alunos desde anos iniciais do Ensino Fundamental I até hoje, por meio das evidências apresentadas por eles, como vimos anteriormente.

Há alguns anos, por meio das obras da mesma autora, também procurando por soluções práticas, consegui ligar alguns pontos e compreender a importância do desenvolvimento do raciocínio lógico matemático nos Ensinos Infantil e Fundamental I. Lembro-me que compartilhei as descobertas com colegas em HPCs, e nas aulas de Práticas de Ensino dos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Matemática, além, é claro, de adequar, quando possível, algumas atividades, como ‘recuperação paralela’¹²², na EMA. Mas, só agora compreendia o que a autora queria dizer quando afirmava sobre os ‘efeitos nocivos dos algoritmos’. Para ela, introduzir os algoritmos nas primeiras séries do Ensino Fundamental é prejudicial pelos seguintes motivos:

1. Os algoritmos forçam o aluno a desistir de seu raciocínio numérico.
2. Eles “desensinam” o valor posicional e obstruem o desenvolvimento do senso numérico.
3. Tornam a criança dependente do arranjo espacial dos dígitos (ou de lápis e papel) e de outras pessoas. (KAMII,1995, p.55)

¹²² Recuperação Paralela – desenvolvimento de atividades que apresentam conceitos anteriores ao assunto trabalhado em sala de aula a alunos que não têm ou não conseguiram consolidar tais conceitos. Trabalho paliativo e limitado ao tempo e a condições favoráveis em sala de aula.

Em sua explanação compreendemos claramente que seu posicionamento não é exatamente contra o ensino de algoritmos, mas, sim, contra a introdução prematura deles, antes de a criança desenvolver o conceito numérico e o valor posicional. Portanto, podemos entender que, após a consolidação destes conceitos, a introdução dos algoritmos poderá ser bem-vinda, pois haverá menores riscos de confusão.

Assim como muitos interpretaram equivocadamente a teoria de Piaget sobre a lógica da Multiplicação, segundo as palavras da própria Kamii:

“...a lógica da multiplicação não pode ser ensinada por instrução programada; porém, uma vez que essa lógica foi construída pela criança, a memorização é a única maneira de aprender a tabuada. O behaviorismo pode ser útil dentro de determinados limites porque o feedback imediato é muito útil nesse tipo de memorização.” (KAMII, 2009, p.328)

Ou seja, pela adição de parcelas iguais ou pelo arranjo combinatório, uma vez adquirido o conceito multiplicativo pelo aluno, não existe mal algum em memorizar (porque ‘decorar’ passou a ser, também, uma palavra ‘proibida’) a tabuada. Porém, muitos professores não o fazem por tratar-se de uma “metodologia tradicional”, privando nossos alunos de desenvolverem o hábito de memorizar. Hoje é comum ouvir alunos afirmarem que não conseguem ‘decorar a tabuada’, perdendo-se na contagem das parcelas iguais, de números mais altos, como por exemplo, na multiplicação de 7×7 , por meio da contagem de parcelas iguais de $7 + 7 + 7 + 7 + 7 + 7 + 7$ chegam ao resultado 51, demonstrando que compreenderam o conceito multiplicativo, mas a ausência de memorização leva a erros no momento da contagem, quando aplicam a adição de parcelas iguais para resolverem a multiplicação. Nestes casos, muitos alunos utilizam o recurso de desenharem bolinhas ou ‘risquinhos’, de 7 em 7, como o caso acima, para, depois de completarem as sete linhas, efetuarem a contagem global. Apesar da segurança deste recurso, com o passar do tempo os alunos mais velhos sentem-se envergonhados até mesmo de contar pelos dedos, muito mais ainda, em fazer ‘risquinhos’ só para acertarem uma ‘conta’, como eles dizem, preferindo não se dar o trabalho tão demorado.

Aos poucos compreendi o resultados das pesquisas. A introdução precoce tem produzido alguns dos efeitos que demonstramos sobre as dificuldades apresentadas por nossos alunos. Entendemos que tais conceitos devem ser consolidados por meio de jogos e cálculo mental nas séries iniciais do Ensino Fundamental I e só então, após a constatação por meio da análise dos ‘erros’¹²³, dos alunos, iniciar a apresentação de algoritmos que facilitam operações mais complexas e difíceis de serem realizadas mentalmente.

Ao final do curso, no momento destinado à satisfação de dúvidas, perguntei à Dra. Constance Kamii se havia feito alguma pesquisa ou se pretendia fazer com alunos a partir da 5ª série quanto à não utilização de algoritmos. Sua resposta foi esclarecedora ao afirmar que somente havia trabalhado nas séries iniciais, sendo que os melhores resultados foram obtidos com as 1ªs e 2ªs séries, pois com alunos maiores da 3ª série havia intervenções de casa, onde os pais ensinavam os algoritmos formais aos filhos, que, ao tomarem conhecimento de tais procedimentos, recorriam a eles com frequência, comprometendo o resultado da pesquisa.

Após sua resposta, minha prática em sala de aula passou por algumas mudanças. Comecei a investigar se o aluno que apresentava dificuldades tinha o conceito numérico e de valor posicional, para depois iniciar ou reforçar o uso de algoritmo, “sem medo de ser feliz!” Ou seja, sem culpas por recorrer ao Behaviorismo, o ‘vilão’ do Construtivismo. A partir dessa resposta, pude concluir que, ao chegar na 5ª série/6ºano, os alunos já conhecem, de alguma forma, os algoritmos das operações fundamentais, bem como podem e devem utilizá-los desde que a criança tenha desenvolvido os conceitos, anteriormente citados, plenamente desenvolvidos. Continuar partindo dessa premissa faz toda a diferença, pois sabemos que, se houver qualquer dificuldade, tentaremos diagnosticar e identificar indícios que nos levem ao âmago do problema e, depois disso, encaminhar ações mais seguras direcionadas ao ponto inicial. (Conceito numérico, Valor posicional, sequenciação, operações, algoritmos...), as “n” possibilidades testemunhadas em sala de aula, para obter resultados efetivos, assim como organizar processos avaliatórios destas ações, para prosseguir com os

¹²³ Aqui tratamos o ‘erro’ como uma sinalização positiva, passiva de análise para compreender o pensamento do aluno e encontrar meios que o auxiliem no desenvolvimento do seu próprio raciocínio.

encaminhamentos bem-sucedidos e repensar os que não produziram rendimentos satisfatórios.

Segundo o prof. Ribeiro, o ex-prefeito Lincoln Magalhães pediu a ele que implantasse uma escola agrícola para atender os moradores da área rural de Rio Claro. Como estavam no meio do ano letivo, iniciaram como escola alternativa em horário inverso ao escolar em um núcleo no km 7 da Estrada de Rio Claro – Ajapi, onde eram realizados alguns cursos para agricultores da cidade, trazendo alunos de bairros da periferia para terem aulas de reforço escolar e princípios de técnicas agrícolas. Mais para tornar a escola conhecida, este primeiro momento propunha um projeto que pudesse satisfazer as necessidades da zona rural da cidade. Oferecia aos filhos de pequenos agricultores da cidade, colonos de fazendas da região e moradores de bairros próximos à escola uma alternativa que valorizasse a terra e os trabalhos do homem do campo, com objetivo de proporcionar novas tendências de técnicas agrícolas, para potencializar os ganhos na agricultura familiar.

O professor Ribeiro afirmou, também, que já havia uma negociação com a FUNABEM, que, como agência financiadora trazia diversos cursos e estudos de formação para os profissionais envolvidos no projeto. Os professores Gennari, Maíza e Maria Regina também mencionaram esses eventos preparatórios, os diferentes locais onde se deram esses cursos – na própria escola, em Inconfidentes-MG e no Rio de Janeiro – e até as dinâmicas marcantes que foram significativas para o crescimento profissional dos participantes:

“Nós tínhamos um bom relacionamento com a FUNABEM, vinham especialistas, professores, psicólogas, pedagogas, vinham trazer as informações para o tratamento dos alunos na parte agrícola, então os professores recebiam orientações e aulas. Elas ficavam alojadas aqui em Rio Claro, por uma semana, e ministravam os cursos. Recebíamos aulas para aprender o tratamento adequado que tínhamos que oferecer. E tinha um convênio, acredito, e a verba não vinha pra escola, ia para prefeitura. A FUNABEM mantinha uma verba para o desenvolvimento da escola agrícola, para a construção, por exemplo, de alguns dos imóveis que lá existe. Foi construído pela FUNABEM, e vinham inspecionar, vinham verificar se estava sendo empregado o dinheiro que a fundação estava investindo, com aquilo que estava sendo proposto para ser feito. Também tinha isso! Nós éramos cobrados. Nós éramos

cobrados no andamento daquilo tudo, na parte física, parte cultural e na financeira também!” (Prof. Gennari)

“A Escola de Inconfidentes não tinha nada a ver com a FUNABEM. Era uma escola federal de ensino médio, fundada pelo Getúlio Vargas, na época da ditadura Vargas, 1930! E a FUNABEM, época de férias, entrou entendimento com o diretor da escola que cedeu o local para dar o treinamento, para pessoas de Rio Claro. Então, fomos até lá e ficamos menos que uma semana, acho que três ou quatro dias, no alojamento da escola.” (prof. Ribeiro)

“Nós tivemos dinâmicas de como trabalhar com esses alunos, foi bem interessante! Tem algumas que eu recordo até hoje, depois eu apliquei algumas delas, no decorrer da minha carreira com outros colegas. Teve, sim, um pessoal, não me recordo se foi do Rio de Janeiro, mas veio um pessoal para trabalhar com a gente nesse sentido, de dar ideias, de nos ajudar, eu não me recordo quantas vezes. Mas lembro de uma vez em que houve um trabalho com todos da escola. Gostava das dinâmicas que eles colocavam para gente como um treinamento.” (Prof^a Maíza)

“... Outra coisa que eu amei de paixão desse convênio: eu fui ao Rio de Janeiro e passei uma semana dentro da FUNABEM, num congresso de escolas agrícolas do Brasil inteiro. *Aquilo* me deu um conhecimento fantástico do que eram as escolas agrícolas espalhadas pelo Brasil. E me deu a visão do que eu queria e do que eu não queria para Escola Agrícola. Principalmente essa coisa de dizer: - Não quero o crechão.” (prof^a Maria Regina)

Percebemos, no discurso dos profissionais envolvidos no início da fundação da escola, a caracterização bem-definida, proposta pelo projeto orientado pela FUNABEM, de uma escola que apresenta uma identidade própria e ensino diferenciado para oferecer.

Lincoln Magalhães, ex-prefeito citado por quase todos os que estavam envolvidos no projeto inicial da escola, afirma não se lembrar de como foram as negociações com a FUNABEM e nem de quem as encabeçou, diferentemente do que disseram o prof. Ribeiro e Maria Regina, que já o conheciam pessoalmente.

“Foi uma batalha que tivemos na época, para conseguir instalar a Escola Agrícola. Foi um projeto feito pelo prefeito Lincoln Magalhães (1986), junto à FUNABEM, que era a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

Ele veio me procurar, quando lecionava Matemática no Joaquim Ribeiro. Mostrou o projeto e disse que estaria interessado em instalar uma Escola Agrícola no “Horto de Ajapi”.

Eu fiquei interessado, pois fui aprovado no concurso para diretor de escola do Estado e pensei que seria uma boa experiência para mim, antes de iniciar a carreira na direção. Fui ver o que poderia fazer para instalar essa escola. Fui a São Paulo, na FUNABEM, lá recebi todas as orientações e, na época, conseguimos um afastamento do Estado para trabalhar junto à prefeitura de Rio Claro. Era um programa da Secretaria da Educação elaborado por um médico, cujo nome me “fugiu” a lembrança.” (Prof. Ribeiro)

“A FUNABEM deu esse caráter assistencialista. E por que ele foi feito? Ainda na época do Lincoln Magalhães, porque não tinha verba. Então alguém precisava arcar com os primeiros investimentos na montagem da escola. Depois disso o Lincoln esteve lá numa época de campanha, ele era também meu amigo de infância. Mas, infelizmente ele não só não ganhou como a Maria Nilde caiu, antes, e claro caindo um, caem todos do *staff*, não é?” (profa. M. Regina)

O ex-prefeito afirmou que, na época de sua gestão, havia vários projetos destinados a crianças e adolescentes distribuídos pela cidade. Funcionavam como polos proporcionando cursos determinados pela demanda das comunidades a que serviam. Assim, diz ele que havia polos com escolinha de futebol, de modelos, de cabeleireiros, artesãos e que o público da zona rural da cidade carecia de um desses polos com atividades específicas. Na área rural de Rio Claro, concentravam-se muitos migrantes do norte de Minas Gerais, que, segundo ele, vinham sem nenhum preparo para lidar com a terra, ou mesmo em conhecimentos básicos de serviços gerais e ele se preocupava com a colocação desses trabalhadores, mas com mão de obra qualificada, mesmo que fosse apenas informalmente, com alguns conhecimentos de agricultura e trato com animais de pequeno porte.

Sua preocupação não era exatamente com a escola regular, queria apenas promover locais em que houvesse cursos que realmente atingissem os anseios e necessidades de crianças e adolescentes. Queria que tivessem oportunidade de aprender aquilo que os interessava os mantivesse entretidos e ocupados nesses locais, não por obrigação, mas por vontade própria, fazendo parte de grupos que se identificavam, proporcionando alternativas e meios para descobrirem seus próprios talentos e interesses.

“Nosso primeiro ato nessa linha, diferenciado do convencional, era de criar uma escola de ensino informal. Então, em dois bairros periféricos da cidade, onde havia um volume

considerável de crianças nas ruas ou sem ocupação, procuramos criar uma escola nesse sentido. Fomos um dos primeiros com essa iniciativa, preparávamos e ensinávamos tudo o que eles queriam. Não era uma escola com currículo pré-estabelecido, o currículo era aquilo que aquele grupo de jovens pudessem se interessar. Fizemos de tudo, até os mais diferenciados: escola de cabeleireiros, de manequim, de artesanato... Descobri um cidadão na cidade que fazia passarinhos com o canivete, nós contratamos esse cidadão, era um servente, para ensinar crianças a fazer passarinhos. Assim tirávamos as crianças da rua, concentrávamos e dávamos alimentação. Evidentemente havia reforço escolar e com isso proporcionávamos uma ocupação”. (ex-prefeito Lincoln Magalhães)

Ele afirma também que todos os recursos mantenedores de tais cursos eram patrocinados por empresas privadas e os locais cedidos por associações de bairros e entidades sem fins lucrativos, que abriam suas portas para a comunidade local, sendo a prefeitura apenas a articuladora política destes projetos. Acredita ele que com a Escola Agrícola não foi diferente. Diz que, provavelmente, devido às influências políticas que tinha, articulou as negociações entre as Secretarias da época e a FUNABEM, mas que não se “recorda” exatamente quem idealizou e encabeçou o projeto.

Sabemos que a parceria envolvia uma grande verba para manutenção de uma escola agrícola no formato projetado pela FUNABEM, mas a respeito dos detalhes dessa verba infelizmente não houve quem pudesse nos esclarecer.

Plantas artificiais numa escola Agrícola? Como assim?! Estavam por toda parte, corredores, sala dos professores, da direção, secretaria! Eram tão parecidas com as naturais que levei um bom tempo para reparar. Um dia depois do almoço, estava tentando “tirar um cochilo” reclinando-me sobre a mesa da sala dos professores, em frente a um suporte de plantas, que continha três vasos em cada andar dele. Tentava dormir, mas sempre que alguém entrava na sala, abria os olhos e... lá estavam elas, verdinhas, empoeiradas, brilhantes! Verdade! E, que brilho estranho, parecem até artificiais! - pensei comigo entre o fechar e abrir de olhos. Mas o incômodo foi maior, levantei-me com muita preguiça e cheguei bem perto... Não, não poderia ser! Eu precisava confirmar antes que alguém chegasse e me visse numa cena daquelas: dei uma beliscada na folha e... era artificial! Fiquei

indignada com o fato, e comecei a procurar as demais e verifiquei que todas também eram!

Quando finalmente falei do meu espanto a todos, foi uma piada só! Serviu de gozação por muito tempo! A graça era o tempo que eu tinha levado para perceber e não o absurdo de serem artificiais e decorarem uma escola agrícola e todos conviverem numa boa com tudo isso!

O caso foi muito bom, pois essa gozação toda da turma ‘desfez’ aquele ar pesado que muitas vezes nos mantinha em ‘silêncio’ nos isolando-nos em grupos na sala dos professores. Os professores com mais tempo de casa sabiam o que estavam passando, conversavam apenas entre si; os novos, além de não saberem o que se passava ao certo, não tinham coragem de perguntar a respeito, mantendo assuntos apenas profissionais e superficiais, pois o clima era de falar menos para não se comprometerem. Assim, compartilhávamos muitas vezes desse espaço, sempre permeado de olhares desconfiados, meias palavras e frases incompletas, onde esses professores mantinham sua intimidade e tratavam os recém-chegados superficialmente.

Outro ponto favorável da minha tardia descoberta foi que aos poucos todos os vasos foram substituídos por plantas naturais e toda vez que o técnico Dante encontrava uma flor (girassol, palma, margaridas, rosas) trazia para minha sala. Acho que era uma forma carinhosa que ele encontrou para desculpar-se das gozações.

Não eram apenas as plantas artificiais que me incomodavam, os móveis da secretaria e salas da direção e coordenação também. Os móveis destas salas eram de mogno (em moda na época) e pesados. Na diretoria havia uma grande escrivaninha e por trás uma poltrona ultraconfortável, uma imponente estante cobria toda a parede em frente, havia tapete persa cor de vinho (combinando com a cor dos móveis) e objetos de decoração em latão, lustre com ventilador (bocal de tulipa para lâmpadas, pás do ventilador em treliça de palha e acabamento em latão),

quadros nas paredes, decoração perfeita para um escritório de uma ‘casa’ dos anos 80.

Comentava-se que a família da antiga direção possuía uma loja de artigos de decoração. Talvez fosse o motivo de tanto requinte em uma escola.

Para compreender melhor todos os fatos inusitados dessa escola, Halbwachs nos fornece pistas em suas explicações sobre *espaço*:

...A maneira como são espacialmente determinados os cômodos da nossa casa e os objetos nela dispostos lembram nossa família, amigos e momentos agradáveis compartilhados nesse meio e esta sociedade silenciosa – os objetos produzem essa impressão de solidez interior. (HALBWACHS, 2004, p. 138)

A necessidade de demarcar o espaço que o indivíduo sente, para que possa chamar de ‘meu’, meu território, minhas terras, minha escola, minha sala, foi traduzida naquela gestão, por meio de objetos que marcaram a presença da direção e a ocupação personificada desses espaços promovendo lugares não comuns. A estabilidade da decoração do interior de um alojamento ou da sala do diretor de uma escola impõe ao grupo uma imagem serena de sua força e continuidade.

Na gestão do prof. Gennari, vimos outra maneira de pensar sobre a Escola Agrícola. Ainda sob a influência da parceria com a FUNABEM, ao assumir como vice-prefeito, Kal Machado nomeou o prof. Gennari, como diretor, que foi incumbido de legalizar a Escola Agrícola, dentro dos padrões da Secretária de Educação do Estado de São Paulo.

Fazer da Escola Agrícola uma instituição com currículo regular seguindo os parâmetros de uma escola comum do Estado, implicaria em mudanças significativas, pois, além do diferencial agrícola, ela mantinha o período integral, fora dos padrões das escolas do estado naquela época. O prof. Gennari canalizou seus esforços em unir estes interesses e cumprir com o que lhe fora confiado pelo novo prefeito.

O novo direcionamento rendeu-lhe algumas críticas de seu antecessor:

“Eu me lembro que achei engraçada uma das primeiras atitudes que o meu substituto tomou, que foi introduzir aulas de Inglês no Currículo da escola, porque ele achou um absurdo uma Escola Agrícola de Ensino Fundamental não ter Inglês no currículo. Porque as escolas do

Estado tinham Inglês. Era um absurdo o novo diretor não saber que uma Escola Agrícola é diferente de uma escola comum e querer introduzir uma língua estrangeira para essas crianças que mal sabem falar o português, pois a finalidade, o objetivo dessa escola, era completamente diferente de todas as outras onde ele trabalhou! Era o ‘Genarinho’ que foi o meu substituto, muito amigo meu por coincidência, mas era um absurdo.” (Prof. Ribeiro)

Porém, a determinação ao cumprimento do que lhe havia sido designado foi inteiramente cumprido à custa até mesmo de sua saúde como nos descreveu. Segundo ele, além de ser o primeiro diretor que formalizou legalmente a Escola Agrícola, organizou o sistema funcional num momento em que as condições da escola apresentavam, ainda, certa precariedade.

“O Kal nessa época não queria continuar trazendo os alunos para cá depois da aula para terem apenas um acompanhamento escolar. Queria transformar o núcleo numa escola. Uma escola com validade, com alunos matriculados regularmente. Criar uma escola que fizesse parte da rede do ensino do Estado, para que, se o aluno ficasse e saísse da escola na oitava série, teria a formação no 1º grau, se quisesse transferir-se para outra escola no terceiro ou quarto ano, por exemplo, ele pudesse sair da nossa escola agrícola, em condições legais para uma outra escola, ou seja, em qualquer outra escola aqui em Rio Claro. Não seria mais um escola somente para “dar” reforço escolar. Então, montamos a escola. Começamos a criar a escola para sair publicada no Diário Oficial, a formação de escola teria que ter o registro, teria que sair no Diário Oficial o registro da escola, como escola mesmo!” (prof. Gennari)

Quando a Administração da Prefeitura Municipal passou para as mãos do Sr. Azil Brochini, a Secretaria da Educação da cidade ficou a cargo da profª Maria Nilde Mascelani. Esta havia substituído a diretora Maíza que estava no lugar do prof. Gennari, afastado por motivos de saúde, pela profª Maria Regina de Negreiros. A nova diretora não compactuava com as mesmas ideias do Prof. Gennari. Sua linha de pensamento estava mais próxima do ideal inicial da escola, preocupava-se, como ela mesma menciona, com o protagonismo juvenil e com o lado histórico-cultural da escola, respeitando sua identidade como escola agrícola, valorizando sua função

como instituição de ensino preparatória para uma futura profissão e combatendo ostensivamente a conotação de creche, atribuída por muitos na cidade.

“A realidade da Escola, na época, era de pouca orientação, a pouca visão que se dava a educação, pois *a coisa* estava voltada exatamente para o assistencialismo, o que valia era aquilo, os meninos estarem lá comendo e bebendo, tinham as suas aulas, sim, tinham os seus momentos de horta, de avicultura, o lado voltado para agricultura, sim, mas tinham um planejamento incrivelmente rústico, que não tinha grande sentido. Então, a gente partiu do zero.”

“Para uma escola nos moldes da Escola Agrícola, a direção deveria ter como traço, na sua personalidade profissional, o protagonismo juvenil¹²⁴, coisa que nem passava pela cabeça de quem assumisse a direção a não ser de pessoas que tivessem formação parecida com a da professora Maria Nilde, e eu as tinha. Eu até hoje defendo com *unhas e dentes* o protagonismo juvenil, então a minha primeira preocupação era tirar a conotação do ‘crechão’. “Isso daqui é uma escola que dá os primeiros caminhos para uma futura profissão!” (profª Maria Regina)

Com a profª Maria Regina, a escola passou a ganhar outro sentido, por meio da valorização da cultura rural e projetos voltados à preservação ambiental.

“...a gente já enxergava a escola com essa conotação ‘Ambiental’. Hoje, já se tem muito mais vocabulário voltado a essa área, e na época não tinha, então a gente inventava muita coisa. O que faremos? Silvicultura? Precisamos fazer com que o pessoal entenda essa ideia. Que os nossos alunos saiam daqui preparados a fazer uma cultura agrícola sustentável. A visão do Dimas no laboratório era criar mudas, mudas para mata ciliar, então, o nosso pensamento, naquela época, estava voltado para cuidar das matas ciliares da nossa região e esse laboratório que o Dimas tentava desenvolver era exatamente isso, fazer com o que os alunos trabalhassem a “ideia” do uso sustentável da terra, era essa nossa linguagem cotidiana, mas não tivemos tempo de desenvolver tudo isso. Nosso objetivo ali, no laboratório, era voltado para a mata ciliar e o uso sustentável da terra e que não chegou a ser desenvolvido”. (profª Maria Regina)

¹²⁴ Protagonismo Juvenil - atuação de adolescentes e jovens, por meio de uma participação construtiva, nas questões da própria adolescência/juventude, assim como nas questões sociais do mundo e da comunidade.

Além de definir o público-alvo da escola: filhos de colonos e agricultores, proprietários rurais e interessados nessa modalidade de ensino, era necessário retirar a conotação assistencialista atribuída a instituição que funcionava em período integral, como ela mesma afirma:

“ Qual deveria ser o primeiro alvo? Qual deveria ser o público-alvo? Os pequenos agricultores ali do entorno da escola. No entanto, você não tinha um aluno sequer, do entorno, lá. Todos eram de Rio Claro, oriundos e alunos-problema das outras escolas. Tudo porque ela foi criada com essa conotação de ser assistencialista. O público alvo que vinha da zona urbana de Rio Claro com custo muito alto, porque vinham de todos os bairros da cidade, de ônibus. O ônibus passava pela cidade inteirinha, levava os alunos para escola, um espaço delicioso, incrivelmente mal-aproveitado, e sem objetivo educacional.” (profª Maria Regina)

Devido a mudanças políticas o trabalho desenvolvido por sua gestão, que tinha aval da Secretaria da Educação, foi comprometido e interrompido.

“Nesse laboratório o professor fazia pesquisas, com os alunos, voltadas à botânica. Era maravilhoso. Estávamos esperando todo o equipamento, o Dimas estava montando tudo com os próprios alunos, na época, quando a situação política nos pegou e acabou desmantelando tudo!”(Ex-diretora M.Regina)

Diversas vezes, as mudanças políticas causaram situações desse tipo na Escola Agrícola, criando possibilidades distintas das potencialmente planejadas.

Da mesma forma que destitui, a política também designa, e foi assim com a indicação da diretora Maria Creusa.

“Quando eu fui convidada para assumir a Escola Agrícola... Fui convidada na gestão do Nevoeiro¹²⁵. No primeiro momento, eu falei para ele: “Não, eu não quero.” Porque eu fiquei com medo de não dar conta sozinha. Mas, como ele estava satisfeito com meu trabalho

¹²⁵ Demerval da Fonseca Nevoeiro Júnior – prefeito da cidade de Rio Claro-SP em três gestões: 1977 – 1982; 1993 – 1996; 2005 – 2008.

em outras escolas, que eu havia dirigido, então ele falou: “Não! Eu preciso de uma pessoa como você lá.” Aí eu enfrentei o desafio. Pesquisei muito, li muito, tudo aquilo que eu não sabia.” (profª Maria Creusa)

Nessa gestão a Escola Agrícola passou por momentos de franco crescimento, onde tudo funcionava muito bem, como uma grande e bem-administrada ‘propriedade privada’, devido à experiência em negócios contada pela própria ex-diretora:

“Eu venho de uma família de agricultores, meu pai era fazendeiro, então desde os seis anos de idade eu trabalhei na agricultura... Apesar de ter estudado em internatos. A minha vida inteira foi estudar em colégios internos, mas quando chegava a época de férias, meu pai nos fazia trabalhar na “roça” para dirigir o pessoal, para comandar o pessoal. Meu pai tinha uma fazenda que abrigava 80 famílias e eram os filhos dele que a administrava (sic) nas férias... Nas férias meus pais descansavam e os filhos assumiam.

Os filhos assumiam a fazenda, o irmão cuidava de uma parte e as irmãs de outra. E a minha parte, a minha tarefa, era cuidar das plantações e dos empregados que nela trabalhavam. Essa era a minha responsabilidade. Por isso a minha paixão pela parte agrícola.”(Ex-diretora M.Creusa)

Foi um período em que a maior parte da escola foi construída (galpões, salas de aulas, cozinha etc) com recursos próprios, sem verbas públicas da prefeitura. A escola promovia almoços, jantares e bingos beneficentes, além da Festa Junina da EMA, que se tornou tradicional na cidade de Rio Claro, com suas generosas porções de pururuca, frango a passarinho, costelinha de porco, mandioca frita e suculentos sanduíches de pernil e cachorro-quente, aliados a muita diversão temática e à famosa ‘Roleta’, que premia seus adeptos ganhadores com pernil, leitoas e frangos assados e outros prendas oriundas de doações.

“Nós fazíamos muitos ‘almoços’ e o primeiro almoço que promovemos foi para 100 pessoas. Nós vendíamos adesões e o segundo almoço que a gente fez foi para 1500 pessoas. O terceiro almoço a gente fez para 3000 pessoas. O quarto almoço foi para 4000 pessoas. Era todo mundo engrenado. As crianças eram os garçons. E você precisava ver a participação dos pais e como eles ajudavam a preparar, a servir... Precisava ver que APM eu tinha! Eles sabiam

que a renda reverteria aos próprios filhos. E eles tinham acesso às notas fiscais. Porque eu fazia questão disso, dos alunos terem acesso. Porque isso era importante para eles e para mim também.

Chegava o final de ano, e claro, com o consentimento da APM – a APM sempre trabalhou conosco – a gente fazia aquelas festas para os funcionários, dava cesta básica para eles, dava presentes. Teve um Natal que nós demos até televisão, bicicleta... E todo mundo comemorava junto. Lá era assim, não tinha essa de professor e funcionário, era todo mundo funcionário. Mas era tudo muito bom. Muito bom! Todos vestiam a ‘camisa’.”(Ex-diretora M.Creusa)

Essa fase “próspera” chamava atenção da comunidade para a EMA, aumentando a procura por vagas. Foi nesse período que o processo seletivo passou a triar os melhores candidatos, inclusive trazendo filhos de famílias tradicionais da cidade de Rio Claro que se interessavam pela área agrícola e ensino diferenciado, proporcionando um ambiente “próspero e elitizado”, que a escola até então desconhecia.

Passando de ‘Gata borralheira’ a ‘Cinderela’, a EMA experimentou momentos de glória na sociedade rioclarense, mas conseguidos à duras penas, com muita fiscalização, atenção e dedicação total dos seus funcionários, como nos conta a ex-diretora e o professor de Ciências daquela época:

“Eu tinha muitos funcionários. Eu tinha, porque não se consegue tocar uma escola daquele porte... Pelo menos no porte que eu deixei, se não tiver uma boa assessoria de administração. E nesse ponto, eu tenho muito que agradecer à Administração municipal, porque eles me davam respaldo, em relação à quantidade de funcionários. É claro que eu não tinha funcionários supérfluos, nem eu iria admitir isso... Imagine que eu iria trabalhar e que um funcionário ficasse lá de braços cruzados, me olhando? De jeito nenhum. Eu tinha o necessário, mas eu tinha.

Eu tinha dois inspetores para todos os alunos. Dois inspetores que davam conta. Eles davam conta, porque as crianças não ficavam espalhadas, por exemplo, estava na programação: área de lazer, horário de lazer... Porque tinha horário para lazer também. Então, se uma sala estivesse no lazer, um inspetor permanecia junto na área de lazer e o outro ficava circulando. Horário de campo de futebol era responsabilidade do professor de Educação Física. Horário de aulas de campo era responsabilidade dos técnicos. Por isso, eles davam

conta, cada um exercia o seu papel e eu controlava por telefone. Eu não sei se ainda tem a central telefônica lá, mas na época era assim. Essa central ficava na minha sala, e de lá eu controlava as idas, por exemplo: foram para a avicultura: “Quantos chegaram aí?” Porque a inspetora sabia quantos tinham saído, então chegariam os mesmos tantos lá. Uma inspetora acompanhava, mas eu era tão fixada na segurança e tinha tanto medo que acontecesse alguma coisa, que mesmo assim eu ligava para o técnico. Se ainda tiver algum técnico da minha época na escola, ele poderá confirmar isso. Vai confirmar que eu controlava tudo, pela minha sala e, quando eu não estava, era a minha assistente que o fazia. Porque nós tínhamos a programação das aulas na nossa frente. “Onde está a 8ª série agora?” “Está em tal lugar.” “Onde está a quinta série?” “Está em tal lugar.” Era tudo muito organizado, e nunca ninguém estaria num lugar que não era determinado estar... A não ser que tivesse a minha autorização, aí sim. Caso contrário, não! Tudo passava pela minha mão, tudo! Mesmo eu tendo funcionários para as funções específicas, ninguém tomava decisões sem interfonar, sem consultar... Senão ficava aquele jogo de empurra: “Foi Fulano que mandou, foi Sicrano que falou. Foi a assistente que mandou...” Não! Não era assim. A palavra final era minha. E funcionava, é, funcionava!” (Ex-diretora M.Creusa).

“Inclusive, eu não me esqueço de uma festa em que eu e o Evrardo, professor de Matemática, tivemos que destrinchar um porco que mais parecia um hipopótamo. É, de tão grande, parecia um hipopótamo!

Eu e o professor Evrardo, num sábado, fomos de manhã para lá e ‘falaram assim’: “À tarde eu quero tudo picadinho, tim-tim por tim-tim.”

Então, foi um aprendizado isso aí, lidar com frango, lavar verduras, essas coisas. E acho que tudo isso foi bem marcante!” (Prof. João, ex-prof. de Ciências da EMA)

Mas, como outras, esta gestão também teve seu tempo determinado de duração. Novamente a política da cidade mudou o curso da história da EMA, e a nova Administração do prefeito Claudio de Mauro moveu um processo administrativo contra a diretora da Escola Agrícola. Ela teve diversos problemas com a saúde durante o processo, como ela mesma nos relata:

“É uma pena que a política faça o que faz. É uma pena ter destruído tanta coisa boa que ainda estava por vir e é uma pena que as pessoas usem da ingenuidade de outras pessoas, pondo até psicólogos dentro de uma escola, para fazer a “cabeça” de funcionários para depor

contra outra... Então é uma pena tudo isso, e me causou um trauma muito grande, uma doença muito grave, eu tive um problema muito sério de depressão, cheguei onde você não imagina que um ser humano pode chegar...

[...] Que foi uma pena muito grande tudo o que ele fez. Foi para perseguir a mim que ele destruiu uma escola! Infelizmente, políticos interferem no trabalho de um profissional por não gostarem dele. E se esquecem que afetam uma família, uma escola, uma comunidade inteira e talvez uma cidade... E foi o que aconteceu. Não sei como está a Escola Agrícola agora, nunca mais tive conhecimento. Depois que eu saí fui uma vez até lá e assim mesmo acompanhada pelo meu médico. Ele ficou do lado de fora e eu fui receber uma homenagem. Mas, é muito triste, é muito triste.” (Ex-diretora M.Creusa)

Certa manhã o prof. técnico agrícola José Roberto, sujeito de 1,90m de altura, caucasiano, forte, com um porte que lembrava um ‘touro’, usava calça ‘rancheira’ e botinas de couro, uniforme obrigatório para as aulas de campo, procurou-me na sala de aula. Estava com problemas para resolver uma questão que envolvia o consumo de ração dos suínos. Sua fisionomia era de contrariedade, pois não havia ocorrido ainda uma situação semelhante, algum professor da área técnica procurar-me para tirar dúvidas sobre cálculos, talvez por ser uma ‘professora’, pois estavam acostumados com a presença masculina do prof. Evrardo. O fato é que ‘meio sem graça’, falando sério e em voz baixa, que estranhei, pois na época ele me tratava por ‘Ding ling’, expôs a situação que, embora não me lembre dos valores exatos, a operação utilizada por ele para encontrar o consumo foi a de Regra de Três Diretamente proporcional, e a resposta não estava de acordo com a lógica da realidade. Expliquei que, naquele caso, usamos a Regra de Três Inversamente proporcional, expus a proporcionalidade e importância de definir os dados do problema e antever o resultado final, assim como ele já havia feito, para depois aplicar a regra de três adequada.

Depois disso passei a trabalhar o assunto sobre razões e proporção mais atentamente, para desenvolver o conceito de Razões direta e inversamente proporcionais e, posteriormente, introduzir o algoritmo da Regra de três. Iniciava o assunto ainda no final da 6ª série, quando a turma correspondia às expectativas, aprofundando e consolidando o mesmo assunto nos anos subsequentes,

trabalhando paralelamente com Porcentagem e, na Geometria, com Semelhança de Figuras Planas e Teorema de Tales.

Esse fato não mudou apenas meu trabalho em sala de aula, os professores técnicos não me encaravam mais como uma novata no grupo. Depois disso, passei a ser mais incluída e solicitada em algumas ocasiões para opinar ou sugerir quanto a questões sobre o destino da escola.

Dando sequência aos trabalhos desenvolvidos em Educação Ambiental, iniciado pela professora Bernadete – que fazia um trabalho muito bonito com os alunos da escola, o de recolher materiais recicláveis, como papéis descartados em sala de aula, transformando-os em cartões de Natal e blocos de papéis com capa de papel machê –, utilizei a mesma ideia de recolher o descarte. Fiz uma campanha com todos os alunos da escola, que deveriam recolher o material reciclável em casa, tratá-lo (higienização orientada na escola) e trazê-lo à escola, para comercializarmos.

O objetivo primordial nessa campanha era desenvolver hábitos de descarte consciente do lixo doméstico com o devido tratamento. Muitas crianças argumentavam que os pais não faziam a separação, porque seria muito trabalhoso lavar latinhas e embalagens, pois trabalhavam fora e não dispunham de tempo para mais esta tarefa. Nessa época a prof^a Bernadete deixou a prefeitura para assumir aulas nas escolas do Estado de São Paulo, e tive que dar continuidade sozinha neste empreendimento. Reservei algumas aulas para expor como deveria ser feito o descarte pelos próprios alunos em casa e que isso passaria a ser responsabilidade deles. Os pais apenas deixariam as latinhas, caixinhas de leite, frascos de iogurtes e outras embalagens de lado e o aluno deveria fazer o tratamento. Foi explanada desde a importância em destampar e enxaguar uma garrafa de refrigerante antes de descartá-la até como abrir uma caixinha de leite e enxaguá-la, além de todo o cuidado em lidar com latinhas abertas com abridores de lata, que deveriam ser lavadas com a ‘bucha’ de lavar louças e o auxílio de um garfo, para não tocar com as mãos abertura perigosa da lata.

Assim, os alunos traziam o material produzido em casa nos dias determinados (como aprendi no Japão). Nas segundas-feiras, traziam papéis, jornais, papelão; quarta-feira, plásticos em geral; e nas sextas-feiras latinhas.

Existia uma contagem de pontos administrada por alunos das 8^{as} séries que determinava o “ranking” dos alunos que mais colaboravam nas campanhas.

Quando obtínhamos uma quantia razoável de material, um professor-técnico dirigia um trator carregando o material, eu e um aluno da 8^a série íamos a uma Empresa ao lado da escola que comprava por quilo o nosso material, por quilo. Lembro que não era muito o que conseguíamos, mas garantia os prêmios dos primeiros colocados: 1º lugar, um VALE PAPELARIA no valor de R\$ 30,00; 2º lugar, um VALE PAPELARIA no valor de R\$ 15,00 e o 3º lugar recebia um estojo contendo uma caneta azul, outra vermelha, um lápis, borracha e apontador.

Os prêmios eram simbólicos, mas surtiram alguns resultados positivos quanto aos hábitos, pois, mesmo depois de terminada a campanha, muitos alunos ainda traziam o material recolhido e tratado de casa.

As 8^{as} séries tiveram oportunidade de conhecer e administrar um Livro Caixa, com entradas e saídas, e todo o processo que envolveu o comércio do material arrecadado até o final com a distribuição dos vales e da compra de alguns materiais para a sala de aula e uso comum, como um “Flip chart”, compassos, fita métricas etc.

Foi uma ótima experiência, em que pudemos contar com a colaboração dos professores técnico-agrícolas no transporte e nas negociações do material reciclável, especialmente do prof. José Roberto, que ajudou a construir um depósito com as cores definidas para tais materiais, entre o estacionamento de ônibus e o pátio de entrada da escola.

Com a efetivação passamos a ministrar menos aulas, ficando apenas meio período na escola. Assim, deixei o projeto que passou a ser ministrado por professores específicos de PROJETOS ESPECIAIS.

Depois de algum tempo, mais desenvolta, utilizava a área externa da escola, procurando aproveitar ao máximo o espaço geográfico dela.

Numa aula sobre o Teorema de Tales, reproduzi o experimento para calcular analogamente a altura da *Sibipiruna* mais alta do estacionamento da escola. Para isso medimos a altura do menor aluno da 8ª série e de sua sombra. Fizemos o mesmo medindo apenas a sombra da árvore e de acordo com a teoria encontramos a altura da árvore, como Tales, que, segundo a História, encontrou a altura de uma das Pirâmides do Egito.¹²⁶



Figura 39: ilustração Teorema de Tales

Após os cálculos, chegamos à medida de aproximadamente 8m de altura da árvore¹²⁷. Expliquei que essa altura, representada proporcionalmente por sua sombra, implicava até a última ‘folhinha dela projetada’ e que se pudéssemos medi-la teríamos essa medida aproximada.

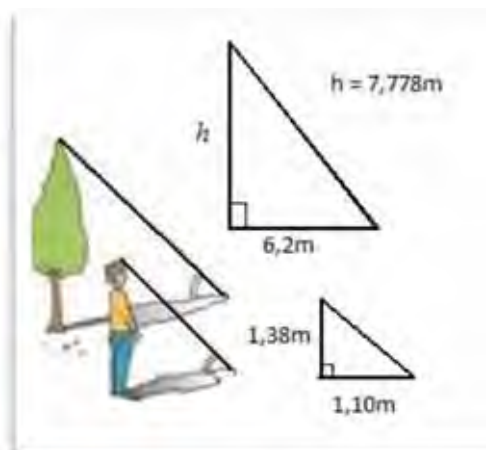


Figura 40: Ilustração da Atividade aplicada

Uma aluna, porém, torceu o nariz, não acreditando muito nesse cálculo, mas felizmente havíamos tirado uma foto com o pessoal da classe debaixo dessa mesma árvore. Analisando a imagem, a própria aluna concluiu: “ – Olha só a altura do

¹²⁶ Adaptação figura web: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=12736>

¹²⁷ Adaptação figura web: http://www.raeduc.com.br/wq/webquest/soporte_horizontal_w.php?id_actividad=325&id_pagina=2

‘Chicão’, ele tem quase 2 m de altura... Medindo a altura dele com os dedos da mão, contou quantos destes espaços ‘cabiam’ na altura da árvore e, com ar de satisfação, disse: ‘ – Quatro vezes! E, $4 \times 2 = 8$! Então o cálculo está certo!

Foi um momento superespecial para mim e único, pois mesmo oferecendo as mesmas condições para as turmas subsequentes, não houve descobertas como esta.

Precisava introduzir o assunto Estatística, mas não queria cair na mesmice de fazer uma enquete sobre o número de torcedores de determinados times de futebol da classe. Idealizei uma atividade com o jogo ‘Banco Imobiliário’, mas como era um jogo caro e nunca havia verba para adquiri-lo, meu projeto ficou ‘engavetado’ por alguns anos, até que na gestão da diretora Valéria, tudo mudou a questão pedagógica ganhou outro patamar nesta gestão, pois nas outras a preocupação maior sempre fora manter a área técnico-agrícola (rações). Não sei dos detalhes, mas conseguimos 6 jogos de ‘Banco Imobiliário’ e assim pude colocar em prática meu projeto de introdução à Estatística.

A ideia era transformar o jogo com características geográficas da cidade. Então solicitei aos alunos pesquisa sobre os valores de terrenos dos bairros em que moravam. Tabulamos os dados, construímos gráficos e fizemos uma análise reflexiva dos resultados. Discutimos desde a infraestrutura de cada bairro e o valor dos terrenos até sobre especulação imobiliária.

Substituímos os locais mencionados no ‘Banco Imobiliário’, tais como Brooklin por Bela Vista, Copacabana por Santana, e os grupos (de cinco alunos) finalizaram, produzindo os cartões e plastificando-os com “contact” para desfrutar destes jogos toda vez que terminavam suas atividades.

Mas nem sempre foi tudo cor-de-rosa na EMA. Lembro com ‘arrepios’ de um episódio muito triste pelo qual passamos e como foi horrível estar entre os envolvidos.

Numa manhã, fomos chamadas à direção, eu e a prof^a Flávia, de Português, pela diretora Valéria. Lá ficamos sabendo que havia uma denúncia envolvendo nossos nomes, além da Vice-diretora Solange e do técnico Joaquim, e que deveríamos comparecer à Secretaria da Educação para uma reunião com a então Secretária de Educação e coincidentemente a mesma de hoje, prof^a Heloisa M. C. do Carmo.

Prof^a Heloísa nos disse que havia recebido uma denúncia do tutor de um aluno que estudava na escola e que testemunhara a queima de uma plantação de maconha realizada pelos professores: Joaquim, Edna, Flávia e Solange. Achei graça, mas não pude rir, pois pela expressão da Secretária vimos que ela acreditava na denúncia e que iria fazer, no final de semana seguinte, uma investigação juntamente com a SEDEPLAMA¹²⁸ na época, e que não seria necessária a nossa presença para não intimidar o garoto.

A prof^a Flávia quase surtou, a Solange chorava e eu não acreditava no que estava acontecendo. Havia muita contradição, na fala do menino. Ele dizia que o fato ocorrera após o almoço, mas estávamos numa época em que ficávamos apenas um dia à tarde juntas, eu e a prof^a Flávia, e não condizia com o dia da semana mencionado por ele. Quando fomos procurar o local, não havia em nenhum lugar indício de fogueira ou mato queimado, porque à revelia, contra o pedido da Secretária de Educação, fomos acompanhar a investigação no sábado marcado. Felizmente nada foi apurado que comprovasse a versão ‘ilusória’ do menino. Mas, foi uma situação constrangedora pela qual não queremos passar novamente.

Hoje nos lembramos do fato fazendo ‘anedota’ da “nossa sociedade anônima”, e diversas vezes indagamos por que fomos as ‘escolhidas’. Eu e a Flávia temos uma postura semelhante na cobrança de responsabilidades dos nossos alunos, mas nada que eles não possam dar contas. Tanto uma como a outra, quando propomos atividades, verificamos e cobramos participação e os resultados, partindo de “combinados”, mas muitos alunos não estão preparados ou não querem simplesmente cumprir estes “combinados” e esse aluno era um deles. Alguns dias antes da ocorrência, eu tivera um atrito com ele por este motivo, alertando-o de que, pela forma que estava levando a matéria, teria que chamar os pais ou responsável para uma conversa. Fato idêntico havia acontecido nas aulas de Português, e a vice-diretora Solange era aquela ‘dona’ que pegava firme nas ocorrências da área

¹²⁸ Secretaria de Desenvolvimento e Planejamento Ambiental

externa e das plantações da escola. Prof. Joaquim era também um professor técnico 'linha-dura', mas estava deixando a escola e, no dia mencionado pelo aluno ele já não trabalhava mais na EMA.

Talvez tenha sido uma tentativa mal-sucedida de retirar os professores da escola, mas infelizmente o próprio aluno não conseguiu sustentar sua versão e permanecer na EMA. Transferiu-se no 2º semestre, sem que nada pudessemos fazer por ele.

Na gestão da prof. Valéria, pudemos notar que, embora soubesse de toda a estrutura agrícola da escola, não era esse o foco principal ou sua preocupação maior. Esta direção preocupava-se com questões pedagógicas, procurando pelas últimas tendências educacionais. O ponto de vista da diretora Valéria era mais abrangente, tanto é que, depois da direção da EMA, ocupou cargos como supervisora, diretora de Ensino Fundamental, Diretora da EJA e hoje é diretora do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação.

As gestões posteriores não fazem parte da nossa pesquisa, devido ao corte temporal que realizamos ao iniciá-la, mas podemos adiantar que se distanciaram cada vez mais da identidade da Escola. Em uma delas houve um desses cursos de formação continuada, em que a palestrante sugeriu que a escola escolhesse um eixo-temático, como a preservação da Amazônia ou a Poluição dos rios. Os professores intervieram dizendo que a escola já tinha um eixo-temático: Agricultura e o homem do Campo.

Outras mudanças que sucederam ao longo desses anos foram as inovações com projetos de dança de salão, culinária, teatro e artesanato sempre seguindo as tendências que surgiam no cenário educacional. Nada contra, desde que não houvesse detrimento de outras áreas significativas da escola, como a agroindústria, resgatada recentemente, floricultura e paisagismo que não temos há muito tempo.

Professor João, de Ciências, colega tímido que gostava muito de brincar, fazia piada de tudo, aliás era um costume dos professores da escola aprontar com

os colegas! O prof. João era muito popular entre os alunos, que o procuravam a cada descoberta de um espécime novo de inseto ou animal que encontravam pela escola. Havia dias que ele entrava na sala dos professores e anunciava: ‘Não estou para ninguém!’

Sempre que lembrava, lamentava-se do nível de conhecimento dos alunos que estavam chegando, que a escola deveria retomar o processo seletivo, ou algum outro modo de selecionar alunos ‘bons’.

“Infelizmente, o vestibulinho era uma seleção. Então, a partir da sua extinção, acho que os alunos já foram assim, com menos pré-requisitos. Tinham bastante dificuldades e o nível do aluno caiu. O nível de conhecimento do aluno caiu. E o nível de interesse também teve uma queda. Não sei se é uma comparação, mas se a pessoa vai fazer um vestibulinho, eu acho que vai porque tem vontade, ela tem interesse. É a mesma coisa, eu quero entrar numa universidade naquilo que eu gosto, eu vou me preparar, eu quero, eu vou lutar por aquela vaga, não é assim, na nossa vida?

Agora, quando eu não tenho interesse, eu penso assim: “Se deu, deu e se não deu, não deu. Eu acho que isso é que fez essa diferença. Então, sem o vestibulinho entrou muito aluno sem interesse algum e o nível caiu, sim.”(Prof. João)

Falava até com certa nostalgia dos tempos da ‘dona Creusa’, dizendo que tudo funcionava bem naquela época, que havia os pontos ruins, mas que ela sabia gerenciar a escola como ninguém.

“É assim, a Dona Creusa foi uma pessoa mais preocupada com a escola e também me proporcionou um aprendizado muito bom enquanto eu estive lá. E eu acho assim, que por si só a Escola Agrícola nos cativa. E me cativou justamente por esse aprendizado que eu tive com a Dona Creusa. Eu gostava de trabalhar lá, porque além da sala de aula tinha o campo. Aí, na época da Bete, não deu muito tempo para a gente conhecer o trabalho. A Lucilene também não. E a Valéria, eu achei legal, por isso que eu digo, ela dava oportunidade para os professores se reciclarem, fazendo cursos e outras coisas.”(Prof. João)

Prof. Lineu, engenheiro com especialização em Matemática, efetivou-se conosco na escola. Professor 'linha dura' com os alunos! Nos tornamos amigos, devido aos interesses comuns da nossa disciplina.

Ele mesmo admite que teve que mudar em diversos aspectos no Ensino Fundamental, uma vez que sua experiência didática estava voltada a Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio. Trabalhar na EMA foi uma experiência diferente para ele.

“Na Escola Agrícola era o meio termo, não era nem como a EJA, que era tranquilo, nem o Ensino Médio, que era complicado. Era um meio termo e depois de um determinado tempo, eu tinha um controle bastante razoável da classe.” (prof. Lineu)

Assim que mudou a Administração Municipal, o prof. Lineu foi designado para trabalhar na área financeiro-administrativa da Secretaria de Educação do Município, com afastamento indeterminado das suas funções na EMA, creio que se estivesse esse tempo todo em sala de aula na Escola Agrícola, teria feito algumas transformações em suas aulas, que ainda estavam em fase de adaptação.

“ Lógico, você tem que trabalhar muito disciplinarmente com os alunos. E então, sendo a escola 'Agrícola', você deveria tentar associar alguma coisa da Matemática com a parte agrícola. Mas não tinha uma determinação assim impositiva, de que isso deveria ser feito, isso era só uma questão pedagogicamente colocada. Sugerida, não imposta. Não havia nada escrito e nunca foi imposto esse tipo de coisa. E, nunca houve intervenções pedagógicas em minhas aulas na Escola Agrícola.

Acho que uma vez me perguntaram como é que se podia fazer uma medição, os professores de campo... Parece que foi uma coisa assim. Acho que foi em 2003 mesmo. Não era uma coisa frequente, se eu não estou enganado, foi uma única vez que aconteceu isso.

Eu explorei algumas vezes a área externa da escola. E explorei também porque eu dei um curso de fotografia numa época. Os alunos saíam, tinham a parte teórica e depois eles tinham a parte prática, lá fora, na escola. Mas isso não era necessariamente ligado à Matemática. Só que, como a fotografia tem a parte da Ótica, que é Matemática. Então alguma coisa a gente falava durante a explicação. Mas aulas diretamente ligadas às aulas de campo, não.”(Prof. Lineu)

Houve alguns anos em que o prof. Lineu ficou somente com as 8^{as} séries, devido a sua experiência com alunos mais velhos e se preocupava com o futuro desses alunos, ministrando aulas preparatórias no intervalo do almoço, para alunos interessados em prestar vestibulinhos em Escolas Técnicas. Ele também compartilhou da nossa preocupação, quando o Secretário da Educação, na época, Prof. Gunnar Koelle, sugeriu fechar a escola.

“E a Escola Agrícola passou também por várias Administrações Municipais, que tinham visões diferentes, inclusive houve Administrações que achavam que a escola deveria ser fechada. Então, esse também é um fator que prejudica a escola, e o seu desempenho.”(Prof. Lineu)

O motivo alegado pelo Secretário da Educação para o fechamento da Escola Agrícola era que os seus formandos não procuravam escolas Técnico-agrícolas para seguir carreira e que, portanto, nossa escola não estava cumprindo seu papel.

“O sistema de seleção que vigorou naquela época em que eu estava lá era por sorteio, e a procura era por alunos da cidade. De pessoas que não são do meio agrícola, então, normalmente eles não tinham a intenção de obter uma formação na área. Eu acho que esse é um fator que influenciou bastante, porque quem vem da cidade, salvo um ou outro que gostava ou aprendeu a gostar... Poderia até ir para uma Escola Técnica Agrícola. Mas a maioria dos alunos que estavam na Escola Agrícola não era da zona rural. Então eu acho que esse é um fator que também influenciou para que os alunos não procurassem uma Escola Técnica Agrícola, quando concluíam a oitava série.”(Prof. Lineu)

O prof. João argumenta com outro motivo o fato de não procurarem uma escola Técnica.

“Eu acho que o problema é que lá é uma escola de primeiro grau, então, se tivesse uma escola de segundo grau que já desse essa margem à profissionalização, as coisas seriam diferentes. Porque eu acho que uma das causas era porque eles saíam de lá adolescentes ainda ou pré-adolescentes e teriam que se mudar para outra cidade. Então isso já é uma coisa que impede também, porque eles são muito novos e a própria família não concorda em enviá-los para fora. São poucos que falam: “Não. Deixa meu filho ir!” Porque vai ter que dormir lá, vai

ficar fora uma semana. Então acho que isso aí é uma barreira grande para a profissionalização.”(Prof. João)

Existem bons motivos para os alunos não se decidirem, nessa idade, por uma Escola Técnica, no Ensino Médio – como ter de morar fora da cidade – e que devem ser considerados antes de se julgar se a escola cumpre ou não o seu papel.

O projeto de mestrado do prof. dr. Carlos Alberto Francisco chegou bem perto de ser o “*Manual de como dar boas aulas numa escola agrícola*”, que eu gostaria que existisse no início de minha carreira na EMA. Foi muito bom ouvi-lo e aprender com sua experiência nesta pesquisa. É impressionante a maneira desprendida com que conduziu as aulas, deixando ser levado pelas circunstâncias sem medo do imprevisível como ele mesmo menciona:

“E, sobre a questão da água, porque a água se utiliza “aos montes” lá. Qual o cuidado com a água? Se utilizarmos agrotóxico, o agrotóxico vai para rio que provoca uma reação em cadeia, porque contamina o peixe que a ave come, que levou não sei para onde. Saia do domínio da nossa formação, mas eu queria que sáísse mesmo, porque se não tivesse resposta, que fôssemos procurar a pessoa que soubesse. Eu acho que essa experiência foi boa, mesmo dando “um frio na barriga”, porque eu não sabia para onde ela ia e isso não é muito fácil de fazer, é um exercício para ansiedade muito bom. Se você entrar numa sala de aula e não souber para onde as coisas vão, onde propomos o estudo, um estudo de coisas, aliás se o ensino fosse assim, tudo estaria muito melhor, mas não temos “bala na agulha” para bancar. Com as avaliações externas dizendo não faça isso, porque querem que os alunos respondam para atingir o índice no SARESP¹²⁹, para melhorar o IDESP¹³⁰, são direções opostas.”(prof. Carlos)

Assim que tive conhecimento da atividade que o prof. Carlos trabalhara com os alunos das 8^{as} séries, procurei desenvolvê-la como um TCC¹³¹ no último trimestre

¹²⁹ Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar de São Paulo

¹³⁰ Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo - um indicador de qualidade dos anos iniciais (1º a 5º séries)

¹³¹ TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

de 2011. Solicitei que os alunos das 8^{as} séries formassem grupos de no máximo cinco componentes e escolhessem a cultura que gostariam de pesquisar. Após definidos os grupos e os temas, os alunos puderam procurar os professores técnicos e iniciar a pesquisa: Cálculo de custos para desenvolverem a cultura eleita por eles em uma propriedade rural.

Cada grupo deveria pesquisar e fazer o cálculo do custo necessário para implantar uma determinada cultura, por exemplo, a avicultura num sítio. Qual seria o valor necessário para seu funcionamento e obtenção de lucro posterior.

O trabalho constaria de duas partes: um texto escrito com detalhes da pesquisa e apresentação em “Power Point” para professores e colegas no dia da entrega.

No dia da apresentação, fizemos uma banca composta por professores técnicos, direção e professores convidados. Na plateia, os alunos da classe.

Foi uma experiência riquíssima para nossos alunos, que apresentaram um misto de bons trabalhos e outros nem tanto. Não por culpa deles, pois, pelo vulto que tomou o empreendimento, percebemos que precisavam de mais tempo e orientação, que os próprios professores técnicos admitiram. Mas pela iniciativa, pela coragem e empenho de alguns alunos, a repercussão foi ótima, e em seguida, foram convidados a apresentarem o projeto na Secretaria Municipal da Educação, representando os trabalhos desenvolvidos na EMA no ano de 2011.

Ainda antes do término das aulas, houve a Feira do Produtor Rural, na EMA, e os grupos que se destacaram foram convidados a apresentarem mais uma vez o trabalho que realizaram.

Esses alunos estarão preparados a fazerem apresentações futuramente, seja de TCC, Iniciação Científica, Dissertação de Mestrado, tese de Doutorado, seja de projetos empresariais, enfim, aptos a qualquer desafio!

Quando resolvi introduzir essa atividade partindo da experiência do prof. Carlos, não tinha ideia das proporções que tomaria. Foi um marco para a vida desses adolescentes que abraçaram a ideia e corajosamente enfrentaram o desafio de apresentarem publicamente o trabalho que realizaram. Foi um marco também para a EMA, que teve oportunidade de demonstrar os resultados daquilo que produzimos nela. Para mim, que me surpreendo a cada iniciativa, essa atividade reforçou a ideia de que não podemos parar de buscar e aplicar projetos bem sucedidas.

O projeto do prof. Carlos menciona a poluição do córrego que passa pelos fundos da escola, causada pelos dejetos diretamente eliminados da suinocultura.

Infelizmente o momento dessa descoberta não foi propício, a escola passava por um processo administrativo conturbado, e essa questão foi deixada de lado pela Secretaria da Educação, sendo arrolada por muito tempo.

Sempre tive a impressão de que nossa presença (dos professores) não era apreciada nas baias da suinocultura, justamente pela repercussão que o trabalho do prof. Carlos promovera, junto à Secretaria Municipal da Educação, na época. Os professores técnicos ficaram defensivos, pois a situação poderia, em hipótese, eliminar a suinocultura. Certa vez cheguei a questionar: – Por que não acabamos com a suinocultura, uma vez que o caso poderá culminar até no fechamento da escola? A resposta seria de que não haveria porcos para a Festa Junina, que proporciona à escola uma renda considerável.

Não sei até que ponto os fins devem justificar os meios, mas as últimas notícias que temos é que foi construído um tanque de decantação e que a escola não polui mais o córrego. Verdade?! Isso fica para outra pesquisa.

O cenário da entrada da EMA mudou bastante desde que cheguei. No lugar do pomar, hoje há um amplo estacionamento para ônibus, mudança realizada na gestão da diretora Valéria, que, em seu depoimento, apresenta os motivos. Temos do outro lado, em frente ao estacionamento, uma quadra com cobertura construída recentemente. O campinho de futebol continua garantindo seu lugar, mas logo abaixo dele, hoje, nesta gestão, temos um milharal. Houve gestões em que existia uma quadra de voleibol de areia, questão de uns 4 anos atrás. E assim vai, entra uma gestão: milharal naquele espaço. Entra outra, quadra de voleibol de areia no mesmo lugar. Essa é a EMA!

A Escola precisa de mais salas de aulas, a infraestrutura das já existentes está precária, com forros de madeira corroídos por cupins e paredes irregulares.

Na última gestão¹³² do prefeito Nevoeiro, iniciou-se a construção do que seria um miniauditório (sala para multimídia), mas nunca foi terminada, pois, ao final do seu mandato, descobriu-se que a construtora havia falido e a obra foi embargada. Virou um escombro, prejudicando a sala ao lado, de Geografia, com rachaduras na parede e direito a infiltração de água a cada chuva, comprometendo a vida de alunos e professores.

Hoje a Biblioteca da Escola se resume a um cubículo onde ninguém em sã consciência faria uma leitura. Seria a ‘morte’ desse tipo de espaço? Ou só ocorre na Escola Agrícola por falta de investimento?

A ampla sala dos professores, orgulhosamente construída e mencionada por ‘dona Creusa’, hoje é a sala de multimídia. Por incrível que pareça e às vezes sentindo remorso por tê-lo feito, eu mesma sugeri a mudança, pois antes, quando queríamos apresentar um vídeo aos alunos nos espremiávamos em um cubículo, sentados no piso frio, onde ‘antigamente’ era o Ambulatório com as mesmas dimensões da Biblioteca. Lancei a proposta de trocarmos a sala de professores pelo cubículo de multimídia. A ideia foi minha, mas unanimemente aprovada pelos professores parceiros e educadores conscientes. Agora, nos intervalos, nos esprememos e aguentamos a loucura de uma ‘falação’ ininterrupta; todos falam, mas nem sempre se entendem! É claro! Somos diferentemente iguais! Procuramos estar onde nos identificamos, mas nem sempre concordamos em tudo. Que bom!

¹³² Demerval da Fonseca Nevoeiro Junior – última gestão como prefeito de Rio Claro: 2005 – 2008

Capítulo IV

Reflexos do Passado

Finalizar este trabalho trouxe-me acréscimos pessoais significativos, não apenas pela magnitude que o fechamento de uma tese proporciona, mas porque vieram à luz caminhos e respostas que permaneciam obscurecidos pela proximidade e convivência com os próprios problemas, as quais nos impede de enxergá-los com clareza. É assim como uma visão fragmentada e distorcida que obtemos de uma imagem que focamos em um ‘zoom’ demasiado. Não conseguimos decifrá-la, pois só com a amplitude do distanciamento conseguimos uma visão panorâmica e a compreensão do todo. Da mesma forma, procedemos em nosso dia a dia, quando estamos empenhados em cumprir metas preestabelecidas, seja do planejamento que produzimos conscientemente, seja pela burocracia que existe no sistema de ensino.

Cotidianamente procuramos solucionar problemas recorrentes da sala de aula e tornamo-nos escravos deles, deixando de ‘enxergar’ questões importantes a serem investigadas, pela falta de tempo e de disposição de parar e refletir sobre o assunto naquele momento. Pois, como o ‘coelho’ do país das maravilhas de ‘Alice’, temos “muita pressa!” Muita pressa em cumprir o programa, em descobrir quais as dificuldades do aluno e em que ponto algum assunto deixou de fazer sentido a ele; de procurar soluções imediatas; de tentar resolver os problemas de cada turma adequando o conteúdo planejado ao perfil destes alunos, que a cada ano apresentam suas particularidades; de utilizar o espaço físico da escola; de buscar questões relacionadas ao meio ambiente e à agricultura. Não havia tempo para pensar nas interrogações, nos porquês de diversas situações que a escola apresentava.

Somente o pretexto de uma pesquisa direcionada, com aval de peso acadêmico, pôde efetuar o deslocamento de funções, ou melhor, o acréscimo de uma nova função. Então, também como pesquisadora tinha que investigar observar e organizar as peças de um ‘quebra cabeças’ que há tempos encontravam-se desordenadas alimentando a curiosidade pelo passado da escola. Embora seja um marco o início dessa pesquisa, sua composição começa muito antes, coincidentemente também com uma pesquisa de doutorado na própria escola, a tese da prof. Ivana de Campos Ribeiro, largamente citada no corpo deste trabalho,

que, como uma ‘fada madrinha’, desperta professores da EMA com sua ‘varinha de condão’ do sono profundo do comodismo.

Desde lá, experimentei o prazer do fazer acontecer e obter resultados, que nem sempre foram bem-sucedidos ou explicaram as dúvidas do momento: muitas experiências acusaram resultados negativos, bem como muitas questões ficaram sem respostas. Nenhuma ação mirabolante foi necessária, bastou disposição, pesquisa sobre o assunto a abordar, pensar em como poderíamos inovar adaptando e aplicando nossas recentes descobertas à teoria, avaliando os resultados, adotando ou não como prática corriqueira de ensino, de acordo com o efeito produzido na aprendizagem de nossos alunos.

Foi experimentando bons resultados na Educação, que incentivaram a busca pelo título de Mestrado, em uma pesquisa sobre Sistemas Dinâmicos, numa das disciplinas cursadas, conheci a Geometria Fractal¹³³, que alterou alguns paradigmas adotados ao longo da minha formação, apresentando uma faceta vivaz, dinâmica e atual da Matemática que desconhecia. Procurei uma forma de introduzir o conhecimento recém-adquirido em aulas práticas, desenvolvendo a confecção do Cartão fractal, no ensino de frações, relacionado à Geometria Plana e Espacial. No decorrer da atividade, foi possível também abordar traçados de Desenho Geométrico e o algoritmo da divisão de números decimais, tornando-se uma proposta rica em conteúdo e ao mesmo tempo curiosa e agradável.

Novamente motivada pelo bom aproveitamento das atividades e à procura de outras semelhantes, conheci os trabalhos do professor de Matemática e origamista Hideo Kumayama, um mestre em Origamis¹³⁴, que apresentou uma oficina num dos simpósios promovidos pela Secretaria da Educação de Rio Claro. Nessa ocasião relembrei-me das brincadeiras de infância quando fazia origami de ‘tsurus’ (cegonha em japonês) e da infância de minhas filhas, quando também tive a oportunidade de lhes ensinar algumas dobraduras.

A ‘Oficina de Origami’ ministrada pelo prof. Hideo era de construção de caixinhas. Eu era a única cursista da área de Matemática, as demais professoras eram do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal. Uma tarde de aula apenas não foi suficiente para tirar minhas dúvidas, e toda vez que ele vinha a Rio Claro, eu

¹³³ Geomtria Fractal – estudo dos fractais. Fractal – Segundo MANDELBROT (2004), os fractais são formas geométricas abstratas de uma beleza incrível, com padrões complexos que se repetem infinitamente, mesmo limitados a uma área finita. Um fractal é gerado a partir de uma fórmula matemática simples que, aplicada de forma iterativa, produz resultados impressionantes

¹³⁴ ORIGAMI – arte japonesa de dobradura de papel.

participava de seus cursos. ‘Especializei-me’ em fazer Origami de caixinhas, com várias bases: triangulares, quadradas, hexagonais, octogonais e outras. O produto final era pretexto para conduzir as aulas de Geometria e Desenho Geométrico, pois os alunos ficavam ‘eufóricos’ para confeccionar e obter seu próprio produto.

Tanto a confecção do cartão fractal, como as caixinhas de origami ‘encantavam’ os alunos, que se dispunham a participar de todo processo – arquitetado para envolvê-los – de confecção desses materiais. Aqui, os fins justificaram os meios. Trabalhamos com noções de Desenho Geométrico (paralelismo, perpendicularismo, construção de ângulos, polígonos e seus elementos); de Geometria Plana (perímetro, área e ângulos de figuras planas); de Geometria Espacial (comparação entre polígonos e poliedros, componentes de um poliedro); de consolidação do conceito de frações, base sexagesimal (360° da circunferência); e outros assuntos que surgiam em aula embutidos nestas confecções, procurando tirar o máximo proveito de todas as observações e expressões manifestadas pelos alunos.

Um dos elementos motivadores dessas aulas foi o envolvimento demonstrado pelos alunos. Dos menos motivados aos indisciplinados, todos queriam ‘aprender’ para ‘fazer’. Foi interessante o fato de alunos indisciplinados serem os primeiros a aprenderem, atentando aos detalhes das explicações e tornando-se os primeiros a finalizarem seus materiais, colaborando na produção dos colegas menos habilidosos ou que ainda não haviam compreendido todo o processo da obra.



Figura 41: Origami caixa hexagonal



Figura 42: Origami da caixa hexagonal

Depois dessas experiências, procurei pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, na UNESP – Rio Claro, tendo a grata satisfação de ser orientada pelo prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, que conhecia a EMA e os problemas do seu passado.

Como trabalhava na EMA, local-objeto da pesquisa, optei por não solicitar afastamento sem vencimentos. Além desse fato, não queria deixar a Instituição privada de Ensino Superior (UNIARARAS) em que trabalhava, assumindo a responsabilidade em conciliar o desenvolvimento da pesquisa de doutorado e tudo que envolvia a pós-graduação e minhas duas ocupações profissionais.

Cronometrando segundos do tempo, procurei organizar-me para dar conta de todas as responsabilidades que havia adotado. Sentia-me como o ‘malabarista de pratos’, que precisa estar atento a todos eles, socorrendo um e outro, para que não caiam! Era um corre-corre diário, que me deixava com a consciência ‘pesada’, com o sentimento de que a pesquisa, meu projeto maior no momento, não estava recebendo a devida atenção. Em 2010 fui desligada da UNIARARAS, sendo possível dedicar-me por mais tempo ao doutorado, elevando o rendimento da pesquisa.

Após os depoimentos dos primeiros diretores da escola, admirada, soube que, antes, havia todo um cuidado para que a área agrícola da escola fosse respeitada e mantida. Os quatro primeiros diretores depoentes, prof. Ribeiro, prof. Gennari, prof^a Maíza e prof^a M.Regina, tinham consciência da importância da parte técnica da escola, visivelmente presente nos depoimentos concedidos. “Dona” Creuza, a seu modo também valorizava esta área.

As gestões que os sucederam foram administradas por professoras designadas da Rede Municipal de Ensino, todas procedentes do Ensino

Fundamental I, com experiência em gestão de escolas de Ensino Infantil ou Ensino Fundamental I. Como elas mesmas declararam nos depoimentos, além de não terem experiências com Ensino Fundamental II, também desconheciam a rotina agrícola da Escola.

Desde então, todas as mudanças subsequentes de direção da EMA não passaram de mera reposição de recursos humanos, uma vez que a troca sempre foi mantida por profissionais com o mesmo perfil.

A identidade inicial da escola escoou-se nos últimos anos, devido a ocorrências, como estas: remoções frequentes de diretores, que logicamente preferem dirigir uma Escola de Ensino Infantil ou de 1º ao 5º ano a uma escola com adolescentes e a estrutura da Escola Agrícola. A área administrativa da escola transformou-se numa 'terra de passagem', com caráter provisório. Em alguns casos, como última alternativa: assumir a direção de uma escola para mudar de cargo, de professora para diretora, caso contrário, permaneceria em sala de aula até conseguir uma escola 'ideal' para pleitear a remoção.

Alguns desses gestores desconheciam o espaço agrícola da escola, não sabiam apontar os limites de propriedade da EMA. Como gerir desta forma, sem conhecer e acompanhar o dia a dia produtivo de uma escola agrícola? Somente age desse modo uma pessoa que não quer criar vínculos, pois sabe que está apenas de 'passagem'.

Quanto aos professores, não haveria a possibilidade de remoção para o cargo de professor efetivo, exceto para as professoras do 'Fundamental I', uma vez que a EMA é a única escola de Ensino Fundamental II da Rede Municipal. Mesmo assim, nosso quadro de docentes conta com ausências significativas: a profª Luciana, de História, está afastada, prestando serviços no Sindicato dos Funcionários Públicos de Rio Claro; o prof. Lineu prestando serviços administrativos na Secretaria da Educação; profª. Ana, atual professora de Geografia, encontra-se afastada por motivos pessoais, por dois anos e solicitou novo afastamento a que ainda tem direito.

A pesquisa demonstra, pelos depoimentos, que a Escola Agrícola foi concebida sob a visão de currículo tecnicista, ainda uma tendência na época. Passou pelo período estruturalista e pós-estruturalista, de acordo com as teorias curriculares em Silva (2006, p.12). Retrocedeu em alguns últimos anos, adotando um ensino mais tradicional, onde "A prática humana de significação fica reduzida ao

registro e à transmissão de significados fixos.” (Silva, 2006, p. 15), cujos significantes permaneceram inscritos na história da escola.

Nesses últimos três anos, devido a nossa pesquisa, houve a convite da atual gestão, momentos oportunos em reuniões de HTPC¹³⁵ para apresentar dados recentes sobre a identidade da Escola Agrícola. Professores, professores substitutos, professores de projetos e demais funcionários, que desconheciam sua história e origem, hoje conhecem um panorama histórico da escola e da sua organização agrícola, sob a interpretação deste trabalho. Houve oportunidade de apresentar aos alunos os mesmos dados em eventos, como “Gincana Agrícola”, resgatada este ano, e “Aniversário da escola”.

Aquilo que um grupo tem em comum é resultado de um processo de criação de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas de mitos que ‘cimentam’ a unidade de um grupo, que definem sua identidade. (SILVA, 2006, p. 47) A divulgação das informações da pesquisa são subsídios para compor uma identidade mais contemporânea da escola e escrever uma história futura, mais consciente de suas raízes.

Ouvir sobre as práticas de ensino dos professores de Matemática, nestes 20 anos da EMA, equivaleu a um valioso curso de formação continuada. Pude observar diversas perspectivas pessoais de ensino, conhecer o trabalho de colegas que enriqueceram este estudo com suas lembranças e respeitá-los ainda mais.

Como professores, diretores e demais educadores, estamos expostos a toda sorte de influências em nosso cotidiano. As relações sociais e as de poder que permeiam nossa prática diária em sala de aula, muitas vezes, nos engessam, desanimam e nos mantêm acomodados. Mas, também, podem modificar uma vida pessoal, um futuro profissional e criar uma nova identidade coletiva.

A EMA foi palco de sua própria história. Revelando as mudanças nos rumos das trajetórias que pareciam definidas inicialmente, provocou também alterações diretivas nos destinos das pessoas envolvidas em uma trama (cheia) de retalhos fracionados de cada uma das histórias que se entrelaçaram nessa escola, compondo a versão panorâmica que retratamos sob as lentes desta pesquisa.

Particularmente, não consigo imaginar minha vida sem a Escola Agrícola e todas as ocorrências que entrecruzaram nossos caminhos. Hoje não sei definir onde começa o meu caminho. Inserido no da EMA, partilhamos de uma mesma

¹³⁵ HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo.

caminhada, que me fez amadurecer a medida em que driblávamos problemas comuns, crescer profissionalmente enquanto reconhecia sua história, bem como aprimorar os sentidos, identificando e descobrindo novos horizontes e pontos de vista.

A grande contribuição deste trabalho para a Escola Agrícola, recente, como vimos foi a aplicação da experiência relatada pelo prof. Carlos, que demonstrou confiança e domínio próprio invejáveis com sua iniciativa revolucionária no momento mais ‘tradicionalista’ por que a escola passava, inovando com uma ação transformadora e transgressora em sua pesquisa de Mestrado, são reflexos do passado que pudemos vivenciar no presente.

“... o projeto dos tanques de decantação foi o que bateu mais forte e aí a gente tentou levar isso para frente. Nós tivemos que montar, digamos assim, um esquema, um croqui dos tanques, não sei como colocar esse assunto... Fizemos um desenho com as medidas e levamos para a Secretaria da Educação, que nos deu umas respostas muito infelizes a respeito de dinheiro... Enfim, essa era a perspectiva da Matemática ali na Escola, o que eu achei muito interessante porque trabalhávamos com reportagens de jornais, eu lembro que a questão da terra para aquele ambiente era muito boa. Boa, porque tinha a ver com o que estávamos trabalhando, eu via a leitura que os alunos faziam de uma reportagem de jornal com dados de informações estatísticas e discutindo a questão da Reforma Agrária, tem diálogos aqui no trabalho do tipo: *“Uma pessoa, um sem-teto, é um cara vagabundo.”* Aí o outro fala assim: *“Mas você não dormiu no papelão para saber o que é dormir no papelão.”* Outra fala: *“Ah, os caras que invadem terras são aqueles que não têm o que fazer.”* Outro retruca: *“É mas, se você quisesse uma terra para plantar ou para morar?”* Então, todo esse nível de discussão acabou acontecendo dentro da sala de aula, o que para mim, no meu caso, foi uma satisfação muito grande, porque eu via no aluno um discurso político e que é muito importante um posicionamento, ao mesmo tempo em que lidava com a Matemática naquele momento, de uma forma integral, à medida que faziam aquele tipo de leitura dos dados das informações matemáticas eles podiam refletir sobre o mundo. Então, aquele tipo de leitura ajudava, um pouco, a melhorar o grau de intervenção dele no mundo ou refletir sobre o mundo, mesmo que um mundo, às vezes, distante.

E, sobre a questão da água, porque a água se utiliza “aos montes” lá. Qual o cuidado com a água? Se utilizarmos agrotóxico, o agrotóxico vai para rio que provoca uma reação em cadeia, porque contamina o peixe que a ave come, que levou não sei para onde, saía do

domínio da nossa formação, mas eu queria que saísse mesmo, porque se não tivesse resposta, que fôssemos procurar a pessoa que soubesse. Eu acho que essa experiência foi boa, mesmo dando “um frio na barriga”, porque eu não sabia para onde ela ia e isso não é muito fácil de fazer, é um exercício para ansiedade muito bom. Se você entrar numa sala de aula e não souber para onde as coisas vão, onde propomos o estudo, um estudo de coisas, aliás, se o ensino fosse assim, tudo estaria muito melhor, mas não temos “bala na agulha” para bancar. Com as avaliações externas dizendo não faça isso, porque querem que os alunos respondam para atingir o índice no SARESP¹³⁶, para melhorar o IDESP¹³⁷, são direções opostas. Bom, então os riscos que as pessoas não querem correr e de alguma forma talvez até eu, mas essa foi uma experiência que para minha formação fez toda a diferença, para enxergar uma perspectiva nova e depois vem a reflexão das possibilidades de executar uma coisa dessas, quando temos, por exemplo, trinta aulas, quarenta aulas, existe toda uma restrição, o material disponível que precisamos e assim por diante.”(Prof. Carlos)

Experimentar o desafio de conduzir uma atividade como esta foi inteiramente novo e surpreendente, não só como professora e educadora, mas como ser humano, que está exposto a mudanças e pronto a absorver as consequências das influências de todos os empreendimentos de vida em que investimos, as quais os alunos e quadro de funcionários envolvidos puderam experimentar, sem mencionar a apreciação das Secretarias de Educação e Agricultura.

Com planos de iniciar os trabalhos no princípio do ano letivo com as 8^{as} séries, temos novas ideias a desenvolver com outras áreas de ensino como, Português, para o desenvolvimento da comunicação e expressão, nas apresentações, e textual para a composição do trabalho; História e Geografia, na pesquisa dos aspectos históricos, culturais, sociais e éticos que envolvem cada cultura agrícola eleita pelos grupos, em suas apresentações; Artes, no desenvolvimento artístico e comunicativo das exposições de trabalhos e projetos paisagísticos envolvendo a agricultura; Matemática, no reforço de conceitos matemáticos por meio da Matemática Financeira (investimento/lucro/prejuízo), que envolve a produção das culturas; a imprescindível atuação da parte técnico-agrícola da escola por meio do acompanhamento dos professores técnicos e de Ciências na orientação dos alunos, de acordo com suas áreas de atuação. Seria um projeto

¹³⁶ Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar de São Paulo

¹³⁷ Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo - um indicador de qualidade dos anos iniciais (1º a 5º séries)

grandioso em termos qualitativos, que poderia garantir o maior percentual na avaliação de desempenho dos alunos dessas turmas para aprovação final.

Entretanto, mesmo com todo ambiente favorável na escola e com o sucesso obtido nessa iniciativa, houve momentos de tensão no final do ano, na ocasião da distribuição de aulas.

O ano de 2012 na EMA será o primeiro ano em que a escola receberá os alunos de 6º ano oriundos da implantação da Lei no 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, a qual a Secretaria Municipal da Educação aderiu em 2007. Esta lei que instituiu o Ensino Fundamental com duração de nove anos e inclusão das crianças de seis anos de idade. Geralmente, quando fechamos um ciclo com as 8^{as} séries na Escola Agrícola, é costume que os mesmos professores iniciem com as novas turmas de 5^{as} séries, neste caso, o 6º ano. Porém, devido aos planos mencionados acima, tínhamos que assegurar as 8^{as} séries para levar em frente o projeto idealizado. Mas nossa reivindicação foi inicialmente negada pela direção da escola, pois por motivos já expostos, queria nossa atuação (minha e Prof^a Flávia de Português) com as turmas do 6º ano. Foi necessária a negociação, um pouco tensa inicialmente, mas, reveladas as verdadeiras intenções, chegamos a um consenso, adequando e contentando ambas as partes.

Felizmente, garantimos mais um ano com esse ajuste. Se fosse outro tempo, não tínhamos a maturidade para expor nossas ideias, ouvir as do nosso interlocutor, discernir e decidir a melhor solução para a escola.

Por esse exemplo, notamos que existem diversas causas que influenciam nas decisões de planos elaborados, que podem ser definidos, mas não traçados efetivamente. São, ainda, possibilidades perfeitamente realizáveis, mas nem sempre concretizadas, pois às vezes entram em conflito com a realidade que a escola enfrenta.

Assim, de convicção a convicção inerente a cada indivíduo, é que nossas trajetórias são atravessadas, delineando uma trama divergente, mas que se cruzam na convergência de um ponto comum num determinado tempo e espaço, despontando o relevo do entroncamento no panorama geral histórico e social local, em nosso caso a EMA – ESCOLA MUNICIPAL AGRÍCOLA de Rio Claro.

A amplitude visual que a pesquisa promoveu e a trajetória trilhada até agora possibilitaram uma reflexão sobre a organização curricular da escola. Em seu trabalho, o prof. Carlos nos ‘aponta’ os problemas ambientais causados pelos

dejetos poluentes da suinocultura, uma vez que as baias que abrigam os suínos foram construídas em locais inapropriados, próximas ao córrego que serve a EMA. Esta descoberta nos remete a outra lembrança: as irregularidades ‘apontadas’ pelo Tribunal de Contas do Município que acusa o alto gasto com rações de animais, apresentado pela Escola Agrícola, via Secretaria da Educação. Os depoimentos nos ‘apontam’ que a cultura de produtividade da suinocultura foi desenvolvida na gestão da diretora Creusa, para abastecer as refeições dos almoços, jantares, bingos e festas promovidos pela escola. A partir dessa época, a cultura da produtividade deste setor prevaleceu até os dias atuais para impulsionar a Festa Junina da escola, não apenas como mais como disciplina de ensino técnico agrícola da grade curricular.

Como vimos no transcurso da pesquisa, embora estivesse nos planos iniciais da escola, não se tinha a intenção de tornar a suinocultura o centro de atenção e de controvérsias que ela gerou naquele espaço. Após o período ‘glorioso’ da escola, a criação de porcos passou a ser o produto principal e a finalidade para os eventos promovidos. Consolidou-se uma cultura em torno da criação de suínos, ressaltando um viés de outra ‘tonalidade’, que não configurava no quadro inicial dessa história. A suinocultura, assim como a avicultura, caprinocultura e outras deveriam constar na grade curricular apenas para o ensino de criação desses animais, com eventuais abates, para consumo da própria comunidade escolar e não para obter fins lucrativos, pois a escola, em nenhuma de suas propostas apresentava como objetivo a autossustentabilidade.

Além de todos os apontamentos elencados, existia mais um agravante: o abate desses animais, que se converteu em grande escala, que gerou polêmica entre os educadores da escola, culminando na supressão dessa prática na presença de alunos.

Após retrospectões cultural, social, econômica e histórica da EMA, nesses vinte anos de existência, pudemos refletir sobre sua organização e mecanismo de funcionamento. Particularmente, a conservação da suinocultura, nos padrões atuais adotados pela escola, tornou-se significativamente questionável. A manutenção de uma cultura poluidora, com despesas elevadas de consumo de rações, somente para manter uma tradição deformada e politicamente desenvolvida num período conturbado de sua história, é extremamente discutível.

Mas, como também pudemos observar questões como estas são passivamente relevadas e relegadas a segundo plano, pois os atores contemporâneos estão ocupados e preocupados demais com as mazelas educacionais instituídas, que obscurecem o visual panorâmico do funcionamento escolar, levando-os a desconsiderar uma análise reflexiva das ações habituais e automatizadas consentindo a prática de 'tradições deformadas' que alteraram a identidade da escola.

Defendemos, aqui, uma disciplina técnico-agrícola que atenda às necessidades introdutórias de ensino dessas culturas, essenciais a uma escola de Ensino Fundamental II, demonstrando seus benefícios enquanto meio agropecuário produtivo. Para esse objetivo, não seria necessário um grande número de suínos, apenas o suficiente para a manutenção da suinocultura como disciplina e também como das outras matérias-técnico agrícolas existentes na escola, tais como horticultura, avicultura, fruticultura, caprinocultura e outras, mantidas somente para o ensino e consumo próprio da escola.

A possibilidade de refletir sobre o organismo da escola, liberada pela pesquisa, e todas as experiências vividas e lembradas no transcurso deste trabalho fundamentaram-me particularmente, imprimindo-me significados, deixando marcas profundas, alterando e potencializando as lentes que me possibilitaram uma visão mais nítida e ampla sobre objetivos, formação e concepções.

É interessante o que pode nos provocar o final de um longo trabalho que representa a concretização de um sonho, de um plano. Neste momento, sinto o coração cheio de alegria, de alívio e de satisfação por ter cumprido o que me propus, e, ao mesmo tempo, vazio, pois o sonho se realizou e o plano está edificado. Esta é a sensação do fim de uma etapa elucidativa e educativa. Elucidou questionamentos iniciais que nos trouxeram até aqui – investigar as práticas de ensino de Matemática, observando as influências sofridas e exercidas neste contexto escolar, bem como tomar conhecimento dos regimes de verdade que sustentaram as distintas práticas sociais ao longo dos 20 anos iniciais da EMA - educou à medida, que expunha seus personagens proporcionando-nos variadas experiências das práticas individuais que cada um deles versou, bem como a oportunidade de colecionarmos apontamentos para intenções e ações futuras. Mas, este vazio não se preencherá facilmente. Contamos com o tempo, a memória e os

reflexos do passado deixados por esta versão histórica da Escola Agrícola, para ocupar esta temporária vaga.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, V. *História oral e Arquivos*. In: Silva, Z. L. (Org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e perspectivas**, São Paulo: Editora Unesp, 1999.

ARAÚJO, A. M. e Batalha, C.H.M. *Preservação da Memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)*. In: Silva, Z. L. (Org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e perspectivas**, São Paulo: Editora Unesp, 1999.

ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, Obras escolhidas: v.I

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, Obras escolhidas: v.II.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990.

BERGSON, H. **PENSADORES: Cartas, Conferências e Outros Escritos**. São Paulo. Abril Editora, 1994.

BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. (Org.) **Formação do educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem**. v. 4. São Paulo: Editora UNESP, 1999 (seminários e debates)

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: Novaes, A.(Org.) **Tempo e história**. São Paulo, companhia das Letras,1992.

BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular – Leituras Operárias**. Petrópolis, Vozes, 1986.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, M. L. T. (Org) **Cultura Amordaçada: Intelectuais e Músicos sob a Vigilância do DEOPS**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

CENTURIÓN M. **Números e Operações: Conteúdo e Metodologia de Matemática**. São Paulo: Scipione, 2002.

CERTEAU. M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

CORREIA, C. E. F. **Formação Continuada de Professores Polivalentes: O Potencial da Análise de Erros no Processo Ensino/Aprendizagem da Matemática**. 2009. 131 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

Durkheim, E. **As regras do Método Sociológico**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

ENDO, R.M. **A formação da paisagem urbano do Complexo Ribeirão Verde: uma proposta comunitária de educação ambiental**. 2005. 391 f.. Dissertação (mestrado) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. (Org.) **Por trás da porta, que Matemática acontece?** Campinas: Editora Gráfica FE/UNICAMP, CEMPEM, 2001.

FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. (Org.) **Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam Matemática**. São Paulo: Musa Editora; Campinas, SP: GEPPFM-PRAPEM-FE/UNICAMP, 2005.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3ª Ed. Vega, Portugal: Passagens, 1992.

FRANCISCO, C. A. **O Trabalho de Campo em Educação Matemática: a questão Ambiental no Ensino Fundamental, 1999**. 169 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1999.

FREITAS, S. M. **História Oral – Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006.

GARNICA, A. V. M. *Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 121-136, 2005.

GARNICA, A. V. M. *História e História Oral*. In: Borba, M. de C. e Araújo, J. de L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GARNICA, A. V. M. *História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação*. **Zetetiké**. Campinas: CEMPEM, v. 11, n. 19, p.09-55, 2003.

GASPAROTTO, G. C. F. **Alfabetização Matemática: cartografando as narrativas de alguns alunos das série final do ensino fundamental**, 2010. 248 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

GUEDES-PINTO, A. L.; SILVA, L. C. B.; GOMES, G. G. **Memórias de leitura e formação de professores**, Campinas: Mercado de Letras, Coleção Gêneros e Formação, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo, Paz e Terra, 1970.

KAMII, C. **Reinventando a Aritmética**. São Paulo, Papirus, 16ª ed., 1991

KAMII, c.; LIVINGSTON, S.J. **Desvendando a aritmética: implicações da teoria de Piaget**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

KAMII, C. **A criança e o número - implicações Educacionais da Teoria de Piaget**. São Paulo, Papirus, 32ª ed., 2004.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Plural Editora e Gráfica, 1998. p. 5364 e 5389. v. 22.

MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)**. Relatório de Iniciação Científica. FAPESP/Departamento de Matemática, Universidade Estadual de São Paulo, Bauru, 2003.

MATUI, J. **Construtivismo Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo, Moderna, 1995.

MEIHY, J. C. S. B. História Oral: 10 itens para uma Arqueologia Conceitual. Oralidades: **Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral, USP, Ano 1, n. 1, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. Palavras aos jovens Oralistas: entrevistas em História Oral. Oralidades: **Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral, USP, Ano 2, n. 3, 2008.

MONTENEGRO, A. T. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001. Coleção: Caminhos da História.

OLIVEIRA, L. A. Imagens do tempo. In: Doctors, M. (Org.) **Tempo dos Tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SCHWARZSTEIN, D. **Uma Introducción al Uso de La Historia Oral em el Aula**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

SILVA, T. T. da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Z. L. da. (org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória-Trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Unesp: FAPESP, 1999.

SIMSOM, O. R. de M. Von. (org.) **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice, 1988

SOUZA, A. C. de. *O sujeito da paisagem. Teias de poder, táticas e estratégias em educação matemática e educação ambiental*. In: BICUDO, M. A.V. e BORBA, M. de C.(Org.). **Educação Matemática: Pesquisa em Movimento**. São Paulo, Cortez, 2004.

SOUZA, A. C. de; SOUZA, G. L. D. de. Cotidiano e Memória. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá: UEM. 2001, 4(8), p.63-72.

SOUZA, A. C. de; SOUZA, G. L. D. de. Narrativas da Modernidade. In SE&PQ – Sociedade De Estudos E Pesquisas Qualitativos **Revista Pesquisa Qualitativa**. Bauru, Projetos Editoriais, 2006.

SOUZA, G. L. D. **Três Décadas de Educação Matemática: Um Estudo de Caso da Baixada Santista no Período de 1953 – 1980**. 1998. 278 f.. Dissertação (mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

SOUZA, G. L. D. **Educação Matemática na CENP: um estudo histórico sobre condições institucionais de produção cultural por parte de uma comunidade prática**. 2005. 407 f.. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUZA, G. L. D. Educação Matemática na CENP: possibilidades de interpretação. In Miorin, M. A.; Vilela, D. S. (orgs.) – **História, Filosofia e Educação Matemática: Práticas de Pesquisa**. Campinas: Alínea, 2009.

TENCA, A. **Senhores dos trilhos** – Racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de ex-alunos do Curso de Ferroviários da Antiga Paulista. São Paulo, Editora Unesp, 2006.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. In Silva, T. T. (Org.) **Trabalho, Educação e Prática Social**. Poeto Alegre: ArtMed, 1991, p. 267-304.

VIEIRA, V. D. **Goyás, século XIX: as matemáticas e as mudanças das práticas sociais de ensino**. 2007. 216 f.. Dissertação (doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

ZANARDI, L. S. O. **As Margens e as águas do Rio Corumbataí: Uma perspectiva de antigos moradores**. 2007. 258 f.. Dissertação (mestrado) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

Endereços Eletrônicos Consultados:

ALIANÇA CULTURAL BRASIL JAPÃO. **Japão de A à Z**. Biblioteca Virtual da Cultura japonesa. Apresenta informações sobre a cultura japonesa. Disponível em:<<http://www.acbj.com.br/>> Acesso 27/01/2010.

Imagem de arquivo eletrônico. Disponível em:

<http://batatatrangenica.wordpress.com/2008/06/12/sushi-nao-e-sashimi-2/> - Acesso 20/01/2011.

Wikipedia. **Ofurô**. Enciclopédia livre virtual. Arquivo eletrônico. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ofur%C3%B4> – Acesso em 26/02/2011.

Blogue GVive Associação de ex alunos dos ginásios vocacionais. Arquivo eletrônico. Contém informações sobre professores e alunos dos ginásios vocacionais Disponível em: http://vocacionalforever.blogspot.com/2008_07_01_archive.html Acesso em 21/01/2011.

Agência Educa Brasil-Informação para formação. Arquivo eletrônico. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br> - Acesso em 26/10/2010.

Faber Castel. Contem informações sobre Projetos Ambientais desenvolvidos pela empresa. Arquivo eletrônico do Site disponível em:

http://www.faber-castell.com.br/19696/Invisible/Sustentabilidade/Meio-ambiente/Projetos-ambientais/rvores/Galeria-de-fotos/default_ebene3.aspx - Acesso 22/01/2011.

Gestão ambiental. Apresenta informações sobre Gestão Ambiental. Arquivo eletrônico. Disponível em: <http://www.gestaoambiental.com.br/faq.php?topic=1> Acesso 22/01/2011.

Japão on line. Apresenta notícias e informações culturais sobre o Japão. Arquivo eletrônico do Site disponível em: <http://japaonline.com.br/pt/esportes/sumo/> - Acesso 22/01/2011.

Casa Civil-Subchefia de assuntos jurídicos. LDB em Arquivo eletrônico. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm – Acesso em 26/02/2011.

Imagem de arquivo eletrônico. Disponível em:

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-sushi/historia-do-sushi-1.php> - Acesso em: 22/01/2011.

Rima Editora. Arquivo eletrônico apresenta informações sobre os autores de livros. disponível em: http://www.rimaeditora.com.br/autor_eaeb.htm - Acesso em 20/01/2011.

Imagem de arquivo eletrônico. Disponível em:

<http://www.vale1clique.com/blogging/imagens-em-plantacao-de-arroz-no-japao/> Acesso em 20/01/2011.

Imagens de arquivo eletrônico disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=qM3o8Rr2uY> - Acesso em 22/01/2011.

Imagens de arquivo eletrônico. Disponível em:

http://www.zashi.com.br/zashi_imigracao/index.php - Acesso em 26/02/2011.a

Brasil Escola. Site de apoio ao educador. Contém conteúdo para Ensinos Fundamental e Médio. Arquivo eletrônico. Disponível em:

<http://www.brasilecola.com/matematica/teorema-tales.htm> – Acesso em jan/2012

Imagens de arquivo eletrônico. Disponível em:

http://www.raleduc.com.br/wq/webquest/soporte_horizontal_w.php?id_actividad=325&id_pagina=2 – Acesso em jan/2012

ANEXOS



II - ORIENTAÇÃO PARA O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES SÓCIO-EDUCATIVAS

1 - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Este documento tem por objetivo orientar a equipe das unidades no momento de planejar as atividades a serem desenvolvidas em decorrência do projeto elaborado. Nele estão relacionados, como sugestões, um conjunto de orientações que abrangem aspectos de organização e funcionamento, metodologias e embasamento teórico-filosófico.

É importante, no entanto, que fique registrado o caráter de flexibilidade destas sugestões, principalmente em relação à organização do funcionamento e metodologia. Tais atividades deverão ser planejadas de modo a refletir o pensamento e os anseios da comunidade local.

Preocupação básica do planejamento deve ser a de se resguardar o aspecto teórico-filosófico, no sentido de ser mantido um vínculo com os objetivos fundamentais da proposta inicial do trabalho.

A Unidade deverá planejar as atividades anualmente, definindo sua proposta de trabalho, de forma a orientar, não só a ação da equipe técnica e administrativa, mas também a clientela a ser atendida.

2 - TIPO DE ATENDIMENTO

Tratando-se de unidade aberta à comunidade e respondendo a seus anseios, as atividades dessa escola deverão buscar, de todas as formas, evitar o internato. Em relação aos alunos da comunidade que apresentarem dificuldades em retornar diariamente às residências por motivo de distância, deverão ser acionadas alternativas pela própria comunidade de modo a proporcionar a sua permanência noturna, enfatizando sempre a não desvinculação de suas origens. No caso dos abandonados, não sendo possível a sua colocação em lares substitutos, casas comunitárias, etc., como última alternativa, a escola poderá propiciar atendimento em regime de internato.

Assim, as unidades deverão desenvolver, prioritariamente, suas atividades em regime de externato e semi-internato.

- EXTERNATO

- . Atendimento à população da comunidade e municípios vizinhos que se queira beneficiar de qualquer tipo de atividade oferecida pelas unidades.

Exemplo: profissionalização não formal, profissionalização desvinculada de série escolar, escolaridade não formal etc.

- SEMI-INTERNATO

- . Atendimento a crianças e jovens, de ambos sexos, filhos de lavradores, agricultores ou trabalhadores do campo residentes nas proximidades, através das atividades sistemáticas oferecidas pelas unidades.

3 - SUGESTÕES DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

3.1 - ESCOLARIDADE

3.1.1 - Regular

A escolaridade regular compreende o item da Lei 5692 que se refere à Educação Geral.

No momento de se planejarem as ações relativas a este item dever-se-á ter em mente:

- a adoção de uma pedagogia que contemple a dimensão social e política e propicie a participação do educando em todos os momentos do processo educacional;
- a elaboração de currículos formados a partir dos padrões culturais da clientela;
- a experiência individual do educando para incorporá-la ao processo educativo.

Nessa perspectiva, é importante considerar em relação às atividades e áreas de estudo de Educação Geral:

- . os conteúdos programáticos deverão adequar-se às condições da clientela, à realidade local, respeitados os padrões, valores culturais e aspirações da comunidade;
- . os conteúdos programáticos deverão ser elaborados, procurando a integração com os conteúdos programáticos de Formação Especial;
- . os conteúdos a serem ministrados em Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa deverão enfatizar o domínio da leitura e da escrita. Na leitura, o aluno deverá ser capaz de compreender, avaliar e interpretar o texto, comparando-o com a realidade e as situações de vida em que se encontra inserido. Na escrita, o professor deverá possibilitar ao aluno a expressão de seus próprios interesses e o registro de fatos e acontecimentos fundamentais da sua vida e do meio em que vive. É necessário que os professores das demais áreas de estudo estejam comprometidos, também, com o desenvolvimento da leitura e da escrita;
- . os conteúdos de Matemática deverão levar o aluno a entender como e porque surgem as operações, enfatizando o domínio das operações fundamentais e sua aplicação no cotidiano, (por exemplo:

a utilização das operações matemáticas nas atividades de campo, facilitando a integração teoria/prática e o domínio dos conceitos);

- . os conteúdos de Ciências deverão conduzir o aluno a aprender a observar os fenômenos e fatos, a realizar experiências e elaborar hipóteses, desenvolvendo o espírito científico e a gosto pela pesquisa;
- . os conteúdos de Estudos Sociais deverão iniciar-se pelo conhecimento e compreensão dos fatos, fenômenos locais e regionais e desenvolver, no aluno, a percepção com relação ao contexto sócio-econômico e cultural do país e a visão crítica do mundo;
- . a Educação Física deverá ser desenvolvida, observando as necessidades de crescimento e desenvolvimento dos alunos, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores e em consonância com as características regionais da população;
- . a Educação Artística deverá dar condições ao aluno de desenvolver sua criatividade, seu potencial artístico, considerando-se os valores culturais da região;
- . o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, deverá ser desenvolvido respeitando as convicções religiosas individuais e da comunidade.

3.1.2 - Não Formal

Por intermédio da educação não formal, a comunidade terá acesso a atividades que desenvolvam as habilidades de ler, escrever e contar, propiciando, assim, sua autopromoção e o exercício consciente da cidadania.

Não se deve esquecer que essa educação não formal funcionará como via de acesso à continuidade de estudos através do ensino formal.

3.2 - PROFISSIONALIZAÇÃO

A profissionalização terá como preocupação a utilização de metodologias que busquem fazer da experiências do trabalho um elemento integrante do processo educativo, no qual o aluno tenha condições de participar de todas as etapas, isto é, desde o planejamento até a avaliação dos resultados obtidos.

As ações a serem dinamizadas deverão fundamentar-se, principalmente, no desenvolvimento de habilidades e experiências indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teórico-práticas e na formação do aluno, de modo a propiciar uma participação inteligente, responsável e crítica no contexto social em que está inserido.

Essa profissionalização, envolvendo, gradativamente, um número cada vez maior de alunos e, por intermédio desses, a própria comunidade, tornará a escola um pólo irradiador dos conhecimentos e técnicas na área agrícola, que catalisará as ações tendentes à promoção social da própria localidade em que está inserida.

4.

Considerando o imediatismo, característica predominante da criança e do jovem, mormente o que integra a clientela a ser atendida, as atividades terão que reverter-se de praticidade aliada à utilidade do trabalho desenvolvido, partindo logicamente das características, necessidades e possibilidades da comunidade.

Deverá ser, pois, uma profissionalização dinâmica, baseando-se no princípio "aprender a fazer e fazer para aprender", operacionalizada através das seguintes atividades:

3.2.1 - Sistemática

Deverão ser desenvolvidas dois tipos de abordagem:

- profissionalização desvinculada do critério de seriação no sentido de atender a clientela a partir de 12 anos que não conseguiu galgar a 5ª série;
- profissionalização, atendendo a área de Formação Especial, isto é, a partir da 5ª série do 1º grau.

Ambas abordagens deverão ser desenvolvida em salas de aula e unidades educativas.

Entende-se por sala de aula o espaço utilizado pelo professor e pelo educando, onde se processa a transmissão dos conhecimentos das atividades de Educação Geral e Formação Especial, organizados pelos professor de acordo com as condições da clientela e as peculiaridades regionais, possibilitando ao aluno o domínio do saber sistematizado.

Compreende-se como unidade educativa o local que funciona como ambiente de ensino das atividades de profissionalização em que os educandos adquirem conhecimentos teórico-práticos e desenvolvem atividades integradas com os conteúdos dos componentes de Educação Geral. Esses conhecimentos, além de visarem à efetivação do processo ensino-aprendizagem, concorrerão para o desenvolvimento da habilidade de participar em todas as etapas do processo: elaboração, execução, comercialização e análise dos resultados.

Contemplando o projeto a educação para e pelo trabalho, apresenta-se como imprescindível a implantação de cooperativa-escolar que servirá de unidade educativa para o associativismo.

O associativismo será a forma de responder à necessidade de autogestão, pela criação de entidade capaz de administrar suas ações visando ao bem comum. Assim, deverão ser estimuladas a ajuda mútua, a defesa dos interesses dos associados e a comercialização dos produtos oriundos das unidades de produção, propiciando um fluxo financeiro, pelo investimento de capitais no campo e o retorno desses mesmos capitais pela colocação dos produtos no mercado.

As atividades de Formação Especial de 5ª a 8ª série, desenvolvidas em salas de aula e nas unidades educativas, deverão ser implantadas gradativamente durante 4 anos, iniciando-se com a 5ª série composta de duas turmas de 30 alunos, em média, até que, ao fim de quatro anos, se abranja todo o primeiro segmento do 1º grau, atendendo um total de 240 alunos.

As turmas deverão obedecer a um horário e a um revezamento semanal, em atendimento à grade curricular, conforme sugestões apresentadas no Quadro IV e contemplando os seguintes critérios:

- . as práticas agropecuárias compreendem as práticas agrícolas e em prática zootécnicas;
- . as turmas estarão revezando, semanalmente, em práticas agrícolas e em práticas zootécnicas;
- . as práticas comerciais e as práticas industriais serão ministradas relacionadas, levando-se em consideração a carga horária semanal, estabelecida na grade curricular.

As atividades relacionadas à profissionalização desvinculada de seriação, a serem desenvolvidas nas unidades educativas, deverão obedecer aos seguintes procedimentos:

- período básico de 6 meses, no qual serão ministrados:
 - . parte teórica: conteúdos essenciais à profissionalização na área agrícola e zootecnia;
 - . parte prática: participação do aluno revezando, mensalmente, nas diferentes atividades ocupacionais existentes nas áreas agrícola e zootécnica, funcionando como sondagens de aptidão.
- pequeno cursos com duração de 6 meses, nas diferentes atividades ocupacionais na área agrícola ou zootécnica.

Em relação a essas atividades, fazem-se necessárias as seguintes considerações:

- todos os alunos terão que freqüentar o período básico teórico-prático, que objetivará, além de oferecer os fundamentos teóricos indispensáveis à profissionalização, propiciar a participação dos alunos nos diferentes setores, no sentido de auxiliá-lo na escolha da sua área de profissionalização;
- os alunos, de acordo com sua opção, poderão profissionalizar-se em várias áreas, dependendo da disponibilidade do tempo e do interesse.

Exemplo: Um aluno, após o período básico, demonstrou interesse na área da zootecnia ligada à suinocultura. No final de 6 meses, já terá adquirido conhecimentos fundamentais para se dedicar à atividade nesta área. Se este mesmo aluno desejar dar continuidade à profissionalização, poderá optar por outro setor e, após 6 meses, já possuirá outra habilitação e assim sucessivamente, até completar-se, se possível, todos os setores da área agrícola e zootécnica, adquirindo, dessa maneira uma formação global na área agropecuária;

- o período básico deverá ter, por semestre, cerca de 30 alunos por turno;

6.

É importante deixar registrado que as sugestões aqui apresentadas têm como referencial a matrícula de 480 alunos. Caso a equipe queira ampliar este número deverá modificar os quadros apresentados, bem como reestruturar os custos relativos à parte de Profissionalização.

Em relação à área de Formação Especial, fazem-se necessárias algumas considerações:

- os conteúdos dos componentes da área de Formação Especial deverão ser elaborados, procurando a integração com os conteúdos programáticos dos componentes de Educação Geral;
- os conteúdos programáticos deverão adequar-se às condições dos alunos e às peculiaridades regionais em relação ao desenvolvimento de culturas, criações e indústrias rurais;
- os conteúdos programáticos deverão ser desenvolvidos através de aulas teórico-práticas e atividades realizadas nas unidades educativas;
- os conteúdos programáticos e as atividades de Práticas Agrícolas deverão ser desenvolvidas em salas de aula e na unidade educativa de Agricultura, atendendo níveis de complexidade, ou seja, dos mais simples para os mais complexos, como está exemplificado abaixo:
 - a) na 5ª série, deverão ser desenvolvidos os conteúdos programáticos e as atividades mais simples de Olericultura;
 - b) na 6ª série deverão ser desenvolvidos os conteúdos programáticos e as atividades mais complexas de Olericultura;
 - c) na 7ª série e 8ª série deverão ser desenvolvidos os conteúdos programáticos e as atividades de Culturas Anuais e Culturas Perenes;
- os conteúdos programáticos e as atividades de Práticas Zootécnicas deverão ser desenvolvidos em salas de aula e na unidade educativa de Zootecnia, atendendo níveis de complexidade, iniciando-se dos mais simples para os mais complexos, como está exemplificado abaixo:
 - a) na 5ª e 6ª série deverão ser desenvolvidos os conteúdos programáticos e as atividades de Animais de Pequeno Porte;
 - b) na 7ª e 8ª série deverão ser desenvolvidos os conteúdos programáticos e as atividades de Animais de Médio Porte e Animais de Grande Porte, respectivamente.

- . os conteúdos programáticos de Práticas Comerciais deverão ser ministrados na 6ª série, em salas de aula ou locais apropriados onde serão desenvolvidos conhecimentos básicos de contabilidade, comercialização e operações bancárias, dentre outros;
- . os conteúdos programáticos e as atividades de Práticas Industriais deverão ser desenvolvidos em salas de aula e na unidade educativa de Indústrias Rurais, compreendendo a industrialização e o processamento de produtos de origem vegetal e animal e outras atividades industriais, ligadas ao meio rural, que sejam possíveis de realização, pelo aluno, em seu local de moradia.

Os quadros V e VI, em anexo, sugerem a distribuição dos componentes da área de Formação Especial, por série, nas unidades educativas e salas de aula.

Na elaboração dos referidos quadros, foram levados em consideração os seguintes aspectos:

- a) o revezamento das séries, nas unidades educativas de Agricultura e Zootecnia, é semanal, portanto, enquanto 2 séries (5ª e 7ª série) estão na unidade educativa de Agricultura, as outras 2 (6ª e 8ª séries) estarão na unidade educativa de Zootecnia na semana A, e na semana B ocorrerá o inverso e, assim subsequentemente;
- b) a carga horária das Práticas Agrícolas e Práticas Zootécnicas, prevista na grade curricular para duas semanas, está concentrada em apenas uma, considerando-se a alternância das turmas nas unidades educativas;
- c) as Práticas Comerciais e Práticas Industriais encontram-se distribuídas, semanalmente, de acordo com a carga horária prevista na grade curricular;
- d) a carga horária de Práticas Industriais, a ser ministrada na 7ª e 8ª séries, está distribuída, alternando-se dias e séries, durante a semana;
- e) as Práticas Comerciais e Práticas Industriais deverão ser ministradas por professores de Práticas Agrícolas e Práticas Zootécnicas.

3.2.2 - Não Sistemática

Deverão ser, também, oferecidos cursos na área agropecuária à comunidade local e às vizinhas, facilitando sua inserção no trabalho e, possivelmente, funcionando como fonte geradora de renda para a unidade. Esses cursos deverão ser desenvolvidos em colaboração com os órgãos próprios dessa área de educação.

3.2.3 - Balcão de Empregos

Quando se fala em autopromoção social, não se pode perder de vista que é o trabalho um dos pontos básicos para a realização individual e comunitária. Assim, o engajamento no mercado de trabalho, através de estágio ou mesmo de emprego, é fator imprescindível a qualquer proposta de ensino profissionalizante.

O balcão de empregos deverá funcionar como catalisador de empregos e divulgador de mão-de-obra especializada, beneficiando, dessa forma, as inúmeras empresas da região que estão ativando seu setor agropecuário e a clientela-alvo deste projeto.

3.2.4 - Atividades Culturais

Além das atividades de Educação Artística contidas no currículo de Educação Geral deverão ser desenvolvidas atividades com coletivo de aproximação com a vida comunitária visando:

- ao desenvolvimento cultural;
- à valorização do patrimônio cultural local;
- à integração educação e cultura.

É importante, no entanto, deixar registrado que a Arte-educação não tem como propósito desenvolver vocações artísticas e muito menos privilegiar os "privilegiados". Visa a elevar a eficiência da aprendizagem geral por um maior apelo ao sentir e ao fazer, por uma mobilização de todas as funções mentais que se concentrem na pesquisa, na imaginação e na expressão, seja qual for a direção em que se oriente.

3.2.5 - Atividades de Recreação e Desportos

Além das atividades de Educação Física integradas ao currículo escolar, deverão ser desenvolvidos projetos criativos e abertos, definidos pela própria comunidade, que propiciem o exercício de jogos individuais e coletivos e que permitam a participação efetiva de todos, desde sua concepção até sua administração.

3.2.6 - Atividades de Apoio à Família/Comunidade

Aspecto que não deve ser descuidado, em projeto que se proponha à autopromoção individual e comunitária, é aquele que enfoca as atividades de apoio à família e à comunidade. Será por meio dessas atividades que a escola assumirá seu papel de pólo irradiador na área sócio-educativa, atraindo, conscientizando, orientando, fornecendo conhecimentos básicos, enfim, propiciando:

- . orientação e apoio, a fim de garantir a organização e/ou reorganização da família e de grupos de família de forma solidária para minimizar ou solucionar as dificuldades existentes;
- . orientação para o desenvolvimento de projetos de baixo custo e culturalmente adequados;
- . apoio à criação de cooperativas-comunitárias.

- . orientação para organização de micro-empresas;
- . organização do trabalho doméstico;
- . implantação do balcão de Serviços;
- . organização de cursos de pequena duração sobre higiene, saneamento, segurança no trabalho, etc.

GT/sac.

QUADRO I - GRADE CURRICULAR PARA AS ESCOLAS DE 1º GRAU NAS ÁREAS RURAIS

	ÁREA	COMPONENTES	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	TOTAL H/SEM.	TOTAL ANUAL
EDUCAÇÃO GERAL	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	LÍNGUA PORTUGUESA	5	5	5	5	20	720
		ED. ARTÍSTICA	1	1	1	1	4	144
		ED. FÍSICA	2	2	2	2	8	288
	CIÊNCIAS	CIÊNC.FÍS.BIOL.	2	2	2	2	8	288
		MATEMÁTICA	4	4	4	4	16	576
		PROGRAMA DE SAÚDE	1	1	-	-	2	72
FORMAÇÃO ESPECIAL	ESTUDOS SOCIAIS	HISTÓRIA	2	2	2	2	8	288
		GEOGRAFIA	2	2	2	2	8	288
		O.S.P.B.	-	-	1	1	2	72
	ART. 7º/5692	ENSINO RELIGIOSO	1	1	1	1	4	144
		ORIENT. EDUC.	1	1	1	1	4	144
		TOTAL	21	~~20~~ 21	21	21	84	3.024
FORMAÇÃO ESPECIAL	PRÁTICAS AGROPECUÁRIA	AGRÍCOLAS	5	4	5	3	17	612
		ZOOTÉCNICAS	5	4	4	3	16	576
	PRÁTICAS INDUSTRIAIS	CONST. RURAL	-	-	2	-	2	72
		AGRO-INDÚSTRIA	-	-	2	-	2	72
	PRÁTICAS COMERCIAIS	ADMINIST. RURAL	-	-	1	-	1	36
		ASSOCIATIVISMO	-	1	-	2	3	108
FORMAÇÃO ESPECIAL	ESTÁGIO SUPERV.		-	-	-	8	8	288
		TOTAL	10	9	14	16	49	1.764
TOTAL GERAL			31	~~30~~ 31	35	37	133	4.788

/sac.

A carga horária total foi calculada considerando-se 36 semanas de aula/ano para atender as exigências mínimas de 180 dias letivos sem considerar o período destinado a recuperação avaliação e festividades.

ADRO II - DISTRIBUIÇÃO DAS TURMAS EM EDUCAÇÃO GERAL E FORMAÇÃO ESPECIAL

SÉRIE	TURMA	MANHÃ	TARDE
5ª	A	FORMAÇÃO ESPECIAL	EDUCAÇÃO GERAL
	B	EDUCAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECIAL
6ª	A	FORMAÇÃO ESPECIAL	EDUCAÇÃO GERAL
	B	EDUCAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECIAL
7ª	A	FORMAÇÃO ESPECIAL	EDUCAÇÃO GERAL
	B	EDUCAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECIAL
8ª	A	FORMAÇÃO ESPECIAL	EDUCAÇÃO GERAL
	B	EDUCAÇÃO GERAL	FORMAÇÃO ESPECIAL
SEM SÉRIÇÃO	A	EDUCAÇÃO GERAL	PROFISSIONALIZAÇÃO
	B	PROFISSIONALIZAÇÃO	EDUCAÇÃO GERAL

OBS.: A ESCOLA PODERÁ FAZER O REVEZAMENTO DE TURNOS PARA AS TURMAS DURANTE ANO.

/sac.

QUADRO III
DISTRIBUIÇÃO DOS COMPONENTES DA ÁREA DE ESTUDOS DA PARTE DE EDUCAÇÃO GERAL.

DIA SEMANA	HORÁRIO TEMPO	5ª SÉRIE A/M B/T	6ª SÉRIE A/M B/T	7ª SÉRIE A/M B/T	8ª SÉRIE A/M B/T
2ª FEIRA	1ª	Língua Portuguesa	Educação Física	Ciênc. F. e Biol.	Matemática
	2ª	Matemática	Ciênc. F. e Biol.	Educação Física	Língua Portuguesa
	3ª	Educação Física	Matemática	Língua Portuguesa	Ciênc. F. e Biol.
	4ª	Ciênc. F. e Biol.	Língua Portuguesa	Matemática	Educação Física
	5ª	O. E.			
3ª FEIRA	1ª	Matemática	História	Geografia	Língua Portuguesa
	2ª	História	Geografia	Língua Portuguesa	Matemática
	3ª	Geografia	Língua Portuguesa	Matemática	História
	4ª	Língua Portuguesa	Matemática	História	Geografia
	5ª		O. E.		
4ª FEIRA	1ª	Língua Portuguesa	Programa de Saúde	Matemática	Educação Artística
	2ª	Programa de Saúde	Língua Portuguesa	Educação Artística	Matemática
	3ª	Matemática	Educação Artística	Língua Portuguesa	O.S.P.B.
	4ª	Educação Artística	Matemática	O.S.P.B.	Língua
	5ª				O.E.
5ª FEIRA	1ª	Educação Física	Matemática	Ciênc. F. e Biol.	Língua Portuguesa
	2ª	Língua Portuguesa	Educação Física	Matemática	Ciênc. F. e Biol.
	3ª	Ciênc. F. e Biol.	Língua Portuguesa	Educação Física	Matemática
	4ª	Matemática	Ciênc. F. e Biol.	Língua Portuguesa	Educação Física
	5ª			O. E.	
6ª FEIRA	1ª	Língua Portuguesa	Educação Religiosa	Geografia	História
	2ª	Educação Religiosa	Língua Portuguesa	História	Geografia
	3ª	História	Geografia	Língua Portuguesa	Educação Religiosa
	4ª	Geografia	História	Educação Religiosa	Língua Portuguesa
	5ª				

/sec.

QUADRO VI - DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DESVINCULADO DA SÉRIE

TURMAS: A = MANHÃ (GRUPOS A¹ A² A³ A⁴)
B = TARDE (GRUPOS B¹ B² B³ B⁴)

PERÍODOS	TEMPO	A, B I	A, B II	A, B III	A, B IV	A, B V
1º	1º 2º 3º 4º	Aula Teórica Agricultura I Agricultura I -	Aula Teórica Agricultura II Agricultura II -	Aula Teórica Avicultura Avicultura -	Aula Teórica Suinocultura Suinocultura -	Aula Teórica Bovinocultura Bovinocultura -
2º	1º 2º 3º 4º	Agricultura II Agricultura II Agricultura II -	Agricultura I Agricultura I Agricultura I -	Bovinocultura Bovinocultura Bovinocultura -	Avicultura Avicultura Avicultura -	Suinocultura Suinocultura Suinocultura -
3º	1º 2º 3º 4º	Bovinocultura Bovinocultura Bovinocultura -	Suinocultura Suinocultura Suinocultura -	Agricultura I Agricultura I Agricultura I -	Agricultura II Agricultura II Agricultura II -	Avicultura Avicultura Avicultura -
4º	1º 2º 3º 4º	Avicultura Avicultura Avicultura -	Bovinocultura Bovinocultura Bovinocultura -	Suinocultura Suinocultura Suinocultura -	Agricultura I Agricultura I Agricultura I -	Agricultura II Agricultura II Agricultura II -
5º	1º 2º 3º 4º	Suinocultura Suinocultura Suinocultura -	Avicultura Avicultura Avicultura -	Agricultura II Agricultura II Agricultura II -	Bovinocultura Bovinocultura Bovinocultura -	Agricultura I Agricultura I Agricultura I -

/sac.

DISTRIBUIÇÃO DOS COMPONENTES DA ÁREA DE ESTUDOS

DIA SEMANA	HORÁRIO TEMPO	5ª SÉRIE A		5ª SÉRIE B		6ª SÉRIE A		6ª SÉRIE B	
		A ₁	A ₂	B ₁	B ₂	A ₁	A ₂	B ₁	B ₂
2ª F E I R A	1ª	Oleric.	Av. Post.	Líng. Portuguesa		Manutenção		Educação Física	
	2ª	Oleric.	Av. Post.	Matemática		Manutenção		Ciênc. Fis. Biol.	
	3ª	Campo	Campo	Educação Física		Oleric.	Av. Post.	Matemática	
	4ª	Campo	Campo	Ciênc. Fis. Biol.		Oleric.	Av. Corte	Líng. Portuguesa	
		A L M O Ç O							
	1ª	Líng. Portuguesa		Oleric.	Av. Post.	Educação Física		Manutenção	
	2ª	Matemática		Oleric.	Av. Post.	Ciênc. Fis. Biol.		Manutenção	
	3ª	Educação Física		Campo	Campo	Matemática		Oleric.	Av. Corte
	4ª	Ciênc. Fis. Biol.		Campo	Campo	Líng. Portuguesa		Oleric.	Av. Post.
		A L M O Ç O							
3ª F E I R A	1ª	Manutenção	Campo	Matemática		Oleric.	Apicultur.	História	
	2ª	Manutenção	Campo	História		Oleric.	Apicultur.	Geografia	
	3ª	Oleric.	Zoot. Geral	Geografia		Campo	Campo	Líng. Portuguesa	
	4ª	Oleric.	Zoot. Geral	Líng. Portuguesa		Campo	Campo	Matemática	
		A L M O Ç O							
	1ª	Matemática		Manutenção	Campo	História		Olericul.	Apicultura
	2ª	História		Manutenção	Campo	Geografia		Oleric.	Apicultura
	3ª	Geografia		Oleric.	Zoot. Geral	Líng. Portuguesa		Campo	Campo
	4ª	Líng. Portuguesa		Oleric.	Zoot. Geral	Matemática		Campo	Campo
		A L M O Ç O							
4ª F E I R A	1ª	Jardinoc.	Ave Corte	Líng. Portuguesa		Campo	Campo	Programa de Saúde	
	2ª	Jardinoc.	Ave Corte	Programa de Saúde		Campo	Campo	Líng. Portuguesa	
	3ª	Campo	Campo	Matemática		Plant. Med	Ave Corte	Educação Artística	
	4ª	Campo	Campo	Educação Artística		Plant. Med	Ave Corte	Matemática	
		A L M O Ç O							
	1ª	Líng. Portuguesa		Jardinoc.	Ave Corte	Programa de Saúde		Campo	Campo
	2ª	Programa de Saúde		Jardinoc.	Ave Corte	Líng. Portuguesa		Campo	Campo
	3ª	Matemática		Campo	Campo	Educação Artística		Plant. Med	Ave Corte
	4ª	Educação Artística		Campo	Campo	Matemática		Plant. Med	Ave Corte
		A L M O Ç O							
5ª F E I R A	1ª	Agr. Ger.	Piscicul.	Educação Física		Campo	Campo	Matemática	
	2ª	Agr. Ger.	Piscicul.	Líng. Portuguesa		Campo	Campo	Educação Física	
	3ª	Manutenção		Ciênc. Fis. Biol.		Seg. Trab.	Seg. Trab.	Líng. Portuguesa	
	4ª	Manutenção		Matemática		Oleric.	Associat.	Ciênc. Fis. Biol.	
		A L M O Ç O							
	1ª	Educação Física		Agr. Ger.	Piscicul.	Matemática		Campo	Campo
	2ª	Líng. Portuguesa		Agr. Ger.	Piscicul.	Educação Física		Campo	Campo
	3ª	Ciênc. Fis. Biol.		Manutenção		Líng. Portuguesa		Seg. Trab.	Seg. Trab.
	4ª	Matemática		Manutenção		Ciênc. Fis. Biol.		Oleric.	Associat.
		A L M O Ç O							
6ª F E I R A	1ª	Oleric.	Ave Post.	Líng. Portuguesa		Manutenção	Campo	Educação Religiosa	
	2ª	Oleric.	Ave Corte	Educação Religiosa		Manutenção	Campo	Líng. Portuguesa	
	3ª	Campo	Campo	História		Oleric.	Ave Post.	Geografia	
	4ª	Campo	Campo	Geografia		Associat.	Ave Post.	História	
		A L M O Ç O							
	1ª	Líng. Portuguesa		Oleric.	Ave Post.	Educação Religiosa		Manutenção	Campo
	2ª	Educação Religiosa		Oleric.	Ave Corte	Líng. Portuguesa		Manutenção	Campo
	3ª	História		Campo	Campo	Geografia		Oleric.	Ave Post.
	4ª	Geografia		Campo	Campo	História		Associat.	Ave Post.
		A L M O Ç O							

/suc.

OBS.: Haverá um rodágio semanal dos grupos A₁/B₁ e A₂/B₂

1ª PARTE DE EDUCAÇÃO GERAL E ESPECIAL

7ª SÉRIE A		7ª SÉRIE B		8ª SÉRIE A		8ª SÉRIE B	
A ₁	A ₂	B ₁	B ₂	A ₁	A ₂	B ₁	B ₂
Campo Campo Cult.Temp Cult.Temp	Campo Campo Suinocult Suinocult	Cienc. Fis. Biol. Educação Física Líng. Portuguesa Matemática		Bovino. Bovino. Estágio/ /Monit.	Fruticult. Associat. Campo Campo	Matemática Líng. Portuguesa Cienc. Fis. Biol. Educação Física	
Cienc. Fis. Biol. Educação Física Líng. Portuguesa Matemática		Cult.Temp Cult.Temp Campo Campo	Suinocul. Suinocult. Campo Campo	Matemática Líng. Portuguesa Cienc. Fis. Biol. Educação Física		Estágio/ /Monit. Bov. Leite Bov. Leite	Campo Campo Frutic. Associat.
Campo Campo Cons. Rur. Cons. Rur.	Campo Campo Cons. Rural Adm. Rural	Geografia Líng. Portuguesa Matemática História		Bovino. Bovino. Estágio/ /Monitor.	Out. Cult. Out. Cult. Campo Campo	Líng. Portuguesa Matemática História Geografia	
Geografia Líng. Portuguesa Matemática História		Campo Campo Cons. Rur. Cons. Rur.	Campo Campo Cons. Rur. Adm. Rural	Líng. Portuguesa Matemática História Geografia		Bov. Leite Bov. Corte Estágio/ / Monitor	Out. Cult. Out. Cult. Campo Campo
Manuteng. Manuteng. Cult. Tem. Mecaniz.	Campo Campo Agroind. Agroind.	Matemática Educação Artística Líng. Portuguesa O.S.P.B.		Bovino. Bovino. Estágio/ /Monitor.	Silvic. Associat. Campo Campo	Educação Artística Matemática O.S.P.B. Líng. Portuguesa	
Matemática Educação Artística Líng. Portuguesa O.S.P.B.		Cult. Temp Mecanizag. Manuteng. Manuteng.	Agroind. Agroind. Campo Campo	Educação Artística Matemática O.S.P.B. Líng. Portuguesa		Estágio/ /Monitor. Bov. Leite Bov. Corte	Campo Campo Silvic. Associat.
Campo Campo Mecaniz. Agroind.	Campo Campo Suinocult. Suinocult.	Cienc. Fis. Biol. Matemática Educação Física Líng. Portuguesa		Associat. Associat. Estágio/ /Monitor.	Out. Cult. Out. Cult. Campo Campo	Líng. Portuguesa Cienc. Fis. Biol. Matemática Educação Física	
Cienc. Fis. Biol. Matemática Educação Física Líng. Portuguesa		Mecaniz. Agroind. Campo Campo	Suinocult. Suinocult. Campo Campo	Líng. Portuguesa Cienc. Fis. Biol. Matemática Educação Física		Estágio/ /Monitor. Associat. Associat.	Campo Campo Out. Cult. Out. Cult.
Cult. Tem. Mecaniz. Campo Campo	Suinocult. Adm. Rural Campo Campo	Geografia História Líng. Portuguesa Educação Religiosa		ESTÁGIO EXTERNO		História Geografia Educação Religiosa Líng. Portuguesa	
Geografia História Líng. Portuguesa Educação Religiosa		Cult. Tem. Mecaniz. Campo Campo	Suinocult. Adm. Rural Campo Campo	História Geografia Educação Religiosa Líng. Portuguesa		ESTÁGIO EXTERNO	

as áreas de Apicultura e Zootecnia.